



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE

ÁBIA LIMA DE FRANÇA



Salvador

2022

ÁBIA LIMA DE FRANÇA

TRAJETÓRIAS FORMATIVAS E REGISTROS BIOGRÁFICOS
DE MESTRAS DE CAPOEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, Linha de Pesquisa: Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador, como requisito parcial para obtenção de título de doutora em Educação

Orientador: Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro.

Salvador

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

L732t

Lima de França, Ábia

Trajatórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira / Ábia Lima de França. - Salvador, 2021.

299 fls : il.

Orientador(a): Augusto Cesar Rios Leiro.

Inclui Referências

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Campus I. 2021.

1.Capoeira - Aspectos sociais. 2.Capoeira - Mestras - Formação.
3.Capoeira - Mestras - Biografia. 4.Capoeira - Mulheres. 5.Capoeira - Bahia.

CDD: 376

FOLHA DE APROVAÇÃO

TRAJETÓRIAS FORMATIVAS E REGISTROS BIOGRÁFICOS DE MESTRAS DE CAPOEIRA

ÁBIA LIMA DE FRANÇA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, em 21 de dezembro de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA,
Brasil



Prof. Dr. Luiz Renato Vieira
Universidade de Brasília - UnB
Doutorado em Sociologia
Universidade de Brasília, UnB, Brasil



Profa. Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Profa. Dra. Rosângela Janja Costa Araújo
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Educação
Universidade de São Paulo, USP, Brasil



Prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em História do Brasil
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil



A todas as mestras de capoeira, pela resist4ncia, resili4ncia, dedica4o e refer4ncia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela capoeira e pelo dom da vida.

À minha mãe, Joelma Catarina Lima de França, e ao meu pai, Milton Cavalcante Paciência de França, por me gerarem, educarem e serem minha base de apoio e acolhimento em todos os momentos da minha vida.

À minha filha, Ayla Lima Andrade, pelo amor, pela transformação de vida, por existir e por ressignificar minha história de vida enquanto mulher e mãe.

Ao meu companheiro, Gerson Danilo Andrade Mariano, pelo incentivo e pela força durante o doutoramento.

Aos meus familiares: meu irmão, Danilo, minha avó Catarina, meus tios Fernando, Reinilson e Gedaias, minhas tias Célia e Carmita, meus primos e minhas primas, que são especiais na minha vida.

Aos meus amigos e às minhas amigas: Josenice, Thiago, Joanice, Michele, Disalda, Clerista, Mirian, Zenaide, Rebeca, Laiane, Jéssica, Natale, Elisa, Raissa, Kenya, entre tantos(as) outros(as).

Ao meu orientador, Augusto Cesar Rios Leiro, por me guiar no doutoramento, acreditar no meu potencial ao longo de uma década e ser referência na minha vida. Sou eternamente grata por ter me acolhido nos grupos Fecom/Uneb e MEL/UFBA e por ter me possibilitado expandir os horizontes de vida.

Aos(às) integrantes dos grupos Fecom e MEL, em especial a Jomária, Luciana, Paulo, Cândida, Regina, Nicola, Ercília, Ednaldo, Rosimeire, Diana, Vanessa, Adenilma, Vanessa, Rose, Thaís, Albertino, Heloísa, Nivea, Daniela, Isabel, Henderson, Adriana, Hosana e Jonaza (minha conselheira, obrigada pela força, pelo apoio e pela solidariedade durante a escrita da tese).

A todos(as) os(as) professores(as) da banca examinadora: Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro (orientador), Prof.^a Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado, Prof.^a Dra. Rosangela Janja Costa Araújo, Prof.^a Dr.^a Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, Prof. Dr. Raphael Vieira Filho e Prof. Dr. Luiz Renato Vieira, pelas inúmeras contribuições e sugestões valiosas.

Aos(às) colegas da turma de 2019 do doutorado em Educação e Contemporaneidade da Uneb: Elis, Jomária, Sara, Janivaldo, Kátia, Márcio, Anália, Rebeca, Sirlaine, Tássio, Ramires, Rosa, Ana, João, Jacilda, Alan, Cristiano, Rana, Joana, Mariana, Cláudia Sérgio, Adelson, Naurelice, Daniele e Alessandra, pela convivência, parceria, apoio e solidariedade ao longo de três anos.

Ao meu grupo Arte Baiana, em especial ao contramestre Veru, por ter me acolhido em seu grupo e me incentivar na prática da capoeira. A todos(as) os(as) colegas que fazem parte, principalmente a Panda, Rose, Murilo, Florzinha, Moranguinho, Mãe, Docinho, Jambo, dentre outros(as), agradeço pela parceria nos treinos.

A todas as mestras de capoeira: Adriana, Alcione, Alaíde, Amazonas, Amazonas (GO), Ana Dourada, Ana Sábia, Ana Maria, Andrea, Andrea (SP), Aninha, Arara, Aruanda, Aurea, Bad, Baiana, Baianinha, Baixinha, Baixinha (ES), Beija-Flor, Bel, Bonequinha, Borboleta, Borrachinha, Bya, Brisa, Bruxinha, Camila, Carla, Carol, Catita, Celebridade, Ciça, Cigana, Cigarra, Chaveirinho, China, Claudia, Claudinha, Claudinha Rouge, Cleide, Colibri, Coral, Coruja, Criança, Cris, Cristina, Cristina, Cristina Caxias, Dandara Baldez, Dani Gouveia, Dani Ferraz, Dani/Raposa, Darlene, Darlyane, Dedê, Deivinha, Deusa, Destemida, Di, Diamante, Didi, Dini, Dirlea, Diane, Dila, Dirce (*in memoriam*), Doralice, Edna Lima, Elma, Engraçadinha, Esperança, Fafá, Felina, Felina, Flanela, Flávia Pupila, Foguinho, Folgadinha, Furinha, Francesinha, Fru, Geisa, Gegê, Grazi, Guerreira, Idalina, Índia, Isa, Iúna, Jana, Jane, Janja, Jararaca, Jerusa, Jô, Jô Ligeirinha, Jú Trajano (*in memoriam*), Karruina, Kátia, Karlinha, Kelly, Kêu, Kodak, Lagosta, Lara, Leda, Lena, Lene, Lilla Angonal, Lilu, Luar do Sertão, Lú Baobá, Lu Pimenta, Luana, Lua Branca, Lucia Cigana, Marcha Lenta, Machadinha, Mada, Magali, Mainha, Malu, Manhosa, Manô, Mara, Mara (Feiticeira), Márcia, Marciana, Maria Mara, Maria Pandeiro, Maria Patrimônio, Marisa, Marla, Marly, Marreca, Mazé, Meire, Meire, Meirelou, Meiry, Meo, Michelinha, Michelli, Mirian, Mirinha, Miúda, Molequinha, Mônica, Monise, Moranguinho, Morena, Morena (RS), Mucama, Nagô, Nani, Nega, Nega Uara, Noa, Noélia, Novinha, Nzinga, Nena, Omara, Pantaneira, Patrícia, Patrícia, Paulette, Paulinha, Paulinha Zumba, Pé de Anjo (*in memoriam*), Pequena Rasta, Pintada, Pitú, Pokahontas, Potira, Portuguesa, Preguiça, Preta, Pudiapen, Puma, Quequel, Raposa, Raquel, Raio de Sol, Renata, Renatinha, Rilene, Risadinha, Rita, Ritinha (*in memoriam*), Roberta, Rosa Costa, Rosinha, Rosita, Ruffato, Rute, Sabrina/Sassa, Samme, Samila, Sandrinha (*in memoriam*), Sapeca, Sara, Sara/Soberana, Saruê, Selma, Sereia, Sereia (SP), Serena, Shaolin, Sheila, Sherra, Selva, Shirley Guerreira, Simone, Siomara, Soninha, Sorriso, Sorvetinho, Sueli Cota, Suely, Suelly Sylvia, Taísa, Tate, Tati, Tempestade, Tekka, Tida, Thiara, Tisza, Tonha Rolo do Mar (*in*

memoriam), Trança, Úrsula, Valdira, Valdirene, Valéria, Vanda, Vânia, Vanuza, Vivian, Zangada, Zanga, Zazá, Zebrinha, Yaçana.

Aos(às) capoeiristas que colaboraram (in) diretamente para a escrita da tese, dentre os(as) quais destaque: mestre Paulão, mestra Darlene, mestra Foguinho, mestra Malu, mestra Cris, mestra Mada, contramestra Tartaruga e Mônica Beltrão, mestre Bel e Antônio Liberac.

A Lázaro Paz e a Nicinha Guedes pela produção do documentário *Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira*, um dos produtos da tese de doutorado.

Sou mulher, sou capoeira¹
Minha luta é certa
Dou aú, também rasteira
Sou mulher

Não me peça pra me calar
Nem com tiro de canhão
O machismo tenta me levar ao chão
Com força física e dominação

Mas ninguém parece ver
A relação é de poder
Se questiono, dou faniquito ou sou sapatão
Não sou obrigada a viver uma submissão

Respeite o meu jogo, minha ginga e malícia
A liberdade quem me garante é a Constituição
Sexo frágil é ilusão, sou mulher

Ocupo todos os espaços
Com beleza e resistência
Sou professora e doutora
Já cheguei na presidência, sou mulher

Vamos todas nessa luta
Contra o machismo e opressão
Em pleno século XXI, libertação.

¹ *Sou Mulher, Sou Capoeira*, música de autoria de Ábia França e Josenice Guedes, faz parte do Projeto 'Sou Mulher, Sou Capoeira' (FRANÇA, 2018a).

RESUMO

A presente tese buscou analisar as trajetórias formativas e os registros biográficos de mestras de capoeira. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa que lançou mão dos seguintes dispositivos: levantamento documental, questionário *online* e relato oral. A primeira etapa do estudo foi identificar as produções científicas e cinematográficas sobre as mestras de capoeira; a segunda, compreender os desafios e as potencialidades das trajetórias formativas das mestras; e a terceira, apresentar os registros biográficos de mestras de capoeira. Os resultados da pesquisa apontaram a escassez de estudos sobre a capoeira e as relações de gênero nas áreas da Educação, Educação Física e Gênero/Feminismo e a pouca visibilidade da presença das mulheres na capoeira a partir das produções cinematográficas. As trajetórias formativas das mestras na pequena e grande roda foram atravessadas por obstáculos da condição de ser mulher. As mestras têm buscado lutar em distintos espaços contra os preconceitos e colaborado para a manutenção e propagação da capoeira.

Palavras-chave: Trajetória formativa. Registro Biográfico. Capoeira. Mulher.

ABSTRACT

The present thesis sought to analyze the formative trajectories and biographical records of capoeira masters. This is a qualitative study that made use of the following devices: documentary survey, online questionnaire and oral report. The first stage of the study was to identify the scientific and cinematographic productions on the capoeira masters; the second, to understand the challenges and potentialities of the training trajectories of the masters; and the third, to present the biographical records of capoeira masters. Physical Education and Gender/Feminism and the low visibility of the presence of women in capoeira from cinematographic productions. The formative trajectories of the teachers in the small and large circle were crossed by obstacles of the condition of being a woman. The masters have sought to fight against prejudice in different spaces and collaborated for the maintenance and propagation of capoeira.

Keywords: Formative trajectory. Biographical Record. capoeira. Woman.

LISTAS DE FIGURAS

- Figura 1** – Roda de capoeira do Projeto Capoeiragem na UFBA, em 2011. Presença dos professores Márcio e Pesado, Ábia Lima, Luís, Claudio, dentre outros..... 23
- Figura 2** – Comitiva representativa da Bahia no 14º Campeonato Brasileiro de Capoeira em Vitória, ES, com a presença de mestre Furacão, mestre Kako, contramestre Fofão, professoras Nevasca, Pithula, Raoni, Ábia, dentre outros. 24
- Figura 3** – Ábia Lima e Cesar Leiro apresentando trabalho sobre a capoeira na 64ª Reunião da SBPC, na UFMA, em 2012. 25
- Figura 4** – II Colóquio Internacional ‘Educação, Corpo e Identidade’, no dia 11/10/2013, organizado por Leliana Sousa e Amélia Conrado, do qual participaram Ábia Lima, mestra Janja, Eduardo, Leliana Sousa, Maria Cecília, Amélia Conrado, etc. 26
- Figura 5** – Mulheres da Escola de Capoeira Mestre Alabama num evento em 2014, na Câmara de Salvador: Ábia Lima, contramestra Carla, Juçara, Roiroi, Ursinho, Verônica, Lucimar e outras capoeiristas. 26
- Figura 6** – Homenagem aos coletivos de mulheres no evento ‘Ginga Feminina’ em 2017, do qual participaram mestra Carla, mestra Geisa, mestra Foguinho, mestra Nzinga, professora Ester, Ábia Lima, Daniela Borges, mestre Já Morreu, Lúcia Lima, etc. 28
- Figura 7** – Roda de capoeira ao final da defesa da dissertação de Daniela S. de Jesus no Ceao/UFBA, em 2017, da qual participaram, no jogo, Ábia e Joana, e na bateria de instrumentos: Christine Zonzon, professora Negona, Mexicana, mestra Lilu, Adriana Dias e outras duas capoeiristas..... 29
- Figura 8** – Curso ‘Capoeira e Inclusão’, conduzido pela mestra Patrícia em 2017, do qual participaram Ábia Lima, mestra Gegê, mestra Patrícia, Adriana Dias e contramestra Girassol..... 29
- Figura 9** – Mesa de discussão ‘Mulher na roda: (in)visibilidade, protagonismo e luta’, em 2018, na Uninassau. Palestrantes: Ábia Lima, professora Índia, Priscila Silveira e Adriana Dias. Presentes: instrutora Mandingueira, contramestra Tartaruga, Christine Zonzon, Josenice Guedes, Joelma Lima, contramestre Marcelo, instrutora Tomada, Elisângela, entre outros..... 30
- Figura 10** – Defesa da dissertação *Capoeira & Educação: produção do conhecimento em jogo*, de Ábia Lima de França no PPGE/UFBA, em 2018. Banca examinadora: Cesar Leiro (orientador), Amélia Conrado, Pedro Abib e José Falcão..... 31
- Figura 11** – Professora Negona, professora Índia, mestre Falcão, contramestre Desenho, Adriana Dias, Jacaré, Roiroi e Christine Zonzon compondo a bateria; Ábia França e Cesar Leiro ao pé do berimbau, no dia da defesa da dissertação 31
- Figura 12** – Cartaz da live *Quem nunca viu, venha ver: experiências e trajetórias de contramestras e mestras em jogo*, da qual participaram as mestras Pantaneira, Bel, Samme e Carla, bem como a contramestra Lilu, mediada por Ábia França, no dia 05/05/2020..... 34

Figura 13 – Cartaz da <i>live Abuso sexual na Capoeira: reflexões e enfrentamento</i> , com as convidadas mestra Patrícia e mestra Malu, mediada pela contramestra Natália, no dia 06/06/2021.....	35
Figura 14 – Cartaz da <i>live Quem nunca viu, venha ver: experiências e trajetórias de contramestras e mestras em jogo</i> , com as convidadas mestra Lu Pimenta, mestra Geisa, mestra Carla e contramestra Tartaruga, mediada por Ábia França, em 05/08/2020	35
Figura 15 – Cartaz da <i>live Educação, maternidade e capoeira na roda: experiências e reflexões em jogo</i> , da qual participaram Ábia Lima, mestra Nzinga, Elis Souza, Soulange Couto e Rita Eloá	36
Figura 16 – Cartaz da <i>live Dia do Orgulho LGBTQIA+</i> , com as convidadas mestra Karlinha, mestra Lu Baobá, mestra Rosa, mestra Nagô e Puma, com mediação da contramestra Boca, no dia 28/06/2021	37
Figura 17 – Cartaz da <i>live Lida de mulher preta na capoeira: seus desafios e avanços</i> , com as convidadas mestra Índia, mestra Nega Uara, mestra Nagô e mediação da contramestra Natália, no dia 25/07/2021	37
Figura 18 – Cartaz da <i>live da Mulheres negras na Capoeira</i> , por Júnia Bertolino, com as convidadas mestra Alcione, mestra Cristina e mestra Janja, no dia 28/08/2021 .	38
Figura 19 – Ábia Lima e sua filha, Ayla, no Forte da Capoeira, em 2021.....	39
Figura 20 – Linha do tempo de criação da graduação na capoeira	71
Figura 21 – Mestra Tonha Rolo do Mar (esq.), mestra Sandrinha (centro) e mestra Cigana (dir.).....	133
Figura 22 – Entrevista do mestre Cobrinha Verde mencionando a mestra Tonha Rolo do Mar	134
Figura 23 – Entrevista de mestra Sandrinha.....	136
Figura 24 – Entrevista com a mestra Cigana.....	138
Figura 25 – Panorama das mestras de capoeira.....	142

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Panorama dos filmes que trataram sobre a capoeira	83
Gráfico 2	– Panorama das dissertações e teses sobre capoeira e relações de gênero no banco da Capes por Unidade Federativa do Brasil	89
Gráfico 3	– Distribuição das dissertações e teses sobre a capoeira e relações de gênero no banco da Capes – 1999-2021.....	90
Gráfico 4	– Distribuição dos trabalhos acadêmicos sobre capoeira e relações de gênero socializados em cinco edições do Conbrace/Conice	105
Gráfico 5	– Trabalhos de capoeira por GTT nas edições de 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019 do Conbrace/Conice	106
Gráfico 6	– Panorama de trabalhos científicos sobre a capoeira e relações de gênero em renomados eventos de Gênero/Feminismo.....	108
Gráfico 7	– Tempo de capoeira das mestras da amostra	113
Gráfico 8	– Distribuição do ano de formatura e/ou reconhecimento das mestras de capoeira	113
Gráfico 9	– Reconhecimento das mestras de capoeira	114
Gráfico 10	– Trabalhos com a capoeira fora do Brasil.....	114
Gráfico 11	– Distribuição das mestras de capoeira por regiões do Brasil.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Panorama de artigos científicos sobre a capoeira em periódicos acadêmicos de Educação no Brasil	98
Quadro 2 – Panorama de artigos científicos sobre a capoeira em periódicos acadêmicos de Educação Física no Brasil.....	99
Quadro 3 – Artigos científicos sobre capoeira e relações de gênero nas revistas de Educação Física do Brasil	100
Quadro 4 – Artigos científicos sobre capoeira em revistas de Gênero/Feminismo brasileiras	103
Quadro 5 – Trabalhos sobre a capoeira e as relações de gênero nas edições de 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019 do Conbrace/Conice	106
Quadro 6 – Trabalhos acadêmicos sobre a capoeira e as relações de gênero nas quatro últimas edições dos renomados eventos científicos de Gênero/Feminismo	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJPP	Associação de João Pequeno de Pastinha
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Conages	Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades
Conbrace	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
Confef	Conselho Federal de Educação Física
Conice	Congresso Internacional de Ciências do Esporte
Cref	Conselho Regional de Educação Física
DMO	Densidade Mineral Óssea
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
Fatec	Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo
Fazendo Gênero	Seminário Internacional Fazendo Gênero: diásporas, diversidades, deslocamentos
Fecomercio-PE	Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco
Fica	Fundação Internacional de Capoeira Angola
Funcap	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GCM	Grupo Chamada de Mandinga
GTT	Grupos de Trabalhos Temáticos
HCEL	História da Cultura Corporal, Educação, Lazer e Sociedade
IES	Instituições de Ensino Superior
IPA	Centro Universitário Metodista
Iphan	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais
MEL	Mídia, Memória, Educação e Lazer'
MMC	Movimento Mulheres Capoeiras
OMS	Organização Mundial de Saúde
Pibic	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPGE/PPGEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
Premen	Programa de Melhoria de Ensino Nacional
PUC-GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás

RAM	Rede Angoleira de Mulheres
RBCE	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
Redor	Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UCSal	Universidade Católica de Salvador
Udesc	Universidade do Estado de Santa Catarina
Uece	Universidade Estadual do Ceará
UEG	Universidade do Estado de Guanabara
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
Uerj	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Uern	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Uesb	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Ufes	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
Uneb	Universidade do Estado da Bahia

Unesco	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista
UniBH	Centro Universitário de Belo Horizonte
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unicastelo	Universidade Camilo Castelo Branco
Unimontes	Universidade Estadual de Montes Claros
Unioeste	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Univasf	Universidade Federal do Vale do São Francisco
Universo	Universidade Salgado de Oliveira

SUMÁRIO

1	VOU CONTAR A MINHA HISTÓRIA	20
2	A MULTIDIMENSIONALIDADE DA CAPOEIRA: PAUTAS CONTEMPORÂNEAS EM JOGO	41
2.1	SURGIMENTO DA CAPOEIRAGEM: RESGATE DAS MULHERES VALENTES	41
2.2	ENTRE MARGINALIZAÇÃO E ACEITAÇÃO: (IN)VISIBILIDADE DAS MULHERES NA RODA	50
2.3	INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA: AS MESTRAS FORA DO BRASIL	57
2.4	NOTAS SOBRE AS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DENTRO E FORA DA CAPOEIRA	62
2.5	PROCESSOS FORMATIVOS NA CAPOEIRA: AS(OS) MESTRAS(ES) NA RODA	66
2.5.1	Ritual e sistema de avaliação na Capoeira Regional	73
2.5.2	Ritual e sistema de avaliação na Capoeira Angola	76
3	GINGAS METODOLÓGICAS	80
3.1	A PRESENÇA DAS MULHERES NA CAPOEIRA: CINEMA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM JOGO	82
3.1.1	(In)visibilização das mulheres em tela	82
3.1.2	As mulheres na roda científica brasileira	88
3.1.2.1	A produção de dissertações e teses sobre a capoeira e as relações de gênero no Brasil	88
3.1.2.2	Produção do conhecimento sobre capoeira nas revistas acadêmicas brasileiras de Educação, Educação Física e Gênero	97
3.1.2.3	A temática da capoeira e as relações de gênero em eventos acadêmicos de Educação, Educação Física e Gênero/Feminismo	104
3.2	CONSTRUÇÃO E LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES NOS QUESTIONÁRIOS	112
3.2.1	Condição de ser mulher na pequena e grande roda	116
3.2.1.1	Inserção em jogo: da proibição à aceitação familiar	116
3.2.1.2	Múltiplos papéis sociais	118
3.2.1.3	Gestação e maternidade em jogo	119
3.2.2	As mulheres em formação: lutando para aprender capoeira	121
3.2.2.1	Ser mestra de capoeira	125
4	AS MESTRAS DE CAPOEIRA EM MÚLTIPLAS RODAS PELO MUNDO ..	131
4.1	DO JOGO DA NAVALHA AO JOGO DE CAPOEIRA: VESTÍGIOS DE MESTRAS PIONEIRAS NO BRASIL	131

4.2	REGISTROS BIOGRÁFICOS DE MESTRAS DE CAPOEIRA.....	139
4.3	MESTRAS NO JOGO DA RESISTÊNCIA: COLETIVOS E MOVIMENTOS DE MULHERES NA CAPOEIRA.....	144
5	IÊ DÁ VOLTA AO MUNDO	153
5.1	SOU MULHER, SOU CAPOEIRA	156
	REFERÊNCIAS	157
	APÊNDICE A – Delineamento metodológico da pesquisa.	177
	APÊNDICE B – Guia para coletar informações das mestras de capoeira.....	178
	APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	179
	APÊNDICE D – Atualização do conjunto de filmes de curta e longa-metragem que retratam sobre a capoeira.....	180
	APÊNDICE E – Dissertações e teses sobre capoeira e relações de gênero no banco da Capes	184
	APÊNDICE F – Dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas em distintos Programas de Pós-Graduação pelas mestras de capoeira.....	186
	APÊNDICE G – Revistas de educação das universidades públicas estaduais do Brasil.....	189
	APÊNDICE H – Revistas de educação das universidades públicas do Brasil	192
	APÊNDICE I – Revistas de educação física nas universidades públicas do Brasil	194
	APÊNDICE J – Revistas de gênero/feminismo das universidades públicas do Brasil.....	195
	APÊNDICE K – Biografias das mestras de capoeira.....	196

1 VOU CONTAR A MINHA HISTÓRIA

“Esta menina hoje é uma mulher”
 Que escreve, ginga, ensina e lida com a condição de ser mulher.
 Sou mulher, mãe, capoeira,
 Professora, empreendedora
 E logo doutora, que resiste para se manter em pé.
 No jogo da vida é preciso muita mandinga
 No jogo da escrita, mais malícia.
 Para falar sobre trajetórias de vida
 Que por muitos anos foram proibidas.
 Muitas histórias de mulheres não foram contadas
 E até invisibilizadas.
 Vamos romper com o silêncio, apagamento
 e opressões nessa luta.
 Vamos começar a brincadeira de capoeira,
 Eu falo sobre você e reflito sobre mim.
 Resgatando as memórias e histórias que ainda estão por vir²

Peço licença às (aos) ancestrais que lutaram e resistiram pela capoeira para que pudesse compartilhar minhas experiências corp(orais) gingando, jogando, esquivando-me, assistindo, refletindo e analisando meu objeto de estudo no percurso do Doutorado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

É importante situar o(a) leitor(a) sobre o meu lugar de fala; filha de vendedor ambulante e costureira, mulher branca, nunca sofri o racismo, mas compreendo a necessidade e a urgência de combater diariamente toda forma de preconceito e racismo. Sou também mãe, capoeirista, professora de Educação Física e empreendedora, luto contra o machismo e o sexismo dentro e fora da capoeira.

O interesse, o desejo e a implicação com a capoeira se iniciaram em 2006, quando me aproximei de um grupo de capoeira regional chamado ‘Porto da Barra’, a convite de uma amiga capoeirista. Foi no último ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas, que tive minha primeira experiência com essa manifestação cultural, a qual me fascinou.

As aulas ocorriam durante a noite e eram conduzidas pelo Prof. Porco Espinho (hoje contramestre). Lembro-me dos treinos e das rodas de capoeira na quadra do colégio, durante o dia, com a monitora Dendê (hoje formada), do Grupo Porto da Barra. Infelizmente, minha passagem pelo grupo foi curta, porque meu pai me proibiu de treinar capoeira na época.

Alguns anos depois, ele mudou a visão acerca dessa manifestação cultural, quando começou a trabalhar no Pelourinho e a acompanhar minha trajetória com a capoeira. Já minha mãe, ao assistir a algumas rodas de capoeira de que eu participava nos primeiros anos de

² Inspirada na canção *Eu apenas queria que você soubesse* de Gonzaguinha.

inserção, percebia atitudes e posturas arrogantes e violentas por parte de uns alguns capoeiristas, portanto acabou criando impressões estereotipadas sobre a capoeira durante muitos anos.

Retomando os meus percursos na capoeira, passei a treinar em um novo grupo de capoeira em 2006, na igreja que frequentava, conhecido como Carvalho de Moré, sob a liderança de Maria Aparecida,³ conhecida como ‘tia Cida’, que, ao longo dos anos, contou com os seguintes colaboradores: Gildásio, Cesar, Laurenci, contramestre Ratinho, mestre Pitanga, Prof. Pesado e Fabiano, na parte das vivências corporais.

Cada professor(a) tinha sua forma de ensinar, mas, particularmente, familiarizei-me com a metodologia do Prof. Ratinho (hoje contramestre), integrante da Associação de Capoeira Toques de Berimbau. Dessa forma, treinei durante um tempo com ele e passei a fazer visitas, em sua companhia, a outros grupos de capoeira da Região Metropolitana de Salvador, especialmente no Centro Esportivo de Capoeira Angola, no Forte do Barbalho, conduzido pelo mestre Aranha em 2008.

Em um dos eventos, em Lauro de Freitas, tive a oportunidade de conhecer a mestra Bya, uma mestra espontânea, alegre, que tinha um grupo só de mulheres. Lembro-me de que os abadá delas eram brancos e tinham detalhes em rosa. Depois, conheci outras mulheres, que se destacavam pelo seu jogo ágil, demonstrando eficácia, como a contramestra Geisa (hoje mestra), a Prof.^a Free Willy, a Prof.^a Índia, entre outras. A partir dessas vivências e andanças na capoeira, fui conhecendo algumas outras mulheres que tinham graduações mais altas, mas notava que o número de professores, contramestres e mestres eram desproporcionais.

No ano seguinte, adentrei no curso de Educação Física, pois estava motivada a ensinar capoeira nas escolas públicas. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), pude (re)conhecer e vivenciar diversas práticas corporais, além de aprofundar minha compreensão em torno da capoeira e de suas possibilidades educativas. Enquanto praticante de capoeira, percebia que minha atenção às circunstâncias da vida tinha mudado, até a forma de escorregar e cair diante de uma topada na rua já remetia a movimentos de capoeira.

Na capoeira, fiz várias amizades, conheci pessoas de outros estados e países; onde passava com a roupa de capoeira, conhecida como abadá, as pessoas me cumprimentava e sorriam. Não imaginava que nesse universo encantador havia contradições e as mulheres poderiam sofrer invisibilizações, objetificações, preconceitos e até violências em suas trajetórias de vida, como tem sido corriqueiro em nossa sociedade.

³ Ela tinha um papel fundamental na organização e condução do grupo, apenas não ensinava, pois não tinha experiência com a capoeira, mas todas as outras demandas administrativas ficavam sob sua responsabilidade.

Ao som dos berimbaus, pandeiros e atabaques, ia aprendendo o gingado, os movimentos de ataque e defesa, as cantigas e o ritual em cada espaço de capoeira que frequentava em Salvador. Antigamente, não refletia sobre supremacia dos homens, sobretudo brancos, nos diversos lugares de prestígio.

As rodas eram sempre conduzidas por homens, que, na maioria das vezes, tocavam, cantavam e jogavam. O momento reservando para as mulheres jogarem era avisado pelo mestre ou professor, que falava: ‘agora é só as mulheres’, e assim entoava-se a cantiga ‘só joga mulher, mulher com mulher’. Esse jogo era bem rápido, às vezes não durava nem cinco minutos para todas jogarem. Ao encerrar a música, os homens continuavam jogando, tocando berimbau, na maior parte do tempo; e as mulheres, observando, batendo palmas ou tocando pandeiros ou ataques (instrumentos secundários).

Na capoeira, na igreja, no lar, na escola, em diversos outros espaços, aprendi desde a infância, que ‘o homem era a cabeça do lar’, e a mulher deveria ser submissa ao seu esposo e cuidar dos afazeres domésticos e filhos(as), dentro dos moldes do patriarcado. Se eu não tivesse adentrado nos espaços da UFBA, talvez permanecesse apenas reproduzindo e/ou naturalizando discursos e posturas sexistas e racistas no decorrer da minha trajetória.

Dando continuidade ao meu processo formativo, o curso de Licenciatura em Educação Física da UFBA possibilitou-me ampliar minhas experiências acadêmicas e corporais, assim como minhas compreensões políticas, históricas, culturais e sociais em torno da capoeira. Dois professores, Amélia Conrado e Cesar Leiro, foram (e são) fundamentais para a minha formação acadêmica e sistematização da produção do conhecimento sobre a capoeira.

É importante sublinhar que a professora Amélia Conrado contribuiu para a formação acadêmica de centenas de estudantes no curso de Educação Física da UFBA, ao ministrar aulas de Capoeira nos componentes curriculares Capoeira I (obrigatório) e Capoeira II (optativo). Além das atividades de ensino, ela desenvolvia projetos de pesquisa e extensão, como o ‘Capoeiragem na UFBA: capoeira como possibilidade educativa na universidade’,⁴ no qual atuei como monitora, durante quatro anos.

⁴ O professor Márcio Alves foi o primeiro a ser monitor durante a graduação, em 2009.

Figura 1 – Roda de capoeira do Projeto Capoeiragem na UFBA, em 2011. Presença dos professores Márcio e Pesado, Ábia Lima, Luís, Claudio, dentre outros



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Nesse projeto de extensão, ampliei minhas experiências corporais e os saberes acerca da Capoeira Angola. Foram momentos de compartilhamento de vivências entre estudantes da UFBA, de diversos cursos, capoeiristas visitantes e pessoas das comunidades adjacentes e de outros países. As aulas funcionavam como um laboratório de pesquisa, no qual eu refletia sobre os processos de ensino e aprendizagem na capoeira e apresentava parte das experiências em eventos acadêmicos.

Na minha trajetória dentro da capoeira, participei do 14º Campeonato Brasileiro de Capoeira, em 2011, em Vitória do Espírito Santo. O estado da Bahia foi representado por 74% de homens e 26% de mulheres (capoeiristas de Salvador, Serrinha, Feira de Santana e Luís Eduardo Magalhães). A comitiva foi formada pelos mestres Kako (*in memoriam*) e Alicate, pelo contramestre Fofão e por Nelsival Menezes, que é presidente da Federação de Capoeira do Estado da Bahia (FCBA), tendo na arbitragem mestre Grauçá e os professores Paulo, Eraldo e Iracema.

Figura 2 – Comitativa representativa da Bahia no 14º Campeonato Brasileiro de Capoeira em Vitória, ES, com a presença de mestre Furacão, mestre Kako, contramestre Fofão, professoras Nevasca, Pithula, Raoni, Ábia, dentre outros.



Fonte: acervo pessoal do mestre Furacão.

A partir disso, foi possível conquistar 36 medalhas e 2 troféus para o estado da Bahia,⁵ compreender aspectos técnicos do regulamento da capoeira e experimentar a capoeira numa perspectiva esportista. Tive a minha primeira e única vivência como atleta, competindo na categoria cadete, na qual conquistei a medalha prata; ao lado dessa experiência, fiz curso de arbitragem pela FCBA.

Posteriormente, cursei o componente curricular ‘Seminário I’, sob supervisão de Cesar Leiro, que foi fundamental para dar subsídios metodológicos às pesquisas científicas que desenvolvi. Com esse aporte, produzi o ensaio monográfico, atividade obrigatória do componente curricular, que posteriormente tornou-se meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Capoeira na perspectiva pedagógica: a experiência do projeto capoeiragem da UFBA*, sob orientação de Amélia Conrado.

⁵ Outras informações em: <https://bit.ly/30SdGXw>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Figura 3 – Ábia Lima e Cesar Leiro apresentando trabalho sobre a capoeira na 64ª Reunião da SBPC, na UFMA, em 2012.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Ainda na graduação, tive aproximações com os Grupos de Pesquisa ‘História da Cultura Corporal, Educação, Lazer e Sociedade’ (HCEL), ao qual Amélia Conrado era vinculada; e ‘Mídia, Memória, Educação e Lazer’ (MEL), sob orientação de Cesar Leiro. Os dois foram cruciais para o embasamento teórico-metodológico, a elaboração e a publicação de pesquisas acadêmicas sobre a capoeira no decorrer da minha trajetória.

Outra experiência marcante foi à participação em um evento acadêmico intitulado ‘Educação, Corpo e Identidade’, organizado por Leliana Sousa e Amélia Conrado. O referido colóquio dialogou sobre a expressão corporal, os saberes e as práticas de educação, refletindo o desenvolvimento humano e regional. Nesse evento, tive a oportunidade de ampliar meu entendimento sobre o conceito de corpo com o estudioso François Soulanges e de conhecer a mestra Janja.⁶

⁶ Profa. Dra. Rosângela Janja Costa Araújo, mestra de capoeira, formada em História (UFBA), mestra e doutora em Educação (USP), professora do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA, professora do Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar de Difusão do Conhecimento/UFBA.

Figura 4 – II Colóquio Internacional ‘Educação, Corpo e Identidade’, no dia 11/10/2013, organizado por Leliana Sousa e Amélia Conrado, do qual participaram Ábia Lima, mestra Janja, Eduardo, Leliana Sousa, Maria Cecília, Amélia Conrado, etc.



Fonte: acervo pessoal de Amélia Conrado.

Paralelamente, treinava capoeira durante a noite na Escola de Capoeira mestre Alabama, mas a dinâmica de horários de estágio/trabalho e universidade não me permitia treinar regularmente. O referido mestre fez parte do grupo folclórico ‘Viva Bahia’, realizou *shows* com a capoeira em vários países da Europa e formou vários mestres que hoje são referências na capoeira, como: Dinho⁷ (Grupo Topázio), Carlinhos⁸ (Grupo Águia Dourada), César Dialabama⁹ (Grupo Nação Capoeira), King Kong,¹⁰ etc. No entanto, apenas uma mulher, a contramestra Carla, foi graduada por ele.

Figura 5 – Mulheres da Escola de Capoeira Mestre Alabama num evento em 2014, na Câmara de Salvador: Ábia Lima, contramestra Carla, Juçara, Roiroi, Ursinho, Verônica, Lucimar e outras capoeiristas.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

⁷Nome civil: Raimundo dos Santos.

⁸Nome civil: José Carlos Mota da Silva.

⁹Nome civil: César Carneiro.

¹⁰Nome civil: Roberto de Jesus dos Anjos.

No referido grupo, a presença das mulheres era significativa, porém não havia muitas mulheres com altas graduações; a única contramestra do grupo se chama Carla, que está afastada da capoeira na atualidade. Outras mulheres se destacavam no grupo, como a professora Flor, Esperança, Vandira, Úrsula, Experimenta, Chumbinho, Tuchê, etc.

Considerando a incompletude da minha formação acadêmica e a necessidade de aprofundar meus conhecimentos, em 2016, participei da seleção de alunos regulares para o Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFBA. O anteprojeto, que tinha como objeto de estudo a capoeira e a produção do conhecimento, foi acolhido no grupo MEL, sob a orientação do Dr. Cesar Leiro, e integrou a linha de pesquisa ‘Educação, Cultura Corporal e Lazer’.

Paralelamente, continuei treinando capoeira, visitei grupos e rodas, participei como integrante da Rede Mulher que Ginga,¹¹ também escrevi a música ‘Sou Mulher, sou Capoeira’, em parceria com Josenice Guedes, um projeto que motivou a criação do coletivo ‘Rasteira Feminina’.¹²

O referido projeto tinha por finalidade dar visibilidade às mulheres capoeiristas por meio da exibição de um vídeo com mulheres de todos os lugares e de diversas graduações, bem como coletivos de mulheres na capoeira. Foi feita uma chamada em uma plataforma digital,¹³ porém ainda não foi possível finalizar o documentário.

Em 2017, participei do evento ‘Ginga Feminina’, organizado pela mestra Geisa, no qual houve o reconhecimento de vários coletivos de capoeira conduzidos por mulheres. Recebi um troféu em nome do coletivo ‘Rasteira Feminina’ e tive a oportunidade de conhecer várias mestras, contramestras e capoeiristas de outras graduações.

¹¹ Fundado pela contramestra Jacarandá.

¹² Composto por Ábia Lima, Josenice Guedes, Daniela Borges, Jeane Gomes e Thiago Freitas.

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/3HPyHmd>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Figura 6 – Homenagem aos coletivos de mulheres no evento ‘Ginga Feminina’ em 2017, do qual participaram mestra Carla, mestra Geisa, mestra Foguinho, mestra Nzinga, professora Ester, Ábia Lima, Daniela Borges, mestre Já Morreu, Lúcia Lima, etc.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A partir dos diversos eventos de capoeira de que participei, notei que havia (e ainda há) uma discrepância entre o número de mestres e mestras, assim como um processo de invisibilização das histórias das mulheres na capoeira. Foi a partir desse período que passei a me envolver com estudos e ações que pautavam as mulheres na capoeira.

Ainda nesse ano, escrevi uma proposta, em parceria com Paulo Lima, para concorrer ao Edital 003/2017 – Prêmio Capoeira Viva Salvador,¹⁴ que teve como título *Memórias e histórias das mestras e contramestras de capoeira em Salvador*. A proposta, apesar de aprovada, não foi contemplada com o recurso financeiro, pois estava na condição de suplente.

Fiz reflexões sobre as trajetórias das mulheres na capoeira, iniciei um mapeamento de mestras de capoeira e realizei reuniões regulares com os integrantes do coletivo ‘Rasteira Femina’, para estruturar ações que dessem visibilidades às mulheres na capoeira. Esses momentos me possibilitavam também avançar em um capítulo da dissertação, que tratou sobre *O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática*.¹⁵

A primeira sistematização do mapeamento de mestras e contramestras de capoeira foi apresentada, preliminarmente, no II Seminário Griô, na UFBA (FRANÇA, GUEDES; 2017). No momento da apresentação do trabalho, os participantes do evento interagiram e sugeriram outros nomes de mestras para integrar à pesquisa e houve um único questionamento, por parte de um mestre, sobre a mestra pioneira na capoeira.

No mês de novembro do mesmo ano, ocorreu a defesa da dissertação *Quando mulheres se tornam capoeiristas: um estudo sobre trajetória e protagonismo de mulheres na capoeira*, de Daniela Sacramento de Jesus. A pesquisa se debruçou sobre a trajetória de duas capoeiristas, a contramestra Lilu (hoje mestra) e a treinel Mexicana, ambas angoleiras.

¹⁴ Cf.: <https://bit.ly/3xhTmua>. Acesso em: 20 mar. 2020.

¹⁵ Posteriormente, esse capítulo foi socializado como artigo científico na Revista Íbamo (FRANÇA, 2018b).

Figura 7 – Roda de capoeira ao final da defesa da dissertação de Daniela S. de Jesus no Ceao/UFBA, em 2017, da qual participaram, no jogo, Ábia e Joana, e na bateria de instrumentos: Christine Zonzon, professora Negona, Mexicana, mestra Lilu, Adriana Dias e outras duas capoeiristas.



Fonte: acervo pessoal de Daniela S. de Jesus.

A partir dessa defesa, foi criado o Grupo de Intervenção ‘Marias Felipas’, de cujos estudos e intervenções participei durante alguns meses, porém de forma breve, por não ter disponibilidade de tempo para participar dos encontros semanais e das ações propostas pelas integrantes.

Para finalizar o ano de 2017, participei do Curso ‘Capoeira e Inclusão’, conduzido pela mestra Patrícia. Foi uma experiência ímpar, pois, enquanto psicóloga, mestra Patrícia sensibilizou a todos(as) acerca da necessidade de compreender o autismo e fazer adaptações nos processos de ensino-aprendizagem, para que as aulas de capoeira se tornem inclusivas e atendam às necessidades pedagógicas desse público.

Figura 8 – Curso ‘Capoeira e Inclusão’, conduzido pela mestra Patrícia em 2017, do qual participaram Ábia Lima, mestra Gegê, mestra Patrícia, Adriana Dias e contramestra Girassol



Fonte: acervo pessoal de mestra Patrícia.

No início de 2018, enquanto avançava na escrita da dissertação, organizei o evento ‘Jogo de Corpo e de Palavras na Uninassau’, dividido em dois momentos, a saber: 1) Assistir e discutir

sobre o documentário *Jogo de corpo: capoeira e ancestralidade*; 2) debater sobre a temática ‘mulher na roda: (in)visibilidade, protagonismo e luta’, tendo como convidadas: Priscila Silveira, Adriana Dias e professora Índia.

Figura 9 – Mesa de discussão ‘Mulher na roda: (in)visibilidade, protagonismo e luta’, em 2018, na Uninassau. Palestrantes: Ábia Lima, professora Índia, Priscila Silveira e Adriana Dias. Presentes: instrutora Mandingueira, contramestra Tartaruga, Christine Zonzon, Josenice Guedes, Joelma Lima, contramestre Marcelo, instrutora Tomada, Elisângela, entre outros



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A mesa de discussão avançou no debate sobre as mulheres na capoeira, a partir de estudos científicos sobre a interseccionalidade, trazidos por Priscila Silveira; do compartilhamento de experiências por parte da professora Índia, na condução do coletivo ‘Dona Maria Como Você?; e de reflexões sobre as representações das mulheres em diversas fontes, como pinturas, filmes, etc.

Em seguida, juntamente com meu orientador, programei a defesa da dissertação, com dois momentos. No primeiro momento, aconteceu a mesa de discussão ‘Os desafios contemporâneos da capoeira’, com os(as) convidados(as) Christine Zonzon, José Luiz Cirqueira Falcão, Luís Vitor Castro Júnior e Neuber Costa Leite, mediada por mim e por Cristiano Vieira. Foi uma discussão ampliada sobre a capoeira a partir de reflexões acerca da disseminação dessa luta nas redes sociais e nas produções cinematográficas e científicas, bem como das representações das mulheres nesse universo.

No segundo momento, ocorreu a defesa da dissertação, intitulada *Capoeira & Educação: produção do conhecimento em jogo*”, no PPGE/UFBA. A dissertação de mestrado me permitiu ampliar o conhecimento teórico acerca da capoeira e dos diálogos transversais entre a capoeira e as diversas áreas do conhecimento, bem como formar um panorama geral das produções científicas sobre a capoeira na UFBA e na Uneb (FRANÇA, 2018b).

Figura 10 – Defesa da dissertação *Capoeira & Educação: produção do conhecimento em jogo*, de Ábia Lima de França no PPGE/UFBA, em 2018. Banca examinadora: Cesar Leiro (orientador), Amélia Conrado, Pedro Abib e José Falcão



Fonte: acervo pessoal de Paulo Lima.

A defesa da dissertação ocorreu no dia 23 de fevereiro de 2018, com a presença de tantas pessoas especiais, como: familiares, amigos(as), capoeiristas e pesquisadores(as), que assistiam atentamente às ponderações dos membros da banca examinadora, a minha apresentação e a retórica. Ao término da defesa, fizemos uma roda de capoeira.

Figura 11 – Professora Negona, professora Índia, mestre Falcão, contramestre Desenho, Adriana Dias, Jacaré, Roiroi e Christine Zonzon compondo a bateria; Ábia França e Cesar Leiro ao pé do berimbau, no dia da defesa da dissertação



Fonte: acervo pessoal de Paulo Lima.

Na Figura 11, pode-se observar que eu e meu orientador estávamos agachados ao pé do berimbau, enquanto as pessoas se organizavam para montar a bateria. Pela primeira vez, ele segurava nas minhas mãos ao pé do berimbau para jogar capoeira. Nesse momento, lembrei-me dos ensinamentos dos mestres Bimba e Pastinha, que seguravam nas mãos dos(as) seus(suas) discípulos(as) para lhes ensinar os primeiros passos da ginga. No nosso caso,

compartilhávamos a alegria de ter concluído essa etapa, depois de um longo período de dedicação, escrita e reflexão.

Os resultados da dissertação apontaram que, em meio a dezenas de estudos científicos produzidos sobre a capoeira na UFBA e na Uneb, apenas dois enfocaram as relações de gênero como temática, ambos em 2018. Essa lacuna teórica foi uma das primeiras justificativas que me conduziram a aprofundar os estudos sobre as mulheres na capoeira; a outra se relacionava a minha trajetória na capoeira, enquanto mulher, recentemente mãe, que há alguns anos ginga, joga, toca, canta, ensina e aprende.

No ano de 2019, fui aprovada no doutorado em Educação e Contemporaneidade da Uneb. No primeiro ano, cumpri os créditos e os componentes curriculares (obrigatórios e optativos) na referida instituição, ao passo que enfrentava mudanças fisiológicas e psicológicas oriunda da recente gestação, ainda no início do doutorado.

É importante pontuar que meu orientador foi bastante flexível em relação à orientação e aos prazos; paradoxalmente, nem todos os docentes da Uneb tiveram a mesma sensibilidade, exigindo-me grandes esforços pessoais e acadêmicos para atender às demandas e aos prazos das atividades solicitadas em seus componentes curriculares. Essas barreiras nas trajetórias das mulheres que são mães reproduzem-se em diversas instituições, dentre as quais as acadêmicas.

É preciso (re) pensar em estratégias de ensino, pesquisa e extensão para diminuir as desigualdades de gênero nas Instituições de Ensino Superior (IES) e possibilitar a inserção e permanência das mulheres gestantes ou mães sem lhes exigir cobranças eivadas de uma lógica produtivista.

Com essa nova realidade, enquanto doutoranda-mãe, enfrentei diversos desafios para gerir o tempo e ter a disponibilidade e a disposição necessárias para me debruçar sobre a escrita diante das novas obrigações de cuidar da minha filha, auxiliada por uma frágil rede de apoio. A madrugada foi a minha aliada. Entre o estresse, a sobrecarga, o avanço e a produção, compus estes versos:

Amamentar e ler,
Fichar e brincar,
Limpar bebê e voltar a me debruçar
Entre papas e gingas
Banhos e escritas
Vou tecendo minha tese com muita mandinga
Refletindo as vivências com muita ousadia
Não é fácil ser mulher, muito menos ser mãe
Jogar de igual pra igual é pura ilusão
Sem rede de apoio é só opressão
Escrever uma tese é revolução

Mãe doutoranda não é pra qualquer uma, não
 Mas não vamos desistir de lutar por igualdade
 Desconstruindo a fragilidade e
 Reconhecendo a potencialidade
 Lugar de mulher é onde ela quiser!

A escrita foi tecida em meio a uma crise política, econômica e sanitária muito mal gerida pelo governo de Jair Bolsonaro. Um presidente que nega a ciência, desestimula e descumpre as orientações sanitárias, deixa as pessoas vulneráveis ainda mais desassistidas, faz cortes orçamentários em serviços básicos para a população brasileira, prolifera discursos autoritários e conservadores, com apoio político da bancada evangélica. É evidente que os impactos econômicos, sociais, culturais e políticos estão sendo devastadores, porém a cifra de 616.691 óbitos¹⁶ poderia ser evitada.

Entre altos e baixos, limitações e possibilidades, fui buscando formas para me cuidar, evitando me expor ao contágio do coronavírus, mesmo estando vacinada, cuidando também de minha filha, debruçando-me nos estudos, acompanhando e participando de diversas *lives*.¹⁷

As *lives*¹⁸ discutiram sobre distintos assuntos afetos à capoeira, dentre os quais: o compartilhamento de trajetórias e experiências de mulheres, o enfrentamento de assédios sexuais, a luta das pessoas LGBTQIA+,¹⁹ a representatividade negra no universo da capoeira, etc.

Destaco a *live* intitulada *Quem nunca viu venha ver: experiências e trajetórias de contramestras e mestras de capoeira*,²⁰ que ocorreu no dia 5 de maio de 2020, com duração de 2 horas, 16 minutos e 6 segundos, tendo como palestrantes as mestras Samme (MA), Pantaneira (MS) e Bel (PE), assim como a contramestra Lilu (hoje mestra) (BA), sob minha mediação. Foram pontuadas uma série de questões enfrentadas pelas convidadas, que refletem as desigualdades de papéis sociais, os obstáculos nas trajetórias e os efeitos da pandemia.

¹⁶ Esse dado é referente ao dia 13 de janeiro de 2022. Cf.: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

¹⁷ *Live Streaming* ou transmissão de conteúdo (FIGUÊROA, 2021).

¹⁸ A obra de Figuerôa (2021) mapeou 77 *lives* realizadas com mestras e contramestras de capoeira, entre março e outubro de 2020, constituindo um rico acervo sobre as histórias e trajetórias das mulheres na capoeira. Foram entrevistadas as seguintes mestras: Didi, Kodak, Nega, Ana Sábida, Áurea, Brisa, Nani de João Pequeno, Cristina, Bad, Sherra, Cigana, Geisa, Arara, Bel, Mainha, Kelly, Ana Dourada, Lu Galiza, Lu Pimenta, Foguinho, Tida, Gegê, Magali, Omara, Nega, Renata, Rosa Costa, Rosita, Janja, Paulinha, Sabrina, Índia, Vivian, Iúna e Nagô. Disponível em: <https://bit.ly/3FGpLOb>. Acessado em 03 out. 2021.

¹⁹ Acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo e Assexual e demais orientações sexuais e identidades de gênero. Para se aprofundar sobre essa temática, recomendamos a pesquisa de Caciatori (2021).

²⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3FGpLOb>. Acesso em: 3 out. 2021.

Figura 12 – Cartaz da live *Quem nunca viu, venha ver: experiências e trajetórias de contramestras e mestras em jogo*, da qual participaram as mestras Pantaneira, Bel, Samme e Carla, bem como a contramestra Lilu, mediada por Ábia França, no dia 05/05/2020



Fonte: arte de Paulo Kikongo.

Um mês depois, no dia 6 de junho de 2021, ocorreu a *live* intitulada *Abuso sexual na capoeira: reflexões e enfrentamentos*,²¹ com duração de 1 hora, 42 minutos e 28 segundos, com as convidadas mestra Patrícia (BA) e mestra Malu (PB), mediada pela contramestra Natália (SP). O encontro tratou sobre as notícias de abuso sexual na capoeira e as ações que têm sido realizadas, como: denúncias formais dos casos e cartas de repúdio. Além disso, discutiu-se sobre o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), as possíveis consequências do abuso sexual na vida das crianças e dos adolescentes, a cultura machista, os retrocessos da conjuntura política no que diz respeito à educação sexual e a desigualdade de gênero.

²¹ Disponível em: <https://bit.ly/3l4Lszy>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Figura 13 – Cartaz da *live* *Abuso sexual na Capoeira: reflexões e enfrentamento*, com as convidadas mestra Patrícia e mestra Malu, mediada pela contramestra Natália, no dia 06/06/2021



Fonte: Coletivo Mestras e Contramestras da Capoeira pelo Mundo.

A segunda edição da *live* *Quem nunca viu venha ver: experiências e trajetórias de contramestras e mestras em jogo*²² ocorreu no dia 5 de agosto de 2021 e teve duração de 2 horas, 20 minutos e 44 segundos, tendo como palestrantes as mestras Lu Pimenta (SP), Geisa (BA), Carla (CE) e a contramestra Tartaruga (BA), sob minha mediação. O encontro abordou as experiências das convidadas, suas atuações singulares e coletivas, bem como as interferências da pandemia em suas trajetórias, dentro e fora da capoeira.

Figura 14 – Cartaz da *live* *Quem nunca viu, venha ver: experiências e trajetórias de contramestras e mestras em jogo*, com as convidadas mestra Lu Pimenta, mestra Geisa, mestra Carla e Contramestra Tartaruga, mediada por Ábia França, em 05/08/2020



Fonte: arte de mestre Paulo Kikongo.

²² Disponível em: <https://bit.ly/30Soyoi>. Acesso em 3 out. 2021.

Figura 16 – Cartaz da *live Dia do Orgulho LGBTQIA+*, com as convidadas mestra Karlinha, mestra Lu Baobá, mestra Rosa, mestra Nagô e Puma, com mediação da contramestra Boca, no dia 28/06/2021



Fonte: Coletivo Mestras e Contramestras da Capoeira pelo Mundo.

No mesmo ano, no dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha, 25 de julho, ocorreu a *live Lida de mulher preta na capoeira: seus desafios e avanços*, com as convidadas mestra Índia (MG), mestra Nega Uara (FR) e mestra Nagô (SP), sob mediação da contramestra Natália (SP). No encontro, as participantes compartilharam os obstáculos que as mulheres negras enfrentam na pequena e grande roda, bem como falaram do racismo estrutural, da objetificação dos corpos das mulheres, das experiências com a capoeira fora do Brasil, das desigualdades sociais e da presença da mulher negra nos espaços representativos.

Figura 17 – Cartaz da *live Lida de mulher preta na capoeira: seus desafios e avanços*, com as convidadas mestra Índia, mestra Nega Uara, mestra Nagô e mediação da contramestra Natália, no dia 25/07/2021



Fonte: Coletivo Mestras e contramestras da capoeira pelo mundo.

Nesse contexto, no mês seguinte, ocorreu a *live Mulheres negras na capoeira*,²³ no dia 28 de agosto de 2021, com duração de 1 hora, 50 minutos e 22 segundos, tendo como convidadas as mestras Janja (BA), Cristina (RJ) e Cici/Alcione (MG), mediada por Júnia Bertolino. No encontro virtual, foram apontados os desafios nas trajetórias das mestras, o baixo número de mestras negras brasileiras, referências de mulheres negras que resistem nos espaços da capoeira, além de memórias e registros fotográficos de distintas mulheres negras.

Figura 18 – Cartaz da *live da Mulheres negras na Capoeira*, por Júnia Bertolino, com as convidadas mestra Alcione, mestra Cristina e mestra Janja, no dia 28/08/2021



Fonte: Instagram da mestra Alcione (@cici.floresta).

A partir desse recorte sistematizado, pôde-se perceber o protagonismo das capoeiristas, o lugar de fala das mestras, as estratégias de luta e resistência contra as opressões e os preconceitos no universo da capoeira, que perpassam pelas relações de gênero, raça e orientação sexual.

No primeiro semestre de 2021, depois de tantas idas e vindas em grupos de capoeira, ingressei na Associação Cultural Arte Baiana, conduzido pelo contramestre Veru, que foi formado pelo mestre Alabama. Identifiquei-me com sua metodologia de ensino, seu compromisso com a capoeira e sua atenção às dificuldades e trajetórias de seus(as) discípulos(as).

²³ Disponível em: <https://bit.ly/3p0o3jZ>. Acessado em: 3 out. 2021.

Figura 19 – Ábia Lima e sua filha, Ayla, no Forte da Capoeira, em 2021



Fonte: acervo pessoal da autora.

A escrita da tese ocorreu como desdobramento da dissertação de mestrado, e o potencial e a necessidade de dar continuidade ao trabalho acadêmico foram enfatizados pela banca examinadora por ocasião da defesa. Inicialmente, a problemática de pesquisa esteve voltada para as experiências formativas de mestras de distintos países, com ênfase na internacionalização da capoeira.

Com o advento da pandemia do novo coronavírus, em 11 de março de 2020, somada à maternidade recente, amparada por uma frágil rede de apoio, repensei, juntamente com meu orientador, em um recorte que fosse exequível e tivesse relevância social. Nesse sentido, a pesquisa buscava compreender as experiências formativas de mestras que atuavam no Brasil e nos Estados Unidos, tema apresentado no exame de qualificação. Após as orientações e contribuições dos membros da banca de qualificação, a pesquisa ganhou outros contornos.

A partir disso, chego ao problema da pesquisa, qual seja: como se deram as trajetórias formativas das mestras de capoeira nos distintos contextos históricos, políticos e sociais? O objetivo geral é analisar as trajetórias formativas e os registros biográficos de mestras de capoeira, e os objetivos específicos são: identificar as produções científicas e cinematográficas sobre as mestras de capoeira; compreender os desafios e as potencialidades das trajetórias formativas das mestras; e apresentar os registros biográficos das mestras de capoeira.

A produção foi dividida em cinco capítulos, dentre os quais o primeiro, esta Introdução, intitulada *Vou contar a minha história*, contém uma breve apresentação da escrita, da motivação pessoal/profissional, do objetivo geral e dos objetivos específicos, e da questão do estudo.

O segundo capítulo, intitulado *A multidimensionalidade da capoeira: pautas contemporâneas em jogo*, é constituído pela revisão de literatura acerca de aspectos históricos, culturais, sociais e formativos da capoeira. Nele, busquei situar a presença das mulheres no processo histórico e expansivo da capoeira.

No terceiro capítulo, apresento as *Gingas metodológicas*, contendo a natureza do estudo, os dispositivos, as técnicas de investigação e a perspectiva de análise. Neste capítulo, ainda exibo os desdobramentos das informações colhidas.

O quarto capítulo foi dedicado *As mestras de capoeira em múltiplas rodas pelo mundo*, ao longo do qual apresento os registros biográficos de 257 mestras de capoeira e aponto as articulações havidas nos coletivos e movimentos de mulheres.

O quinto capítulo, *Iê dá volta ao mundo, camará*, apresento as considerações finais, apontando a invisibilidade na história das mulheres na capoeira, os desafios e as potencialidades nos processos formativos de mestras de capoeira. E em seguida, os elementos pós-textuais.

2 A MULTIDIMENSIONALIDADE DA CAPOEIRA: PAUTAS CONTEMPORÂNEAS EM JOGO

Maria Doze Homens
 Ana Angélica Endiabrada
 Rosa Palmeirão
 Almeirinda e Chicão
 Tanta mulher da pá virada
 Aqaltune e Dandara
 Do Quilombo dos Palmares
 E a Maria Felipa
 Da Ilha de Itaparica
 Pela Bahia lutou
 Salve todas as Marias
 De coragem e rebeldia
 Cujo sangue derramou.²⁴

Neste capítulo, busco apresentar a discussão sobre a capoeira de forma alargada, enfocando as diversas nuances que assumiu em seu percurso histórico. Para isso, fundamento-me em diversos estudos, sobretudo em estudos históricos sobre essa manifestação cultural, que passou por inúmeras transformações desde seu surgimento até a atualidade.

2.1 SURGIMENTO DA CAPOEIRAGEM: RESGATE DAS MULHERES VALENTES

Para fazer tessituras sobre o surgimento da capoeira, é fundamental entender o processo de escravização e colonização, que ocorreu a partir do século XVI. Dessa forma, o estudo de Luz (2013) nos permite ampliar o entendimento sobre o colonialismo português e os aspectos do imperialismo e da conjuntura econômica na Europa colonialista-escravista.

Nesse período, a mudança do modo de produção, assentou-se na exploração das pessoas negras, que foram arrancadas de suas terras natais e transportadas em navios negreiros sob condições degradantes; muitas morriam durante as travessias e eram despejadas no mar como se fossem objetos descartáveis.

Os povos africanos trazem em seus corpos diversos costumes e tradições, dentre os quais o samba, a capoeira e o candomblé, que fazem parte de seu acervo cultural. Essas travessias, que demarcam o colonialismo, o escravismo e o imperialismo no Brasil, trouxeram também dores, explorações, violações de direitos, desumanizações e, conseqüentemente, a marginalização de suas práticas culturais e religiosas. Munanga (2015) julga indispensável reconhecer a história da África e entende que ela é o ponto de partida para a diáspora negra.

²⁴ Trecho da música *Marias Capoeiras*, de Sara Abreu. Disponível em: <https://bit.ly/3DOCLAR>. Acesso em: 20 mar. 2020.

A história da capoeira nos faz mergulhar num ‘mar’ (sentido de infinito) de narrativas sobre culturas, povos, línguas, lutas e ritmos que se cruzam e atravessam o oceano para desaguar em outros solos. Seja nos documentos escritos, na memória dos mais velhos, no imaginário da sociedade, a capoeira sempre aparece como símbolo de resistência negra, fruto da diáspora africana, onde vários grupos étnicos foram trazidos para o Brasil. (PINHEIRO, 2018, p. 18).

Portanto, a capoeira nasceu no Brasil como contribuição dos povos africanos e é considerada uma manifestação cultural afro-brasileira. Para aprofundar essa discussão em torno da origem da capoeira, há diversos estudos acadêmicos²⁵ que fomentam o debate. Sobre isso, Vieira e Assunção (1998) afirmam que o universo da capoeira é permeado de contradições, mitos e fatos, que precisam ser mais aprofundados.

Apesar do surgimento da capoeira estar atrelado ao processo de escravização no Brasil, iniciado a partir do século XVI, o vocábulo ‘capoeira’ foi registrado pela primeira vez em 1712, por Rafael Bluteau (REGO, 2015); após esse período, foi ganhando destaque em pinturas, romances, fotografias, entre outras manifestações artístico-culturais.

Outro ponto que reforça essa ideia da origem da capoeira ligada aos povos negros foi discutido no estudo de Soares (2013), que, ao refletir sobre a memória do Cais dos Escravos entre 1668 a 1911, apontou que foi este o lugar que mais recebeu negros escravizados nas Américas, na cidade em que houve maior repressão e perseguição aos(às) capoeiristas.

Entretanto, foi entre 1800 a 1850 que surgiram as primeiras fontes documentais, no Rio de Janeiro, sobre a história da capoeira. Era muito comum o vínculo da capoeira com os registros de prisões, pois tanto poderia designar uma prática individual quanto a relação entre pessoas de grupos que faziam arruaças nas ruas (VIEIRA, ASSUNÇÃO; 1998). Nesse período, uma pessoa que portasse navalha e realizasse movimentos agressivos com a cabeça, os pés e as mãos vivenciavam o universo da ‘capoeiragem’ e representava perigo para a sociedade.

Nesse universo, considerado majoritariamente masculino, as mulheres negras também estavam inseridas, porém, no decorrer da história da capoeira, suas memórias e narrativas foram (e ainda são) invisibilizadas na pequena e grande roda, ou seja, na capoeira e na sociedade, respectivamente.

O primeiro indício da presença da mulher na capoeira foi registrado no estudo de Leitão (2004), que revelou o nome de Joaquina Angola de João dos Fatos, denunciada por estar com

²⁵ Cf.: Soares (2004), Falcão (2004), Abib (2017), Conrado (2006), Costa (2007, 2013), Ribeiro (2008) e Rego (2015).

um estoque na mão e praticando capoeiragem. Ao ser presa, jogou fora o objeto e levou 300 açoites, conforme testemunham os registros do Arquivo Nacional Brasileiro de 1817 e 1819.

Nesse período, os castigos aplicados aos homens eram a prisão e 200 açoites. Tal diferença no castigo aplicado a Joaquina, possivelmente, foi para intimidá-la ou puni-la por ser mulher. Alguns anos depois, o castigo foi substituído por 50 açoites e calabouço;²⁶ e em seguida, por 100 açoites e reclusão nas Casas de Correção, para alguns dias de trabalho forçado (SALVADORI, 1990).

No contexto do Rio de Janeiro, além de Joaquina Angola de João dos Fatos, foi registrado o envolvimento de outras mulheres capoeiras em crimes de lesões corporais, dentre as quais Maria Crioula, Ana Clara Maria de Andrade, Isabel Maria da Conceição (CAMÕES, 2019), Lídia, Rita Diamantina,²⁷ Violeta,²⁸ Maria Domingas e Mariana F. Bonfim (BELTRÃO, 2021). Pouco se sabe e se discute sobre a existência das mulheres na história da capoeira, mas, quando se trata de famosos capoeiras, há documentos e cantigas que elucidam seus nomes e feitos na capoeiragem.

Importante destacar que a capoeira carioca foi marcada por forte repressão e violência por parte do chefe de polícia Sampaio Ferraz, que deportou, de forma massiva, centenas de capoeiras para o Arquipélago de Fernando de Noronha (VIEIRA, ASSUNÇÃO; 1998).

Cunha (2011) também registra a perseguição aos(as) capoeiras em São Paulo, onde a Câmara Municipal criou, em 1833, um artigo para evitar a circulação, impedir desordens e proibir a prática da capoeiragem. Posteriormente, foram criadas normas específicas para penalizar os(as) praticantes da capoeiragem no estado. Apesar disso, seus(as) praticantes foram desconsiderados(as) enquanto agentes históricos por muitas pesquisas científicas que se debruçaram sobre o assunto.

A obra de Beltrão (2021) destacou nomes de mulheres valentes no século passado, como Maria Luíza, Jovita da Silva,²⁹ Maria Nicola Raspa, Maria Pé de Violão, Odete Navalha e Joanhina no estado de São Paulo. Essas mulheres eram protagonistas das páginas e seções policiais por sua imensa valentia.

No estado de Minas Gerais, os jornais apontam rastros do valentão Pedro José Vieira, conhecido como Pedro Mineiro, nascido em Ouro Preto, em 1887. Ele era carregador, marítimo,

²⁶ Um presídio que ficava no Morro do Castelo, onde os presidiários apanhavam, sofriam com falta de água, comiam comida estragada e viviam em condições desumanas (ABIB, 2017).

²⁷ Rita Diamantina dos Anjos praticava desordens, sempre estava embriagava e era presa, de acordo com o *Jornal do Brasil* (RJ), na edição 310 de 1902 (BELTRÃO, 2021).

²⁸ Violeta Jeronimo Mesquita, conhecida pelos seus exercícios valentes de capoeira (BELTRÃO, 2021).

²⁹ Sofreu agressões de seu marido, mas sempre o enfrentava com rasteiras (BELTRÃO, 2021).

policial e capanga, tendo participou de várias confusões e até de fatos políticos no contexto baiano (ABIB, 2009).

Para tratar sobre a história da capoeira na Bahia, apresentei, no início do capítulo, um trecho da música de Sara Abreu,³⁰ lançada em 2020, que identifica alguns nomes de mulheres pioneiras no universo da capoeira baiana. Uma dessas pioneiras é Maria Felipa de Oliveira,³¹ moradora da Ilha de Itaparica que jogava capoeira no cais de Salvador durante o período de escravidão no Brasil.

Maria Felipa de Oliveira é uma representação de como a comunidade itaparicana encara sua participação na Guerra de Independência. Seu caráter popular e aguerrido, suas atividades laborais – marisqueiras, no comércio de baleias, ganhadeira – sua identidade étnico-social – negra e pobre – fazem dela uma heroína que agrega em si as características de um grupo que teve uma participação significativa no processo de libertação da Bahia, mas que permanece, sob vários aspectos, ignorado. (SANTOS, L., 2014, p. 31).

É inegável a importância de Maria Felipa para a história da Bahia, sendo necessários novos estudos que deem vozes às narrativas das mulheres, as quais, durante muitos anos, foram excluídas dos documentos escritos, as únicas fontes válidas na história tradicional (SALVATICI, 2005).

Naqueles tempos, no tempo de capoeira
 tinha Julia Fogareira, Palmeirona e Cachoeira.
 Essas guerreiras jogavam muita capoeira,
 derrubavam na rasteira,
 ou em um toque de mão
 (MESTRA BYA).³²

É importante reconhecer ainda os nomes de Maria Doze Homens,³³ Salomé,³⁴ Dandara, Palmeirão,³⁵ Maria Para o Bonde, Angélica Endiabrada,³⁶ Adelaide Presepeira,³⁷ Nega Didi,

³⁰ Ela é capoeirista da Fundação Internacional de Capoeira Angola (Fica), além de mestra em Educação (UFBA) e doutora em Difusão do Conhecimento (UFBA). Defendeu a dissertação *Saberes e fazeres na capoeira angola: a autonomia no jogo de MULEEKES* e a tese *Baobá na encruzilhada: capoeira angola, ancestralidade e permacultura*.

³¹ Mulher negra, marisqueira e baiana.

³² Trecho da música *Mulher, estrela que brilha*, da mestra Bya.

³³ Brigou com 12 soldados da polícia na Baixa dos Sapateiros (CANJIQUINHA, 1989).

³⁴ Valente mulher, que tocava no samba e jogava capoeira, segundo mestre Atenilo (OLIVEIRA, 2004).

³⁵ Cândida Rosa de Jesus matou Pedro Porreta; morava na rua 28 de Setembro (CANJIQUINHA, 1989).

³⁶ Enfrentou o guarda civil nº 27 e ainda bateu no guarda nº 15, fazendo escoriação nos lábios (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

³⁷ Nas comemorações do dia 2 de julho, ela promovia arruaças com a navalha em punho (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Catutum,³⁸ Cattú,³⁹ Satanás, Chicão⁴⁰ (OLIVEIRA; LEAL, 2009), Maria Pé no Mato, Maria Homem, Maria Cachoeira, Odília, Maria Pernambucana, Julia Fogareira (BARBOSA, M., 2005), Massú, Cândida Rosa de Jesus (SANTOS, F., 2015), Maria Avestruz⁴¹ (CANJIQUINHA, 1989), Almerinda, Menininha e Chica⁴² (ABIB, 2013).

A tese de Foltran (2019) aponta indícios de outras mulheres capoeiras em solo baiano, como: Clé,⁴³ Luzia,⁴⁴ Belleza,⁴⁵ bem como amalta de mulheres⁴⁶ formada por Clé, Pequena Surda, Arlinha, Amália Maria da Conceição, Virginia de Souza, Maria Anibal e Marietta dos Santos, além de Maria da Glória do Espírito Santo⁴⁷ e Maria Luiza das Virgens,⁴⁸ que desceram pau e faca em suas desafetadas Maria Lôncia e Maria Honorata, cujos nomes de batismo eram, respectivamente, Esmeralda Guilhermina do Santos e Julieta da Silva.

A pesquisa de Beltrão (2021) apontou outros nomes, como os de Cecília Joventina de Souza,⁴⁹ Maria dos Anjos, Florentina Maria Izabel,⁵⁰ Maria Ignez da Conceição e Theodora de Amorim Mendes. O estudo de A. Dias (2004) evidenciou várias mulheres que se relacionavam com os capoeiras e foram vítimas de suas agressões, dentre as quais Constância Pereira dos Santos, que apanhou de Pedro Mineiro, mencionado acima.

É importante destacar os comportamentos masculinos nos moldes patriarcais-coloniais, que sustentavam a figura do homem como superior, dominador, agressivo, forte, etc., enquanto as mulheres eram representadas como passivas, frágeis, dóceis, dentre outras formas. As mulheres que rompiam com esse ideal de feminilidade socialmente construído foram reprimidas, invisibilizadas, desmoralizadas e até taxadas com apelidos masculinizados.

Destarte, as mulheres capoeiras eram conhecidas como desordeiras, arruaceiras, arrelentas, perigosas, atrevidas, raparigas, mulheres cabelo-na-venta, mulheres-homens,

³⁸ Maria Severina (ARAS, OLIVEIRA; 2003).

³⁹ Antônia de Tal sempre estava envolvida em algum tipo de conflito (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

⁴⁰ Francisca Albino dos Santos, prostituta que possivelmente dirigia casas de prostituição (OLIVEIRA; LEAL, 2009). Ela era bastante conhecida na Casa de Detenção e também nas zonas de prostituição (ARAS, OLIVEIRA; 2003).

⁴¹ Moradora da Boca do Rio (CANJIQUINHA, 1989).

⁴² Moravam na Baixa dos Sapateiros e sempre estavam envolvidas em confusões. Depois de presas, não se tem mais notícias sobre elas (ABIB, 2013).

⁴³ Maria Anacleto da Silva, armada com navalha, atentou contra a vida da sua companheira, Laura Francisca de Jesus, conforme notícia veiculada no Diário de Notícias de 18 de julho de 1913 (FIALHO, 2019).

⁴⁴ “Luzia de Souza Magalhães, presa no dia 14 de junho de 1915, no Distrito de São Pedro, navalhou um desafeto seu, o músico do 2º batalhão do regimento policial, Antônio Francisco da Conceição” (FIALHO, 2019, p. 260).

⁴⁵ Silvina Maria de Jesus apareceu em três episódios distintos de desordens ou em luta corporal, na rua do Cais Dourado (FIALHO, 2019).

⁴⁶ Elas utilizam navalha, garrafas ou armas improvisadas (FIALHO, 2019).

⁴⁷ Atacou com a faca e depois a dentadas a lavadeira Leôncia de 24 anos. “Segundo testemunha do processo crime [sic], valeu-se da Capoeira para enfrentar Manuel Santana, em 1900” (SALAZAR, 2011, p. 51).

⁴⁸ Feriu Maria Honorata com cacete e faca de ponta (FIALHO, 2019).

⁴⁹ Ela desferiu quatro navalhadas em sua companheira, Maria dos Anjos, na ladeira do Tabão (BELTRÃO, 2021).

⁵⁰ Ela deu vários golpes de navalha pelo pescoço, testa, braço e costas de Francisco de Tal (BELTRÃO, 2021).

desasnadas, azedadas, mulheres valentes e mulheres da pá virada, pois fugiam aos padrões comportamentais impostos na sociedade brasileira do século XX (OLIVEIRA; LEAL, 2009; ARAÚJO, 2016).

Essas mulheres capoeiras, individualmente ou em maltas,⁵¹ envolviam-se em brigas de navalha, cacete e pontapés, eram alvos de confusões, viviam no limiar entre a ordem e a desordem. Aras e Oliveira (2003) ainda asseguram que elas disputavam os espaços das ruas com suas atividades produtivas, como as ganhadeiras, que andavam em busca de afazeres, ou ofereciam seus serviços, tal como as prostitutas. Essas mulheres, consideradas vagabundas, eram punidas severamente pela lei penal e pela autoridade policial (OLIVEIRA, J., 2004).

Na Bahia, para reconstituir a história das mulheres na capoeiragem, é categórico folhear o livro de Oliveira e Leal (2009) e a tese de Fialho (2019),⁵² ao lado de estudos históricos sobre essa manifestação cultural em Salvador, alguns dos quais pioneiros, como os de Pires (2004), J. Oliveira (2004) e A. Dias (2004), que analisaram a prática da capoeiragem entre o final do século XIX e início do século XX na Bahia.

A presença das mulheres na capoeiragem ainda aparece em outros estados do Nordeste, como aconteceu com a valente ou turuna Maria Porciúncula,⁵³ estampada no Jornal Gutenberg de Alagoas, em 19 de outubro de 1905, depois de ser presa por distúrbios. Na notícia, afirmava-se que ela jogava capoeira, soltava desaforos e muitas outras proezas (FIGUERÔA, 2021). É importante situar que, nesse período, as mulheres sofriam fortes repressões e poderiam ser estereotipadas como loucas quando fugiam aos comportamentos sociais de feminilidades.

Entre a metade do século XIX e o início do século XX, há também indícios da prática da capoeiragem na cidade de Recife, em Pernambuco. Os(as) capoeiras envolviam-se em distintos conflitos, eram conhecidos(as) como brabos(as), dentre os quais um dos mais famosos é Nascimento Grande. Há registros também de mulheres brabas, como Lúcia Maria da Conceição,⁵⁴ Argentina Dente de Ouro, Chiquinha, Chiquinha do Ó e Maria Zaruenda, as quais provocavam pânico, eram ágeis e aplicavam truques da capoeiragem que poderiam provocar até mortes (KOHL, 2012; BELTRÃO, 2020).

⁵¹ Fialho (2019) afirma que elas seriam um tipo de organização perniciososa da capoeiragem, constituído por diferentes grupos sociais.

⁵² A autora Juliana Foltran Fialho analisou a história das mulheres na capoeira no contexto da Bahia, entre 1900 e 1920.

⁵³ “Maria Porciuncula é uma molhersinha turana. Blasova energicamente que ‘não se troca por muitos homens’, pois que, quando está nos seus azeites, faz da saia calção e [...] pinta o diabo á quatro: joga capoeira, dá borduadas, solta desaforos e muitas outras pruezas. Mas, o 3º commissario de polícia da 50 Uma espécie de cacete. 116 capital que é amigo da paz e da justiça, a mandou levar a dita megéra para á Casa de detenção. (Gutenberg, 19 de outubro de 1905, p. 1) [sic]” (G. BARBOSA, 2017, p. 115-116).

⁵⁴ Foi recolhida à Casa da Detenção, segundo o Jornal do Recife de 14 de março de 1890, edição nº 0060.

Além dessas brabas, o estudo de Marques (2012) identificou outras mulheres capoeiras, como: Maria da Hora Tavares,⁵⁵ Maria Luiza de Abreu, conhecida como Trepa do Caixão, Olindina Olívia da Conceição e Ana Maria Conceição, ou Ana Coroada, que faziam uso de armadas de cacete e foram presas pelo subdelegado do Pombal.

Já no Maranhão, os(as) capoeiras eram chamados de desordeiros(as), valentões(onas), turbulentos(as) e moleques, quando promoviam confusões nas cidades do estado. Há indícios da participação de mulheres valentes, como Margarida,⁵⁶ Antônia Maria Correia, Joana Francisco de Araújo⁵⁷ e Josepha da Conceição⁵⁸ (NUNES; PEREIRA; 2019), que também disputavam os espaços das ruas e provocavam tumultos.

Em solo sergipano, apesar de haver indícios da capoeiragem desde a segunda metade do século XIX, estando associada ao samba e ao batuque nos registros feitos pelas autoridades, nenhuma mulher foi identificada nos estudos históricos sobre essa manifestação cultural (AMORIM; MACHADO, 2018).

Durante esse recorte temporal, ocorreram diversas e significativas transformações econômicas, políticas e sociais no Brasil, dentre as quais se destacam: a Abolição da Escravatura (1888), a Queda da Monarquia, a Proclamação da República (1889) e a instituição do Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil (1890).⁵⁹

Esses fatos históricos contribuem para a manutenção da hegemonia do poder socioeconômico do Estado brasileiro, por meio de repressões, silenciamentos e apagamentos da história dos povos negros e de suas tradições culturais. Luz (2013, p. 178) ainda afirma que “[...] o processo civilizatório negro se caracteriza então pela construção de um sistema de vida paralelo, por assim dizer, à sociedade oficial etnocêntrica”. É em meio à inquietude que trago a cantiga a seguir, bastante entoada no universo da capoeira:

Dona Isabel, que história é essa?
Dona Isabel, que história é essa
(Oi ai ai!)
de ter feito abolição?
De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
Tô cansado de conversa

⁵⁵ Uma “mulhersinha capoeira, [...] fazendo gestos de capoeiragem em frente a uma música particular que passava”, foi presa pelo major Manoel Batista, sobre o qual ainda voltarei a tratar (OZANAN, 2013, p. 122).

⁵⁶ “Cabocla reforçada, de pulsos rijos e gênio zangado”, companheira de certo falastrão chamado Martiniano Santos, conhecido por apregoar “o seu incomensurável valor na capoeira, no rabo de arraia, etc.” (NUNES; PEREIRA, 2019, p. 77).

⁵⁷ “Uma Eva metida a bamba, [que] espalhou-se ontem, na rua Henriques Leal, botando muita gente boa para correr” (NUNES; PEREIRA; 2019, p. 81).

⁵⁸ “Residente à praia da Madre Deus” – outro reduto da capoeiragem, como também veremos –, o jornal intitula a nota denúncia de *bahianadas* (NUNES; PEREIRA, 2019, p. 83).

⁵⁹ Para aprofundar a discussão, acesse a obra de Rego (2015).

Tô cansado de ilusão
 Abolição se fez com sangue
 Que inundava este país
 Que o negro transformou em luta
 Cansado de ser infeliz
 Abolição se fez bem antes
 E ainda há por se fazer agora.⁶⁰

O trecho da música deixa evidente que a abolição da escravatura aconteceu depois muita luta e resistência dos povos negros, mas a perseguição aos(as) capoeira torna-se ainda mais acentuada com a instituição da prática da capoeiragem nos artigos 402, 403 e 404 no Código Penal da República.

Já foram apontadas acima a perseguição e as notícias sobre as prisões dos(as) capoeiras nas Regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Nessa mesma época, a prática da capoeiragem também foi identificada em alguns estados do Norte, como no Pará e no Amazonas.

Oliveira e Leal (2009) afirmam que as valentes de Belém conhecidas por Jeronyma,⁶¹ mulheres da Pratinha, Maria José, Maria Meia-Noite,⁶² Maria Galinha e Joana Maluca⁶³ viviam provocando arruaças nas ruas centrais e periféricas, nos espaços boêmios. A representação das imagens das mulheres através dos artigos de jornais e documentos na cidade mostravam-nas como sujeitos históricos, reflexivos e ativos que não deveriam ser exemplos para as mulheres de ‘boa família’ (LEAL, 2008).

Ainda no Pará, Beltrão (2021) destacou o nome da valente Tertuliana Maria de Nazareth apelidada de generala, conhecida por sua cartilha e suas atividades de coragem pelo capitão Mattos, que sempre a conduzia para a cadeia. Na edição 94 de 1896 do *Diário de Notícias*, dizia-se que a “mania da mulher é a cadeia”.

No estado do Amazonas, a partir de 1899, foi registrada a presença de mulheres conhecidas como pessoal de arrelia, bando de desocupadas, façanhudas da rua e *gymanasticas* perigosas, que promoviam desordens, dentre as quais se destacam: Joanna Homem (1905),⁶⁴

⁶⁰ Trecho da cantiga *Dona Isabel*, de mestre Toni Vargas.

⁶¹ O artigo do jornal A Constituição de 21 de novembro de 1876 citou a sua prisão com a seguinte notícia: “Que mulher Capoeira! As 7 horas da noite, por praças do Batalhão de Artilharia foi hontem presa a cafuza Jeronyma, escrava de Caetano Antonio de Lemos [*sic*]” (SILVIA, M., 2018, p. 6; LEAL, 2008; CAMÕES, 2019).

⁶² Maria Meia-noite, denunciada pelas “imoralidades que pratica essa mulher quase diariamente”, as quais fizeram com que a “[...] autoridade obrigasse a mesma a mudar-se d’ali, pois já não é a primeira vez que as famílias nos fazem essa reclamação” (LEAL, 2008, p. 158).

⁶³ “Monarquista de papo vermelho”, que havia entrado em conflito com outra mulher, identificada apenas como “boneca de acapu” (LEAL, 2008, p. 160).

⁶⁴ Era ligeira e tinha força ao realizar a rasteira, desafiava um chefe de família.

Josepha Maria da Conceição (1906), Júlia Augusta dos Santos (1906) e Rosalina Cordeiro (1912) (BONATES; CRUZ, 2020).

Na Região Sul, apesar de haver escassos registros históricos sobre a capoeiragem, algumas pesquisas apontam a presença das mulheres em alguns estados. No Paraná, a pesquisa de Machado e Schualtz (2020) identificou três mulheres que estavam envolvidas com a prática da capoeiragem, dentre as quais a primeira, no século XIX, era chamada de Mãe Romana, uma das moradoras do Quilombo de Água Morna,⁶⁵ que lutava usando navalhas. Há relatos de que teria lutado na Guerra do Paraguai (1864-1870). A segunda foi registrada no Diário da Tarde, em 1900, sobre a qual se dizia que jogava capoeira com um soldado embriagado, entre tabefes e sangue. E a terceira, em 1979, de nome Joana da Silva,⁶⁶ foi presa por se defender de seu companheiro.

Além desses nomes de mulheres capoeiras no referido estado, a dissertação de Karvat (1996) demonstrou que, dos 343 crimes de vadiagem registrados em Curitiba, entre 1894 e 1933, pelo menos 40 eram de mulheres. Isso confirma a tese de que as mulheres sempre estiveram presentes no universo da capoeiragem, em distintas regiões do Brasil.

Paradoxalmente, no Rio Grande do Sul, embora Amaral, Silva e Silva (2020) apontem que a capoeiragem tenha chegado somente no final do século XIX, não há registros de nomes nem histórias de mulheres nesse estado da Federação.

Entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, a prática da capoeiragem esteve atrelada à criminalidade, sofrendo repressão, em maior ou menor escala, a depender do contexto socioeconômico e político. Os estudos científicos identificaram o envolvimento de mulheres com desordens em distintas regiões do País, sozinhas ou em maltas, portando ou não armas como navalhas e/ou facas, causando terror e até mortes. Entre a ordem e a desordem, a opressão e a resistência, a capoeiragem, criminalizada pelo Código Penal em distintos contextos geográficos, passaria a ser símbolo de nacionalidade a partir da década de 1930.

⁶⁵ Situado na Microrregião de Ibaiti, PR.

⁶⁶ “A mulher, que diz saber ser ‘danada’, quando preciso, foi presa e autuada em flagrante na delegacia do 8º Distrito policial onde confessou o crime. Segunda ela, ‘ele quis me matar, quis me ‘amassar’ muito e eu tive que me defender’. Para ela, ‘ele deve ser maníaco, logo que nós entramos no quarto ele foi me acertando um soco no olho e me derrubando no chão’[...] mesmo assim, conseguiu dar uma gravata e cravar a faca no pescoço da vítima” (DIÁRIO DO PARANÁ, 1979, p. 10, *apud* MACHADO; SCHUALTZ, 2020, p. 4).

2.2 ENTRE MARGINALIZAÇÃO E ACEITAÇÃO: (IN)VISIBILIDADE DAS MULHERES NA RODA

A partir de 1930, a capoeira passa a ser vista de outro modo e a ser aceita pela sociedade, devido à influência da política higienizadora e civilizatória dos governos de J. J. Seabra. Com isso, deixa de ser considerada uma prática marginalizada e criminalizada, tornando-se símbolo de nacionalidade brasileira.

Isso se deve ao processo de institucionalização da capoeira, pelo qual ela passou a ocupar recintos fechados, principalmente com o ícone Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba,⁶⁷ criador da luta regional baiana, uma mistura de capoeiragem e batuque, que posteriormente seria chamada de Capoeira Regional.⁶⁸ O referido mestre teve seu espaço oficialmente reconhecido pela Inspeção do Ensino Fundamental Profissional em 1937 (REGO, 2015).

A organização sistemática de outra vertente, conhecida como Capoeira Angola, tem como um de seus maiores ícones Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha.⁶⁹ O referido mestre propagava essa dança/luta com aspectos lúdicos, permeados de malícia, mandinga, malandragem, ancestralidade, etc. Ele também introduziu sistemas de graduações e uniformes, formalizou a constituição da bateria com oito instrumentos, normalizou e padronizou o jogo da capoeira (MAGALHÃES FILHO, 2012).

São inegáveis as contribuições dos mestres Bimba e Pastinha para a capoeira, no seu processo organizativo, na sua filosofia de vida, na dedicação, na transformação dos(as) capoeiristas e na divulgação da capoeira para o mundo. Em contrapartida, com a institucionalização da capoeira, as mulheres enfrentaram mais resistências para estar nos diversos recintos fechados, nos quais, quando admitidas, desempenhavam papéis subalternizados e invisibilizados.

Essa linha de pensamento coaduna-se com a fala de Dória (2011), ao afirmar que as mulheres estiveram presentes na capoeira, nos trabalhos diários, nos afazeres da manutenção e limpeza, confeccionando figurinos, participando dos shows e rodas como cantoras, respondendo coro e batendo palmas, ou seja, exercendo atividades secundárias, em sua maioria administrativas.

⁶⁷ Ele era filho de Maria Martinha do Bonfim e Luís Cândido Machado, campeão baiano de batuque; além de capoeirista, foi carvoeiro, trapicheiro, carpinteiro e doqueiro (CAMPOS, 2009).

⁶⁸ A obra de Campos (2009) se debruça sobre a capoeira regional.

⁶⁹ Ele era filho de Raimunda dos Santos e José Señor Pastinha; além de capoeirista, foi pintor e artista, vendeu gazeta, fez garimpo, ajudou a construir o Porto de Salvador, etc. (MAGALHÃES FILHO, 2012).

O referido autor ainda revela nomes de mulheres que frequentaram as aulas da Capoeira Regional entre 1930 a 1960, dentre as quais se destacam: Beatriz, conhecida como Beata (1930); Dona Francisca, Maria Lúcia e Vilma (1958); Marinalva Nascimento Machado, a Rosa Rubra, Zilá, a Branca de Neve, Virgínia e Ajurimar Tanajura (1960).

No entanto, pouco se sabe sobre as histórias dessas mulheres, exceto a de Marinalva, conhecida por Nalvinha,⁷⁰ que está ativa no universo da capoeira e do samba. Campos (2009) afirma que, desde cedo, ela enfrentou preconceitos e tabus para se inserir nessa luta, mesmo seu pai sendo mestre de capoeira.

No universo da Capoeira Angola, apesar das resistências à presença das mulheres nas academias, Beltrão (2021) revela que o mestre Pastinha disse certa vez, em entrevista ao *Correio da Manhã*, RJ, na edição de 20275, de 1959, que as mulheres brigavam muito, e não eram brigas de mordidas ou puxões de cabelo.

Em torno desse período, no Centro Esportivo de Capoeira Angola, pode-se constatar a invisibilização da presença das mulheres na forma de registrar as informações sobre elas. Dentre os 418 associados com fichas e nomes completos, somente os registros de três mulheres foram identificados com números e imagens, a saber: o nº 113, sobre o qual não há informações de quem seja; o nº 342, que pertencia a Maria de Lourdes Barbosa, comerciária, que se matriculou no dia 2 de julho de 1968; e o nº 380, que era de Arbênia Soares Rezende, também comerciária, que adentrou em 11 de julho de 1969 (CONRADO, 2006; FOLTRAN, 2017).

Ao realizar um levantamento de informações sobre as mulheres em outras academias de capoeira, a tese de Magalhães Filho (2019) sinaliza que as mulheres também estavam presentes na academia do mestre Pelé da Bomba, entre as quais Faquir, Majar e Desordeira. O autor ainda destaca que, pela academia do mestre Gato, passaram algumas mulheres, como: Dulce Aquino,⁷¹ Laís e Paris,⁷² durante o período de intensa repressão que caracterizou a Ditadura Militar.⁷³

Nesse período, também se encontraram indícios de mulheres na Paraíba, a exemplo de Vera Lima da Silva,⁷⁴ que agrediu dois guardas civis, dando um *show* de capoeira (FIGUERÔA, 2021).

⁷⁰ Uma das filhas de mestre Bimba.

⁷¹ Dulce Tamara Lamego Silva e Aqui, licenciada em Dança, doutora em Comunicação e Semiótica, professora e ex-diretora da Escola de Dança da UFBA.

⁷² “Nós éramos radicais, comunistas, e buscávamos uma técnica própria para preparar o corpo do dançarino brasileiro, sem ter que passar necessariamente pelo balé clássico” (MAGALHÃES FILHO, 2019, p. 133).

⁷³ O regime militar durou de 1964 a 1986, foi um período de controle dos corpos, legitimação de prisões e torturas, autoritarismo, manipulação das mídias, dentre outros.

⁷⁴ Segundo o Diário de Notícias do Rio Grande do Sul, em notícia veiculada no dia 2 de março de 1967.

Sobre a existência de mulheres capoeiristas no Rio de Janeiro, Souza (2010) evidencia que, em 1960, o mestre Artur Emídio ensinou capoeira a várias mulheres, dentre as quais a Lucy Maia, que foi campeã brasileira de tênis. Na literatura não foi possível encontrar mais informações sobre Lucy, mas sabe-se que, entre 1941 a 1979, as mulheres foram impedidas de praticar esportes no Brasil (BRASIL, 1941).

O registro da capoeira como prática desportiva ocorre em 1972, por iniciativa do Ministério de Educação e Cultura (MEC), quando se expandem também o processo de institucionalização e uniformização do método de graduação, a organização de torneios, a elaboração de regras, assim como a unificação de golpes e contragolpes (REIS, 2013).

Paulatinamente, ocorre a expansão das academias de capoeira, em diversos municípios e Unidades Federativas do Brasil, tendo destaque o Grupo ‘Senzala’, que intensificou as filiações e franquias em vários lugares do País.

Nesse período, surgem outros formatos de capoeira, como a Capoeira Contemporânea,⁷⁵ que rompe com os modelos tradicionais, mas mantém de alguma forma relação com eles, enquanto referencial de ancestralidade (CRESSONI, 2013). Sobre isso, Falcão (2004, p. 47) esclarece:

[A Capoeira Contemporânea] Constitui-se num amálgama que mistura o formal e o informal, o sagrado e o profano, o científico e o senso comum, o erudito e o popular, o coletivo e o individual, a tradição e a modernidade. Não porque se trata de um novo ‘estilo’ de capoeira. Trata-se de uma nova forma de conceber e realizar os seus fundamentos.

Essa forma de ser capoeirista, que é tão diversa e singular, pode abarcar elementos da Capoeira Angola e/ou da Capoeira Regional, bem como incrementar outras criações, como os golpes acrobáticos (ex.: elástico⁷⁶, aú cotovelo⁷⁷ e aú sem mão⁷⁸) e a introdução e utilização de cordel, corda ou cordão nos sistemas avaliativos dentro dos grupos de capoeira.

Se, por um lado, a modernização e esportivização da capoeira atendiam aos interesses de uma parcela dos(as) capoeiristas, por outro lado, a outra parcela pautava a reafirmação da capoeira e a manutenção da tradição, em consonância com o Movimento Negro.

⁷⁵ Veja-se também a pesquisa de Salazar (2011), que analisou uma das configurações contemporâneas de uma possível interpretação da tradição.

⁷⁶ Esse golpe de defesa foi criado pelo mestre Alabama e consiste em esquivar para trás protegendo o rosto. Essa esquiva é alta, diferente das outras realizadas nos distintos grupos: abaixa-se um pouco a cabeça e distancia-se do(a) adversário(a) no movimento de vai e vem, como um elástico.

⁷⁷ Parece com o movimento aú, conhecido como ‘estrelinha’, porém ao invés de se colocar as mãos para fazer o giro do corpo, colocam-se os cotovelos.

⁷⁸ Esse movimento lembra o aú tradicional, porém, ao realizar o giro, as mãos ficam ao lado do corpo, nenhuma parte do corpo toca o solo no giro de 180°.

A partir da década de 1970, a capoeira se insere nas IES brasileiras, sendo a Faculdade de Educação da UFBA uma das primeiras a trabalhar com a capoeira, por meio do Programa de Melhoria de Ensino Nacional (Premem). Falcão (2004) aponta que, em 1972, a capoeira foi incluída como ‘prática desportiva’ no currículo do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Anos depois, a capoeira seria ofertada como componente curricular obrigatório e/ou optativo nos cursos de Educação Física brasileiros, em distintas IES. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi incluída como componente curricular em 1975; anos depois, na Universidade de São Paulo (USP), passou a ser ofertada como Capoeira I, II e III (REIS *et al.*, 2020). No início da década de 1980, a capoeira foi introduzida na Universidade Católica de Salvador (UCSal),⁷⁹ tendo como responsável o professor Josevaldo Lima de Jesus, conhecido na capoeira como mestre Saci.

Na Bahia, a segunda IES a introduzir a capoeira como componente curricular foi a UFBA⁸⁰, inicialmente ofertada como Prática Desportiva, entre 1978 a 1985, passando a ser componente curricular obrigatório no currículo do curso de Educação Física em 1991. Dentre os(as) professores(as) que lecionaram a capoeira na UFBA, destacam-se os nomes dos pioneiros Hélio José B. Carneiro de Campos e Raimundo Cesar Alves Almeida, conhecidos como mestre Xaréu e mestre Itapoan, respectivamente; e a partir de 1998, após aprovação do concurso público para a disciplina ‘Metodologia do Ensino da Educação Física, com ênfase em estudos de Capoeira’ a professora Amélia Conrado (CONRADO; FRANÇA, 2015), que colaborou significativamente por mais tempo, ao longo de duas décadas, durante as quais, além do ensino, desenvolveu diversas atividades de pesquisa e extensão voltadas para a capoeira.

Posteriormente, outras IES passaram a ofertar o componente curricular ‘Capoeira’, a saber: Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Estácio de Sá, Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec), Centro Universitário de Belo Horizonte

⁷⁹ O meu orientador, Dr. Augusto Cesar Leiro, foi estudante do curso de Licenciatura em Educação Física da UCSal.

⁸⁰ Importante destacar o Projeto ‘Aú: a UFBA e os mestres e as mestras de capoeira’, que traz guardiãs das culturas populares para dentro da Universidade desde 2016.

(UniBH), Universidade Camilo Castelo Branco (Unicastelo), Universidade Nove de Julho (Uninove), Centro Universitário Metodista (IPA), Faculdade Salesiano de Vitória, Faculdade Integrada de Amparo (FALCÃO, 2004), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Estadual Paulista (Unesp) (SILVA, R., 2018).

Um fato que me chamou atenção é que a capoeira foi introduzida nas escolas do estado do Acre por intermédio de professores, em 1992; e na Universidade Federal do Acre, em 1997 (ALBURQUERQUE; RIBEIRO; FERREIRA; 2017), o que aponta para uma singularidade entre as formas de expansão da capoeira nas diversas regiões do Brasil. Além disso, demonstra o compromisso social da Universidade para com a ampliação dos diálogos e das vivências com os saberes populares, experiências que podem, inclusive, inspirar a produção do conhecimento sobre a capoeira nas pesquisas científicas, nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), nas dissertações de mestrado e nas teses de doutorado.

Nesse contexto, é válido acrescentar que um dos primeiros levantamentos de dissertações e teses sobre a capoeira no Brasil foi realizado por Gaspar e colaboradores (2008) e Falcão e colaboradores (2009), que, ao realizar o recorte temporal entre 1980 e 2006, encontraram ao total 85 produções acadêmicas. Outro levantamento sobre a temática foi feito por Domingues e Silva Júnior (2013), entre 2000 a 2011, com o qual encontraram 57 estudos acadêmicos, tendo prevalência às dissertações. Aprofundarei essa discussão no próximo capítulo.

A partir dos anos 2000, a capoeira passa a ter reconhecimento por parte do poder público e a gozar de uma série de conquistas que a valorizam. Cumpre-nos registrar, em razão de sua significância, as gestões do Presidente Luiz Ignácio Lula da Silva, que fomentou ações e políticas públicas culturais em seus mandatos, tendo à frente do MEC Gilberto Gil e Juca Ferreira.

Costa (2013) destaca as ações desenvolvidas pelo governo Lula, como: a Capoeira Viva, os Pontos de Cultura, e as políticas de patrimônio, que colaboraram para o reconhecimento da capoeira pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2008.

Em 2014, o Registro do Ofício de Mestres e a roda de capoeira foram reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para

Educação, Ciência e Cultura (Unesco). E, recentemente, em Salvador, a capoeira foi reconhecida como atividade educativa pela Lei Estadual 23.281/2019 (Lei Moa do Katendê).⁸¹

Sem dúvidas, esses reconhecimentos são esforços coletivos protagonizados por pessoas que compreendem a potencialidade da capoeira nos aspectos educativos, sociais, identitários, culturais, etc. Entretanto, a garantia das conquistas sociais sofre interferências dos gestores públicos, que podem contribuir para o avanço ou retrocesso das gestões anteriores.

Ao longo desse processo, é pertinente ressaltar as diversas tentativas de intervenção por parte do Conselho Federal de Educação Física (Confef) e do Conselho Regional de Educação Física (Cref) para regulamentar o exercício da profissão de Educação Física, a fim de instituir a obrigatoriedade de filiação ao Confef/Cref e a formação acadêmica em Educação Física ou a realização de cursos para a formação de mestres(as) de capoeira.

Essas perseguições em nada colaboram com a vida dos(as) capoeiristas; pelo contrário, dificultam e afetam a legitimidade do Ofício de Mestres(as) de Capoeira. Portanto, ao longo do processo histórico, os(as) capoeiristas resistiram e lutaram contra toda forma de opressão e preconceito, buscando estratégias de sobrevivência, manutenção e propagação dos saberes ancestrais da capoeira dentro e fora do país.

Diante de tantos avanços e retrocessos que impactaram a vida dos(as) capoeiristas ao longo da história, o advento do novo coronavírus⁸² vem impactando drasticamente a dinâmica das pessoas, nos aspectos sociais, econômicos, educacionais, etc. Como forma de prevenir e conter o avanço da Covid 19, foram suspensas, durante meses, as atividades educacionais, sociais, entre outras.

Durante muitos meses, a população brasileira ficou desassistida, sem políticas públicas que amenizassem o aumento das desigualdades sociais e os discursos de ódio. As *Fake News* se disseminaram em torno da pandemia e das medidas sanitárias, e os ataques e cortes orçamentários aos diversos serviços públicos têm gerado inúmeros impactos negativos, sobretudo para as pessoas em vulnerabilidades sociais.

Nesse período, diversos(as) capoeiristas realizaram *lives*, ministraram cursos, treinos e outras atividades de forma remota, gratuitamente ou mediante valores diversificados, no Brasil e em outros países. Em alguns casos, além de encontros remotos, foram divulgadas diversas rifas em grupos de WhatsApp, pedidos de ajuda para inúmeras pessoas, inclusive para mestras(es) de capoeira que perderam suas fontes de renda e tiveram que fechar suas academias,

⁸¹ Romualdo Rosário da Costa foi morto a facadas por causa de uma discussão sobre política em 8 de outubro de 2018.

⁸² Pandemia formalmente declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020.

ou que perderam empregos temporária ou permanentemente. Ao refletir sobre o contexto atual, compus a seguinte poesia:

Isolamento, medo e pandemia
 Juntar as pessoas virou agonia.
 Trabalho dobrado e invisibilizado
 As violências contra as mulheres em ritmo acelerado.
 Estresse, incerteza e desamparo
 Escassas políticas públicas em um (des)governo desacreditado.
 Que caminha no sentido contrário, negando a ciência
 Descumprindo qualquer medida sanitária.
 Defendendo medicamento que não tem eficácia.
 A compra da vacina foi atrasada,
 enquanto isso as mortes foram adiantadas.
 No Brasil, o aumento foi das desigualdades
 Anos levaremos para reparar essa maldade.
 Tempos difíceis de alta do desemprego, da inflação
 Da violência e até da evasão.
 Não baixaremos a guarda, nem deixaremos de gingar
 Na volta ao mundo a democracia vai ganhar.

Para avançar nessa reflexão, Vieira e Silva (2020) discutem sobre a capoeira, o confinamento e a salvaguarda, sobre alguns impactos da Covid-19 na vida dos(as) capoeiristas, apontam a descontinuidade das políticas públicas de cultura e avaliam a potencialidade das redes sociais e de outros recursos tecnológicos para a disseminação da informação de qualidade sobre a capoeira.

O estudo de A. Sena (2018) aponta a relevância das interações entre os(as) capoeiristas e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para o avanço da produção cultural e da subjetividade dos(as) capoeiristas. O autor ainda ressalta que:

O ser humano acaba por precisar aprender a lidar, a conviver, a se expressar num novo tipo de “lugar”, ou “não lugar”, onde ocorrem o trânsito de informações e comunicações, um ambiente *ciber*, um mundo virtual. As pessoas podem, nessa nova realidade, se expressar por meio de opiniões, fotos, exposição da vida pessoal, compartilhamento de dados, de reportagens, sentimentos, entre inúmeros outros que ganham “corpo” de diversas maneiras de acordo com o padrão proposto nas diferentes redes sociais virtuais. (SENA, A., 2018, p. 27).

Apesar de as TICs fazerem parte do cotidiano das pessoas na contemporaneidade, as produções científicas sobre a temática apontam um distanciamento da realidade virtual. Esta nos possibilita refletir sobre as novas (velhas) formas de aprender, ensinar, relacionar-se e produzir conhecimento no universo da capoeira.

Apesar de não ser o foco do meu estudo, é importante que surjam novos estudos que se debrucem sobre a temática da capoeira em tempos de pandemia, compreendendo a complexidade desse fenômeno na vida dos(as) praticantes dessa manifestação cultural, bem como os reais impactos da pandemia na vida das mulheres mestras de capoeira.

Na seção seguinte, busco discutir sobre o processo de internacionalização da capoeira, apontando alguns fatores que colaboraram para a expansão da capoeira fora do Brasil, para o ingresso dos(as) pioneiros(as) e a inserção das mulheres em distintos países.

2.3 INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA: AS MESTRAS FORA DO BRASIL

Viva Bahia, Viva Bahia
 Viva Emília Biancardi
 Mestre Dinho e seu Pastinha
 Viva Bahia, Viva Bahia
 Viva Emília Biancardi
 Mestre Bimba e Canjiquinha
 (MESTRE TONHO MATÉRIA).⁸³

A capoeira é uma manifestação cultural que, na contemporaneidade, está difundida por distintos espaços geográficos, dentro e fora do Brasil. O processo de internacionalização da capoeira ocorreu devido a diversos fatores, como: mobilidade dos(as) capoeiristas, viagens de grupos folclóricos, produção e divulgação de filmes sobre a capoeira fora do Brasil, jogos digitais, dentre outros aspectos que colaboraram para a transnacionalização da capoeira.

O processo de internacionalização, defendido por Knigt (2003) e Piccin e Finard (2019), relaciona-se às trocas entre povos, culturas e países, envolvendo ainda a mobilidade das pessoas e a cooperação entre instituições conveniadas (LEIRO; ROSÁRIO, 2017; LEIRO; TORRES; FERNANDES, 2018).

Já o conceito de transnacionalização se refere ao deslocamento, a uma desnaturalização da relação com a cultura nacional, que, com isso, vai “[...] tencionando assim suas estruturas, transformando-o em um campo transnacional de fluxos tanto de pessoas, quanto de códigos e símbolos” (FERNANDES, 2013, p. 158).

Andrade (2021), a partir de seu estudo, aponta a diferença entre a internacionalização e a transnacionalização da capoeira, sendo a primeira um processo voltado às alterações e definições nas formas de ser praticada, ao passo que a segunda revela que os processos transnacionais ocorrem independentemente de haver imigrantes de um país para o outro. Esse

⁸³ Trecho da música *Viva Bahia*, do mestre Tonho. Matéria em homenagem a Emília Biancardi, em 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2ZiVq8I>. Acesso em 26 de set. 2021.

é um debate atual, que só recentemente veio a ser estudado, demonstrando os outros contornos que a capoeira pode assumir quando uma cultura se torna globalizada.⁸⁴

No tocante à mobilidade dos(as) capoeiristas, Nascimento (2015) sinaliza que muitos(as) capoeiristas viajaram por conta própria para os Estados Unidos e a Europa a partir da década de 1960. Esse período ficou demarcado como a primeira onda de emigração, composta por pioneiros, aventureiros, bailarinos, músicos e dançarinos dos grupos folclóricos.

Durante a primeira onda de emigração, aconteceu um fato inusitado: em 1966, mestre Pastinha, juntamente com outros mestres, como João Grande, Gildo Alfinete, Camafeu de Oxossi, Gato, Olga de Alaketu, entre outros, a convite do Itamaraty, foram convidados a representar a capoeira no Festival de Artes Negras da África, em Dakar. Esse encontro veio a confirmar a relação existente entre a capoeira e a cultura corporal africana⁸⁵ (CASTRO, 2007).

Nesse período, distintas viagens coletivas foram realizadas por grupos folclóricos,⁸⁶ como o Viva Bahia e o Brasil Tropical, que tiveram papel fundamental na expansão da capoeira fora do País (ESTEVES, 2003; NASCIMENTO, 2015). O primeiro grupo foi fundado pela etnomusicóloga Emília Biancardi,⁸⁷ em 1962.

Emília Biancardi, por intermédio de seu grupo folclórico, possibilitou a ida de vários capoeiristas⁸⁸ para realizar *shows* e apresentações culturais fora do Brasil, por quase 20 anos, o que favoreceu a permanência de vários capoeiristas no exterior, como foi o caso do angoleiro mestre João Grande⁸⁹.

Nas apresentações culturais do grupo folclórico de Biancardi, foi registrada a presença de uma única mulher, que compôs o elenco de artistas para as apresentações de capoeira e

⁸⁴ Ortiz (2009) entende a globalização como uma compreensão de tempo e o atravessamento de fluxos entre as diversas partes do mundo.

⁸⁵ A pesquisa de Assunção (2020) identificou a existência de um parentesco entre o *engolo* e a capoeira, que compartilham não só técnicas corporais, mas também amplos significados culturais; entretanto, não afirmou que o *engolo* é ancestral da capoeira, como é propagado por muitos(as) capoeiristas.

⁸⁶ Nascimento (2015) reconhece outros grupos que divulgam a capoeira, qual sejam: Olodumaré, Oxún e Afonjá.

⁸⁷ Emília Biancardi Ferreira tem descendência italiana e portuguesa-africana, foi professora de Música e Canto Orfeônico no Instituto de Educação Isaías Alves (SILVA, N., 2017).

⁸⁸ Já fizeram parte do grupo os mestres: Alabama, João Grande, Cabeludo, Bom Cabrito, Boca Rica, Saci, Beijoca, Bira, Camisa Roxa (ESTEVES, 2003), Acordeon, Pastinha (FOLTRAN, 2017), António Diabo, Amém, Loremil, Manuel Pé de Bode e Jelon, percorrendo a América do Sul, os Estados Unidos, a África e o Médio Oriente.

⁸⁹ Nasceu em Itagi, BA, em 1933. Discípulo do mestre Pastinha, propaga o legado angoleiro nos Estados Unidos desde 1990, onde foi reconhecido doutor *honoris causa* pela Upsala College.

maculelê, cujo nome era Luísa Sampaio⁹⁰ (FOLTRAN, 2017), que, inclusive, participou de turnês e chegou a morar em Nova Iorque na década de 1970.

Posteriormente, Luísa foi eliminada dos *shows* da capoeira por Emília Biancardi, pois esta entendia que deveria alimentar o imaginário social da capoeira, que era constituído majoritariamente pelo público masculino. Importante situar que se trata de um período em que as mulheres ainda não tinham conquistado diversos direitos sociais e de intensa repressão por parte do Regime Militar, portanto havia uma conjuntura política e social que influenciava a reprodução e naturalização do sexismo.

Foltran (2017) ainda sustenta que a participação de Luísa, tanto nos ensaios de maculelê quanto na Academia do mestre Pastinha, evidenciava opressões e violências machistas, pois ela tomava pauladas nas mãos durante os ensaios e era atacada com pedras ao se aproximar da referida academia. Esses comportamentos agressivos colaboraram (ainda colaboram) para que muitas mulheres desistissem de estar nos espaços da capoeira.

O outro grupo folclórico que colaborou para a expansão da capoeira fora do Brasil foi o Brasil Tropical, conduzido pelo mestre Camisa Roxa e empresariado por Miecio Ascanany. Dentre os capoeiristas que conseguiram se estabelecer fora do País, destaca-se o mestre Martinho Fiuza (FERNANDES, 2013).

Nesse período, com o avanço da folclorização da capoeira e a expansão da atividade turística, vendia-se o ‘produto’ da capoeira e ocorria a transmutação de uma manifestação cultural que lutava contra e/ou cedia aos interesses do capital, entre disputas e discursos de capoeiristas de distintas vertentes, que buscavam manter a autenticidade e tradição.

Para Esteves (2003), a relação entre capoeira e turismo, assim como a espetacularização dessa dança/luta, deixou marcas profundas na construção de pseudoidentidades que associam o povo baiano à preguiça, à festa e à permissividade, reproduzindo os estereótipos da sensualidade e do erotismo vinculados à imagem das mulheres pardas e negras, frutos da colonização e da escravização no Brasil.

Fernandes (2013) e Nascimento (2015) ainda comentam que uma das estratégias adotadas pelos homens para permanecerem no exterior era o casamento com estrangeiras. Nesse sentido, a mulher passa a ser vista como objeto sexual para a legalização do capoeirista fora do

⁹⁰ “Foram mais de 10 anos de apresentações. Nos anos duros da ditadura, chegou a ser presa, junto com os demais integrantes do grupo. Viveu em Nova Iorque por 6 meses, em turnê com o Viva Bahia, na década de 1970. Neste período, já era casada e tinha uma filha de 2 anos. Marido e filha permaneceram no Brasil no ano de 1974, enquanto Luísa se apresentava nos Estados Unidos, informação que desafia o binarismo de gênero lançado na interpretação androcêntrica da fotografia” (FOLTRAN, 2017, p. 100).

Brasil. Em alguns casos, os mestres e professores se envolviam com suas alunas, extrapolando os limites éticos, tanto no Brasil como fora dele.

As mulheres também protagonizaram suas histórias e desenvolveram trabalhos como capoeira fora do País, como ocorreu com a mestra Sylvia,⁹¹ a pioneira a chegar em Londres. Falcão (2004) também destaca alguns mestres pioneiros, como Nestor, que se instalou em Londres em 1971; mestre Umoi, em Portugal; mestre Acordeon, em 1978; mestre Amém, na Califórnia, em 1989; mestre João Grande, em Nova Iorque, em 1990; assim como mestre Barrão, em 1994; mestre Magô, em Portugal (LEITÃO, 2004); e os mestres Pavão e Jelon, nos Estados Unidos.

É importante destacar outros nomes de mulheres que foram se inserir no cenário internacional, desenvolvendo trabalhos com a capoeira: mestra Maria do Pandeiro,⁹² mestra Edna Lima,⁹³ mestra Cigarra,⁹⁴ mestra Marisa, mestra Ana Dourada, mestra Pintada, mestra Meirelou, mestra Úrsula, mestra Sapeca, mestra Jerusa, mestra Cris, mestra Lagosta, mestra Nega Uara, mestra Nagô e mestra Sorriso.

Ainda há mestras que participam de eventos de capoeira e desenvolvem trabalhos esporádicos a convite de outros(as) capoeiristas ou acompanham suas filiais fora do Brasil, dentre as quais se pode destacar: Janja, Paulinha (PINHEIRO, 2018), Sueli Cota, Rufatto, Borboleta, Suri-Sam (SOUZA, 2010).

Não posso deixar de citar que há mestras que nasceram em outros países, sendo de origem canadense, estadunidense, mexicana e israelense, a exemplo de Collete (Canadá), Suelly (Estados Unidos), Rosita (México), Dini e Noa (Israel).

A exportação da capoeira pode ser vista sob diversos ângulos, acumulando avanços e retrocessos no interior dessa manifestação cultural, em consonância com as transformações socioeconômicas. Com a vasta disseminação da capoeira fora do Brasil, pode existir um processo significativo de valorização e reconhecimento, bem como a possibilidade de trocas de experiências, aumentando o fluxo de turistas no Brasil, dentre outros. Por outro lado, podem ocorrer modificações, ressignificações e disputas em torno dos rituais, códigos e normas da capoeira.

⁹¹ Para saber mais, confira o estudo de Granada (2017).

⁹² Segundo Fernandes (2014), a mestra Maria Pandeiro foi para Holanda em 1987 e lá fundou seu grupo conhecido por Dandara de Bremen.

⁹³ Ela chegou aos Estados Unidos em 1988, ensinando capoeira *workout* na Chelsea Pier, onde recebeu o título de melhor *fitness* em 2000 (FALCÃO, 2016).

⁹⁴ Ela fundou o Centro de Artes Brasileiras nos Estados Unidos.

Entre a luta pela preservação da tradição e a rápida expansão da capoeira, nos anos 1990, ocorre à segunda onda de imigração, durante a qual os saltadores e valentões viajaram a convite de outros capoeiristas, já estabelecidos fora do País (NASCIMENTO, 2015).

Outro fator que cooperou para a expansão da capoeira fora do Brasil foi o lançamento do filme norte-americano *Only the strong*, conhecido como *Esporte sangrento*, na década de 1990. A partir dele, distintas pessoas foram aprendendo os movimentos da capoeira e até fundaram grupos para trocarem experiência sobre a arte, sem a figura central de um(a) brasileiro(a), em especial o(a) mestre(a) de capoeira presente.

Um dos defensores da ‘Capoeira sem mestre’ é Lamartine P. da Costa, que há décadas produz livros em que ensina capoeira e defende a prática da capoeira sem a figura do(a) mestre(a). Como pensar na manutenção de uma manifestação cultural sem a presença de mestres(as), que são guardiões(ãs) de saberes populares? Qual o ofício dos(as) mestres(as) de capoeira? Esses questionamentos contundentes, que alargam a compressão da maestria, serão respondidos no decorrer da escrita.

Retomando os fatores que colaboraram para a expansão da capoeira fora do Brasil, pode-se destacar ainda a disseminação de jogos digitais como *Tekken 3*, *Tekken 4*, *Martial Artes* e *Legends Path to Freedom*⁹⁵ (FIRMINO, 2011).

O estudo de Araújo, Bessa e Monteiro (2019) identificou 20 personagens brasileiros(as) em 19 títulos de jogos de lutas, de 13 franquias diferentes, entre 1991 a 2016. Os autores verificaram que as figuras femininas foram estereotipadas e sexualizadas, cabendo uma reflexão profunda sobre os moldes do patriarcado e suas influências em diversas instâncias, questão sobre a qual discorrerei mais adiante.

A terceira onda imigratória aconteceu nos anos 2000, durante a qual especialistas e migrantes sazonais viajaram para distintos países (NASCIMENTO, 2015). Nesse período, a capoeira alcançou mais de 170 países,⁹⁶ estando presente em todos os continentes: Ásia, África, Europa, América e Oceania.

Diante desses fatores, a capoeira foi paulatinamente ganhando contornos transnacionais, com ressonâncias nas pesquisas acadêmicas acerca das experiências dessa manifestação cultural em distintos países, como: Argentina, França, Espanha, especialmente em Madri, Alemanha, Portugal, entre outros.

⁹⁵ É ambientado no Rio de Janeiro, em junho de 1828, com a finalidade de guiar o protagonista, Gunga Za, que é guerreiro do Mocambo das Estrelas, para libertar seus colegas aprisionados e assim combater os homens liderados pelo chefe da guarda imperial, Paschoal dos Reis (FERREIRA, B., 2011).

⁹⁶ Os estudos de Campos (2009) e Vidor e Reis (2013).

O levantamento mais recente aponta a existência de mais de 7 milhões de capoeiristas só no Brasil e aproximadamente 10 milhões em todo o mundo,⁹⁷ entretanto ainda não há produção científica ou documento oficial que aponte um levantamento mais consolidado sobre os(as) capoeiristas, sobretudo mestras(es) e grupos de capoeira.

Apesar desse avanço quantitativo e qualitativo na produção do conhecimento sobre a capoeira, ainda há uma carência de estudos científicos que se debruçam sobre as histórias, as narrativas e os percursos formativos de mulheres na capoeira, dentro e fora do Brasil.

2.4 NOTAS SOBRE AS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DENTRO E FORA DA CAPOEIRA

A discussão a seguir será pautada nas trajetórias das mulheres. Por meio dela, busco compreender as relações de gênero sob o viés interseccional, os papéis desempenhados pelas mulheres, as tensões e as lutas em torno das conquistas sociais, dentro e fora da capoeira.

De acordo com Bourdieu (1996, p. 189), a categoria trajetória pode ser compreendida como “[...] uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

Falar de trajetória é tão complexo, pois remete à singularidade da história de vida, refletindo os contextos geográfico, histórico, social, entre outros. O trajeto, o caminho percorrido por uma pessoa, pode ter idas e vindas, movimentos, circularidades, encruzilhadas, tensões e conquistas, que se relacionam “[...] ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis” (BOURDIEU, 1996, p. 190).

A trajetória das mulheres na capoeira, na atualidade, tem ganhado visibilidade; paulatinamente, aumentam os estudos que se debruçaram sobre a história e a narrativa das mulheres, buscando compreender o androcentrismo, esclarecer o machismo, responder questões sobre a ocupação desigual do poder e assim explicar os interesses culturais dos públicos masculino e feminino (LEIRO, 2002).

Ao buscar entender a história das mulheres na capoeira e em diversas práticas culturais, defrontamo-nos com inúmeros obstáculos, dentre os quais o primeiro é a escassez de fontes documentais, que, de acordo com Perrot (1989), invisibiliza e silencia as histórias das mulheres.

⁹⁷ Disponível: <https://bit.ly/30WmI5a>. Acesso em: 10 de ago. 2021.

Mesmo diante dessa barreira, que pode comprometer a produção do conhecimento e assim colaborar para a fragilidade da escrita, foi possível encontrar indícios de mulheres na capoeira desde 1817, nos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia, de Pernambuco, do Paraná, de Alagoas, do Maranhão, do Pará e do Amazonas. Essas mulheres eram conhecidas por serem valentes, brabas e subversivas, sofriam duplas resistências: primeiro, pela condição de ser mulher numa sociedade sustentada no molde patriarcal; e segundo, por serem negras e/ou estarem envolvidas numa prática marginalizada e proibida até a década de 1930.

Algumas dessas mulheres valentes, ao lado de tantas outras, exerceram papéis de liderança em quilombos, nas guerras e resistências ocorridas ao longo da história do Brasil, dentre as quais se destacam: Acotirene,⁹⁸ Aqualtune,⁹⁹ Esperança Garcia,¹⁰⁰ Tereza de Benguela,¹⁰¹ Na Agontimé,¹⁰² Maria Crioula,¹⁰³ Maria Aranha,¹⁰⁴ Maria Felipa,¹⁰⁵ Dandara dos Palmares,¹⁰⁶ Zeferina,¹⁰⁷ Zacimba Gaba,¹⁰⁸ Rainha Nzinga,¹⁰⁹ Joana Angélica¹¹⁰ e Maria Quitéria.¹¹¹

⁹⁸ “Foi uma matriarca do Quilombo dos Palmares, onde já estava antes de Ganga-Zumba ou Zumbi.” (SANTOS, F., 2019, p. 159).

⁹⁹ Filha de um rei no Congo, que foi escravizada e trazida para o Brasil (SANTOS, F., 2019).

¹⁰⁰ História marcada no Piauí, quando ela escreveu uma carta para o presidente da Província, denunciando os maus tratos que sofria com o seu filho (SANTOS, F., 2019).

¹⁰¹ “Líder quilombola, no Quilombo de Quariterê. Dia 25 de julho no Brasil é oficialmente o dia de Tereza de Benguela, uma data para enfatizar a luta das mulheres negras no país” (SANTOS, F., 2019, p. 159).

¹⁰² Antiga rainha do reino de Daomé, conhecido como Benim, ela foi escravizada no Maranhão, onde foi renomeada como Maria Jesuina. Foi fundadora da famosa Casa das Minas (SANTOS, F., 2019).

¹⁰³ Foi líder de uma das revoltas no Rio de Janeiro, no Vale do Café (SANTOS, F., 2019).

¹⁰⁴ “Líder do Quilombo do Mola, em Tocantins, Maria Aranha liderou seu povo contra invasões” (SANTOS, F., 2019, p. 160).

¹⁰⁵ “Liderou um grupo de 40 mulheres na luta pela Independência da Bahia, ajudando a queimar 42 embarcações portuguesas que aguardavam a ordem para invadir Salvador e reprimir as ações pela independência baiana” (SANTOS, F., 2019, p. 160).

¹⁰⁶ “Mulher negra guerreira na resistência contra a escravidão no Brasil, líder do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi.” (SANTOS, F., 2019, p. 160).

¹⁰⁷ Líder do Quilombo de Urubu, na Bahia, lutou contra a escravidão (SANTOS, F., 2019).

¹⁰⁸ “Foi uma guerreira que resistiu, vingou-se e provocou uma revolta das pessoas escravizadas contra a Casa Grande, liderando seu povo até um Quilombo, onde foi rainha.” (SANTOS, F., 2019, p. 160).

¹⁰⁹ “Rainha Nzinga Mbandi Ngola (*1581 + 1663), líder da resistência do povo Mbundi, na luta contra a escravidão e para o empoderamento das mulheres no continente africano” (SANTOS, F., 2019, p. 161).

¹¹⁰ “Em 1822, tropas portuguesas ocupavam a cidade de Salvador, desde o Dia do Fico. Soldados e marinheiros portugueses embriagados tentaram invadir o convento da Lapa. Joana, aos 60 anos, impediu com o próprio corpo a entrada deles no convento, recebendo golpes de baioneta como resposta. Joana tornou-se a primeira mártir da grande luta que continuou até 2 de julho.” (SANTOS, F., 2019, p. 161).

¹¹¹ “Uma das principais personagens da Independência, Maria Quitéria fugiu de casa para lutar pela Bahia. Vestiu-se de homem para entrar no batalhão dos Voluntários do Príncipe. Após ser descoberta, permitiram que seguisse no combate, pois mostrava muita habilidade com armas. Lutou na Bahia de Todos os Santos, na Ilha de Maré, Barra do Paraguaçu, na cidade de Salvador, na estrada da Pituba, Itapuã e Conceição. Em 2 de julho de 1823, Maria Quitéria foi recebida em festa junto ao ‘Exército libertador’. Foi a primeira mulher a assentar praça numa unidade militar das Forças Armadas brasileiras e a entrar em combate pelo Brasil” (SANTOS, F., 2019, p. 161).

Essas mulheres guerreiras são lembradas em composições de cantigas de capoeira e homenageadas em nomes de coletivos de mulheres, dentre outras formas que as mantêm no imaginário popular, entretanto, em sua maioria, são invisibilizadas nas produções acadêmicas. Desse modo, ancorada em B. Santos (2019), reafirmo a importância de revalorizar os conhecimentos e as práticas não hegemônicas que são contra o epistemicídio.

Dando um salto qualitativo, na década de 1970, a categoria gênero ganha repercussão dentro do movimento feminista. Cabe-nos destacar que as relações de gênero se referem às construções sociais em torno das feminilidades e masculinidades, ou seja, o ser mulher e o ser homem, respectivamente.

Portanto, nesse primeiro momento de articulação entre as mulheres, conhecido como sufragismo, a primeira onda do feminismo pautava o direito ao voto. Já a segunda exigia melhores salários para as mulheres, de forma igualitária aos homens, e a terceira onda teve como pauta as construções teóricas, além de preocupações sociais e políticas. O movimento feminista ainda reivindicava a organização da família, a oportunidade de estudo e o acesso a certas profissões (LOURO, 2014).

Um dos livros clássicos foi o de Simone Beauvoir (1970), intitulado *O segundo sexo*, que reflete sobre a condição de ser mulher na sociedade, as opressões das mulheres nos moldes do patriarcado,¹¹² os papéis sociais desiguais, sob a justificativa biológica, colocando a mulher no lugar do Outro.

No sistema patriarcal, a imagem que se tem do homem é a de provedor, forte, autoritário, superior, racional, enquanto a mulher é vista como um ser frágil, submisso, emotivo, sensível, inferior, etc. O patriarcado reforça a ideia permanente de fragilidade da mulher pelo viés biológico, sendo um discurso que tenta impedir de distintas formas o reconhecimento de mestras de capoeira, por exemplo.

O patriarcado não só oprime as mulheres mas também as pessoas que fogem ao padrão heteronormativo, como lésbicas, bissexuais, gays e transgêneros; assim como pessoas de outras identidades étnicas, como negras e indígenas. Sob tal perspectiva, emerge a compreensão de Hooks (1981) de que o sistema capitalista patriarcal continua imperialista, racista, sexista e opressivo.

¹¹² “Compreendido por meio da história do contrato sexual, permite a verificação da estrutura patriarcal do capitalismo e de toda a sociedade civil. Focalizar o contrato sexual, colocando em relevo a figura do marido, permite mostrar o caráter desigual deste pacto, no qual se troca obediência por proteção.” (SAFFIOTI, 2011, p. 128).

Para ampliar a reflexão, diversas estudiosas negras questionaram a visão eurocêntrica e universalizante da categoria mulher, lançando mão de marcadores como: raça, classe e gênero (BAIROS, 1995; DAVIS, 2017; AKOTIRENE, 2019; COLLINS, 2019), sexualidade e raça (CARDOSO, 2014; WERNECK, 2017), dentre outras identidades que possibilitem o avanço da produção de conhecimento no enfrentamento das desigualdades raciais e de gênero.

Em contraposição ao feminismo hegemônico, Collins (2017) assinala que as intelectuais negras criaram o feminismo negro/mulherismo. Apesar de ter nomenclaturas diferentes, ambos abordam a questão de gênero sem atacar os homens, abrindo espaços para que eles participem, na perspectiva de abraçar a heterogeneidade dentro das comunidades de mulheres negras.

No cerne dessa questão, podem acontecer dois episódios contraditórios: as mulheres brancas não abarcarem a diversidade, nem os distintos marcadores identitários, reproduzindo assim o racismo; e os homens negros reproduzirem o machismo com as mulheres negras. Nesse sentido, entendo que o racismo e o sexismo são eixos estruturantes de opressão e exploração (CARDOSO, 2014; DAVIS, 2017) que se coadunam entre si e reproduzem estereótipos e estigmas que prejudicam a identidade racial e o valor social (CARNEIRO, 2003).

Nesse sentido, faz-se necessário compreender o conceito de interseccionalidade, que, segundo Crenshaw (2002, p. 177), “[...] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”. Dessa forma, torna-se urgente unificar os sistemas de opressão, mas sem sobrepor uns aos outros, como forma de superação do feminismo hegemônico e da dominação racial.

Essa discussão não se esgota na tese, dada a sua relevância e a necessidade de luta constante numa sociedade centrada nos moldes patriarcais, que naturaliza as desigualdades nos papéis sociais, assim como as opressões e violências contra as mulheres. Podem-se conferir os dados recentes nos documentos *Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil* (FBSP, 2019b) e *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020* (FBSP, 2020), que expõem os números alarmantes de mulheres vítimas de violências e a falta de políticas públicas de enfrentamento às violências de gênero no Brasil.

Essa realidade está presente também no contexto da capoeira, pois, em 2020, aconteceram duas mortes que tiveram ampla repercussão midiática: duas professoras mortas, uma a tiros e a outra com sinais de violência sexual, em São Paulo e no Paraná, respectivamente. Para além disso, alguns mestres de um dos maiores grupos de capoeira do mundo estão sendo acusados de estupro, e isso tem levado a uma série de manifestações por parte dos(as) capoeiristas, com notas de repúdio, realização de *lives*, entre outras ações. Paradoxalmente, eles

continuam a participar dos eventos de capoeira, sendo venerados por seus(suas) discípulos(as) e outras lideranças.

Sobre isso, a mestra Renatinha publicou um artigo aprofundando o debate em torno da ética da organização de grupos, no qual aponta a influência da lógica individualista e capitalista na modernização e colonialidade, a partir das análises de casos recentes de abuso sexual e moral (MARTIELO, 2021).

Com isso, faz-se necessário descolonizar os saberes e superar o controle colonial, que ocorre desde a chegada europeia e se estende até a fundação do mundo moderno, uma vez que a colonização afetou (e ainda afeta) intensamente os comportamentos, as posturas, as práticas culturais e educativas na sociedade. Dessa forma, pode-se observar ainda a subalternidade da posição da mulher, sua submissão ao homem, sua exclusão de postos de poder e o racismo estrutural na pequena e na grande roda. Portanto, B. Santos (2019) afirma que é preciso desnaturalizar e deslegitimar mecanismos específicos de opressão.

Portanto, somente através da luta coletiva é que se pode modificar essa realidade, combatendo-se as violências e as desigualdades de gênero, a barbárie, a alienação do sujeito, a masculinidade tóxica, o feminicídio, a misoginia, a LGBTfobia, entre outras opressões. Essa luta deveria passar pelos processos de ensino-aprendizagem na capoeira, na formação de capoeiristas, com objetivo de tornar os(as) futuros(as) mestres(as) conscientes de seu papel e atuação na sociedade diante de um projeto histórico para além do capital.

A seguir, buscarei explicar os processos formativos nas principais vertentes de capoeira, os rituais de ensino-aprendizagem e o sistema de avaliação em grupos de capoeira.

2.5 PROCESSOS FORMATIVOS NA CAPOEIRA: AS(OS) MESTRAS(ES) NA RODA

Para falar de processos formativos na capoeira, é preciso superar a ideia corriqueira do senso comum de que a formação se remete somente aos processos de ensino-aprendizagem da educação formal em escolas, universidades e faculdades, como locais específicos e privilegiadas para formar as pessoas para o convívio social, uma vez que a forma mais antiga de educação estava atrelada às relações interpessoais no âmbito familiar e comunitário.

A educação perpassa pelas relações sociais, ela é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que colabora para criar, ressignificar e inventar as formas de ensinar e aprender dentro de uma sociedade, com as quais se formam as pessoas (BRANDÃO, 2007).

Todavia, é importante demarcar os campos da educação; segundo Gohn (2006), a educação pode ser dividida em: a) educação formal, que ocorre em ambientes normatizados,

com padrões e regras estabelecidos, como as escolas, por exemplo; b) a educação informal, que acontece em ambientes espontâneos em que haja socialização entre os indivíduos; e c) a educação não formal, que se vincula aos espaços e às ações coletivas do cotidiano, como nos grupos de capoeira, por exemplo.

Portanto, o foco é discutir sobre os processos educativos não formais na capoeira enquanto espaço-tempo singular de vivências, no qual as pessoas podem aprender: movimentos corporais, ampliando seu repertório motor; valores sociais como o respeito, a solidariedade, a empatia e hierarquia; a superar os medos e os obstáculos; a se relacionarem melhor com o(a) outro(a) e consigo mesmas; as questões históricas, por meio da oralidade e das cantigas; a valorizar os(as) mais velhos(as), que são guardiões(ãs) da tradição, etc.

Os processos de ensino-aprendizagem na capoeira podem extrapolar a realização de movimento corporais, envolvendo as percepções, as habilidades físicas, a consciência corporal, a identidade cultural, a postura política, as expressões artísticas (FRANÇA, 2018a), a sensibilidade musical, o domínio nos toques de instrumentos (pandeiro, agogô, reco-reco, atabaque e/ou berimbau) e os processos criativos, teatrais, dançantes ou combativos.

Nos treinamentos e nas rodas de capoeira, os(as) capoeiristas vão aprendendo com seus(as) mestres(as) inúmeros golpes de ataque e defesa, floreios, formas de gingar diante dos obstáculos, situações de jogo e ensinamentos de vida, que tanto podem colaborar para a transformação quanto para a alienação ou deformação dos indivíduos.

Isso depende de vários fatores e experiências da parte de quem ensina, da figura central do(a) mestre(a), que geralmente conduz os ensinamentos, podendo dialogar de forma horizontal, exercendo o papel de mediador, ou de forma vertical, como único detentor do conhecimento, como ocorre na educação bancária, na qual, segundo Paulo Freire (1996, p. 62):

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem paciente-mente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Na educação bancária, os(as) alunos(as) são passivos(as), não têm autonomia de decidir, problematizar, propor e ser corresponsáveis por sua formação. É preciso pensar numa educação que seja crítica, reflexiva e plural nos diversos contextos sociais, sobretudo nos espaços da capoeira:

Não nos educamos para algo fora de nós, além de nós. Principalmente para algo situado dentro dos limites e da lógica utilitária do mercado de bens e

capitais. Nós nos educamos para ‘fazer’, para ‘produzir’. Mas nós nos educamos, antes de mais nada, para ‘conviver’ e para ‘ser’. Não para o desenvolvimento econômico, mas para o desenvolvimento humano, ao qual devem servir todos os outros. (BRANDÃO, 2008, p. 117).

Nesse sentido, fazem-se necessárias práticas educativas que superem as contradições do capital, que abarquem as distintas formas de ensinar e aprender, considerando a diversidade de corpos, respeitando as diferenças, atendendo às necessidades individuais e coletivas com pedagogias humanizadoras, decoloniais, que nos possibilitem repensar em formas diferentes de ser e estar no mundo (WALSH, 2014).

Pedagogías que animan el pensar desde y con genealogías, racionalidades, conocimientos, prácticas y sistemas civilizatorios y de vivir distintos. Pedagogías que incitan posibilidades de estar, ser, sentir, existir, hacer, pensar, mirar, escuchar y saber de otro modo, pedagogías enrumbadas hacia y ancladas en procesos y proyectos de carácter, horizonte e intento decolonial (WALSH, 2013, p. 28).

Essas pedagogias seguem uma outra lógica, que não atende aos ditames do capitalismo, o qual visa apenas ao capital, colabora para a alienação, a homogeneização e a exploração dos(as) capoeiristas, tratando a capoeira como mercadoria. Sobre isso, Conrado (2015) esclarece que as adversidades e contradições do modelo capitalista têm impactado os grupos de capoeira, acirrando a segregação, a destruição e as desigualdades.

Pode-se exemplificar essa estratificação da sociedade na capoeira quando os(as) mestres(as) cobram altas taxas nas fardas, nas etapas de graduação, nas palestras, nos usos de imagens ou expandem as filiais sem acompanhar o trabalho desenvolvido nos distintos contextos geográficos, etc.

Ainda sobre as etapas de graduação, Araújo (2004) chama atenção para o advento do batizado como forma de aceleração da formação dos(as) capoeiristas e legitimação de um novo modelo de mestre(a). A sua preocupação, como a de tantos(as) capoeiristas, possivelmente, é com relação à descaracterização, à aceleração da esportivização da capoeira e à contribuição desses fatores para o distanciamento da tradição afro-brasileira.

A importância de um(a) mestre(a) para a manutenção da cultura, como se dá com capoeira, já foi apontada, na Grécia Antiga, por Marcel Detienne, que ressaltou a contribuição dos poetas, considerados Mestres da Verdade para a memória do povo. Ainda sobre isso, Abib (2006, p. 92) pontua que,

Para o grego, a poesia tem o sentido de produção (*poiesis*): é a ação de trazer à presença algo que se mostrava oculto. A palavra do poeta é assim a palavra

que, ao ser pronunciada, desvela aquilo que se mantinha encoberto, oculto (*lethé*), trazendo à tona a verdade (*alethéia*), instaurando e mantendo uma compreensão de mundo, em que todo um universo de significados se articula.

Desse modo, a figura do(a) mestre(a) era aquele(a) que dominava um saber e tinha experiência de vida, que era passada para os(as) mais novos(as), assim como acontecia nas escolas de ofício.¹¹³ Nesse ínterim, tomando como referência Bourdieu (1989), um ofício é compreendido como uma prática pura, sem teoria e, dessa forma, exige uma pedagogia que não convém com o ensino dos saberes. Essa pedagogia seria a da experiência corporal, observando, executando, aprendendo e avançando de forma cíclica.

Antigamente, na prática da capoeiragem, os aprendizados aconteciam por meio da ‘oitiva’, baseada na experiência e na observação, de acordo com Abib (2006). Isso durou até meados do século XX, pois, a partir da década de 1930, quando a capoeira começou a ser praticada em recintos fechados, surgiram os grupos de capoeira, que instituíram suas normas, seus códigos, suas metodologias de ensino e seus sistemas de avaliação para consagração dos(as) mestres(as) de capoeira.

Fonseca (2010) explica que, no século passado, a figura do(a) mestre(a) estava atrelada à marginalidade, à discriminação e à dificuldade de sua trajetória existencial. Os(as) capoeiras de outrora eram “[...] verdadeiros mestres de defesa física, quer nos jogos do punho, quer nos recursos maleáveis de todo o corpo em luta” (VIANA, 1979, p. 7).

Portanto, a partir desse entendimento, é possível compreender que os(as) mestres(as) de antigamente não tinham diplomas, nem corda na cintura, também não tinham fardamentos (abadás), nem havia estilos e linhagens de capoeira. Para Paiva (2007, p. 124), “[...] são referências no lugar onde vivem e, certamente, no campo onde atuam”.

Dessa forma, Castro Júnior (2003) aponta alguns elementos importantes na constituição do ser mestre(a) de capoeira, como: o domínio do jogo, do canto, do toque, do trabalho de ensinamento e do reconhecimento pela comunidade. Este último requisito é um dos mais registrados nos estudos científicos, como o de Carvalho (2019), bem como nos discursos dos(as) capoeiristas. A partir desses elementos fundamentais, adquiridos durante a trajetória de vida nessa arte, constitui-se o *habitus*¹¹⁴ do(a) mestre(a).

¹¹³ Para aprofundar a compreensão em torno do surgimento das corporações de ofício, que tiveram origem nas instituições da Roma Antiga, é crucial a leitura da dissertação de M. Souza (2010).

¹¹⁴ “*Habitus* é um termo originário do latim ‘que significa aspecto exterior, aparência, postura’” (LEIRO, 2004, p. 220).

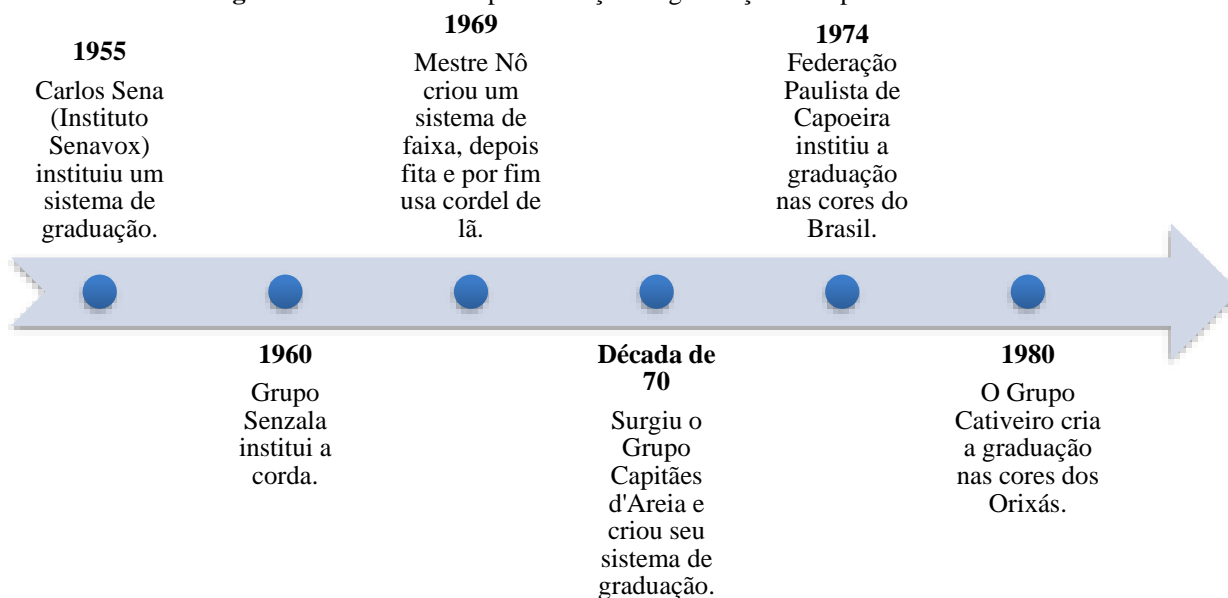
Com a expansão da capoeira nos diversos espaços sociais, culturais, educativos, etc., dentro e fora do Brasil, essa manifestação cultural ganha outros contornos, e o ofício de mestre(a) passa a ser Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Portanto, para Abib (2006, p. 92):

O mestre é aquele que é reconhecido por sua comunidade como o detentor de um saber que encarna as lutas e sofrimentos, alegrias e celebrações, derrotas e vitórias, orgulho e heroísmo das gerações passadas, e tem a missão quase religiosa de disponibilizar esse saber àqueles que a ele recorrem. O mestre corporifica, assim, a ancestralidade e a história de seu povo e assume, por essa razão, a função do poeta, que, através de seu canto, é capaz de restituir esse passado como força instauradora, que irrompe para dignificar o presente e conduzir a ação construtiva do futuro.

Nesta perspectiva, surgem alguns questionamentos: qual o capital necessário para ser legitimada(o) como mestra(e) de capoeira? Quanto tempo é preciso dedicar à manifestação cultural? O que precisa ensinar aos(as) seus(as) discípulos? Quais as etapas de graduação nos grupos de capoeira? Qual *habitus* precisa ser dominado na capoeira?

Diversas linhas de análise poderiam ser exploradas para aprofundar os atributos necessários à titulação de mestra(e) de capoeira, os quais podem ser complexos, por não haver homogeneidade nos estilos e nas linhagens de capoeira, nem nas metodologias de ensino, no tempo necessário, nas habilidades corporais, tampouco nos aprendizados e nas experiências exigidas para a conquista do título, da graduação e/ou do reconhecimento popular de mestra(e) de capoeira.

No tocante à introdução de um sistema de graduação por intermédio de corda, cordel ou cordão, apresento a seguir, na Figura 20, uma linha cronológica que traz alguns marcos importantes para a compreensão dos novos códigos no universo da capoeira:

Figura 20 – Linha do tempo de criação da graduação na capoeira

Fonte: elaborada pela autora.

Na Figura 20, percebe-se que, desde 1955, foram instituídos outros sistemas de graduação, dos quais um dos protagonistas fora mestre Carlos Sena, por intermédio do Instituto Senavox (MAGALHÃES FILHO, 2012). Entretanto, não ficou evidente se houve uma ampla utilização do seu sistema de graduação e como funcionou no grupo.

Outro sistema de graduação, criado pelo Grupo Senzala, que instituiu a corda em 1960, teve maior repercussão nos grupos de capoeira do Sudeste do Brasil e posteriormente expandiu-se para outras regiões do país.

Posteriormente, em 1969, mestre Nô, que é angoleiro, criou um sistema de faixas semelhante ao utilizado nas artes marciais, depois passou a fazer uso da fita e, em seguida, adotou o cordel feito de lã em seu grupo (MAGALHÃES FILHO, 2012). Nesse caso específico, a tese de Accordi (2019) revela o motivo que levou mestre Nô a adotar os distintos sistemas de graduação, inclusive as faixas (branca, amarela, verde, roxa, marrom e preta), que introduziu no seu grupo de capoeira, de maneira similar ao que acontece no Judô, com o intuito de avaliar os níveis de aprendizado de seus(as) alunos(as).

Entre 1960 a 1980, dentre as várias transformações socioculturais já sinalizadas no segundo capítulo, a estudiosa Fonseca (2009) destaca a criação da graduação de cordel com as cores da bandeira do Brasil nos Simpósios Nacionais de Capoeira no Rio de Janeiro, do qual participaram vários mestres conhecidos.

Nesse mesmo período, em São Paulo, surgiram os grupos Capitães d'Areia e Cativeiro, que ressignificaram as graduações na capoeira. O primeiro estava relacionado com aspectos da

escravização, como: escravo (corrente), quilombola (corda), liberto (lenço de seda) e capitão da areia (pedaços de corrente, corda e lenço de seda), enquanto o segundo¹¹⁵ representava uma forma de expressão negra e contava com sete estágios, cada qual representado por um cordão, que coincidiam no primeiro, no terceiro, no quinto e no sétimo estágio (verde, amarelo, azul e branco, respectivamente) (REIS, 2013).

Portanto, trago uma reflexão em torno das modificações que ocorrem no universo da capoeira, seus avanços e retrocessos, as quais, de alguma forma, acompanham as transformações sociais, culturais, econômicas, políticas, etc. Nesse sentido, Reis (2000) aponta que as tradições sempre serão reinventadas, pois a cultura não se cristaliza no tempo e no espaço: “A cultura só é enquanto está sendo. Só permanece porque muda. Ou, talvez dizendo melhor: a cultura só ‘dura’ no jogo contraditório da permanência e da mudança (FREIRE, P., 1985, p. 36).

A partir disso, reflito que cada grupo e linhagem de capoeira cria suas etapas de graduação e estabelece seus códigos, suas classificações, suas hierarquias, suas relações de poder e seus rituais, que ora se aproximavam, ora se afastavam, não havendo um padrão rígido ou estabelecido para se atingir ou ser reconhecido(a) mestre(a) de capoeira, o que pode ocorrer até mesmo por razões ideológicas, políticas e de conveniência; mas isso não significa que o(a) mestre(a) terá legitimidade dentro da capoeira.

Há variedade na quantidade de cordas/cordões utilizados nas etapas de graduação, a depender de cada grupo de capoeira, assim como no tempo necessário em cada etapa avaliativa para a formação de mestres(as). Vieira (1998) ainda chama atenção para o fato de que existem academias que consagram mestres(as) com dois ou três anos, mesmo sem terem o domínio dos preceitos, rituais, saberes e ensinamentos da arte da capoeira, nem terem formado discípulos(as).

Contraditoriamente, há capoeiristas que se dedicam há décadas aos processos de ensino-aprendizagem, e nunca foram reconhecidos(as) como mestres(as) em seus grupos ou por seus pares. Portanto, discorrer sobre a função e titulação do(a) mestre(a) de capoeira é algo complexo e plural, pois não há um padrão estabelecido entre os grupos de capoeira.

Antes de falar sobre a formação de mestras de capoeira, é preciso compreender os preceitos, os rituais e os sistemas avaliativos dos distintos estilos de capoeira. Abaixo, discuto a partir dos dois estilos de capoeira mais antigos.

¹¹⁵ A graduação dos Orixás tem as cores azul, amarela, marrom, verde, roxa, vermelha e branca (PAIVA, 2007).

2.5.1 Ritual e sistema de avaliação na Capoeira Regional

O estilo da Capoeira Regional, tem como seu principal representante o criador, mestre Bimba (1900-1974), já apresentado no subcapítulo anterior. Atualmente, o seu filho, mestre Nene, mantém o legado cultural herdado de seu pai, assim como a turma de Bimba, composta pelos mestres Itapoan, Xaréu, Piloto, Boinha (*in memoriam*), Decênio (*in memoriam*), etc. O mestre Nene fundou a Associação de Capoeira Filhos de Bimba em 10 de junho de 1986, que, posteriormente, passou a se chamar Filhos de Bimba Escola de Capoeira (NENE, 2018).

A partir dos estudos de Campos (2009) e Nene (2018), é possível detalhar os princípios, o método e a tradição dessa vertente de capoeira. Os princípios fundamentam-se em: gingar sempre, esquivar sempre, jogar sempre bem próximo ao parceiro, todos os movimentos devem ser objetivos, conservar no mínimo uma base ao solo, obedecer ao ritmo do berimbau, respeitar as guardas vencidas e zelar pela integridade física e moral do(a) camarada.

No que se refere ao método da Capoeira Regional, tem-se as seguintes etapas de aprendizagem: a ginga, o exame de admissão, a sequência, a cintura desprezada, os ritmos de jogo, os movimentos traumatizantes, desequilibrantes, projeção e ligados, além de cursos de especialização. Os rituais e as tradições fundamentam-se nos seguintes elementos: pegar na mão para gingar, a cadeira, a charanga, as quadras, os ritmos (São Bento Grande, benguela e iúna), o batizado (momento de cair no aço), a festa do batizado, a formatura (lenço azul) e o esquentar banho (NENE, 2018).

Quanto ao uniforme utilizado pelos(as) capoeiristas, segundo o mestre Nene (2018), ele surgiu devido às necessidades de realizar os movimentos de contato físico, então se utilizam calça e camisa brancas, sem nenhum calçado, durante os treinos e as rodas. Já no momento da formatura, os(as) capoeiristas utilizam roupa social, geralmente branca, com sapatos ou basqueteiras.

Durante as rodas de capoeira, utiliza-se um berimbau e dois pandeiros. Os principais toques de berimbaus são: a) São Bento Grande, que requer um jogo rápido, alto, com golpes objetivos; b) Santa Maria, que orienta o jogo rápido e solto; c) Benguela, que solicita jogo malicioso e floreado; d) Amazonas, que traz uma riqueza de variações melódicas; e) Cavalaria, um toque de aviso; e) Iúna, toque especial, que imita o som de um pássaro; e f) Idalina, que orienta para o desenvolvimento de um jogo manhoso (CAMPOS, 2009).

Além dos diversos toques de berimbaus, juntamente com os pandeiros, que compõem a formação da bateria, ainda há a musicalidade, composta por quadras e corridos, além das palmas dos(as) telespectadores(as) que estão compondo a roda e dos(as) jogadores, que se comunicam

por meio da realização de golpes básicos, traumatizantes, fundamentais, desequilibrantes, de projeção e ligados (CAMPOS, 2009).

Os(as) capoeiristas vão compreendendo a função de cada toque, o momento de entrar e sair da roda, a importância das cantigas, as normas e os rituais ao longo dos anos, à medida que vão se dedicando, experimentando e avançando nos sistemas de avaliação.

Pude vivenciar parte desses elementos num grupo de Capoeira Regional e nas aulas com um mestre que foi discípulo do mestre Bimba. Apesar de serem dois espaços diferentes, a metodologia de ensino era muito similar. Realizava-se aquecimento no início, com corridas, seguia-se com alongamentos individuais de membros inferiores e superiores, posteriormente se vivenciava a ginga, além de golpes do referido estilo, como: meia lua frente, cocorinha, negativa, bênção, armada, godeme, queixada, martelo, aú, cabeçada, dentre tantos outros movimentos.

Os treinos eram acompanhados de som mecânico, com músicas da Capoeira Regional, exigiam distintas valências físicas, como flexibilidade, agilidade, força, resistência e velocidade, para o diálogo corporal de perguntas e respostas, ataques e defesas, principalmente na execução da sequência de ensino do mestre Bimba.

O comando era sempre do mestre ou professor, que dizia o que seria realizado. O aprendizado acontecia por meio da observação, da execução e da imitação de uma figura central. Durante os treinos, raramente percebia questionamentos e momentos de partilhas. A percepção que tinha é de que todos(as) os(as) discípulos(as) deveriam apenas obedecer aos comandos, estavam ali para ‘receber’ conteúdos, como na educação bancária.

Tais experiências, nos moldes da educação bancária, também foram percebidas em alguns grupos de outros estilos de capoeira, como Angola e Contemporânea, por exemplo. Com isso, não quero generalizar e afirmar que em todas as academias de capoeira acontecem tais fatos, nem que os(as) mestres(as) ou demais capoeiristas têm metodologias de ensino tecnicistas.

Nas rodas de capoeira, o berimbau e os pandeiros marcavam os diversos ritmos, de rápido a cadenciado, cada toque de berimbau já orientava o tipo jogo, e as palmas e os cânticos provocavam diversos sentimentos e sensações, de alegria e euforia; a energia fluía naturalmente através dos jogos. Estes podem ser, muitas vezes, rápidos e objetivos, sem quaisquer floreios ou subjetividades, como acontece na Capoeira Angola. O tempo de jogo é outro, é aqui e agora; em alguns segundos, vários movimentos podem ser executados, e quem não estiver prestando atenção pode ser golpeado em alguma parte do corpo ou levar queda do(a) adversário(a).

Nesse estilo, o sistema de avaliação, chamado de estrela, é composto por cinco etapas, que vão da primeira à quinta estrela, formando o nome 'Bimba'. Para avançar nesse entendimento, dialoguei com a mestra Preguiça,¹¹⁶ a única mestra charangueira até o presente momento, portanto a explanação que apresento é baseada em seu depoimento.

Ao passar pela primeira etapa da estrela, o(a) capoeirista está preparado para se formar, recebendo o lenço de seda azulem sua formatura. Após esse momento, são abertas as inscrições para o curso de especialização; o(a) discípulo(a) que quiser se aprofundar na luta, ao final, recebe o lenço vermelho.

Outra etapa avaliativa para os(as) discípulos(as) de lenço vermelho é a segunda especialização, que tem treinamentos específicos de defesa e ataque, com arma branca e de fogo, ao fim dos quais eles(as) recebem o lenço amarelo. Após passar por todas as etapas, além de saber cantar, tocar berimbau e pandeiro, o(a) mestre(a) pode entregar o lenço branco, que é o de mestra(e) charangueira(o); mas o reconhecimento de mestra(e) só se dá com o trabalho e o respeito por parte da sociedade.

Além das etapas de avaliação citadas acima, segundo o mestre Nenel (2018), para se tornar mestre(a), é preciso: 1) dominar a arte que se pretende transmitir; 2) ter um bom caráter, amizade e respeito; 3) contribuir com a formação das pessoas como cidadãos.

Ao longo de sua vida, mestre Bimba deu apenas quatro lenços brancos, para as seguintes pessoas: Decânio, Miranda, Jair Moura e Edinho, pois eles dominavam o berimbau, o pandeiro e o canto, sendo considerados mestres charangueiros (NENEL, 2018). Dentro do processo de graduação na Capoeira Regional, linhagem do mestre Bimba, existem apenas quatro lenços de seda (azul, vermelho, amarelo e branco).

No que se refere ao método da Capoeira Regional, tem-se as seguintes etapas de aprendizagem: a ginga, o exame de admissão, a sequência, a cintura desprezada, os ritmos de jogo, os movimentos traumatizantes, desequilibrantes, projeção e ligados, além de cursos de especialização. Os rituais e as tradições fundamentam-se nos seguintes elementos: pegar na mão para gingar, a cadeira, a charanga, as quadras, os ritmos (São Bento Grande, benguela e iúna), o batizado (momento de cair no aço), a festa do batizado, a formatura (lenço azul) e o esquentar banho (NENEL, 2018). É importante ressaltar que há outras linhagens na Capoeira Regional, como a Regional-Senzala, que introduziu outras modificações nos processos de ensino e aprendizagem da capoeira.

¹¹⁶ Depoimento obtido no dia 9 de agosto de 2021.

A partir disso, surgiram as seguintes questões: como se deram o reconhecimento ou a formatura dos outros mestres pertencentes à turma do mestre Bimba? Será que todos mantêm a tradição/o ritual da Capoeira Regional e utilizam o mesmo sistema avaliativo, com a utilização de lenços de seda? O que acontece com mestres desrespeitosos que violam os direitos humanos?

Apesar de entender a importância dos requisitos, falar sobre formatura ou reconhecimento de mestres(as) não é algo tão simples ou tão claro, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Dentro da capoeira, há formações que são longas, e outras muito curtas. Portanto, pretendo compreender o que está posto nos diversos estilos e linhagens de capoeira; e *a posteriori*, revelar subjetividades que perpassam os processos formativos.

2.5.2 Ritual e sistema de avaliação na Capoeira Angola

A organização sistemática da vertente Capoeira Angola tem como um de seus renomados ícones Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, mestre Pastinha, sobre o qual tratei no capítulo anterior. Os seus principais discípulos foram os mestres João Grande¹¹⁷, João Pequeno,¹¹⁸ Curió,¹¹⁹ Gildo Alfinete,¹²⁰ Boca Rica¹²¹ e Bola Sete.¹²²

Além dele, outros(as) angoleiros(as) foram fundamentais para o fortalecimento da Capoeira Angola, a saber: Benedito Carroceiro, Samuel Querido de Deus, Buguelo, Besouro de Santo Amaro, Espinho Remoso, Siri do Mangue, Canário Pardo, Ricardo das Docas, Calabi do Piri Piri, Waldemar da Liberdade¹²³ etc., todos eles figuras importantes para a propagação e perpetuação do legado angoleiro.

No Centro Esportivo de Capoeira Angola, fundado na década de 1940, Conrado (2006) afirma que mestre Pastinha recriou uma metodologia de ensino, por meio da qual os(as) alunos(as) aprendiam sobre a disciplina, as regras do jogo, a postura de um(a) mestre(a) e os procedimentos éticos. O fardamento instituído foi calça preta e camisa amarela, estampada com um emblema de dois capoeiristas jogando, além de calçado fechado. É importante dizer que, na

¹¹⁷ João Oliveira dos Santos nasceu em Itagi, BA, em 15 de janeiro de 1933, foi um dos pioneiros a ensinar capoeira angola em Nova York, em 1990.

¹¹⁸ João Pereira dos Santos nasceu em Araci, BA, em 27 de dezembro de 1917, e faleceu no dia 9 de dezembro de 2011.

¹¹⁹ Jânio Martins dos Santos nasceu em Candeias, BA, em 1937.

¹²⁰ Gildo Lemos Couto nasceu em Salvador, BA, em 16 de janeiro de 1940, e faleceu no dia 12 de outubro de 2015.

¹²¹ Manoel Silva nasceu em Maragogipe, BA, em 26 de novembro de 1936.

¹²² José Luiz Oliveira Cruz nasceu em Santo Antônio de Jesus-BA em 31 de maio de 1950.

¹²³ Waldemar Rodrigues da Paixão nasceu em 1916 e faleceu em 1990. Era conhecido pelas pinturas do berimbau e pelo seu barracão, na antiga Estrada da Liberdade, frequentado por intelectuais, capoeiristas e artistas de Salvador.

contemporaneidade, em Salvador, há escolas de Capoeira Angola que instituíram o fardamento todo branco, e outras todo preto.

A partir de minhas vivências em dois grupos de Capoeira Angola e na UFBA, no componente curricular Capoeira e na monitoria do projeto de extensão Capoeiragem na UFBA, sob condução de Amélia Conrado, durante dois anos, pude me aproximar de habilidades corporais e elementos ritualísticos, históricos, sociais e educativos.

Vivenciei, nesses espaços, a ginga e os diversos movimentos, como: chamadas de Angola, negativa, tesoura, rabo de arraia, chapa de costa, chapa de lado, meia lua de frente, armada, aú, martelo, bênção, floreios, entre outros. Pude perceber que, apesar de ter alguns golpes com nomes similares aos utilizados na Capoeira Regional, sua execução é totalmente diferente.

Os estudos de Araújo (2004), Conrado (2006), Magalhães Filho (2012) e Abib (2017) nos possibilitam aprofundar a análise sobre os códigos, as normas e os rituais de algumas linhagens da Capoeira Angola. Este estilo é constituído por aspectos lúdicos, combativos, permeados de malícia, mandinga, malandragem, ancestralidade, etc.:

A Capoeira Angola tem como características: rituais e ‘fundamentos’; filosofia; resistência e tradição; fundamentos históricos; ‘postura de jogo’; comportamento mais rígido; valoriza a musicalidade; tem ritmo compassado; é cultura; arte e luta; menos competitiva; é tradicional (herança africana); terapia; estilo de jogo (lento e no chão) e forma de aprendizagem; resgate da existência; e pedagogia. (ARAÚJO, 2004, p. 119).

Na roda de capoeira, geralmente, a bateria é formada por oito instrumentos (3 berimbaus – gunga, médio e viola, 2 pandeiros, 1 agogô, 1 reco-reco e 1 atabaque), sendo a roda comandada pelo berimbau gunga, em harmonia com a entoação da ladainha, depois a chula e, em seguida, o corrido (FRANÇA; SILVA, 2017). Os jogos entre os(as) capoeiristas ocorrem no momento dos corridos, e não há compras,¹²⁴ termina-se com o chamamento do berimbau, tocado por um(a) mestre(a), por um(a) capoeirista mais velho(a) ou por vontade de um(a) dos(as) jogadores(as). Para Abib (2017, p. 201), a Capoeira Angola

Pode ser considerada uma obra de arte inacabada, porque constantemente sendo refeita, a cada encontro entre dois artistas, que expressam seu sentimento através do diálogo corporal que se estabelece entre ambos, revelando o que lhes é próprio: os signos culturais tatuados em seus corpos, os gestos singulares de cada um.

¹²⁴ Não pode ser interrompido por outro(a) jogador enquanto estiver acontecendo o jogo entre os(as) capoeiristas.

Portanto, entendo que as experiências vividas na Capoeira Angola, seja nos toques dos instrumentos, na entoação das cantigas ou nos jogos entre os(as) capoeiristas, são singulares; mesmo que duas pessoas estejam num mesmo evento, cada uma vai ter a sua percepção, sua própria tessitura, sua compreensão particular de toda a capoeira e de seu sentido e significado.

Dentro da capoeira, a hierarquização acompanhou as diversas transformações e influências sociais havidas entre a metade e o final do século XX. Embora não seja minha intenção apresentar todas as etapas de avaliação dentro das linhagens de Capoeira Angola, é importante compreender essa diversidade nas possibilidades de avaliar os aprendizados, os níveis de conhecimento, os requisitos necessários e as funções de cada cargo.

No Centro de Cultura da Capoeira Tradicional Bahiana, do mestre Bola Sete, que foi discípulo do mestre Pastinha, instituíram-se fases de aprendizagem e classificação, a saber: iniciação, estruturação, formação, preparação, especialização, profissionalização e formação. Além disso, para se tornar mestre(a), há requisitos básicos, como: jogar, tocar, cantar, ensinar, formar, trabalhar e preservar; além deter vivência nos seguintes cargos: auxiliar, monitor, instrutor, treinel,¹²⁵ professor, contramestre e, por fim, mestre(a) (CRUZ, 2003).

No Centro Esportivo de Capoeira Angola–Associação de João Pequeno de Pastinha (AJPP) –, conduzido pelo mestre Pé de Chumbo, a hierarquia é estruturada da seguinte forma: aluno(a) responsável, treinel, professor(a) mestrando(a) e mestre(a). Essa configuração passou a vigorar desde 2005 (SIMÕES, 2006).

Goulart (2018) assevera que, no Grupo Semente do Jogo de Angola, há apenas duas titulações: mestre(a) e contramestre(a). O uniforme também é diferenciado para alunos(as) que desenvolvem ou não algum trabalho com a capoeira. O grupo possui três práticas formativas, qual sejam: o treinamento, as rodas e os grupos de estudo. Diferentemente do que afirma Libâneo (2019), que afirma que só existem duas etapas na Capoeira Angola, a saber: iniciante e contramestre(a), sendo o primeiro voltado para a aprendizagem de movimentos básicos da capoeira, cantos e toques de instrumentos, ao passo que o contramestre(a) pode ministrar aulas, participar e organizar eventos.

Embora muitos grupos de Capoeira Angola, geralmente, não utilizem as graduações de cordão ou cordel, Magalhães Filho (2012) aponta relatos de alguns mestres que já fizeram uso no passado, como os mestres Paulo dos Anjos, Renê, Virgílio, Jaime de Mar Grande, mestre Jorge Satélite, Nô, etc. Inclusive, o mestre Nô utiliza até a atualidade a graduação de cordão e

¹²⁵ “O treinel é um aluno/uma aluna que já possui maturidade para falar, cantar e jogar capoeira de maneira a coordenar treinos, rodas e outras atividades do Grupo na ausência das/os mestras/os” (SANTOS, 2017, p. 79).

afirma que tem “[...] o objetivo de incentivar e avaliar a qualidade dos alunos, além de dar condições favoráveis à organização interna do trabalho” (ACORDI, 2019, p. 211).

Pode-se perceber que, no processo de reconhecimento de mestre(a) dentro da Capoeira Angola, não há um padrão a ser seguido, pois o estilo varia de grupo para grupo. Geralmente, a consagração de um(a) mestre(a) acontece a partir da comunidade da capoeira, podendo haver a confirmação desse reconhecimento por meio da concessão de um diploma (título) por parte do(a) mestre(a) responsável.

3 GINGAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo, gingo com o detalhamento da metodologia¹²⁶ à luz do pressuposto dialético, que possibilita a análise das trajetórias formativas das mestras de capoeira dentro de um movimento histórico, elegendo como categorias fundantes a contradição, a totalidade e a mediação. Importa sublinhar que tomei como referência para a construção dos procedimentos metodológicos e a organização textual a tese do meu orientador, Dr. Augusto Cesar Leiro (2004).

Ancoro-me em Konder (1981) para afirmar que o conhecimento, apesar de ser totalizante, sempre será provisório e inacabado, sendo necessários novos estudos que preencham as lacunas teóricas, avancem nas discussões contraditória se possibilitem transformações em torno dessa realidade.

Para conhecer uma coisa precisamos percorrer um caminho que vai dos fenômenos à essência, supondo sempre que existe algo suscetível de ser definido como essência ou ‘coisa em si’, oculta, distinta dos fenômenos que se manifestam diretamente. No processo cognitivo, fenômeno e essência se implicam mutuamente. (GAMBOA, 1998, p. 31).

A escrita em curso não apresenta neutralidade, tão pouco preocupa-se apenas com a descrição dos achados, sem fazer uma reflexão crítica da realidade. Compreendo que produzir conhecimento é um ato político, implicado e consciente, que expressa uma visão de mundo e alcança uma determinada clareza sensível, prática ou conceitual (GAMBOA, 1998). Visão de mundo essa que busca desconstruir posturas machistas e racistas, assim como problematizar as contradições dentro da capoeira, que ocorrem desde o seu surgimento até a contemporaneidade, enquanto uma luta de resistência contra a opressão, que legitima barreiras nas trajetórias das mulheres sob o viés da manutenção da tradição, por exemplo.

Desse modo, busco apresentar o delineamento metodológico da pesquisa, que engloba a natureza, os dispositivos, as técnicas de investigação, o lócus da pesquisa, as colaboradoras e a perspectiva de análise, juntamente com a teoria e os achados experimentais que foram se articulando ao debate das ideias, opções e práticas (MINAYO, 1999).

Portanto, no estudo investigativo, optei pela abordagem qualitativa, movida pelo interesse de buscar compreender os processos históricos, as trajetórias e as formações das mulheres no universo da capoeira a partir de uma visão holística, levando em consideração as interações e influências (GATTI, 2010) que ocorrem na pequena e na grande roda.

¹²⁶ O delineamento metodológico consta no Apêndice A.

Para a coleta de informações, foram utilizados os seguintes dispositivos: **levantamento documental**, a partir de filmes e produções científicas sobre capoeira, procedimento que, de acordo com Gil (2002), é constituído de material que ainda não recebeu tratamento analítico ou que pode ser reelaborado segundo o objeto da pesquisa. São fontes ricas, podem servir de base para outros estudos e fundamentar afirmações e declarações da pesquisadora (LUDKE, ANDRÉ; 1986).

O outro dispositivo utilizado foi a **construção e aplicação de questionário online** com as mestras de capoeira, para compreender os desafios e as potencialidades das suas trajetórias formativas. Para Marconi e Lakatos (2003), o questionário é um instrumento de pesquisa que apresenta diversas vantagens: por abranger uma área geográfica mais ampla, possibilita liberdade e mais tempo para as respostas, tem baixo custo, é fácil de utilizar e não apresenta restrições significativas (FLICK, 2013).

Em contrapartida, esse tipo de dispositivo pode excluir as mestras que não tiveram acesso aos recursos tecnológicos, nem às redes sociais; o anonimato pode desmotivar as colaboradoras; as respostas podem ser demasiado curtas e, portanto, não atenderem ao que foi solicitado; pode ser respondido mais de uma vez pelas colaboradoras, ou até mesmo por público que não seja o alvo da pesquisa; as colaboradoras podem não aprofundar as questões abertas por medo de exposição, dificuldade de escrita, falta de entendimento, etc.

O terceiro dispositivo se constituiu de **relatos orais** como forma de resgatar os registros biográficos das mestras de capoeira. Com o dispositivo da História Oral, podemos obter relatos de ações passadas e resíduos de ações desencadeadas no momento da entrevista que possibilitem a documentação das memórias (ALBERTI, 2004). Ki-Zerbo (2010) reconhece a fala como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, e não apenas como uma comunicação diária, sendo uma fonte preciosa para a reconstrução da história da África.

A perspectiva de análise dos dispositivos da pesquisa possui duas funções, sendo uma heurística, que enriquece a tentativa exploratória, e a outra administrativa, que, por intermédio de questões e afirmações, permite-nos verificar a confirmação ou informação (BARDIN, 1977).

Nesse sentido, as etapas da análise das informações colhidas se estruturaram da seguinte forma: 1) descrição, a qual enumerou as características do texto; 2) inferência, que faz o tratamento das mensagens; e 3) interpretação, que dá significado a essas características (BARDIN, 1977).

Portanto, a partir desse desenho metodológico, foram realizadas tessituras, a fim de atender aos objetivos propostos e responder ao problema da pesquisa.

3.1 A PRESENÇA DAS MULHERES NA CAPOEIRA: CINEMA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM JOGO

Nesta seção, discuto de forma embrionária a presença das mulheres nas produções cinematográficas e científicas sobre capoeira a partir de um levantamento documental. Para tanto, foram consultadas fontes diversificadas, como dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos científicos, trabalhos acadêmicos e filmes que tratam sobre o assunto.

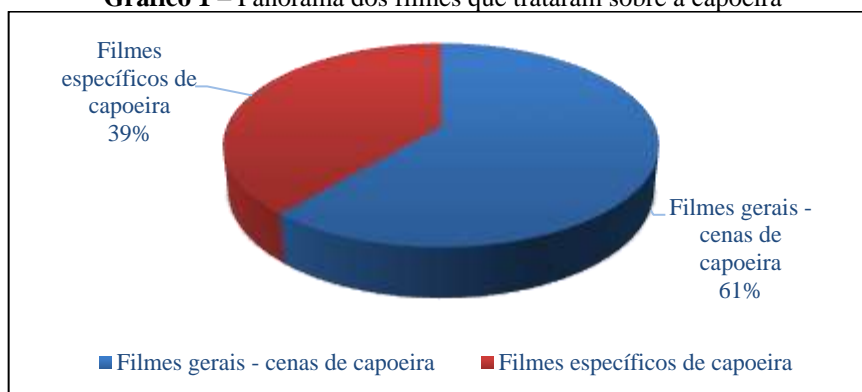
3.1.1 (In)visibilização das mulheres em tela

Nesta subseção, reflito sobre o papel das mulheres em filmes que tratam sobre a capoeira a partir de um levantamento de obras cinematográficas realizado por França (2018a) em sua dissertação, somado a outros diálogos científicos sobre a temática, da autoria de Castro Júnior (2010), D. Silva (2013), F. Rodrigues (2016) e Lima e Castro Júnior (2019), que revelam algumas nuances das relações de gênero nos diversos filmes de capoeira.

As produções fílmicas são fontes históricas e podem embasar várias leituras sobre o papel das mulheres na capoeira por intermédio das imagens veiculadas, que estão situadas dentro de um contexto histórico e social. Dessa forma, compreendo que há intencionalidade no que foi produzido, na visão de mundo do(a) diretor(a), na escolha de seu elenco, na proposta do título, nos lugares em que ocorreram as gravações, etc.

Ainda sobre o cinema como fonte histórica, Castro Júnior (2010) assevera que o conjunto das obras implica múltiplos sentidos, que precisam ser articulados com fatores históricos, geográficos e culturais, visto que não existe neutralidade nas ações humanas.

Nessa direção, apresento de forma detalhada o levantamento dos filmes de capoeira no Apêndice D; e, logo abaixo, no Gráfico 1, o panorama do conjunto de filmes que trataram sobre o assunto:

Gráfico 1 – Panorama dos filmes que trataram sobre a capoeira

Fonte: elaborado pela autora.

Ao total, foram encontradas 99 produções cinematográficas, nacionais e estrangeiras, de curta e longa metragem, divulgadas entre 1908 a 2021. Desse total, 60 filmes exibiram cenas breves de capoeira, ao passo que 39 trataram, especificamente, da capoeira em toda sua obra, revelando discursos, trajetórias, histórias e realidades de seus(as) representantes e da própria manifestação cultural em si.

Em diversos filmes nacionais, há a exibição de aspectos cotidianos da capoeira em Salvador, também no Recôncavo Baiano, e em outros contextos geográficos e históricos fora do Brasil. Outro ponto de destaque diz respeito à reprodução de estigmas preconceituosos, práticas racistas, padrões patriarcais, descaracterizações de aspectos ritualísticos da capoeira; em contrapartida, todos esses elementos permitiram a descoberta dessa manifestação cultural¹²⁷ e evidenciaram a atuação da cultura negra no fortalecimento das identidades e da história do Brasil.

Uma das primeiras obras a se debruçar sobre a capoeira e o cinema foi a tese pioneira de Castro Júnior (2010). Dentre as películas analisadas, que foram veiculadas entre 1955 a 1985, foi apontada a subalternização do papel da mulher no filme *Vadiação*, no qual aparece como telespectadora das rodas de capoeira, diferentemente do que foi notado em *A grande feira*, que destacou o papel de Maria como valentona; em contraponto, ela foi tomada como objeto e ridicularizada em outra cena.

No tocante à representação das mulheres nas produções audiovisuais de capoeira, o estudo de D. Silva (2013) analisou a participação de mulheres em cenas de capoeira exibidas nas seguintes películas: *Massagista de Madame* (1959), *Barravento* (1961), *O Pagador de*

¹²⁷ Nascimento (2014, p. 44) afirma que, em razão do lançamento do filme *Esporte sangrento*, na década de 1990, foi possível expandir a capoeira no exterior: “Esse foi, para muitos deles, o primeiro contato e, por algum tempo, o único recurso e modelo disponível para aprender a capoeira, o que se deve à fraca atratividade da economia local às migrações”.

Promessas (1962), *Capitães de Areia* (1962), *Kung Fu contra as Bonecas* (1975), *Cordão de Ouro* (1977), *Quilombo* (1984), *Vagas para moças de fino trato* (1992), *Como ser solteiro* (1998) e *Besouro* (2009).

É oportuno esclarecer que a presença de mulheres nas películas não garante o protagonismo, nem a visibilidade para suas histórias e narrativas, podendo mesmo, dialeticamente, colaborar para reproduzir estigmas e subalternizações em seus papéis sociais desempenhados no cotidiano.

Pode-se constatar o raro protagonismo da mulher no filme *Besouro*, dirigido por João Daniel Tikhomiroff, que estreou em vários cinemas do Brasil em 2009. A produção cinematográfica trata a história de Besouro Mangagá, ao passo que a mulher capoeirista se chama Dinorá; apesar de ser mais ativa, ainda assim desempenhou papel coadjuvante (FERREIRA, T., 2016).

O estudo acadêmico de Lima e Castro Júnior (2019) também apontou as representações das mulheres de forma minoritária e rápida nos filmes *Mestre Bimba, a capoeira iluminada*, *Memória do recôncavo: Besouro e outros capoeiristas* e *Mandinga em Manhattan*, ora tocando, batendo palma, sambando, jogando, cantando ou falando.

Vale pontuar que, no documentário *Mestre Bimba, a capoeira iluminada*, dirigido por Luiz Fernando Goulart em 2007, houve reprodução e naturalização do machismo, quando se exibem as imagens de mulheres em afazeres domésticos e a poligamia do mestre Bimba. No tocante a essa cena, algumas de suas 21 mulheres falavam de suas experiências amorosas, seus dotes masculinos e a manutenção financeira de várias mulheres (NASCIMENTO, 2015).

No bojo dessa discussão, pode-se refletir sobre os papéis sociais desempenhados pelas mulheres, nos quais se observam a passividade, a submissão e a objetificação das mulheres por parte dos homens, os quais, por sua vez são retratados como personagens viris, provedores, soberanos e dominadores, dentro dos moldes heteropatriarcais (BEAUVOIR, 1970).

Com base na pesquisa de Simões (2002), que se debruçou sobre o filme *Dança de Guerra*, as mulheres também desempenham papéis subalternizados nesta película, apenas batendo palmas, respondendo ao coro e assistindo às rodas de capoeira, vestidas com roupas rodadas brancas e turbante, tendo como único momento de protagonismo o samba de roda.

É importante destacar que, em *Um dia na rampa*, de Luíz Paulino dos Santos, em *Vadição*, de Alexandre Robato, e em *Only the strong*, de Sheldon Lettich, não foi exibida nenhuma mulher no momento da roda de capoeira. Para além do que foi produzido, é importante refletir sobre as relações de poder, as vozes silenciadas e os corpos invisíveis que não foram protagonizados e/ou representados nas películas.

Ainda assim, em alguns documentários, há mulheres discorrendo sobre suas trajetórias na capoeira, mesmo que de forma tímida, como no documentário *A Capoeiragem na Bahia*, de A. Robatto Filho, e *Pastinha: uma vida pela Capoeira*, de Antônio Carlos Muricy. No primeiro, há uma breve participação de mestra Edna, que fala sobre a sua experiência com a capoeira nos Estados Unidos, ao passo que vários mestres dominaram os discursos. No segundo, há apenas uma cena de mulheres nos Estados Unidos, tocando berimbau e cantando, diferentemente das distintas películas.

Nesse cenário, trago mais uma película, que apresenta, de forma rápida, uma mestra de capoeira falando sobre sua trajetória: *Mestre Pastinha, rei da Capoeira*, de Carolina Canguçu. Em uma das cenas, a mestra Nani de João Pequena discorre sobre os desafios de estar na capoeira, porque precisava se autoafirmar, sendo submetida a testes e questionamentos por ser herdeira do legado do mestre João Pequeno (*in memoriam*).

Nas pesquisas de D. Silva (2013) e Nascimento (2015), ficou evidente que, em múltiplas produções cinematográficas de capoeira, as mulheres tiveram papéis subalternizados ou invisibilizados. Isso pode ser observado no raro ou rápido lugar de fala que ocupam, na frequente condição de esposas ou amantes com que são retratadas e no papel de telespectadoras com que figuram nas rodas de capoeira, entre outros fatores.

Vale ressaltar que o estudo de Dantas (2017) apontou que, no documentário *Capoeira em cena*, produzido em 1982 pelo centro de TV ‘Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia’, foram exibidos alguns relatos de mulheres na capoeira, dentre as quais a mestra Janja, que já pautava as questões de gênero e raça nesse universo. Chama a atenção por se tratar de um documentário relativamente antigo, pois só na última década têm surgido exponencialmente películas sobre as mulheres na capoeira.

Dando um salto qualitativo, em 2017, foi produzido o documentário *Quem vem lá?*, dirigido por Christine Zonzon e Umeru Bahia, que tratou sobre as mulheres na capoeira a partir do evento ‘Gingando por Autonomia’, conduzido pela mestra Gegê em Valença, BA. O curta-metragem exibiu frases, relatos, sons na roda de Capoeira Angola com momentos protagonizados pelas mulheres, que aparecem jogando, cantando e tocando. Na película, apareceram as mestras Gegê, Preguiça, Tisza, Alcione e Nani.

Em 2019, foi produzido o documentário *Mulheres da pá virada*, que versa sobre as trajetórias de 12 mulheres,¹²⁸ das quais duas eram mestras de capoeira, Ritinha (*in memoriam*) e Preguiça, além de outras capoeiristas de diversas graduações e grupos de capoeira. Mesmo sendo alvo de críticas em sua construção, por conta da escolha do elenco do filme, as cenas foram protagonizadas por mulheres, que ora tocavam, ora cantavam, jogavam e/ou relatavam opressões, invisibilizações e diversas violências físicas e simbólicas que já sofreram (SANTOS, F., 2019).

No documentário *A roda também é dela*,¹²⁹ produzido pela mestra Tida e Lavínia em 2020, foi possível identificar os preconceitos e as opressões que perpassaram pelas trajetórias e experiências formativas das mulheres na capoeira, estando elas em vários contextos geográficos, dentro e fora do Brasil. Participaram da película mulheres de distintas graduações, dentre as quais as mestras Tida, Tatiana, Ana Sábina, Geisa, Úrsula, Colibri, Francesinha, Magali, Renatinha, Sabrina, Chaveirinho, Baixinha, Cris e Índia.

No mesmo ano, veio a público o documentário *Mestra Di: eu canto a minha história*,¹³⁰ patrocinado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco (Fecomércio-PE), que narra a história de vida da mestra Di. A película traz os desafios enfrentados pela mestra em sua comunidade, em Olinda, na qual aprende a se esquivar da violência e desenvolve um papel importante à frente de projetos sociais. A oralidade, a musicalidade, a memória, a resistência e a tradição estão presentes no decorrer das falas da mestra Di.

Em 2021, foi lançado o documentário *As felinas gingam*,¹³¹ com recurso público da Lei Aldir Blanc. O curta-metragem narra a história de vida da mestra Felina, a superação de um câncer de mama, a perda da visão em um dos olhos e de outros órgãos. Mesmo diante de tantos desafios em sua caminhada, desenvolve um trabalho importante na cidade de Aracaju: além do reconhecimento de seus pares, tem autonomia para desenvolver atividades de extensão na Universidade Federal de Sergipe.

¹²⁸ O elenco foi composto por: Adriana Albert Dias, Alessandra Mattioni (Alematt), Catarina Aguirre (Cata), Celidalva Pinho Encarnação (contramestra Brisa), Christine Zonzon, Cleonice Damasceno Silva (mestra Preguiça), Isabela Maria Severo Nascimento Santana (contramestra Tartaruga), Ivanildes Teixeira de Sena (Nildes), Joana Pointis Marçal (Jô), Maria Luísa Pimenta (contramestra Lilu), Rita de Cássia Santos de Jesus (mestra Ritinha, *in memoriam*), Olívia Roberta Lima Silva (professora Negona) e Viviane Santos Oliveira (contramestra Princesa) (SANTOS, F., 2019).

¹²⁹ Disponível em: <https://bit.ly/2ZpUXBO>. Acesso em: 12 out. 2021.

¹³⁰ Disponível em: <https://bit.ly/3cNisI1>. Acesso em: 12 out. 2021.

¹³¹ Disponível em: <https://bit.ly/317RwY4>. Acesso em: 12 out. 2021.

No final do ano de 2021, como parte da minha pesquisa de doutorado, foi lançado o curta-metragem “*Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira*”,¹³² sob minha direção, produzido por Lázaro Paz e Nicinha Guedes. O documentário apresenta o panorama de mestras de capoeira nos contextos geográficos, músicas autorais, momentos de roda e formatura, além de depoimentos das trajetórias de vida de algumas mestras de capoeira.

Na última década, tem aumentado a produção cinematográfica protagonizada por mulheres, que, além de narrarem suas histórias, têm atuado na condição de cineastas à frente de fontes históricas sobre a capoeira desde 1998, embora haja registros que datem de 1930.

Para ampliar essa discussão, Gimenez (2020) realizou um levantamento sobre as obras cinematográficas publicadas entre 1995 a 2019 no Brasil, com o qual identificou que apenas 262 (25,6%) mulheres eram diretoras de filmes, enquanto havia 1.023 homens cineastas. Isso deixou evidente o desequilíbrio entre as oportunidades direcionadas para homens e mulheres.

Ainda sobre a direção dos filmes, Monteiro (2016) averiguou uma discrepância no perfil de gênero e cor entre os diretores e as diretoras de 218 filmes produzidos entre 2002 a 2012. A pesquisa identificou a hegemonia de homens brancos na direção dos filmes (84%) e, em menor proporção, de mulheres brancas (13%), uma ínfima parcela de homens negros, somando apenas 2%, e a ausência de mulheres negras na direção. Já na função de roteirista, havia 74% de homens brancos, 26% de mulheres brancas, 4% de homens negros e, novamente, nenhuma mulher negra.

Nessa dimensão, é importante falar da estrutura de poder, do racismo estrutural e do patriarcado, que silenciam vozes e invisibilizam corpos, principalmente de mulheres negras, que sofrem opressões e/ou violências de gênero e raça em suas trajetórias. Por isso, a pauta feminista deve ser mais ampla, abarcando as questões de raça e classe (DAVIS, 2017).

É importante que a linguagem cinematográfica acolha a diversidade em suas lentes, dando voz e visibilidade aos corpos de homens e mulheres, que se entrecruzam em várias avenidas identitárias (por exemplo, mulheres indígenas, negras, lésbicas, bissexuais, etc.), proporcionando reflexões inclusivas e transformadoras.

Apesar da crescente presença de mulheres nas produções audiovisuais, os papéis que desempenham nas películas, em sua maioria, ainda são subalternizados, carecendo assim de novas obras e reflexões, que sejam inclusivas, democráticas e representativas, que interseccionem gênero, raça e classe em todas as esferas e espaços de poder. Na subseção a

¹³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=By9rFcOH2zo&t=12s>. Acesso em: 20 nov. 2021.

seguir, busco ampliar essa discussão em torno das produções científicas sobre as mulheres na capoeira.

3.1.2 As mulheres na roda científica brasileira

Nesta subseção, apresento os levantamentos de pesquisas científicas sobre as mulheres na capoeira realizado no Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes),¹³³ nas revistas acadêmicas brasileiras vinculadas às universidades federais e estaduais, bem como nos eventos científicos renomados das áreas de Educação, Educação Física e Gênero/Feminismo.

Busquei entender o que já havia sido produzido sobre as categorias ‘mulher’ e ‘capoeira’, ‘gênero’ e ‘capoeira’ nas pesquisas do tipo ‘estado do conhecimento’ ou ‘estado da arte’ sobre a capoeira. A partir desse levantamento, já tratado no segundo capítulo, notei uma lacuna teórica e a necessidade de alargar a discussão em torno dos bancos de dados e das áreas que se entrecruzam com o meu objeto de estudo.

3.1.2.1 A produção de dissertações e teses sobre a capoeira e as relações de gênero no Brasil

Para o levantamento das produções acadêmicas sobre a capoeira e as relações de gênero, lancei mão do Banco de Teses e Dissertações da Capes,¹³⁴ utilizando o descritor ‘capoeira’. Com isso, foi possível encontrar 1.032¹³⁵ pesquisas sobre a capoeira, cuja maioria a tratava enquanto manifestação cultural afro-brasileira; em menor proporção, apareceram trabalhos que discorriam sobre a vegetação de mesmo nome.

Para delimitar o levantamento dos estudos que dialogam com a minha pesquisa, a qual entrecruza a capoeira e as relações de gênero, procedi à leitura dos títulos e resumos das dissertações e teses obtidas no supracitado banco de dados, ao fim da qual reuni 24 produções acadêmicas (17 dissertações e 7 teses),¹³⁶ o que corresponde a apenas 2% dos estudos obtidos.

Os estudos acadêmicos foram defendidos entre 1999 e 2021, em 16 Programas de Pós-Graduação, na modalidade *stricto sensu*, em universidades públicas e privadas do Brasil (9 universidades federais, 4 universidades estaduais e 2 universidades privadas). No Gráfico 2,

¹³³ Essa etapa foi realizada no início do mês de junho 2021.

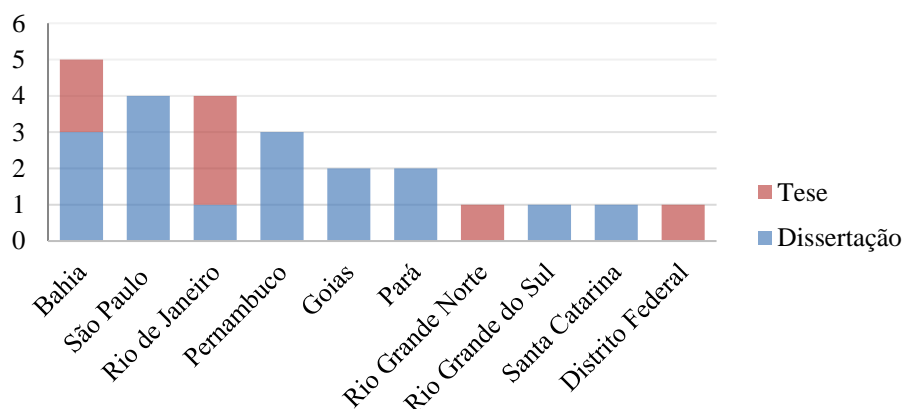
¹³⁴ É uma plataforma que disponibiliza o acesso às informações sobre dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação brasileiros. Disponível em: <https://bit.ly/2ZsCIRK>. Acesso em: 20 jun. 2021.

¹³⁵ Essa etapa foi realizada em junho de 2021.

¹³⁶ Apresento no Apêndice E o quadro com as dissertações e teses sobre capoeira e relações de gênero.

apresento o panorama das dissertações e teses em que se entrecruzam a capoeira e as relações de gênero:

Gráfico 2 – Panorama das dissertações e teses sobre capoeira e relações de gênero no banco da Capes por Unidade Federativa do Brasil



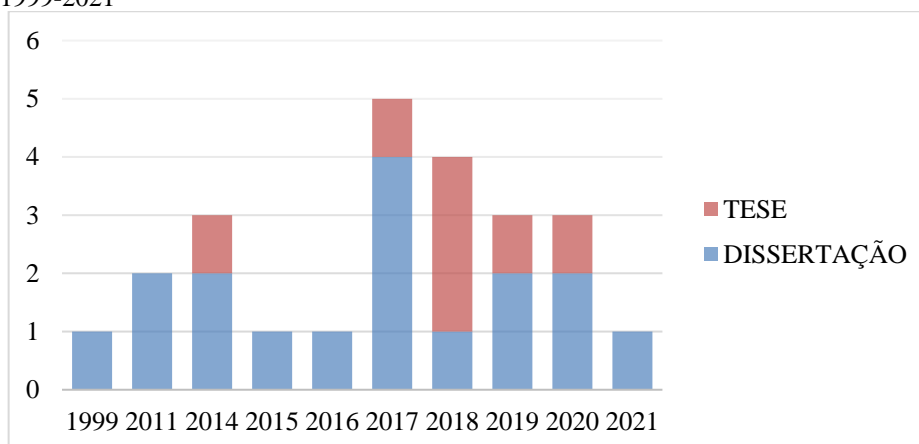
Fonte: elaborado pela autora.

A partir do Gráfico 2, é possível notar que, das 27 Unidades Federativas do Brasil, em apenas 10 foram produzidos estudos sobre a capoeira e as relações de gênero, com destaque para o estado baiano, com 5 produções, talvez pelo fato de ser considerada a Meca da Capoeira, seguido dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, com 4 cada.

As produções científicas são originárias das seguintes IES: UFBA (4), UFPA (2), Uerj (2), UFRJ (1), Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) (1), Unesp (1), UFG (1), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1), UFRN (1), Universidade Salgado de Oliveira (Universo) (1), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (3), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) (1), Uneb (1), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) (1) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) (2).

Foi possível identificar ainda a ausência de dissertações e teses sobre a temática nas universidades públicas das seguintes Unidades Federativas brasileiras: Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Piauí, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins. Logo abaixo, apresento a distribuição das produções científicas sobre a capoeira e as relações de gênero no banco da Capes:

Gráfico 3 – Distribuição das dissertações e teses sobre a capoeira e relações de gênero no banco da Capes – 1999-2021



Fonte: elaborado pela autora.

No Gráfico 3, observa-se que a maioria das pesquisas produzidas são dissertações de mestrado (17) e apenas 7 são teses de doutorado, tendo o ápice no ano de 2017. Das 24 produções científicas, 23 foram produzidas por mulheres, e apenas 1 por homem. Apesar da contribuição ser ínfima se comparada ao total de trabalhos, é válido reconhecer a importância do público masculino nesse debate, pois, se os homens permanecerem sexistas, nossas vidas ainda serão desvalorizadas (HOOKS, 2019).

Nesse sentido, é crucial que os homens (e as mulheres) compreendam a importância da luta contra o machismo e o sexismo, modifiquem seus comportamentos e suas posturas opressoras e reflitam sobre as desigualdades de gênero nos distintos espaços sociais.

Outro ponto que merece destaque diz respeito às possibilidades de diálogos transversais, que envolvem as relações de gênero e a capoeira com as áreas da Antropologia, das Biociências, das Ciências Sociais, da Comunicação, da Cultura, da Dança, da Educação, da Educação Física, da Etnia, da História, do Serviço Social e do Teatro.

A primeira dissertação, intitulada *Capoeira: um convite ao jogo feminino*, de Rosa Maria Araújo Simões (atual mestra Rosinha), foi defendida em 1999, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, sob a orientação de Luiz Alberto Lorenzetto. É importante sinalizar que não foi possível ter acesso à referida produção, por se tratar de uma obra antiga e não digitalizada.

A segunda dissertação, intitulada *Capoeira Regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro*, de autoria de Eliane Glória Reis da Silva Souza (mestra Francesinha), foi defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física (Universo), em 2011. E a terceira,

intitulada *Capoeira: gênero e hierarquias em jogo*, foi defendida por Camila Rocha Firmino no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar, também em 2011.

A pesquisa de Souza (2011) discutiu sobre as representações sociais de mestras e formandas de Capoeira Regional, bem como sobre suas inserções e atuações no Rio de Janeiro. Ficou evidente, no estudo, que as dez colaboradoras entrevistadas enfrentaram resistência familiar, preconceito, racismo e conflito de papéis e identidade de gênero em suas trajetórias de vida na capoeira.

A dissertação de Firmino (2011) buscou entender como acepções de gênero atravessam o sistema simbólico da capoeira, visto que foi observado um número expressivo de mulheres na capoeira, mas esse número era incipiente quando se tratava de capoeiristas mulheres com altas graduações. O gênero foi observado como um marcador de diferença que, nos discursos sobre corporalidade, desencadeia a diferenciação na disputa por uma posição de prestígio.

Em 2014, foram defendidas mais duas dissertações, uma intitulada “*Eu sou angoleiro, angoleiro eu sei que eu sou*”: *identificações e trajetórias na Capoeira Angola em Goiânia*, de autoria de Alessandra Barreiro da Silva defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFG; e a outra *Sai sai, Catarina/Saia do mar, venha ver Idalina: gênero e feminilidade(s) na capoeira*, de Paula Natanny Rocha Bezerra, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

O estudo de A. Silva (2014) buscou compreender as trajetórias de capoeiristas de distintas linhagens da Capoeira Angola na cidade de Goiânia. Apesar de não ser uma pesquisa específica sobre as mulheres na capoeira, a autora discutiu em um dos capítulos sobre as mulheres e os movimentos de mulheres no universo da capoeira, resgatando memórias e histórias, assim como contextualizando a pauta das mulheres na contemporaneidade, na referida cidade.

A dissertação de Bezerra (2014) investigou as relações de gênero e a constituição de feminilidades de mulheres capoeiristas. A sua escrita etnográfica baseou-se em três contextos distintos: um grupo de Capoeira Angola, um grupo de Capoeira Regional e um Encontro Feminino de Capoeira realizado em Recife, PE. A autora pautou a necessidade de entrelaçar as dimensões simbólicas e práticas para que as reproduções e transformações nas assimetrias de gênero pudessem ser reveladas.

Ainda em 2014, foi defendida a tese *Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição*, de autoria de Christine Nicole Zonzon, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA. O estudo dialoga sobre o processo de formação do(a) capoeirista, que é apreendido pelo prisma da experiência corporal vivenciada em grupos

de Capoeira Regional e Angola, dedicando-se a retratar as experiências das mulheres em apenas um dos capítulos (ZONZON, 2014).

No ano seguinte, foi publicado o estudo *No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da Capoeira Angola*, de autoria de Ivanildes Teixeira de Sena, defendido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Crítica Social da Uneb. A autora buscou entender as relações de gênero na capoeira e a visão ‘cosmoafricana’ por meio de sua ‘escrevivência’, refletindo sobre a trajetória dos corpos das mulheres capoeiristas como produto e processo histórico-cultural (SENA, I., 2015).

A dissertação *A capoeira sob a ótica de gênero: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira*, de autoria de Tarcísio José Ferreira, foi defendida em 2016, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-GO. O autor buscou identificar o papel das mulheres nos grupos de capoeira sob a ótica do gênero. Por meio de suas observações, percebeu as duplas jornadas desempenhadas por mulheres que levavam seus(suas) filhos(as) para a capoeira. A partir dos questionários aplicados a 15 capoeiristas, compreendeu que as mulheres são fortes, ágeis, têm várias habilidades e buscam mecanismos para se afirmarem dentro e fora da capoeira (FERREIRA, T., 2016).

O ano de 2017 foi expressivo no que diz respeito ao quantitativo de produções acadêmicas sobre a capoeira e as relações de gênero (quatro dissertações de mestrado e uma tese de doutorado). Os estudos foram produzidos em diversas regiões do País e buscaram compreender as trajetórias e as experiências das mulheres no universo da capoeira.

A dissertação intitulada *Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre*, de autoria de Viviane Malheiro Barbosa, foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e pertence ao campo da História da Educação. A autora analisou as experiências de seis capoeiristas angoleiras da cidade de Porto Alegre, entre 1986 e 2016. Por meio da entrevista compreensiva, pôde entender as tensões e resistências inerentes à condição da mulher, bem como as relações étnico-raciais e de gênero, os vínculos com a religiosidade, a ancestralidade e a solidariedade (BARBOSA, V., 2017).

Já a dissertação *Movimento Capoeira Mulher: saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará*, de autoria de Maria Zeneide Gomes da Silva, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da UFPA, buscou discutir sobre a identidade de gênero nas rodas de capoeira e as mulheres atuantes no Movimento Capoeira Mulher, em Belém, PA. A autora articulou as suas vivências empíricas e científicas junto ao coletivo social para dar visibilidade às desigualdades, aos silenciamentos, às subjetividades e

às omissões vivenciadas pelas mulheres. Os resultados do estudo apontam a necessidade de repensar outras epistemologias para a educação na Amazônia Paraense (SILVA, M., 2017).

A pesquisa intitulada *Direitos humanos e a prática da Capoeira Angola*, de autoria de Francineide Marques da Conceição Santos, foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidade da UFRPE, em 2017. A autora buscou investigar os direitos humanos, a diversidade e a cidadania presentes na prática da Capoeira Angola, interseccionando as relações de gênero, raça e sexualidade. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas, observação participante e a etnografia. Ao fim, conclui-se que a Capoeira Angola, especificamente a do Grupo Nzinga, é uma prática pedagógica diaspórica que pode educar para os direitos humanos (SANTOS, F., 2017).

Quando mulheres se tornam capoeiristas: um estudo sobre a trajetória e o protagonismo de mulheres na capoeira, de autoria de Daniela Sacramento de Jesus, foi defendido no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA, em 2017. A dissertação buscou analisar de que forma as mulheres alcançam uma posição de prestígio na capoeiragem. Para compreender as trajetórias de vida de duas capoeiristas, foram utilizados o método da observação participante e a História Oral. A partir disso, foi possível compreender as disputas de poder e as estratégias de resistência criadas pelas mulheres para adquirirem habilidades musicais, corporais e compreenderem os rituais da capoeira (JESUS, 2017).

A tese *Orgulhosamente feministas, necessariamente inconvenientes: uma música feminista ou o que cantam as feministas*, de autoria de Rebeca Sobral Freire, foi defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da UFBA. A autora analisou diversas expressões marginais do movimento feminista soteropolitano e transnacional, dentre as quais a Capoeira Angola, a partir de uma etnografia musical no circuito contracultural do Centro Antigo da cidade de Salvador. O estudo buscou criar “espaços seguros para mulheres” em uma contracultura soteropolitana que reafirma a pluralidade do movimento feminista (FREIRE, R., 2017).

Em 2018, a dissertação *N'outras corpas desconstruções e múltiplas possibilidades corporais na Capoeira Angola do grupo Nzinga*, de autoria de Verônica Daniela Navarro, foi defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA. A autora abordou as corporeidades da Capoeira Angola dentro do Grupo Nzinga, pautando as questões do feminismo e as possibilidades de construção-desconstrução dos corpos (NAVARRO, 2018).

A tese *Efeitos da prática de capoeira adaptada sobre a densidade mineral óssea, autonomia funcional e qualidade de vida de mulheres idosas*, de autoria de Schneyder Rodrigues Jati, foi defendida, em 2018, no âmbito do Programa de Pós-Graduação de

Enfermagem e Biociências da UFRJ. Trata-se de um estudo que buscou analisar os efeitos da capoeira adaptada sobre a Densidade Mineral Óssea (DMO) e a qualidade de vida de idosas na pós-menopausa. A população foi composta por 50 mulheres acima de 60 anos, e os resultados apontam que houve melhoras nas medidas de DMO e na qualidade de vida das mulheres pesquisadas (JATI, 2018).

A pesquisa intitulada *As mestras de Capoeira: empoderamento e visibilidade*, de autoria de Eliane Glória Reis (mestra Francesinha) foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (Uerj), em 2018. Trata-se de uma tese que analisou práticas cotidianas de mestras e formandas de um grupo de capoeira de Niterói, RJ, e seus discursos sobre visibilidade e poder. Para isso, foram adotadas como instrumentos de coleta de dados a etnografia e as entrevistas, que apontaram que a roda de capoeira é um campo de disputa velada e desvelada de poder, e os eventos de mulheres possibilitam um processo de busca por equidade de espaço e poder na capoeira (REIS, 2018).

O estudo *Eu vou falar pra dendê tem homem e tem mulher: o feminismo angoleiro e as mudanças na tradição*, de autoria de Camila Maria Gomes Pinheiro, foi defendido em 2018, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. A autora buscou analisar a participação das mulheres nos espaços de liderança da Capoeira Angola e o seu impacto nas rodas de capoeira, especificamente no grupo Nzinga. Além disso, observou os encontros de mulheres capoeiristas entre 2014 a 2018 em Salvador, BA, buscando desenvolver novas formas de contestação e de denúncia relacionadas a desigualdades de gênero na capoeira (PINHEIRO, 2018).

Vale ressaltar que a minha dissertação, defendida na UFBA em 2018, apesar de não ter centralidade na discussão entre capoeira e relações de gênero, apresentou um capítulo que tangencia o assunto, intitulado *O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática*, ao longo do qual discuto sobre o levantamento de estudos acerca das mulheres na capoeira e apresento um mapeamento inicial de mestras de capoeira, o qual foi iniciado por França e Guedes (2017).

Em 2019, o estudo *Elas jogam, tocam e cantam: práticas e discursos sobre a experiência histórica de mulheres capoeiristas no Pará*, de autoria de Luciane de Sena Camões, foi defendido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da UFPA. A autora discutiu sobre as experiências de mulheres capoeiristas, traçando perfis, analisando o processo de inserção e refletindo sobre questões específicas das mulheres e sobre o saber-fazer na capoeira. Para a coleta de informações, foram utilizados diários de campo, entrevistas e questionários abertos, aplicados a 19 mulheres do Pará. A partir do estudo, ficou

evidente que, na capoeira, as mulheres vivenciam situações em que há machismo, sexismo e violência, bem como que ainda há desigualdades nas graduações das mulheres em relação aos homens (CAMÕES, 2019).

Nesse mesmo ano, Ana Silva defendeu a dissertação *Mulheres na capoeira: resistência dentro e fora da capoeira* perante o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. O estudo tratou sobre os processos educativos desencadeados na capoeira praticada por mulheres, a partir de aspectos históricos de luta por espaço e reconhecimento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, que se utilizou de entrevistas semiestruturadas com quatro capoeiristas das cidades de São Paulo, Campinas e Mogi Guaçu, SP. A autora concluiu que as mulheres, a partir do fundamento da capoeira e das reivindicações por permanência, vão construindo uma nova forma de ser e estar, em busca de liberdade e da possibilidade de serem mulheres (SILVA, A., 2019).

Ainda em 2019, o estudo de doutorado *Mulheres incorrigíveis: capoeiragem, desordem e valentia nas ladeiras da Bahia (1900-1920)*, defendido por Paula Juliana Foltran Fialho no âmbito do Programa de Pós-Graduação de História da UnB, trouxe uma reescrita da história da capoeira, elencando os conflitos de raça, classe e gênero, interseccionalmente, como catalizadores da produção de sobrevivências, espirituais e físicas. O trabalho enfocou a virada conceitual e organizativa da capoeira na década de 1930, após a descriminalização, baseando-se na experiência de perseguição dos povos negros entre 1900 e 1920, em Salvador (FIALHO, 2019).

Em 2020, Lais Alberto Schonhorst defendeu a dissertação *Percursos artetnográficos de uma mulher branca na capoeira angola* no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Udesc. O estudo apresentou a travessia da autora artetnográfica com a Capoeira Angola, reconhecendo o movimento revelador de identidades comunitárias de uma manifestação artística e cultural de matriz afro-brasileira (SCHONHORST, 2020).

Um outro estudo que abordou as mulheres na capoeira foi a tese *Corpo-comunicação: um estudo sobre a ginga feminista angoleira*, de autoria de Raquel Gonçalves Dantas, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj, em 2020. A autora traz a discussão do corpo-comunicação sob o prisma do feminismo decolonial, recorrendo à epistemologia da ginga para a produção e construção do conhecimento. A escrita se debruçou sobre a trajetória de vida das mestras Elma e Cristina, da Capoeira Angola, e sobre o evento ‘Chamada de Mulher’, do Grupo Nzinga de Capoeira Angola. Conclui-se que a comunicação transformadora contribui para a ampliação do debate sobre a formação de uma sociedade plural, democrática e

comprometida com o combate ao sexismo, ao racismo e a toda forma de desigualdade (DANTAS, 2020).

No mesmo ano, Maria Dayane Pereira defendeu a dissertação *Educação na roda de capoeira e o enfrentamento da colonialidade do corpo da mulher: não somos sem o nosso corpo* no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. A pesquisa tratou sobre as experiências das mulheres enquanto corpos expressivos em processo de aprendizagem dos saberes ancestrais da capoeira. Teve como objetivo geral compreender como os saberes ancestrais ensinados na roda de capoeira contribuem para o enfrentamento da colonialidade do corpo. A pesquisa, de natureza exploratória, descritiva e qualitativa, adotou como procedimentos metodológicos a observação, o diário de campo e as fotografias. O estudo apontou a oralidade, a circularidade, a musicalidade, a corporeidade e a ritualidade presentes nos aprendizados das mulheres na capoeira, concluindo que a roda da capoeira é um lugar de resistência dentro de um lugar de resistência.

Em 2021, Eduarda Gava Caciatori defendeu a dissertação *A capoeira entre os fundamentos e movimentos de criação: um estudo sobre cultura, gênero e sexualidades* no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. A autora cartografou duas experiências de capoeira em São Paulo, com o objetivo de identificar os deslocamentos de suas dinâmicas atuais. Para tanto, tomou como eixo central de análise as relações de gênero e as sexualidades, embora tenha considerado também os marcadores étnico-raciais e de classe. A pedagogia da capoeira mostra-se uma possibilidade educativa feminista, antirracista, antissexista e engajada na emancipação humana.

Pôde-se constatar que a maioria das produções científicas buscou discutir sobre as trajetórias e experiências das mulheres em diversos contextos sociais e geográficos, revelando as opressões, os preconceitos e as resistências em seus processos formativos nos grupos de capoeira.

Outro ponto destaque é o fato de que a maior parte das pesquisas acadêmicas são qualitativas, exceto a de Jati (2018), que é quantitativa. Os dispositivos metodológicos mais recorrentes foram: as entrevistas, as observações (participantes), os questionários, os diários de campo, as etnografias e, em menor proporção, as cartografias.

Com o levantamento realizado, foi possível observar que duas pesquisadoras são também mestras de capoeira: uma se chama Rosa Maria Araújo Simões, conhecida por mestra Rosinha, e a outra se chama Eliane Gloria dos Reis Silva, ou mestra Francesinha.

Chamou-me atenção o fato de que a mestra Janja, a pesquisadora mais citada nas produções acadêmicas, com menções em 18 dissertações e teses sobre a temática, de um total

de 24, também foi coorientadora em 2 dissertações de mestrado (UFBA e UFRPE) e em uma tese de doutorado (Uerj), além de ter participado de bancas examinadoras, das quais 3 eram de mestrado (UFRGS, UFPA e UFG), e 1 de doutorado (UFRN).

A maioria parte das pesquisas científicas citam pelo menos uma mestra de capoeira; ao total foi possível encontrar os nomes das seguintes mestras: Ana Sábia, Baixinha, Borboleta, Brisa, Claudinha, Catita, Cigarra, Cigana, Colibri, Cris, Cristina, Dandara, Di, Doralice, Edna Lima, Elma, Francesinha, Gegê, Janja, Jararaca, Jô, Lene, Magali, Mara, Marcia, Marla, Meire, Novinha, Paulinha, Pé de Anjo (*in memoriam*), Portuguesa, Preguiça, Renata, Ritinha (*in memoriam*), Ruffato, Sabrina, Sheila, Silvia, Siomara, Suelly, Sueli Cota, Tati, Tiara, Tida, Tisza e Zanga.

Importa sublinhar que as mestras de capoeira, além de serem referências e guardiãs da cultura popular, nas últimas duas décadas, têm contribuído não só com o campo científico da capoeira mas também com outras áreas (totalizando 25 produções científicas, escritas por 15 mestras). Importante destacar que as mulheres, a passos largos, vêm conquistando diversos espaços e rodas, inclusive acadêmicos (Apêndice F).

Considero importante o surgimento de novos estudos que se disponham a narrar as histórias das mulheres na capoeira, sobretudo das mestras, pois, apesar de serem crescentes as produções acadêmicas sobre a capoeira, ainda há uma lacuna teórica sobre a história das mulheres na capoeira, em distintos contextos geográficos, dentro e fora do Brasil.

3.1.2.2 Produção do conhecimento sobre capoeira nas revistas acadêmicas brasileiras de Educação, Educação Física e Gênero

Nesta subseção, busco analisar a produção do conhecimento sobre capoeira e relações de gênero em periódicos científicos associados às universidades públicas federais e estaduais no Brasil. Para isso, fiz um levantamento de artigos sobre a temática nas revistas de Educação, Educação Física e Gênero, áreas que dialogam com a minha prática pedagógica e com esta investigação.

Inicialmente, acessei as páginas oficiais das universidades públicas e, na lista de periódicos, procurei por revistas afetas às áreas supracitadas. Essa etapa foi exaustiva, porque empreendia busca manualmente e nem todas as páginas facilitavam o acesso às informações.

Após esse longo período de buscas, na área da Educação, encontrei 141 revistas acadêmicas brasileiras que tematizam a Educação, das quais 81 são vinculadas a universidades estaduais, e 60 a universidades federais (Apêndices G e H, respectivamente).

Em seguida, acessei cada revista eletrônica; utilizando o descritor ‘capoeira’, selecionei artigos científicos que tratassem da capoeira, para depois fazer o recorte de gênero. No Quadro 1, abaixo, apresento um panorama dos artigos científicos que obtive em periódicos acadêmicos de Educação brasileiros:

Quadro 1 – Panorama de artigos científicos sobre a capoeira em periódicos acadêmicos de Educação no Brasil

Estado	IES	Revista de Educação	Nº de artigos
BA	UFBA	Revista Entre ideias: educação, cultura e sociedade	5
	Uneb	Cenas Educacionais	3
	Univasf ⁽¹⁾⁽²⁾	Revista de Educação	2
CE	UFC	Revista Educação em Debate	3
	Uece ⁽³⁾	Educação & Formação	1
		Práticas Educativas, Memórias e Oralidades	1
RJ	Uerj	Revista Teias	2
		Revista Periferia	3
MG	UFU ⁽⁴⁾	Revista de Educação Popular	3
GO	UFG	Revista Inter Ação	2
		Itinerarius Reflections	1
PR	UEPG ⁽⁵⁾	Práxis Educativa	1
	UEM ⁽⁶⁾	Revista Brasileira de História da Educação	1
SP	Unicamp	Educação Temática Digital	1

Fonte: elaborado pela autora.

Notas: ⁽¹⁾ Universidade Federal do Vale do São Francisco.

⁽²⁾ A Univasf possui *campi* nas regiões de Juazeiro (BA), Petrolina (PE) e São Raimundo Nonato (PI).

⁽³⁾ Universidade Estadual do Ceará.

⁽⁴⁾ Universidade Federal de Uberlândia.

⁽⁵⁾ Universidade Estadual de Ponta Grossa.

⁽⁶⁾ Universidade Estadual de Maringá.

Conforme os dados do Quadro 1, foram encontrados 29 artigos científicos, em 14 revistas acadêmicas, vinculadas a 11 universidades públicas (6 estaduais e 5 federais) brasileiras, nos estados da Bahia, do Ceará, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, de Goiás, do Paraná e de São Paulo.

A partir das leituras dos títulos e resumos, foi possível perceber que os artigos se centravam sobre questões históricas, sociais, pedagógicas, artísticas, identitárias e biográficas de personalidades da capoeira, entretanto nenhum apontou o debate das relações de gênero em seus processos formais ou não formais no campo da Educação.

Esses dados reforçam a necessidade urgente de investir, dialogar e refletir academicamente sobre as relações de gênero nos diversos espaços da capoeira, elucidando as posturas machistas e racistas, ainda veladas nesse universo, resgatando histórias das mulheres e reconhecendo suas narrativas formativas na capoeira, a fim de que se torne possível avançar nas questões contemporâneas pertinentes a esse campo de atuação.

Com o levantamento dos trabalhos acadêmicos, foi possível perceber o descompasso entre a produção do conhecimento nos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* e a sua ínfima circulação acadêmica. Como garantir que o acesso ao conhecimento produzido com verba pública alcance os(as) capoeiristas, por exemplo, se não houver circulação – na forma de artigo, palestra, apresentação de trabalho em eventos, etc.?

Nesse contexto, busquei levantar os artigos científicos de capoeira publicados nas 31 revistas de Educação Física¹³⁷ vinculadas às universidades públicas estaduais (17) e federais brasileiras (14) (Apêndice I). Em seguida, utilizei o descritor ‘capoeira’ em cada periódico acadêmico. Após obter alguns trabalhos, fiz a leitura do título e resumo dos artigos pertinentes à temática. A seguir, no Quadro 2, exibo um panorama do quantitativo dos artigos científicos obtidos em revistas de Educação Física vinculadas às universidades públicas estaduais e federais do Brasil:

Quadro 2 – Panorama de artigos científicos sobre a capoeira em periódicos acadêmicos de Educação Física no Brasil (continua)

Estado	IES	Revista Educação Física	Nº de artigos
SP	Unicamp	Conexões	9
	Unesp	Motriz	50
	UFSCar	Motricidades	1
	USP	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2
GO	UFG	Pensar a Prática	35
RS	UFSM	Kinesis	2
	FURG ⁽¹⁾	Didática Sistêmica	4
	UFRGS	Movimento	14
MG	UFMG	Licere	12
	UEM	<i>Journal of Physical Education</i>	3
	Unimontes ⁽²⁾	Revista Eletrônica Nacional de Educação Física	1

¹³⁷ O estudo de Rayanne Medeiros da Silva (2018) analisa artigos de capoeira em diversos periódicos científicos brasileiros de Educação Física.

Quadro 2 – Panorama de artigos científicos sobre a capoeira em periódicos acadêmicos de Educação Física no Brasil (conclusão)

Estado	IES	Revista Educação Física	Nº de artigos
SC	UFSC	Motrivivência	9
MT	UFMT ⁽³⁾	Corpoconsciência	4
PR	Unioeste ⁽⁴⁾	Caderno de Educação Física e Esporte	3
RJ	UFRJ	Arquivos em Movimento	2

Fonte: elaborado pela autora.

⁽¹⁾ Universidade Federal do Rio Grande.

⁽²⁾ Universidade Estadual de Montes Claros.

⁽³⁾ Universidade Federal de Mato Grosso.

⁽⁴⁾ Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

No Quadro 2, observa-se um total de 151 artigos científicos, espalhados em 15 revistas acadêmicas de Educação Física, vinculadas a 15 universidades públicas (nove federais e seis estaduais) do Brasil. Nota-se ainda que o estado de São Paulo liderou o quantitativo, com 62 produções científicas, seguido de Goiás, com 37, tendo destaque as revistas ‘Motriz’ e ‘Pensar a Prática’, respectivamente.

Os estudos de capoeira versaram sobre diversos aspectos dessa luta/dança, em maior proporção sobre os processos de ensino-aprendizagem, as questões históricas, as reflexões contemporâneas, a inclusão social, a contribuição para a qualidade vida, a afirmação da identidade, a formação, a esportivização, entre outros. No que diz respeito às relações de gênero na capoeira, apenas três artigos científicos trataram deste assunto, os quais apresento no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Artigos científicos sobre capoeira e relações de gênero nas revistas de Educação Física do Brasil

Revista	Título	Autoria	Ano
Caderno de Educação Física e Esporte	Fatores de aderência e permanência de mulheres nas lutas em Chapecó – SC	Deizi Domingues da Rocha, Adriana Zagonel e Sabrina Lencina Bonorino	2018
Pensar a prática	“Capoeiras”: a representação da mulher nessa arte-luta brasileira	Tatiane de Assis Pereira e Wanderley Marchi Júnior	2019
Licere	Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da Grande Florianópolis	Samara Escobar Martins, Maria Eduarda Tomaz Luiz, Wihanna de Castro Cardozo Franzoni, Lais Mendes Tavares e Alcyane Marinho	2021

Fonte: elaborado pela autora.

Analisando-se o Quadro 4, é possível identificar apenas três artigos científicos recentes: um do ‘Caderno de Educação Física e Esporte’ (Unioeste), outro da Revista ‘Pensar a Prática’ (UFG) e o último da Revista ‘Licere’ (UFMG).

O primeiro artigo, de Rocha, Zagonel e Bonorino (2018), buscou investigar os fatores de aderência e permanência das mulheres praticantes de lutas em academias na cidade de Chapecó, SC. Durante a coleta de informações, participaram da pesquisa 20 colaboradoras, de diversas lutas corporais, dentre as quais havia praticantes de capoeira. Os resultados apontaram que as mulheres aderiram às lutas pela melhoria técnica e pelo condicionamento físico.

O segundo artigo, de Pereira e Marchi Júnior (2019), buscou descrever a inserção e representação dos corpos femininos na capoeira. A pesquisa bibliográfica constatou que há preconceitos em relação à participação das mulheres dentro da capoeira. Os autores trouxeram relatos que demonstram os caminhos difíceis das mulheres na capoeira, a negação aos instrumentos, a reprodução de músicas machistas e sexistas, os obstáculos externos (duplas ou triplas jornadas de trabalho) e o tardio reconhecimento para as mestras de capoeira, como aconteceu em Santa Catarina, que graduou a primeira mestra apenas em 2016.

O terceiro artigo, de Martins e colaboradoras (2021), refletiu sobre a participação feminina na capoeira, apresentando duas categorias: uma que analisa o ser mulher nessa luta/dança e a outra que analisa o ofício de mestra, a partir da trajetória de uma mestra de capoeira. As autoras evidenciaram os desafios de ser mulher e adentrar uma prática que ainda reproduz ações machistas, bem com a necessidade de desconstruir discursos que contribuem para as desigualdades e a naturalização das violências. Foi ressaltado o investimento na formação inicial e continuada, bem como a produção do conhecimento para complementar a atuação na capoeira e assim permitir reflexões e transformações dentro e fora da capoeira.

Em parte dos artigos houve menção a duas mestras, a mestra Janja e uma outra, de Santa Catarina, não identificada pelo nome. Esses três artigos possibilitaram a identificação dos motivos que levam as mulheres a se inserirem na luta/dança, bem como dos fatores que dificultam a sua presença ou as levam até mesmo a desistir do universo da capoeira.

Vale destacar ainda que há revistas específicas, não acadêmicas, que dialogam sobre a capoeira, como: ‘Praticando Capoeira’, objeto dos estudos de Leitão (2004), A. Silva (2012) e J. Machado (2019), que em algumas edições apresentou narrativas e imagens de mulheres, como a de mestra Cigana, por exemplo.

A pesquisa de J. Machado (2019) identificou, nas edições de 2002 a 2008 da referida revista, desigualdades de gênero nos acervos fotográficos: de um total de 197 fotografias, 97

são unicamente de homens, e apenas 11 exclusivamente de mulheres. A pesquisadora ainda notou que há 172 destaques para os homens, e 35 para as mulheres.

Além dessa, existem outras revistas de capoeira, a saber: Textos do Brasil, Revista Capoeira, Capoeirarte, Ginga Capoeira, Curso de Capoeira, Universo Capoeira, Capoeira Brazil e Capoeira, a arte marcial do Brasil. Mais recentemente, em 2018, foi lançada a Revista Íbamo, de cujo Conselho Editorial faço parte, sob direção do mestre Paulão.¹³⁸

Na supracitada revista, foram apresentados dois artigos: um deles, o recorte de dissertação que tratou da ínfima produção do conhecimento sobre a capoeira e as relações de gênero a partir das referências das dissertações e teses sobre a capoeira defendidas na UFBA e na Uneb, além de apresentar um mapeamento inicial de mestras de capoeira (FRANÇA, 2018b). O outro artigo é de autoria de Zonzon (2018) e tratou da sua experiência no universo da capoeira, em projetos e pesquisas que pautam a luta feminista. A autora ainda apresentou uma minibiografia de quatro capoeiristas, dentre as quais as mestras Ritinha (*in memoriam*) e Preguiça.

É oportuno destacar ainda que uma das revistas mais representativas na Educação Física é a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), vinculada ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE),¹³⁹ que, desde 1979, colabora com circulação da produção do conhecimento nesta área.

Pesquisas como a de Almeida, Tavares e Soares (2008, 2012) tecem reflexões sobre os discursos veiculados na RBCE. Por meio de um levantamento de 22 artigos, veiculados entre 1979 a 2006, conclui-se que os estudos tendem mais a valorizar a atividade no mercado das práticas culturais do que a interpretar o mundo social ou o seu impacto nos currículos escolares.

Somada a isso, a pesquisa de R. Silva (2018) destacou que, entre 2007 a 2017, foram publicados oito artigos sobre a capoeira na RBCE. Possivelmente, a revista tenha mais de 30 artigos científicos sobre essa manifestação cultural, porém não ficou evidente se essas pesquisas também envolvem as relações de gênero.

No intento de ampliar a discussão sobre a capoeira em outros repositórios eletrônicos, o estudo de Ana Silva (2019) fez um levantamento de artigos na base da Scientific Electronic

¹³⁸ Paulo Henrique Menezes da Silva é mestre de Capoeira, bacharel em Direito, jornalista e contabilista. Defendeu sua dissertação sobre capoeira recentemente, no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da UFRRJ.

¹³⁹ É uma entidade científica que congrega pesquisadores(as) ligados(as) à área da Educação Física, ou Ciências do Esporte. Criado em 1978, é organizado em secretarias estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos e liderado por uma Direção Nacional. Cf.: <https://www.cbce.org.br/apresentaca>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Library Online (SciELO), utilizando o descritor ‘capoeira’. Ao total, foram encontrados 15 artigos científicos entre 2010 e 2018, entretanto nenhum deles tratadas mulheres na capoeira.

Para aprofundar ainda mais essa discussão, procedi a um levantamento de artigos científicos sobre capoeira em revistas acadêmicas de Gênero/Feminismo¹⁴⁰ vinculadas às universidades públicas federais e estaduais. No Quadro 4, abaixo, apresento a lista dos trabalhos científicos que trataram da capoeira:

Quadro 4 – Artigos científicos sobre capoeira em revistas de Gênero/Feminismo brasileiras

Revista	Título	Autoria	Ano
Revista Gênero na Amazônia (UFPA)	Identidade de Gênero: mandingas, malícias e o jogo de poder nas rodas de capoeira paraense	Maria Zeneide Gomes da Silva	2017
Revista Feminismos (UFBA)	Pisada de cabocla: capoeira como veículo de ancestralidade, memória e resgate feminista da história.	Joana Brandão Tavares	2019

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 4, é possível notar que, de um total de 13 revistas científicas espalhadas em distintas universidades públicas (11 federais e 2 estaduais), apenas dois artigos científicos de capoeira foram socializados: um na UFPA, e outro na UFBA. Os dados levantados mostram uma escassez de estudos científicos sobre a capoeira e o seu entrecruzamento com as relações de gênero.

O primeiro artigo, intitulado *Identidade de Gênero: mandingas, malícias e o jogo de poder nas rodas de capoeira paraense*, de autoria de Maria Zeneide Gomes da Silva, refletiu sobre as identidades de gênero e a diversidade étnica na capoeira. A autora buscou analisar a participação da mulher paraense na roda; ao finalizar a escrita, constatou que a condição da mulher é marcada por valores machistas e sexistas, o que leva à sua discriminação e exclusão (SILVA, M., 2017).

O segundo artigo, *Pisada de cabocla: capoeira como veículo de ancestralidade, memória e resgate feminista da história*, de autoria de Joana Brandão Tavares. A autora buscou compreender as dinâmicas políticas e a relação com a ancestralidade africana nas memórias de duas jovens capoeiristas de Salvador, por meio de visitas de campo ao Grupo Nzinga. Ao fim,

¹⁴⁰ No Apêndice J, apresento a listagem das revistas científicas de Gênero/Feminismo; ao total, foram encontradas 13 (11 vinculadas a universidades federais, e 2 a universidades estaduais).

constatou que, por meio do olhar feminista, é possível rememorar a ancestralidade africana de distintas formas (TAVARES, 2019).

A partir do levantamento dos dois artigos nas revistas de Gênero/Feminismo, foi possível identificar os nomes das mestras Janja e Paulinha somente em um dos artigos. É fundamental que não cessem as discussões sobre as mulheres na capoeira nas revistas científicas da Educação Física e de Gênero/Feminismo, a bem como que surjam pesquisas sobre a temática nos periódicos acadêmicos de Educação.

Na próxima subseção, procuro identificar os trabalhos acadêmicos sobre a temática nos principais eventos científicos das áreas de Educação, Educação Física e Gênero/Feminismo.

3.1.2.3 A temática da capoeira e as relações de gênero em eventos acadêmicos de Educação, Educação Física e Gênero/Feminismo

Nesta subseção, apresento trabalhos sobre a capoeira e as relações de gênero veiculados em renomados eventos científicos das áreas de Educação, Educação Física e Gênero/Feminismo. Utilizei a palavra-chave ‘capoeira’ e ‘gênero’ para levantar as pesquisas que discutiam sobre a temática.

Na área da Educação, busquei identificar os trabalhos acadêmicos (socializados no formato de pôster ou comunicação oral) nos anais das últimas edições da Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)¹⁴¹ que ocorreram entre 2010 a 2017.¹⁴² Importa sublinhar que a ANPEd é a entidade notadamente mais representativa da área da Educação. Desde 1978, organiza reuniões anuais e regionais, das quais participam inúmeros professores(as) e estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*, que colaboram para ampliar o debate e fortalecer a Educação no Brasil.

Não foram identificados estudos acadêmicos sobre capoeira nas reuniões anuais da ANPEd. É contraditório perceber os avanços da produção do conhecimento sobre a capoeira e a educação nos Programas de Pós-Graduação do Brasil, por exemplo, e não encontrar ressonância no evento mais representativo da área.

Já no campo da Educação Física, busquei reconhecer os trabalhos sobre capoeira socializados nas cinco últimas edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e

¹⁴¹ Outras informações podem ser encontradas em: <https://anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>. Acesso em: 20 mar. 2020.

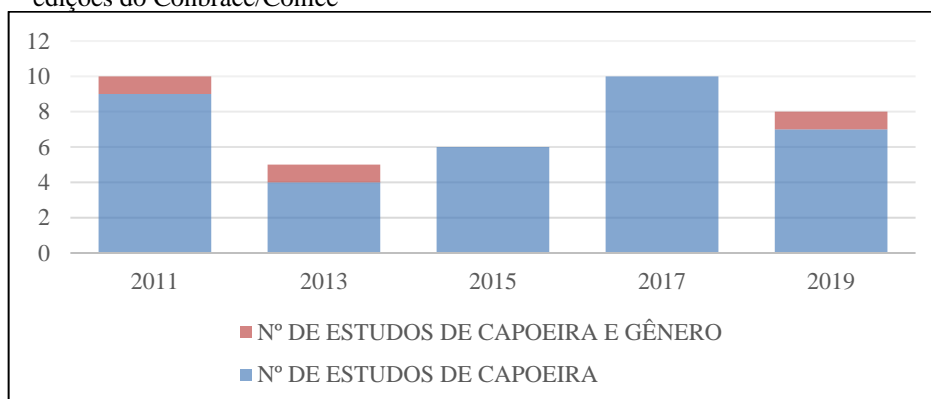
¹⁴² O levantamento de trabalhos foi da 33ª Reunião Anual da ANPEd, em 2010, até a 38ª reunião, em 2017. Outras informações em: <https://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conbrace/Conice).¹⁴³ Nas últimas três edições, submeti alguns trabalhos, tanto individualmente quanto em parceria com meu orientador, a saber: *A capoeira na Estratégia Saúde da Família: relato de experiência no município de Camaçari-BA* (FRANÇA, 2017), *Produção do conhecimento em capoeira nas dissertações e teses da UFBA e Uneb* (FRANÇA; LEIRO, 2017a) e *Produção e difusão do conhecimento em Educação: capoeira na roda científica*.¹⁴⁴

Destarte, apresentei, juntamente com meu orientador, um trabalho versando sobre a capoeira nas três últimas edições do Conbrace (FRANÇA; LEIRO, 2016; FRANÇA, 2018a). Esses eventos acadêmicos trazem inúmeras contribuições para os(as) estudantes, professores(as), pesquisadores(as); inclusive a possibilidade de compartilhar experiências e saberes com os pares, o que repercute na prática docente e na formação continuada.

Logo abaixo, apresento a distribuição dos trabalhos acadêmicos sobre capoeira e relações de gênero nas cinco últimas edições do Conbrace/Conice:

Gráfico 4 – Distribuição dos trabalhos acadêmicos sobre capoeira e relações de gênero socializados em cinco edições do Conbrace/Conice



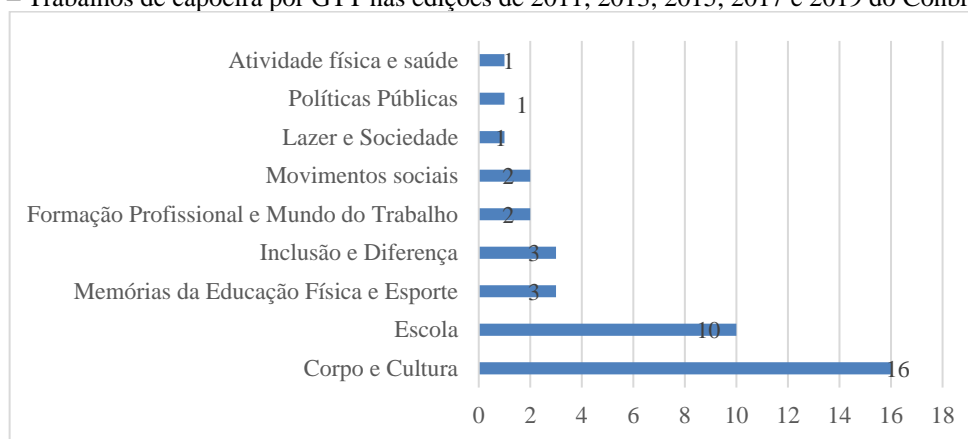
Fonte: elaborado pela autora.

Nota-se, no Gráfico 4, que há um quantitativo significativo de trabalhos acadêmicos sobre a capoeira socializados nos eventos do Conbrace/Conice. Ao total, foram 39 os trabalhos que abordaram a temática; quando se intersecciona com as relações de gênero, porém, esse número se reduz drasticamente, com apenas 3 trabalhos.

Abaixo, no Gráfico 5, exibo a distribuição dos trabalhos de capoeira apresentados no Conbrace/Conice, por Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT):

¹⁴³ Este é um dos eventos mais importante na área de Educação Física e Ciências do Esporte no Brasil. Os eventos do Conbrace/Conice ocorrem bianualmente desde 1979. Cf. <http://www.cbce.org.br/conbrace/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

¹⁴⁴ O trabalho, de autoria de Ábia Lima de França e Augusto Cesar Rios Leiro, será apresentado em dezembro de 2021. Maiores informações em: <https://conbrace.org.br/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Gráfico 5 – Trabalhos de capoeira por GTT nas edições de 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019 do Conbrace/Conice

Fonte: elaborado pela autora.

No Gráfico 5, observa-se que as discussões sobre a capoeira foram mais numerosas no GTT ‘Corpo e Cultura’, fazendo-se presentes em todas as edições do evento: ao total, foram 16 pesquisas. Em segundo lugar, o GTT ‘Escola’ contabiliza 10 trabalhos no período. Nas últimas cinco edições do Cobrace/Conice, dos 13 GTTs existentes até o presente momento, não foram socializados estudos sobre a capoeira nos seguintes GTTs: ‘Comunicação e Mídia’, ‘Epistemologia’, ‘Gênero’ e ‘Treinamento Esportivo’.

Apesar de não haver trabalhos sobre a capoeira e relações de gênero no GTT específico do assunto, foram apresentados três trabalhos sobre a temática nos GTT ‘Corpo e Cultura’, ‘Inclusão e Indiferenças’ e ‘Escola’. Logo abaixo, no Quadro 5, apresento essa distribuição nos últimos eventos do Conbrace/Conice:

Quadro 5 – Trabalhos sobre a capoeira e as relações de gênero nas edições de 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019 do Conbrace/Conice

Edição	Título	Autoria	Ano
XVII Conbrace IV Conice	Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro	Eliane Glória Souza; Fabiano Pries Devide	2011
XVIII Conbrace V Conice	Possíveis fatores que influenciam a mulher ao abandono da prática da capoeira	Larissa Borges Daltio; Mariana Vieira Ferreira; Fábio Luiz Loureiro	2013
XXI Conbrace VIII Conice	A mulher na capoeira: narrativas de preconceito	Monique Bianchetti; Leandro Oliveira Rocha	2019

Fonte: elaborado pela autora.

Ao se observar o Quadro 5, pode-se compreender o panorama dos trabalhos acadêmicos sobre a capoeira e as relações de gênero no âmbito do Conbrace/Conice, que foram apresentados em apenas três das cinco edições analisadas.

O primeiro trabalho, de Souza e Devide (2011), investigou as representações sociais das mestras e formandas de um grupo de capoeira do Rio de Janeiro. Participaram da pesquisa dez mestras e formandas, que elencaram as seguintes categorias: ‘resistência familiar’, ‘preconceito’, ‘racismo’, ‘conflito de papéis’ e ‘identidades de gênero’. Os autores identificaram barreiras culturais relacionadas às relações de gênero na capoeira e ainda formas de exclusão que as mulheres viveram no início de suas trajetórias dentro da capoeira.

O segundo estudo, de Daltio, Ferreira e Loureiro (2013), buscou compreender como se dão a continuidade e a permanência da mulher na capoeira e que fatores interferem no abandono/evasão das mulheres participantes do Projeto de Extensão ‘Capoeira’, da Ufes. Para isso, foi aplicado um questionário misto a 28 mulheres, com o qual se constatou que a desistência das mulheres se deve ao excesso de tarefas do cotidiano (cuidados com a casa e os filhos; tempo de estudo e trabalho) impostas socialmente.

O terceiro estudo, de Bianchetti e Rocha (2019), buscou identificar preconceitos contra a mulher na capoeira e de que forma se manifesta. Foram realizadas duas entrevistas com professoras de capoeira do estado do Rio Grande do Sul, em 2016. Os(as) autores(as) apontaram situações de preconceito e dificuldades relatadas pelas capoeiristas em suas trajetórias na capoeira.

A partir da análise dos três trabalhos, só foi possível identificar os nomes das mestras Sueli Cota e Rufatto em um artigo, que, inclusive, é de autoria da mestra Francesinha (Eliane Gloria Souza). Os outros dois estudos trataram das trajetórias, das atuações e das representações de mulheres na capoeira, entre os quais um enfocou as narrativas de mestras de capoeira.

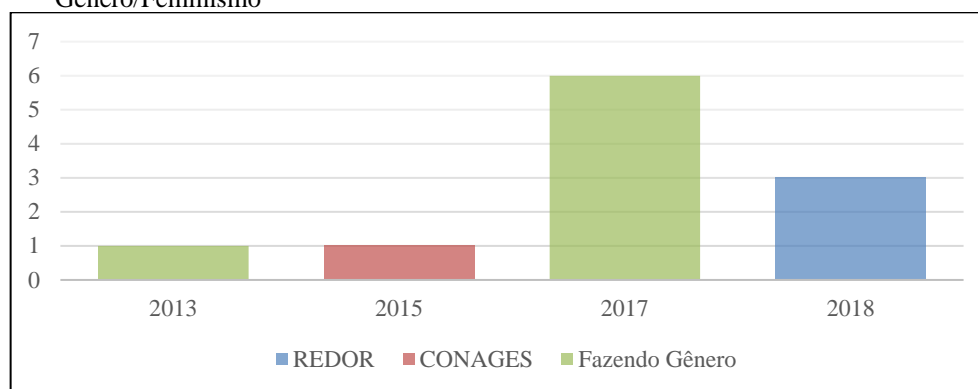
Desse modo, busquei ainda identificar os trabalhos acadêmicos sobre a temática nas últimas três edições de renomados eventos científicos, como: Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (Redor),¹⁴⁵Seminário Internacional Fazendo Gênero: diásporas, diversidades, deslocamentos

¹⁴⁵ O evento acontece desde 1992 e busca colaborar com discussões acerca das relações de gênero e estudos sobre a mulher. Cf. <https://bit.ly/3cQwc4E>. Acesso em: 30 mar. 2021.

(Fazendo Gênero)¹⁴⁶ e Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades (Conages).¹⁴⁷

Logo abaixo, pode-se visualizar, no Gráfico 6, o panorama dos estudos científicos sobre a capoeira e as relações de gênero nas últimas quatro edições dos eventos supracitados:

Gráfico 6 – Panorama de trabalhos científicos sobre a capoeira e relações de gênero em renomados eventos de Gênero/Feminismo



Fonte: elaborado pela autora.

A partir da análise do Gráfico 6, percebe-se que, nos últimos cinco anos, tem aumentado o quantitativo de estudos sobre a capoeira e as relações de gênero, cujo ápice se deu no ano de 2017. De um total de 11 trabalhos acadêmicos, a maior parte foi apresentado no evento Fazendo Gênero e em menor proporção no Conages.

Desse modo, no Quadro 6, a seguir, apresento o panorama dos trabalhos socializados nos anais dos referidos eventos:

Quadro 6 – Trabalhos acadêmicos sobre a capoeira e as relações de gênero nas quatro últimas edições dos renomados eventos científicos de Gênero/Feminismo (continua)

Edição do evento	Título	Autoria	Ano
Fazendo Gênero 10	Tem mulher na roda? Perspectivas feministas sobre relações de gênero e feminilidade na capoeira	Paula Natanny Rocha Bezerra	2013
Anais XI Conages	O feminismo que ginga: mulheres capoeiristas angoleiras em Salvador dos anos 80	Francineide Marques da Conceição Santos	2015

¹⁴⁶ Ocorre desde 1994 e é considerado um dos eventos mais relevantes nas discussões de gênero e feminismo. Cf.: <https://bit.ly/3HR7CyZ>. Acesso em: 20 mar. 2021.

¹⁴⁷ O colóquio está na sua 13ª edição, que traz contribuições em torno das questões de gênero e sexualidades. Cf.: <https://bit.ly/3cNVPTJ>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Quadro 6 – Trabalhos acadêmicos sobre a capoeira e as relações de gênero nas quatro últimas edições dos renomados eventos científicos de Gênero/Feminismo (conclusão)

Edição do evento	Título	Autoria	Ano
Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress	Quem toca pandeiro é homem, quem bate boca é mulher: a capoeira como espaço de produção de sujeitos generificados	Rita de Cassia Quadros; Andreza Estevan Noronha	2017
Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress	A pesquisa científica e o feminismo angoleiro: diálogo de conceitos pela transformação social da mulher na capoeira	Raquel Gonçalves Dantas	2017
Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress	Marcas étnicas e de gênero nas rodas de Capoeira Angola	Veronica Daniela Navarro	2017
Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress	O corpo feminino no jogo da Capoeira Angola	Judivânia Maria Nunes Rodrigues	2017
Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress	Ginga: uma epistemologia feminista	Rosângela Costa Araújo	2017
Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress	“Eu sou artista e este é o meu corpo”: um exercício de identificação sobre representações de mulheres capoeiristas	Luísa Gabriela Santos e Rosângela Costa Araújo	2017
XX Encontro da Redor	Violência de gênero na capoeira	Vanessa Coelho Moraes	2018
XX Encontro da Redor	Marias Filipas: história, experiências e estratégias de enfrentamento ao sexismo e à violência contra as mulheres na capoeira	Adriana Albert Dias	2018
XX Encontro da Redor	Movimento capoeira mulher: mandingas, malícias, saberes ancestrais e feminismo na roda	Maria Zeneide Gomes da Silva	2018

Fonte: elaborado pela autora.

Diante do exposto no Quadro 6, nota-se que tem aumentado o quantitativo de produções científicas sobre a capoeira e as relações de gênero, com maior recorrência nos anos de 2017 e 2018. Nessa direção, foi possível verificar que metade dos estudos socializados nos eventos são recortes de dissertações e teses sobre mulheres na capoeira defendidas em diversos Programas de Pós-Graduação do Brasil.

Seguindo a linha do tempo exibida no Quadro 6, o primeiro trabalho foi o de Bezerra (2013). A autora buscou compreender, através da perspectiva feminista, a constituição de feminilidade de mulheres na capoeira. Os resultados identificaram a resistência e a luta na

trajetória das mulheres capoeiristas, bem como que elas precisavam provar que dominam elementos constituintes da capoeira para terem seu espaço respeitado.

Dois anos depois, foi apresentada a pesquisa de F. Santos (2015), que buscou resgatar histórias de uma experiência feminista em Salvador, na década de 1980. O seu foco era tomar como referência a trajetória de vida de mulheres negras do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho. A autora concluiu que a dignidade das mulheres perpassa pela efetivação do ser protagonista de sua história, ser capaz de ter direito a ter direitos.

Posteriormente, foi socializado o trabalho de Quadros e Noronha (2017), que problematizam a prática da capoeira como espaço de produção de sujeitos generificados. Ao analisar 100 cantigas de capoeira, as autoras refletiram sobre a forma generificada de apresentar o feminino e o masculino nas músicas, identificando a produção compulsória da heterossexualidade e da coerência na capoeira.

O estudo de Dantas (2017) discutiu sobre as relações de poder e as categorias de produção de conhecimento, no modo como se estruturam no interior da Capoeira Angola. A autora elenca motivos que podem colaborar para o afastamento das mulheres da capoeira, como: dupla jornada de trabalho, assédio sexual, assédio moral, violência, ausência de apoio para cuidar dos(as) filhos(as), entre outros. Nesse sentido, o feminismo angoleiro se propõe a ser potencial transformador dessa realidade.

No mesmo ano, foi apresentado o trabalho de Navarro (2017), que discutiu sobre as relações entre as corporeidades nas rodas de capoeira do Grupo Nzinga (Salvador, BA), refletindo sobre a diversidade étnico-racial e de gênero, as quais possibilitam que as formas de ser, viver e existir no interior do grupo sejam repensadas a partir do encontro entre diferentes histórias e memórias, bem como dos múltiplos feminismos possíveis, que permitem diálogos horizontais e emancipadores.

O estudo de J. Rodrigues (2017) investigou o papel da mulher na capoeira a partir das produções acadêmicas e de aspectos característicos desse universo. A autora traz diversos questionamentos acerca das diferenças entre os corpos masculinos e femininos, relativos à inserção na capoeira, aos espaços ocupados e à identidade em jogo, buscando assim contribuir para a tessitura da história dos corpos femininos no jogo da Capoeira Angola.

O trabalho de Araújo (2017) toma a capoeira como uma tradicional expressão das resistências políticas de povos africanos no Brasil, posicionando a ginga como uma metalinguagem do feminismo angoleiro. A autora se posiciona contra a negação da capoeira como esporte, por ser pouca transgressora e reprodutora do sexismo. Além disso, rejeita práticas e discursos generificantes, buscando referenciais históricos que tratem da presença das

mulheres por meio de aspectos simbólicos, mitológicos e analíticos, inserindo a capoeira no interior da cosmopolítica.

A pesquisa de Santos e Araújo (2017) tratou das formas de representações do corpo entre mulheres capoeiristas que se autodeclaram artistas. As autoras, além de serem sujeitas da pesquisa, debruçaram-se sobre documentos que integram o campo dos estudos sobre capoeira, corpo e gênero. Buscaram, dessa forma, contribuir para o debate das representações de gênero e dos discursos sobre mulheres pertencentes a comunidades afroreferenciadas.

No ano seguinte, foram apresentados três trabalhos no XX Encontro da Redor, dentre os quais o de Moraes (2018), que é produto de um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), com o título *Experiências e representações de mulheres capoeiristas*, o qual buscou entender às experiências corporais e à intersecção com a problemática das relações de gênero. A autora trata dos desafios que as mulheres enfrentam na capoeira a partir de relatos de capoeiristas e aponta a importância das trocas de experiência para que haja aprendizados, as dificuldades diminuam e edifique-se uma identidade que colabora para a autonomia.

Já o estudo de A. Dias (2018) traz tessituras de sua experiência na capoeira como feminista e cofundadora do Grupo de Estudo e Intervenção Marias Felipas, que tem por finalidade discutir sobre as relações de gênero, as trajetórias e as representações das mulheres na capoeira, além de desenvolver estratégias de combate à violência de gênero. A autora tratou de algumas ações realizadas pelo coletivo, como as rodas feministas, que têm servido como instrumentos de luta contra o sexismo na capoeira.

A pesquisa de M. Silva (2018) tratou da experiência de atuação com o Movimento Capoeira Mulher, coletivo que agrega distintas mulheres, pertencentes a vários grupos de capoeira. Os resultados apontam para a tomada de consciência política por parte das mulheres capoeiristas e o papel dinamizador das rodas de capoeira que acolhem e promovem identidades sociais, valores e crenças, repensando outras epistemologias para a educação e a *práxis* feminista na Amazônia Paraense.

A partir dos 11 trabalhos socializados nos três renomados eventos acadêmicos (Redor, Fazendo Gênero e Conages), que discutem sobre as relações de gênero, foi possível identificar, em duas pesquisas, a autoria da mestra Janja, citada como Araújo; e em cinco pesquisas, os nomes das seguintes mestras: Janja, Paulinha, Ritinha (*in memoriam*) e Pé de Anjo (*in memoriam*).

Os estudos encontrados discutem, de uma forma geral, sobre questões históricas das mulheres na capoeira, experiências e trajetórias de mulheres e coletivos feministas na capoeira,

representações sociais de mulheres, reflexões em torno das feminilidades, interseccionalidades, estratégias de luta contra o machismo e o racismo, silenciamentos e opressões contra as mulheres veladas no universo da capoeira.

3.2 CONSTRUÇÃO E LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES NOS QUESTIONÁRIOS

Nesta subseção, detalho a construção e o levantamento de informações realizados por meio da aplicação dos questionários mistos, contendo perguntas abertas e fechadas. A elaboração e o início da divulgação dos questionários (Apêndice B) ocorreram quando eu ainda estava na finalização da escrita da dissertação, em 2017.

Para a construção desse dispositivo, foi fundamental a leitura da obra de Gil (2008), que me forneceu subsídios teóricos para guiar a formulação das perguntas, dos conteúdos a serem explorados, das suas vantagens e limitações, bem como o processo de codificação das informações colhidas.

Com a aplicação do questionário misto *online*, buscou-se discutir sobre os desafios e as potencialidades nas trajetórias formativas das mestras, um dos objetivos específicos da escrita. O dispositivo conteve as seguintes questões: dados pessoais (nome, data de nascimento, naturalidade, telefone, *e-mail*), dados sobre a trajetória na capoeira (tempo de dedicação, ano de formatura, grupo pertencente, concessão de título, experiência com a capoeira no exterior), além de perguntas abertas, que discutem sobre os desafios na formação e resgatam as experiências exitosas no processo formativo de mestra.

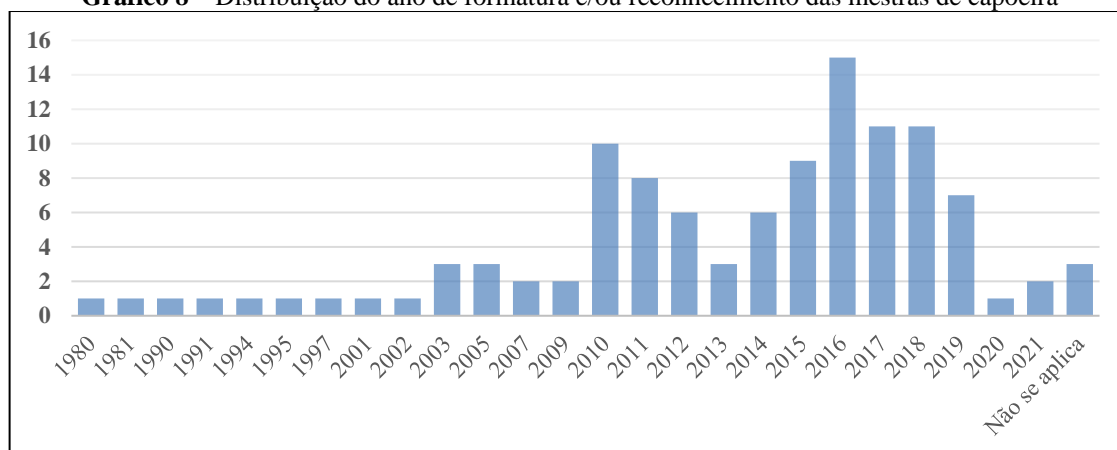
Nesse contexto, os questionários foram respondidos no período entre o dia 20 de março de 2017 até o mês de abril de 2021. Portanto, ao total, foram preenchidos 136 questionários, dos quais 27 foram excluídos, pois não atendiam a um dos critérios que havíamos estipulado: ser mestra brasileira (10) ou estavam repetidos (17). Depois desse filtro, o recorte amostral foi composto por 109 mestras autodeclaradas brasileiras, nascidas entre 1956 a 1987, que receberam títulos expedidos por seus(suas) mestres(as) e/ou foram reconhecidas popularmente na capoeira. Logo abaixo, no Gráfico 7, apresento o tempo de prática que elas têm no universo da capoeira:

Gráfico 7 – Tempo de capoeira das mestras da amostra

Fonte: elaborado pela autora.

Ao se verificar o Gráfico 7, identifica-se que a maioria das mestras têm entre 30 a 39 anos no universo da capoeira. Em segundo lugar, há um quantitativo expressivo de mestras que têm mais de 20 anos de prática; e em menor proporção, há mulheres que, com menos de 10 anos, tornaram-se mestras de capoeira.

Cabe-me ressaltar que as colaboradoras iniciaram na capoeira entre as décadas de 1970 a 1990, sendo consagradas mestras, em sua maioria, entre os anos de 1980 a 2021, conforme se pode observar no Gráfico 8, abaixo:

Gráfico 8 – Distribuição do ano de formatura e/ou reconhecimento das mestras de capoeira

Fonte: elaborado pela autora.

A partir do Gráfico 8, pode-se notar que, entre os anos de 1980 a 2002, poucas mulheres foram consagradas mestras. A partir de 2010, porém, esse número tem sido mais expressivo a cada ano, exceto em 2020 e 2021. Em minha avaliação, essa baixa no número de formação de mestras deve estar relacionada com a suspensão de atividades e a instituição das medidas de distanciamento social para a contenção da pandemia do Coronavírus.

O Gráfico 8 ainda revela que três mestras não identificaram os anos de suas formaturas ou reconhecimentos. Abaixo, no Gráfico 9, apresento mais informações sobre as formas de reconhecimento das mestras:



Fonte: elaborado pela autora.

Quanto ao reconhecimento das mestras, 92% receberam o título ou corda/cordel/cordão de seus(suas) mestres(as), 4% foram formadas ou destacaram a importância de mestras em suas trajetórias, e 4% tiveram o reconhecimento da comunidade da capoeira.

É importante destacar o protagonismo das mestras Janja e Cigana, que já formaram outras mestras de capoeira. Isso representa um avanço na história de mulheres na capoeira, que há décadas têm buscado superar as práticas sexistas e machistas nesse universo.

Outro dado importante elencado no questionário diz respeito às experiências de trabalho com a capoeira fora do Brasil, o qual evidencio no Gráfico 10, a seguir:

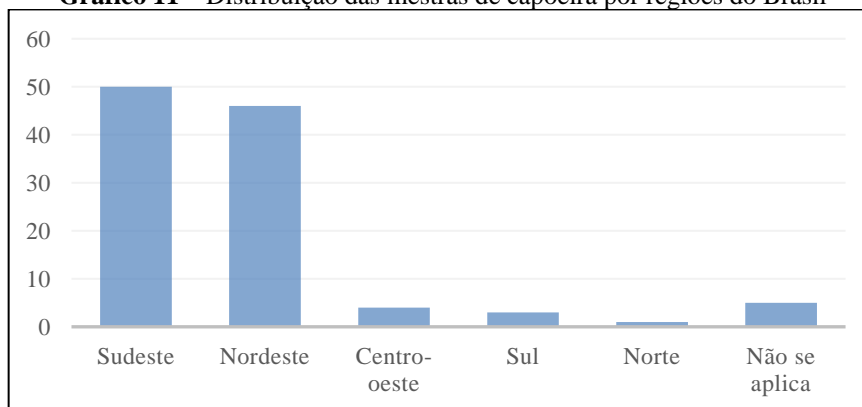


Fonte: elaborado pela autora.

Com base nessa questão, é possível constatar que uma grande parte das mestras (67) não tiveram trabalhos com a capoeira fora do Brasil. Entretanto, em menor proporção, 42 mestras tiveram experiências no exterior, em diversos países do continente europeu, asiático, sul-

americano, norte-americano, oceânico e africano. Inclusive, cinco mestras vivem nos seguintes países: Áustria, Estados Unidos, França, Israel e México. No entanto, a maioria das mestras estão espalhadas pelas várias regiões do Brasil, conforme exposto no Gráfico 11:

Gráfico 11 – Distribuição das mestras de capoeira por regiões do Brasil



Fonte: elaborado pela autora.

Sobre as regiões do Brasil em que as mestras estão residindo nesse momento, pode-se perceber que o Sudeste lidera com o maior quantitativo (50), seguido do Nordeste (46). As demais têm menos de uma dezena cada: Centro-oeste (4), Sul (3) e Norte (1); e ainda há 5 mestras no vivendo no exterior.

No que tange às respostas das questões abertas sobre os desafios e as experiências exitosas nos processos formativos de mestras, depois de várias leituras e reflexões em torno do conteúdo, classifiquei as respostas por intermédio de categorias. Segundo Gamboa (1998, p. 22), as categorias refletem “[...] todo-partes, abstrato-concreto, fenômeno-essência, causa-efeito, análise-síntese, indução-dedução, explicação-compreensão e lógico-histórico”.

A partir das palavras e declarações das mestras colaboradoras, de maneira recorrente nos questionários, elegi duas categorias temáticas, a saber: 1) a condição de ser mulher na pequena e grande roda; 2) ser mestra.

3.2.1 Condição de ser mulher na pequena e grande roda

Foi ainda bem pequena pelo irmão que me levou.
Quando eu ouvi o berimbau, o meu corpo arrepiou.
Foi naquele dia que tudo se transformou.
Entendi que a capoeira era o meu grande amor
(MESTRA TIDA).¹⁴⁸

Antes de fazer tessituras sobre a condição de ser mulher dentro e fora da capoeira, é importante compreender o processo histórico das mulheres nos distintos tempos e contextos geográficos, o qual foi discutido no capítulo anterior.

Em razão da sua complexidade, esta categoria foi dividida nas seguintes subcategorias, a saber: ‘inserção em jogo: preconceito e/ou resistência’; ‘múltiplos papéis sociais’; ‘gestação e maternidade em jogo’; e ‘as mulheres em formação: lutando para aprender’.

3.2.1.1 Inserção em jogo: da proibição à aceitação familiar

Entre as décadas de 1970 a 1990, dois pontos que perpassaram as trajetórias das mulheres no universo da capoeira foram o preconceito e a resistência dos familiares, como se pode conferir no relato abaixo:

Capoeira ainda era um esporte só para homens. Os meus pais não aceitavam eu treinar e por isso eu fugia pela janela de casa com minha irmã para conseguir treinar. Depois de muito tempo, meus pais aceitaram, e hoje minha família toda pratica ou praticou capoeira. (M 1).

Outros depoimentos, como os das mestras 58 e 59, também assinalam os preconceitos familiares que enfrentaram em suas trajetórias no universo da capoeira. Nesse ponto, é interessante trazer outros relatos que evidenciam as resistências dos pais e das mães no controle de seus corpos, como apontando no estudo de E. Silva (2018), que teve como foco as trajetórias de 10 mestras e formandas de capoeira.

Somados a isso, outras mulheres apontaram obstáculos familiares que enfrentaram para permanecer na capoeira, como foi relatado pelas seguintes mestras: Ritinha (*in memoriam*), que teve que esconder dos pais que estava aprendendo capoeira (ZONZON, 2020); Lene, que não poderia ficar na rua, pois era do colégio para a casa (SILVA, N., 2017); a Cigana, que teve de se casar para praticar capoeira, como ela mesma relata no excerto abaixo:

¹⁴⁸ Trecho da música *Eu sou Capoeira*, da mestra Tida. Disponível: <https://bit.ly/3CYGryp>. Acesso em: 13 de out. 2021.

Foi também o meu marido que me levou para as rodas do mestre Zé Pedro do Rio de Janeiro, mas ainda foi o meu marido que, pressionado pelo sistema, teve que me colocar na parede e pedir que eu escolhesse ou optasse entre a capoeira ou a família. Porque era muito constrangedor para ele ver sua esposa envolvida com malandros e vadios da capoeira, como era falado e é até hoje em alguns lugares. (Mestra Cigana).¹⁴⁹

Os relatos acima são de mestras que nasceram em lugares e tempos diferentes, iniciaram na capoeira em anos distintos, mas enfrentaram o preconceito dos pais. Mestra Cigana, ao escolher a capoeira, perdeu o marido e a guarda dos filhos, além disso, possivelmente, desencadeou outros danos para a sua vida.

Desta sorte, a base econômica do patriarcado não consiste apenas na intensa discriminação salarial das trabalhadoras, em sua segregação ocupacional e em sua marginalização de importantes papéis econômicos e político-deliberativos, mas também no controle de sua sexualidade e, por conseguinte, de sua capacidade reprodutiva, e até **afetiva**. (SAFFIOTI, 2004, p. 106, grifo meu).

Quero pontuar com isso dois aspectos que estão entrelaçados nos preconceitos dos familiares: um se refere à possível estigmatização da capoeira e de seus(as) praticantes, por ser uma manifestação cultural dos povos negros; e a outra, à constituição da família nos moldes patriarcais, em que o homem exerce a soberania sobre os corpos das mulheres (BEAUVOIR, 1970).

Essas opressões patriarcais sentidas pelas mulheres, somadas a outros marcadores identitários, como classe social e raça, vão dificultar ainda mais a inserção e a permanência das mulheres em uma prática considerada majoritariamente masculina.

Nessa linha de pensamento, alguns relatos ainda identificam os desafios das capoeiristas ao adentrarem nos espaços da capoeira sem ter nenhuma referência de mulher, em diversas regiões do Brasil, como ressaltado pela mestra 65. A esse respeito, os estudos de Cordeiro (2016) e Dantas (2020) também constataram que as mestras Dani e Elma, respectivamente, eram as únicas em seus grupos.

Vale apontar que nem todas as mestras de capoeira enfrentaram resistências e/ou preconceitos familiares, havendo ainda mulheres que tiveram apoio e até referência de seus pais e mães capoeiristas para iniciarem na capoeira.

¹⁴⁹ Depoimento mestra Cigana: *Uma vida pela capoeira*, no dia 12 de dezembro de 2019. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=7pDGSNHZDjk>. Acesso em: 20 mar. 2020.

3.2.1.2 Múltiplos papéis sociais

A gente tem uma jornada mais difícil, a mulher, né?
A maternidade, trabalha em casa, trabalha fora, casada,
o apoio que às vezes não tem para você continuar treinando,
o próprio machismo existente na capoeira é muito;
às vezes a mulher não se sente à vontade. (MESTRA DI)¹⁵⁰

Os desafios nas trajetórias das mulheres não se limitam às resistências familiares, vivenciadas por parte das capoeiristas, pois transpassam para outras barreiras sociais. Um dos pontos mais recorrentes nos depoimentos das mestras de capoeira foi a difícil tarefa de conciliar os treinos de capoeira com os múltiplos papéis sociais exigidos das mulheres:

Aqueles ligados a toda mulher, de conciliar as tantas demandas – pessoal, familiar, social, profissional e política – com a formação capoeirística. (M 35).

Várias dificuldades durante este processo: aliar criação da filha, trabalho, faculdade e viagens na capoeira. (M 41).

Foi tentar conciliar a vida de mãe, esposa e dona de casa com os treinos e eventos de capoeira, pois é bastante difícil. Muitas vezes, temos que nos desdobrar em várias, pois ainda vivemos em uma sociedade machista, que acha que só a mulher tem a obrigação de cuidar da casa e dos filhos. (M 94).

Esses relatos mostram as distintas cobranças e os atributos sociais que as mulheres exercem em suas trajetórias, dentro e fora da capoeira. Elas precisaram gingar com as complexas funções sociais com que se revestiu simbolicamente a feminilidade (CONRADO, 2006), as quais dificultam sua permanência e podem até mesmo levar à desistência de mulheres na capoeira, principalmente o casamento, a maternidade e a formação da família, quando há desigual divisão de papéis de gênero (SILVA, E., 2018; SOUZA; DEVIDE, 2011), que acaba sobrecarregando, responsabilizando e culpabilizando unilateralmente a mulher pelo andamento de tais fatores.

As formas de conceber os papéis sociais de homens e de mulheres são sempre construídas, mas podem sofrer transformações ao longo do tempo e na articulação com outras histórias pessoais, identidades étnicas, sexuais, de raça e classe (LOURO, 2014). Essa ideologia de feminilidade, subproduto da industrialização, foi forjada pelo capitalismo industrial, que inferioriza a mulher como “mãe” e “dona de casa” (DAVIS, 2016), embora não se aplique a todas as mulheres.

¹⁵⁰ Um trecho do depoimento da mestra Di. Disponível em: <https://bit.ly/3HYagTx>. Acesso em: 20 out. 2021.

É imprescindível falar ainda dos impactos do colonialismo na vida das pessoas negras. Augusto (2016) chama a atenção para o mito da democracia racial no Brasil, que nunca protege as mulheres negras. Sobre esse ponto, pode-se conferir o relato de uma mestra, que diz que o maior desafio é:

Ser negra, morar em Bairros periféricos, ser mulher, não ter nível superior e o machismo. Infelizmente os 'homens' foram criados com a ignorância cultural, seguida de machismo. Pensei várias vezes em desistir quando algo acontecia comigo, mas a vida é feita de escolhas e desafios. Hoje, tô aqui dando minha contribuição como mestra de capoeira. (M. 6).

A partir desse relato, pode-se refletir sobre a negação de direitos sociais como educação e moradia às pessoas negras, que, em sua maioria, ainda vivenciam esse problema na contemporaneidade. Para Munanga (2015), o nó do problema está no racismo, que desumaniza, hierarquiza e discrimina.

O depoimento de M 6 demonstra ainda a necessidade de ampliar a pauta da luta das mulheres, descolonizando o feminismo para provocar a elaboração de teorias feministas que dialoguem com as mulheres negras, lésbicas, indígenas, etc. (CARDOSO, 2014). Para além de descrevê-las, cabe ao(à) pesquisador(a) modificá-las, rompendo o silêncio e a invisibilização de diversas histórias que foram subalternizadas, descolonizando saberes, assumindo uma postura antirracista, etc.

3.2.1.3 Gestação e maternidade em jogo

Meu berimbau tá todo iluminado
 Pois tem criança jogando do meu lado.
 Sai de aú fazendo o sinal da cruz.
 Toda criança é um ser de luz.
 Faz bananeira, beija flor é bom demais.
 Toda criança traz um sorriso de paz.
 Faz meia lua, seu gingado me encanta.
 Toda criança é semente de esperança.
 (MESTRA SHEILA)¹⁵¹

Tratar sobre a gestação vai além do nascimento de um bebê; é falar sobre as diversas mudanças físicas, sociais e econômicas que vão impactar, sobretudo, a vida das futuras mães. Esse é um dos temas que podem afetar as mulheres com mais intensidade; mesmo aquelas que não querem ser ou não são mães, em algum momento da vida, provavelmente, já foram questionadas se têm ou não filhos(as).

¹⁵¹Trecho da cantiga da mestra Sheila, RJ.

Tal questão, antigamente, era tabu; reproduzia-se a condição de ser mulher e mãe como algo ‘naturalizado’ na sociedade. As mulheres que não eram mães sofriam estigmatizações, cobranças e opressões, pois ‘desviavam-se’ das condutas esperadas para as feminilidades.

É necessário compreender as discussões em torno das novas configurações familiares e demandas da vida contemporânea, que ressignificaram os sentidos da maternidade, colaborando para desconstruir modelos universalizantes, preestabelecidos e idealizados sobre a figura da boa e devotada mãe (ARTEIRO, 2017).

Retomando o diálogo sobre a gestação, nesse período, as mulheres podem enfrentar diversos desafios para continuar exercendo suas tarefas cotidianas, como praticar a capoeira, seja por recomendações médicas, por exemplo, em caso de risco de aborto, ou até as construções sociais nos moldes patriarcais, que impõem limites aos corpos das mulheres, sob o viés da fragilidade. Abaixo, foram elucidados alguns obstáculos nos processos formativos das mestras:

O processo de vida da mulher que quer engravidar, amamentar e cuidar dos filhos é diferente do processo do homem, mas os requisitos que se impõem para pegar esses títulos são os mesmos para homens e mulheres. (M 86).

Todos os obstáculos ultrapassados, preconceitos vencidos, principalmente por ser mulher, mãe, capoeirista, para finalmente conquistar a vitória de ter sido formada a primeira mestra de capoeira do Ceará. (DIAS, L., 2016, p. 20).

Continuar com um trabalho sólido e tendo que segurar o tombo só porque sou mãe solteira. (M 96).

Eu consegui voltar a treinar a duras penas [pausa]. Nesse período, quando ele tinha uns dois meses, eu voltei a treinar. Eu avisava ao mestre sobre os atrasos e também tinha que sair sempre antes do treino terminar, pra chegar em casa logo, por causa do Lucas. Às vezes, eu tirava um pouco de leite. Minha mãe me ajudava nesse assunto. Aí eu consegui manter a capoeira assim. Às vezes, faltava, porque, enfim [pausa]. (DANTAS, 2020, p. 42).

É necessário descortinar reflexões que possibilitem transformações na vida das mulheres que são mães, a quebra de paradigmas, a conscientização dos homens que são pais, e ainda não cumprem suas funções nos cuidados com os(as) filhos(as), a criação de espaços acolhedores e interativos para os bebês e as crianças dentro da capoeira, a formação e qualificação de lideranças que compreendam as especificidades de se trabalhar com as gestantes e mães.

Além dos desafios da maternidade na vida das mulheres, foi ressaltada a ausência dos pais para dividir as responsabilidades e os cuidados com os(as) filhos(as), tendo as mulheres enfrentados os obstáculos patriarcais coloniais para se manterem na capoeira, como é possível depreender a partir dos relatos abaixo:

No meu caso, sou mãe solo e criei minha filha dando aulas e cursos e sobrevivendo somente com subsídios da capoeira. Sou forte e vencedora com as experiências. sou negra, resistência e persistência no universo da capoeira. (M 20).

Como mulher preta e mãe solo, tive muitos percalços para me manter neste caminho da capoeiragem, pois, dentro de uma sociedade excludente, atravessada principalmente pelo racismo, que não dá trégua, tudo se torna mais difícil pra gente. (M 71).

Nessa perspectiva, é imprescindível a discussão sobre a interseccionalidade, que analisa o entrecruzamento de gênero, raça e classe nas avenidas identitárias em que as mulheres capoeiristas e mães são afetadas. Sobre isso, a mestra Janja afirma: “[...] a mulher que saiu da favela e cresceu dentro do programa social, aprendeu tudo que tinha daquela comunidade e assim ela teve acesso à prática da capoeira. Ela vai ter um filho e, para ir à academia treinar, vai ter que colocar o filho no colo, jogar uma esteira no chão, etc.” (LIMA, 2016, p. 57).

Diante disso, torna-se necessário repensar em ações individuais e coletivas nos distintos grupos, como as que vêm sendo realizadas pelo Grupo Nzinga e o Coletivo É cor-de-rosa Choque, por exemplo, que acolhem as mães e seus(suas) filhos(as). Paralelamente, é preciso de mudanças conjunturais que reflitam nos papéis sociais desiguais, como o aumento da licença-paternidade, a garantia da presença das mulheres de forma igualitária em todos os espaços representativos, entre outras.

Além disso, outros fatores podem colaborar para o afastamento das mulheres negras que também são mães, como: dificuldade para retornar para a casa à noite, devido à insegurança, falta de dinheiro para pagar os treinos (MENEZES, 2020) e adquirir os fardamentos (abadás); os horários e os dias das aulas, etc.

3.2.2 As mulheres em formação: lutando para aprender capoeira

Eu venho aqui falar e também agradecer
Por ter a capoeira e poder me defender.
Ela me dá autonomia, sabedoria para viver.
(MESTRA NANI)¹⁵²

Fazer tessituras sobre a formação das mulheres na capoeira é de uma complexidade imensurável, pois envolve normas, símbolos, sistemas de avaliação/graduação e rituais de ensino-aprendizagem próprios de cada estilo e linhagem, além de reflexões em torno da

¹⁵² Trecho da música *Sempre agradecer*, da mestra Nani de João Pequeno.

condição de ser mulher e outros atravessamentos identitários, os quais foram discutidos no capítulo anterior.

Nos processos formativos internos aos distintos grupos de capoeira, geralmente, os(as) capoeiristas vivenciam os toques dos instrumentos, os cânticos, os movimentos corporais (golpes, ginga, floreios, etc.) e os aspectos ritualísticos da roda; podem aprender sobre a história dos(as) mestres(as) e da capoeira, sobre valores, saberes, normas, filosofias de vida, dentre outros.

É preciso repensar nas trajetórias das mestras de capoeira, no sentido de entender os processos de aprender e ensinar em suas diversas experiências dentro da pequena e da grande roda, num processo contínuo, que pode durar sua vida inteira (SILVA; RIOS; NUÑEZ, 2018).

Apesar de não terem sido pontuados, nas respostas dos questionários, aspectos característicos de cada vertente, esforçar-me-ei para estabelecer nexos entre as singularidades e diferenciações das/entre as vertentes de capoeira no tocante às trajetórias formativas das mestras de capoeira.

Um dos pontos elencados pelas colaboradoras da pesquisa refere-se aos obstáculos enfrentados em suas trajetórias para aprender a tocar os instrumentos e cantar as músicas nos momentos das rodas de capoeira. Na dissertação de mestrado (FRANÇA, 2018a), abordei os aprendizados e a importância desses elementos para a formação dos(as) capoeiristas e para a manutenção da cultura popular.

Com relação aos toques e aos instrumentos, como apontado pela M 47 “[...] *é relevante destacar a ausência de mulheres compondo a bateria (instrumentos), o acesso aos instrumentos era exclusividade dos capoeiristas [homens]*”.

Além das dificuldades para acessar os instrumentos da capoeira, as mulheres ainda podem ser questionadas¹⁵³ ou até testadas nos momentos das rodas de capoeira, como sinalizado pela M 66 no depoimento a seguir: “*Sempre querendo testar nossa habilidade ao jogar, ao cantar e principalmente ao tocar os instrumentos*” (M 66).

Esses impedimentos ou exclusões das mulheres em habilidades importantes como tocar os diversos instrumentos e cantar desrespeitam os princípios éticos e comprometem os processos formativos no universo da capoeira.

Outro ponto destacado pelas mestras foi a letra das cantigas, que, em alguns casos, reproduzem o machismo e funcionam como instrumento de opressão contra as mulheres. Esse fator foi ressaltado no depoimento de M 47: “[...] *percebe-se que as letras das músicas de*

¹⁵³ A pesquisa de E. Silva (2018) também evidenciou essas mesmas dificuldades enfrentadas pelas 10 mestras e mestradas de capoeira.

capoeira ressaltam a objetificação sexual, a violência (física e/ou moral) e a inferiorização da mulher”.

Às vezes, a naturalização do uso das músicas preconceituosas e desrespeitosas é justificada pela manutenção da tradição, que deve ser preservada na capoeira (FERNANDES, SILVA; 2009). A ideia que transparece é que a capoeira é imutável e intocável, mesmo numa sociedade em que estão ocorrendo inúmeras mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas, etc.

Para avançar nessa reflexão, o estudo de M. Barbosa (2005) analisou 375 músicas de capoeira e pôde constatar que 25% tratam a figura feminina de forma pejorativa, estimulando a aplicação de violência simbólica, física e psicológica; fazem comparações negativas entre a mulher e animais perigosos, como cobras; associam o comportamento da mulher ao interesse (material, principalmente) e à traição; dentre outros fatores. Ou seja, reforçam a construção de corpos femininos e masculinos de forma generificada, como também foi apontado na pesquisa de Quadros e Noronha (2017), que analisaram 100 cantigas de capoeira. Para aprofundar esse debate, a mestra Janja ainda diz que

O sexismo (misoginia, lesbofobia, homofobia, transfobia) impede que a capoeira conclua sua missão libertaria, e que da mesma forma, encontramos nas disputas entre as representações dos gêneros (e sempre atentas às implicações interseccionais aos debates sobre etnias e raças e da diversidade sexual) novas dimensões discursivas aos estabelecimentos de práticas segregadas, decisivas nas reestruturações das relações de poder em meio à economia da capoeira, emergirem cada vez mais vigorosas. (ARAÚJO, 2016, p 371).

Por isso, a M 73 afirma que é preciso “[...] *denunciar, muitas vezes, as cantigas que constituem tradição na capoeira, mas, na verdade, têm intenção de perpetuar o trato pejorativo*”.

Há um aumento significativo de mulheres capoeiristas que se recusam a entoar as cantigas de capoeira que têm cunho sexista (FIGUERÔA; SILVA, 2014; TAVARES, 2019). Com isso, elas têm rompido o silêncio e transformado ou criado outras cantigas como forma de lutar contra o machismo.

No que se refere às vivências corporais, alguns relatos das mestras (M 33, M 34, M 45) apontaram limitações individuais em suas trajetórias formativas e a necessidade de se superar e adquirir aptidões físicas “[...] *que possibilitem movimentos ágeis, flexíveis e bonitos*” (M 46). Vale salientar que, na Capoeira Angola, não há o objetivo de executar movimentos rápidos,

nem com flexibilidade. Geralmente, esse estilo exige equilíbrio, força e resistência para executar os movimentos corporais.

Durante as rodas de capoeira, pode-se colocar em prática o que foi aprendido nos treinos, mas, nessas vivências, podem ocorrer episódios de desrespeitos, opressões e até violências de diversos tipos contra as mulheres. Isso ocorre independentemente do estilo de capoeira, como se pode ver no seguinte relato:

Na minha 1º roda de Capoeira, tomei uma banda nas duas pernas e caí de costas no chão. O mestre falou: mulher aqui é tratada que nem homem. (M 104).

O depoimento acima demonstra a naturalização do machismo e da violência que uma mestra vivenciou em sua caminhada na capoeira; longe de ser algo individual, as trajetórias das mulheres podem ser marcadas por preconceitos e repressões. É importante dizer que elas se mantiveram resilientes, resistiram e conseguiram gingar diante de tantos desafios, que ora estavam fora, ora perpassavam pela roda de capoeira.

Destarte, a tese da mestra Francesinha (SILVA, E., 2018) apontou uma situação constrangedora vivenciada por uma mestra, que foi tirada da roda assim que realizou a ginga, sem contar que as pessoas furavam a fila para jogar, dando mal exemplo. Essa mesma situação de mal entrar roda e os homens já retirarem foi vivenciada pelas mestras Catita¹⁵⁴ e Renatinha.¹⁵⁵ No universo da Capoeira Angola, é improvável que isso ocorra, pois não há momentos para interrupção, conhecidos como ‘compra de jogo’. Inicia-se no pé do berimbau; no comando do gunga,¹⁵⁶ se encerra o jogo, ou quando um(a) dos(as) capoeiristas assim o desejar.

Retomando aos episódios de violência, Zonzon (2020) afirma que a saudosa mestra Ritinha relatou ter visto uma mestra tomando um chute na barriga de um mestre renomado na academia de Capoeira Angola. Somado a isso, a mestra Elma também já vivenciou situações constrangedoras e violentas, tanto de ordem física quanto de ordem psicológica e moral, que tentavam desqualificar, desvalorizar e retirá-la das rodas de capoeira (BARBOSA, V., 2017).

Nessa linha de raciocínio, Souza e Devide (2011) ainda apontam que as mulheres podem enfrentar infantilizações e ridicularizações durante os ensinamentos e as vivências em rodas de capoeira. Existem outras atitudes violentas executadas por capoeiristas no jogo, como: carregar

¹⁵⁴ Cf. Camões (2020).

¹⁵⁵ Cf. Martielo (2021).

¹⁵⁶ Tipo de berimbau que tem a cabaça maior, também chamado de berra-boi. Sua função é organizar e direcionar o ritual da roda de capoeira e geralmente é tocado pelo(a) mais velho(a), que tem mais experiência na capoeira.

as mulheres no colo, levantá-las beijando no glúteo, chutar suas costas, acertar golpes em seu rosto, etc.

Que estratégias têm sido adotadas no universo da capoeira para lidar com as desigualdades de gênero? Como modificar os comportamentos masculinos que oprimem e violentam os direitos das mulheres capoeiristas? Quais as mudanças que têm ocorrido na capoeira quando as mulheres se tornam ou são reconhecidas como mestras?

Essas perguntas são complexas, e, sem dúvidas, para haver grandes transformações no universo da capoeira, é imprescindível que ocorram mudanças em diversos setores da sociedade. Em consonância com Paulo Freire (1987), somos da opinião de que transformar a realidade opressora é tarefa histórica, tarefa de homens e mulheres.

3.2.2.1 Ser mestra de capoeira

E lá vem ela, lutadora e guerreira,
ensinando a capoeira e também uma lição.
(MESTRA SIOMARA)¹⁵⁷

Falar sobre ser mestra é refletir sobre a condição de ser mulher na sociedade, perpassando por outros marcadores identitários; é tecer sobre as experiências, os saberes e os conhecimentos adquiridos no decorrer das trajetórias nos grupos de capoeira, tanto no dos(as) seus(suas) mestres(as) quanto em seus próprios espaços. É tecer ainda sobre as contribuições culturais, sociais e educativas em distintos contextos, seja, eles escolares, comunitários, familiares e universitários, dando aula, conduzindo eventos, liderando grupos, coletivos de mulheres, etc.

Ser mestre é uma consequência de uma trajetória de desafios, que, inclusive, aumentam com a mestria: 1) estar em forma pra responder às demandas da roda; 2) dominar os instrumentos e a musicalidade; 3) ser bom professor; 4) viajar bastante e fazer intercâmbio capoeirístico; 5) fazer eventos; 6) conhecer a si próprio; 7) ser um eterno aprendiz; 8) desenvolver a empatia; 9) conviver com as decepções; 10) saber porque está na capoeira e qual sua missão; 11) ser exemplo; 12) a cada dia, evoluir como ser humano. (M 29).

É importante dizer que o significado de ser mestra(e) está em contínua transformação, assim como a natureza e a sociedade estão em constante movimento, como assinalou Gadotti (1997). Portanto, enquanto pessoas inacabadas e inconclusas, as mulheres mestras poderão ter novos aprendizados e novas práticas pedagógicas dentro e fora da capoeira.

¹⁵⁷ Trecho da música *Mestra Siomara*. Disponível em: <https://bit.ly/3CUXEsN>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Corroborando com essa linha de pensamento, a M 62 ainda acrescenta que ser mestra é “[...] *conquistar a cada dia um espaço dentro da Capoeira, conseguir fazer um trabalho sério, de qualidade e de muito reconhecimentos*”.

Esses relatos expressam parte das exigências da prática de um(a) bom educador(a), apontada por Paulo Freire, patrono da educação brasileira, dentre as quais se destacar: a rigorosidade metódica, a pesquisa, o respeito, a ética, a reflexão crítica, a consciência do inacabamento, o bom senso, a humildade, a tolerância, a curiosidade, o comprometimento, a disponibilidade, a tomada de consciência, dentre outras (FREIRE, P., 1996).

Apesar das transformações que ocorreram no universo da capoeira ao longo da história, alguns ensinamentos vão se mantendo ‘vivos’, propagados de geração para geração por intermédio da figura do(a) mestre(a), considerado(a) o(a) guardião(ã) da memória da capoeira. Para Bosi (1979), as pessoas mais velhas são a fonte de onde jorra a essência da cultura, na qual o passado se guarda e o presente se prepara. Logo abaixo, apresentam-se depoimentos que traduzem a relação entre mestre(a) e discípulo(a):

Acho que a experiência mais significativa seria ter os formandos que tenho hoje, pois são pessoas que estão comigo ao longo de tantos anos, então é a experiência de ser educadora (M 4).

Quem me faz eu me tornar mestra são meus alunos, eu aprendo todo dia e acho que é mais isso, a relação de horizontalidade humana que tem na Capoeira Angola, é o respeito pelo ser humano independente da função, da graduação; a gente respeita a todos; o respeito é horizontal não porque você é mais ou menos, mas porque você está. (Mestra Elma –BARBOSA, V., 2017, p. 116).

Um(a) mestre(a): o(a) mágico(a). O(a) catalisador(a). Um caminho de ressignificação mitológica. Organizador do ritual. Elo palpável na cadeia de pertencimento. Um(a) formador(a) de discípulos(as), um(a) discípulo(a). Um(a) educador (a) angoleiro (a)! (Mestra Janja – SILVA, A., 2014, p. 47).

As falas acima confirmam a importância dos(as) discípulos(as) na vida das mestras(es) e vice-versa, uma relação mútua e de interdependência nas trajetórias formativas. Para Abib (2006, p. 93), nos ensinamentos dos(as) mestres(as), devem existir o respeito ao tempo de aprender de cada discípulo(a), “[...] herança de uma pedagogia africana, baseada na proximidade entre o mestre e o aprendiz”.

Assim, notei uma dupla importância, tanto das colaboradoras que são mestras para com seus(suas) discípulos(as) como de seus(suas) ou outros(as) mestres(as) para consigo ao longo de suas trajetórias de vida. Destacam-se, dessa relação, a relevância do convívio social de forma/ acentuada, o exemplo de vida e a atuação de encorajamento, apoio e compartilhamento de conhecimentos por parte dessas lideranças.

Meu mestre sempre foi o maior responsável pelo meu processo de aprendizagem. Me ensinou os movimentos, os fundamentos e me orientou quanto ao comportamento. Ensinou e ensina. Me direcionou e impulsionou a me especializar com cursos, vivências e convivências. (M 87).

Dito de outra forma, o(a) mestre(a) é um(a) personagem importante que articula os conhecimentos acumulados, tanto do passado como do presente, produzindo novas formas de saber-fazer que podem contribuir significativamente para a formação de outros(as) discípulos(as) (TUCUNDUVA, 2015).

No tocante à consagração de mestras, a maioria das colaboradoras relatou ter recebido títulos dos(as) seus(as) mestres(as), e uma pequena parcela obteve reconhecimento apenas da comunidade da capoeira. Esta última forma de reconhecimento, segundo Paiva (2007), representa os pares da capoeira, que podem ser alunos(as), capoeiristas pertencentes ao seu grupo, ou ainda ex-alunos(as) e contramestres (as) que têm relações com outros grupos de capoeira.

O reconhecimento como mestre (tanto na capoeira, quanto na cultura popular em geral) se dá então naturalmente, por parte da comunidade da qual ele faz parte, por entender que foram preenchidos os atributos exigidos para tal função. O título de mestre só tem legitimidade quando atribuído pelo grupo social ao qual representa, que, em última instância, é quem delega autoridade às suas lideranças. (ABIB, 2006, p. 95).

Será que o reconhecimento das mulheres na capoeira se dá naturalmente? Por que existem um número menor de mulheres na condição de mestras de capoeira nos distintos grupos, já que o número de mulheres treinando, às vezes, é igual ou superior ao dos homens? Depois que as mulheres se tornam mestras, também desfrutam de prestígio social? Elas têm legitimidade no universo da capoeira? Esses são alguns questionamentos importantes que norteiam a minha escrita.

Um dos fatores importantes nos percursos formativos e nas atuações das mestras de capoeira e dos(as) demais capoeiristas é o tempo. Este é influenciado pelas dinâmicas sociais: tempo para se dedicar aos treinos e assumir múltiplos papéis sociais que são impostos socialmente.

Os desafios são estar treinando, trabalhando, vivenciando a Capoeira no dia a dia. Passar pela faculdade (jornalista PUC-RJ), assumir as escolhas na vida, conviver com o sistema. (M 16).

Vida corrida, muito trabalho! (M 64).

O meu maior desafio sempre foi o manejo do tempo para conciliar as exigências da profissão que escolhi (especializações e carga horária) com o tempo dedicado à capoeira (treinos, estudos e aulas ministradas). (M 87).

A partir desses depoimentos, pode-se refletir sobre os obstáculos enfrentados pelas mestras, como a administração do tempo, as múltiplas funções sociais e as histórias de vida. O tempo de dedicação ao processo de ensino e aprendizagem da capoeira é diverso, pois, em cada etapa da vida, podem acontecer inúmeros fatores, que ora aproximam, ora distanciam as mulheres da prática da capoeira. Ainda sobre o tempo de serem consagradas mestras, as colaboradoras relatam que:

Muitos outros homens com menos tempo, conhecimento e trabalhos em prol alcançam essa graduação e não são tão questionados como nós mulheres. Nossas capacidades são testadas a todo momento, por todos, como se eles fossem melhores do que nós. (M 17).

O tempo para ser formada; via diversos capoeiristas (homens) mais novos na capoeira do que eu sendo formados mestres, minha formatura, embora tivesse trabalho e atividades voltadas para a capoeira, demorou. (M 26).

O tempo para alcançar a mestria de capoeira foi maior, pois muitos duvidavam da minha capacidade e maturidade, logo percebia uma resistência na conquista dessa graduação. (M 47).

Em muitos depoimentos, ficou explícito que o tempo para as mulheres serem consagradas mestras é mais longo do que para os homens. Não se trata apenas de dominar os aspectos ritualísticos da capoeira, nem de desenvolver trabalhos para o reconhecimento, mas as mulheres “[...] devem provar estarem aptas para a luta física, e se necessário devem lutar contra homens” (FIRMINO, 2011, p. 98). Sobre isso, elas pontuam que, mesmo recebendo a titulação de mestras, elas enfrentam os seguintes desafios:

Ser aceita por mestres mais velhos de capoeira, [pois]o machismo ainda impera nas rodas. (M 20).

Hoje me sinto reconhecida nos lugares onde chego, mas, ainda assim, preciso me afirmar para que os que não me conhecem me deem credibilidade. O processo não vai acabar; acredito que nós é que estamos dispostas a enfrentar esse machismo, que está enraizado. (M 69).

Eu sempre fui muito discriminada. Quando eu voltei para o Rio, ninguém me aceitou como mestra. Eu tenho diploma do mestre Canjiquinha, fui a primeira mestra oficializada pela Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP). (Mestra Cigana – CAMÕES, 2019, p. 61).

Foi possível perceber, por trás de cada depoimento, a complexidade do que é ser mulher na pequena e na grande roda: os distintos obstáculos em suas trajetórias de vida, pela condição de serem mulheres, os papéis sociais desiguais, os preconceitos e as resistências dentro e fora

da capoeira, que, de alguma forma, impactam em suas atuações. Além disso, alguns relatos evidenciaram ainda o racismo estrutural:

Para uma mulher negra, o maior desafio é o reconhecimento, além dos atravessamentos meritocráticos. Mesmo sendo mestra em Dança pela UFBA, não tenho uma academia, e isso são questões pertinentes, já que 34 anos de experiência não bastam! (M 90).

Embora seja um espaço da cultura negra, ainda tem poucas meninas e mulheres negras ocupando [a capoeira]. Então, é muito fácil elas se sentirem sem voz. E não é porque ninguém está calando explicitamente, mas porque isso [o silenciamento] é recorrente na nossa formação, na sociedade. (Mestra Cristina – DANTAS, 2020, p. 51).

Os depoimentos das duas mestras expõem as opressões e os preconceitos dentro das estruturas do colonialismo e do patriarcado, que podem oprimir suas vozes, invisibilizar suas trajetórias e histórias, dentro e fora da capoeira. A primeira reflete o racismo estrutural, institucionalizado e cotidiano, e a segunda aponta a ausência da voz pelas estruturas de opressão, que não permitem que as mulheres negras sejam escutadas (KILOMBA, 2019).

Assim, faz-se urgente a tomada de consciência política na pequena e na grande roda, a necessidade de mobilização social contra o colonialismo, o patriarcado e o capitalismo, que são estruturas de opressão e violência. E assim, nos jogos de disputa de poder, a valorização das múltiplas identidades, o resgate da cultura afro-brasileira, os saberes e conhecimentos plurais para avançar no resgate da democracia.

Como o universo da capoeira é constituído por pessoas que pensam e agem de modo diferente, de acordo com suas crenças, seus valores e aprendizados, não há homogeneidade nos significados e nas práticas pedagógicas das(os) mestras(es) de capoeira.

Nesse sentido, Gramsci (1982) aponta a importância da concepção de mundo que o indivíduo possui, pois ela poderá contribuir para manter ou modificar a concepção de mundo de seus aprendizes. Partindo desse pressuposto, não há neutralidade nas práticas pedagógicas das(os) mestras(es), pois “A neutralidade é um dispositivo ideológico numa sociedade dividida em opressores e oprimidos. Numa sociedade assim, permanecer neutro equivale a estar do lado dos poderosos e dos opressores” (SANTOS, B., 2019, p. 75).

Nesse sentido, a capoeira, enquanto prática educativa, pode vir a ser um espaço político para a superação das contradições da sociedade (GADOTTI, 1997). Caberia, então, às(aos) mestras(es) mediar os saberes e os conhecimentos da capoeira, desafiar e estimular os(as) discípulos(as) a pesquisarem sobre a capoeira, vivenciarem outras experiências com grupos e rodas, além de promoverem mais debates e eventos formativos e políticos.

Foi interessante notar que as mestras desenvolvem distintas atividades, projetos, eventos e trabalhos com a capoeira. Dentre os inúmeros trabalhos desenvolvidos, destacam-se: a organização de encontros, como o ‘Encontro Nacional de Capoeira’, no Circo Voador, em 1985, na Mesa Feminina de Capoeira (M 16); a construção de projetos como ‘É cor-de-rosa choque’(M 35); a organização de Roda Feminina (M 40); o trabalho com a capoeira fora do Brasil (M 2, 24, 43, 61, 69, 74, 99); a produção de DVD e CD (M 1, M 38); a representação em conselhos de mestres do Iphan (M 48); atividades em uma Organização não Governamental (ONG) (M 58, 84, 109); a presidência (M 94) e a vice-presidência de uma associação de capoeira (M 68); e pesquisa científica (M 2, 35).

A partir disso, pode-se inferir que, durante suas trajetórias formativas, apesar de serem marcadas por desafios e preconceitos de gênero, as mulheres têm conquistado distintos espaços e campos de atuação, colaborando para o protagonismo, a visibilidade e o reconhecimento do papel e da relevância das mestras de capoeira.

4 AS MESTRAS DE CAPOEIRA EM MÚLTIPLAS RODAS PELO MUNDO

Eu, pra contar minha história
 Não conto de uma vez
 Capoeira que me ensina
 Angola quem me educou
 Eu não sou Maria Felipa
 Eu não tenho a sua cor
 Mas eu me chamo Maria
 e nessa luta eu também estou!
 Camaradinha... (MESTRA GEGÊ)¹⁵⁸

Nesta subseção, apresento os registros biográficos das mestras de capoeira, a partir de múltiplas rodas. Na primeira roda, lanço mão de vestígios de mestras pioneiras, em seguida apresento seus registros biográficos e discuto sobre suas atuações nos coletivos de capoeira.

4.1 DO JOGO DA NAVALHA AO JOGO DE CAPOEIRA: VESTÍGIOS DE MESTRAS PIONEIRAS NO BRASIL

“Iêeeeeeeeeeeeeee!
 Vou contar uma história
 falar de mulher guerreira
 Mulher negra quilombola
 A mulher na capoeira
 Fala de Acotirene
 Do seu grito que ecoou
 Era a mãe do quilombo
 Palmares ela lutou
 Luisa, que é mulher negra
 Gege e nagô da Bahia
 Nos males e sabinada
 Lutou em ninguém sabia
 Ainda na velha Bahia
 Falar de Janja e Felipa
 Mulheres fortes guerreiras
 Capoeiras destemidas
 chegando no Pará
 Terra de Silvia Leão
 Ela é mestra Pé de Anjo
 Mora no meu coração
 Na angola ou regional
 Ela mostrou o seu valor
 E pra jogar lá no céu
 Nosso senhor já lhe chamou
 Camaradinha...
 Iê, viva meu Deus!
 Iê, viva meu Deus, camará¹⁵⁹

¹⁵⁸ Trecho da música de mestra Gegê (PINHEIRO, 2018, p. 98).

¹⁵⁹ Música de Margarida, canto gravado em vídeo, em 4 de maio de 2018 (SILVA, M., 2018).

É através das cantigas de capoeira que a cultura popular pode se manter ‘viva’, propagada entre as diversas gerações, revelando trajetórias de mulheres e homens capoeiristas. Nessas cantigas, além do resgate histórico de mulheres guerreiras que lutaram no período da escravidão e colonização, foram registradas histórias de mestras, como as das mestras Janja e Pé de Anjo (*in memoriam*).

É importante acompanhar o processo histórico da capoeira, que foi abordado no capítulo anterior, para facilitar a compreensão em torno da invisibilização dos registros biográficos e documentais sobre as mulheres na capoeira, principalmente nos séculos XIX e XX. Assim, Salvatici (2005, p. 36) acrescenta que

A história oral de mulheres contribui para destacar a interconexão entre a construção de papéis sociais e os direitos de cidadania nas narrativas coletivas; isso significa que a história oral de mulheres suscita novas questões na esfera da relação entre história e memória.

Portanto, recuperar histórias e memórias das mulheres – no caso específico desta pesquisa, das mestras de capoeira – também ajuda a combater a invisibilização, a fortalecer o protagonismo das mulheres e a lutar contra o machismo e sexismo, dentro e fora da roda.

Apesar de se disseminar que a presença das mulheres na capoeira é algo recente, em torno da década de 1980, pude notar que desde o século XIX, em distintas regiões do Brasil, as mulheres valentes já vivenciavam esse universo, inclusive, há indícios de que antes desse período já havia sido registrada a existência de mestras de capoeira.

Contudo, a década de 1980 foi um marco importante, por ter dado abertura para maior inserção das mulheres na capoeira, acompanhada de diversas conquistas sociais, dentre as quais o acesso à educação, a não obrigatoriedade do casamento e deter filho(a), a difusão de métodos anticoncepcionais, o crescimento de oportunidades na esfera profissional e a formatura da primeira mestra de capoeira¹⁶⁰ (FIRMINO, 2008).

Sobre os pioneirismos das mestras de capoeira, apesar de ter encontrado fontes documentais que me possibilitaram descobrir várias histórias e memórias das mulheres na capoeira, não se sabe quem foi a pioneira mestra no Brasil. Assim como Gamboa (1998, p. 31), compreendo que “[...] o fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas parcialmente; entre fenômeno e essência existe uma relação íntima”.

¹⁶⁰ Vários estudos apontaram o reconhecimento da mestra Cigana como a pioneira (SILVA, M., 2017).

A partir do levantamento documental realizado, apresento, abaixo, imagens de possíveis mestras pioneiras de capoeira (Figura 21) e destaco a importância de novos estudos científicos que aprofundem as narrativas das mestras de capoeira diante da complexidade que é essa temática, situando a memória em torno do espaço e do tempo (HALBWACHS, 1968).

Figura 21 – Mestra Tonha Rolo do Mar (esq.), mestra Sandrinha (centro) e mestra Cigana (dir.)



Fonte: María de la Paz Ramos (2020),¹⁶¹ Revista Dô¹⁶² e Revista Praticando Capoeira (da esquerda para a direita).

As imagens apresentadas na Figura 21 se referem, possivelmente, às primeiras mestras de capoeira do Brasil. A primeira imagem (à esquerda) é da mestra Tonha Rolo do Mar (*in memoriam*), a segunda (ao centro) é da mestra Sandrinha (*in memoriam*); e a terceira (à direita), da mestra Cigana. São histórias de mulheres que viveram em tempos distintos, ora reconhecidas, ora desconhecidas pela literatura científica e historiografia. A elas, dedico estes versos, de minha autoria:

Tonha Rolo do Mar queria saber da sua história
 Que ensinou a Cobrinha Verde o jogo da navalha.
 Foi lá em Santo Amaro, terra de tantos capoeiras.
 Você partiu de Santo Amaro e foi morar lá no Tomba.
 Perguntei aos velhos mestres de Santo Amaro
 e de Feira de Santana.
 Ninguém sabia dizer, mas sua história vou escrever.
 Iê, viva meu Deus!! Iê, viva as mulheres!!
 Iê, viva as mestras!! Iê, viva mestra Tonha Rolo do Mar.

¹⁶¹ Obra Capoeiras Notebook 2021, Impresso em Málaga España. Disponível: Paz Ramos illustration (@ramosreyes.paz) • Fotos e vídeos do Instagram. Acesso em: 1º ago. 2021.

¹⁶² Mestra Sandrinha. A mulher na roda de capoeira. *Dô*. Revista de Artes Marciais, n. 10 (1979), p. 22-25.

Figura 22 – Entrevista do mestre Cobrinha Verde mencionando a mestra Tonha Rolo do Mar

Eu então me criei naquele meio. O meu mestre verdadeiro era Besouro mas eu aprendi com muitos mestres lá em Santo Amaro. Vou dar o nome de um por um: Maitá (que gozou até um samba com o nome dele), Licuri, Joité, Dendê, Gasolina, Siri de Mangue, Doze Homens, Esperidião, Juvêncio Grosso, Espinho Remoso, Neco Canário Pardo. Aliás, Neco Canário Pardo foi meu mestre de jogar facão. O meu mestre de jogar navalha no cordão, nas mãos e nos pés foi Tonha, apelidada de Tonha Rolo do Mar. É uma mulher. Ainda é viva e anda de facão na mão. Mora em Feira de Santana, no Tomba.

Fonte: M. Santos (1991).

No trecho destacado, o mestre Cobrinha Verde¹⁶³ fala que considerava Tonha Rolo do Mar, seu ‘mestre’ de jogar a navalha no cordão, nas mãos e nos pés. Nesse período, tanto a navalha, quanto o pau e a faca eram símbolos que se associavam à capoeiragem (FIALHO, 2019). Importante situar que o mestre Cobrinha Verde nasceu em Santos Amaro, em 1917, e viveu até 1983, tendo passado por vários lugares, como Manaus, Salvador, São Paulo, entre outros.

Contudo, não é possível afirmar por quanto tempo a mestra Tonha Rolo do Mar contribuiu com a trajetória do mestre Cobrinha Verde, nem em que ano isso aconteceu; possivelmente, deve ter sido durante as primeiras décadas do século XX, pelos fatos narrados no livro de M. Santos (1991), citado nas pesquisas de Simões (2002) e Castro (2007). Essa ausência de registros compromete o trabalho dos(as) pesquisadores(as) e pode enviesar os discursos, para que não sejam reais.

Importante destacar que dialoguei com alguns(mas) historiadores(as) e capoeiristas, como Josivaldo Pires de Oliveira,¹⁶⁴ Antônio Liberac Cardoso Simões Pires,¹⁶⁵ mestre Macaco,¹⁶⁶ e Mônica Beltrão,¹⁶⁷ sobre a história da mestra Tonha Rolo do Mar. Apenas Beltrão tinha a referência do livro, o qual foi citado anteriormente, os demais não tinham nenhuma informação sobre a mestra.

Não encontrei mais informações sobre a mestra Tonha Rolo do Mar na *Coleção Biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA*

¹⁶³ Rafael Alves França, nascido em Santo Amaro.

¹⁶⁴ Mestre Bel reside atualmente em Feira de Santana, é doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA, leciona História da África na Uneb, tem várias produções científicas e, recentemente, em 2019, lançou o livro *O urucungo de Cassange: um ensaio sobre o arco musical no espaço atlântico (Angola e Brasil)*.

¹⁶⁵ Graduado, mestre e doutor em História, atualmente é professor de História na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

¹⁶⁶ Raimundo José das Neves é uma referência dentro de Santo Amaro, onde desenvolve atividades culturais como maculelê e capoeira. É fundador da Associação de Capoeira Arte e Recreação Berimbau de Ouro (Acarbo).

¹⁶⁷ Técnica Pedagoga, servidora pública de Recife, escritora e capoeirista.

lançado em 2015, apesar de haver informações sobre ela na obra de Marcelino Santos (1991), o qual foi referenciado em um dos capítulos sobre o mestre Cobrinha Verde.

Nesse sentido, apesar de o trabalho aprofundar as histórias e memórias de mestres pioneiros em Santo Amaro, como Besouro Mangangá, Gato, Cobrinha Verde, Messias, etc., também não localizei informações sobre a supracitada mestra na dissertação de Barcelli (2018), que tratou sobre a capoeira no Recôncavo Baiano.

O fato de não encontrar outros vestígios sobre a referida mestra leva-me a refletir sobre a invisibilização da história das mulheres, uma ausência “[...] construída nos processos de memória e esquecimento, influenciados pela colonização dos valores da Capoeira pelo binarismo de gênero, exógeno ao caldeirão cultural afro-brasileiro que herda outras maneiras de compreender e constituir as diferenças” (FIALHO, 2019, p. 146).

Mestra Sandrinha foi capoeira
Na década de 70 já era guerreira.
Numa época que não era bem-vinda,
A mulher estava na capoeira.
Ela foi umas pioneiras
No Rio de Janeiro, já dava rasteiras.
Não sei se foi mestre Caiçara,
mestre Roque ou reconhecimento popular.
Mas a sua memória permanece bem viva
no imaginário popular.

Figura 23 – Entrevista de mestra Sandrinha







MESTRA SANDRINHA

A MULHER NA RODA DE CAPOEIRA

EM 1832 começaram a se organizar as primeiras grandes matas de Capoeira no Rio de Janeiro.

O negro, produto de uma classe social baixa, massacrado pelo processo de escravização, vivia em um meio onde a luta era a primazia. Aperfeiçoou-se então, na Capoeira de Angola, legado festivo de Angola, na África e arma de defesa, no Brasil, onde as escravos enfrentavam um tipo de colonização baseada na economia exportadora escravista.

A Capoeira era tão eficiente que, há notícias inclusive, de uma batalha campal, na atual Praça 11, onde os Guáramus (conhecido grupo de capoeiristas) ajudaram as tropas de D. Pedro I a conter um levante de holandeses e alemães.

Através dos tempos, entretanto, a Capoeira foi sendo disciplinada como um elemento de dança, religião e essencialmente, de defesa.

Meciraram-se aqui os seus aspectos lúdicos, herança dos africanos, e marciais, produzido pelos quilombos espaciais de acampamento armado, onde os negros exercitavam-se no combate a favor da sua liberdade.

De 1832 até hoje, muita coisa mudou. Muitos mestres da cidade do Rio de Janeiro morreram, vítimas da própria sorte ou de trágico destino. A Capoeira já não é mais tão violenta embora conserve-se, em vários locais onde é praticada, com toda a sua destreza e maleabilidade dos corpos.

No Morro do Pavãozinho, por exemplo, temos Mestra Sandrinha, 20 anos, dez dos quais dedicados à Capoeira. Aluna de Mestre Roque, baiano, trazido ao Rio de Janeiro pela ânsia de novos horizontes e chances de trabalho, mas graduada por Mestre Caiçara.

O fato de ser uma mulher pode causar uma certa surpresa, e que não a impede de praticar com a maioria masculina de seus alunos.



▲ Sandrinha, com bela pose e já há professora da Capoeira no Dô.

Fonte: Mestra Sandrinha. A mulher na roda de capoeira. *Dô*. Revista de Artes Marciais, n. 10 (1979), p. 22-25.

Mestra Sandrinha (*in memoriam*), uma das mestras pioneiras na capoeira, nasceu em 1959, no estado do Rio de Janeiro. Participou de vários *shows* com o Grupo Sabata, no Clube Guanabara e no Grupo Filhos de Obá, do Rio de Janeiro e da Bahia, respectivamente. Em 1970,

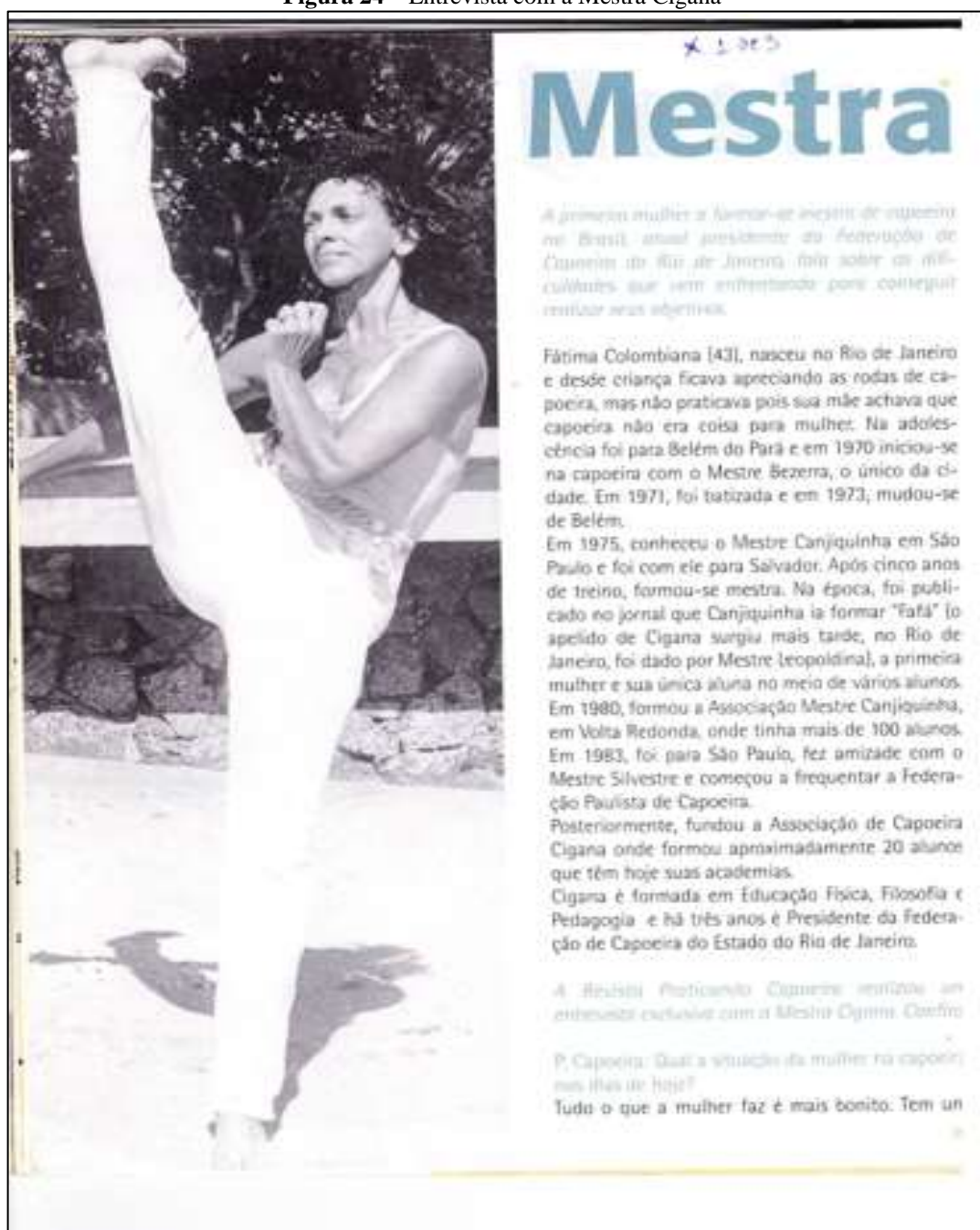
ela já lecionava capoeira no grupo Bantus de Capoeira, do mestre Roque, no Moro do Pavãozinho, conforme registrado na Revista Dô (1979).

Nesse contexto, a pesquisa de Poglía, Salom e Churrasco (2020) confirmam que, na década 1970, o mestre Churrasco relatou ter passado por grandes mestres(as), dentre os(as) quais consta o nome da mestra Sandrinha (RJ).

Tanto a revista quanto a narrativa do mestre Churrasco registram o nome da mestra Sandrinha (*in memoriam*). Para Abrahão (2003), por meio da memória, a pesquisadora pode reconstruir elementos de análises para auxiliar no entendimento do objeto de estudo.

Mestra Cigana
A fafá de Canquijinha
Nossa guerreira capoeira
Foi uma das pioneiras
Que lutou sem desistir.
No seu início, ela teve que casar
Para jogar a capoeira e também se libertar.
Ao escolher a capoeira,
Perdeu a guarda dos filhos e o esposo.
Quebrando tabus por ser mulher
A sua história é inspiradora.
Foi na década de 80
que foi reconhecida a mestra
Mas sofreu perseguição,
Machismo e também opressão.
Você não está sozinha,
você é a nossa inspiração.

Figura 24 – Entrevista com a Mestra Cigana



Fonte: Revista Praticando Capoeira, ano 1, nº 4.

Essa é a mestra Cigana (Figura 24), uma das mestras pioneiras que iniciaram na capoeira em 1970. Foi reconhecida mestra em 1980, pelo mestre Canjiquinha. A sua biografia pode ser encontrada em alguns estudos científicos, como o de A. Silva (2019), em vídeos do YouTube, em reportagens disponíveis nas redes sociais, entre outros meios. Nascida em 23 de junho de 1956, em Volta-Redonda, foi no Pará que iniciou na capoeira, e em Salvador foi reconhecida mestra. Na próxima subseção, apresentarei o seu registro biográfico e mais informações sobre sua trajetória de vida.

Na presente subseção, trouxe alguns elementos para aguçar as reflexões em torno dos registros sobre o pioneirismo de algumas mestras de capoeira. Se, no passado, a forma de registrar os documentos excluía as mulheres, atualmente, elas têm narrado suas trajetórias em livros, documentários, dissertações, teses, etc. A seguir, apresento registros biográficos sobre algumas mestras de capoeira.

4.2 REGISTROS BIOGRÁFICOS DE MESTRAS DE CAPOEIRA

Foram quatro anos de intensa busca
 Descobertas e travessias.
 Não por modismo, mas por compromisso
 De conhecer e dar visibilidade
 às histórias das mulheres.
 Mestras de diversos estilos e linhagens
 Que lutaram para se inserir e
 permanecer na capoeira.
 Hoje, deixam seu legado
 para preservação da nossa cultura popular.
 Que sejam eternamente
 lembradas, diariamente cantadas
 sempre valorizadas
 enquanto existir nossa arte afro-brasileira.

O catálogo de registros biográficos das mestras foi construído a partir de um denso levantamento em fontes documentais (livros, artigos científicos, dissertações, teses, filmes, *blogs*, redes sociais), da aplicação de questionários e de relatos orais e escritos compartilhados pelas mestras no aplicativo de mensagens do WhatsApp.¹⁶⁸

Os registros biográficos possibilitam a exploração dos processos de gênese e devir das pessoas em seus espaços sociais, evidenciando como dão forma às suas experiências, como significam as situações e os acontecimentos de suas vidas (DELORY-MOMBERGER, 2012). Nesse sentido, cada registro é parte de uma coletividade que ora se aproxima, ora se distancia em suas diversas trajetórias de vida, singularidades, compreensões e implicações formativas na capoeira.

O catálogo de mestras de capoeira foi iniciado em 2017, quando eu estava cursando o mestrado em Educação no PPGE/UFBA, e algumas de suas versões iniciais foram apresentadas em eventos acadêmicos (FRANÇA; GUEDES, 2017; FRANÇA, 2018b) e também na própria dissertação, em 2018 (FRANÇA, 2018a). Com a ampla socialização de uma lista de mestras de Capoeira nas redes sociais e na dissertação de Camões (2019), atualizei o mapeamento.

¹⁶⁸Cf.: <https://www.whatsapp.com>.

Para sistematizar o catálogo com os registros biográficos das mestras foi crucial a aplicação de questionários tendo a colaboração de 109 mulheres autodeclaradas mestras, a obra de Toninha (2019),¹⁶⁹ Maxwell (2019)¹⁷⁰ e Figueiredo (2021)¹⁷¹ que apresentaram diversas biografias das mestras.

Foram também importantes uma edição da Revista Dô,¹⁷² os livros de M. Santos (1991), de¹⁷³ Oliveira e Fagundes (2020) e de¹⁷⁴ Bonates e Cruz (2020);¹⁷⁵ as pesquisas acadêmicas de S. Santos (2011),¹⁷⁶ Fernandes (2013),¹⁷⁷ A. Silva (2014),¹⁷⁸ Granada (2017),¹⁷⁹ V. Barbosa (2017),¹⁸⁰ M. Silva (2017),¹⁸¹ Pinheiro (2018),¹⁸² A. Silva (2019),¹⁸³ Camões (2019),¹⁸⁴ E. Oliveira (2019),¹⁸⁵ Tomé (2020)¹⁸⁶ e Dantas (2020),¹⁸⁷ as quais possibilitaram o aprofundamento sobre as histórias de vida de algumas mestras.

Uma das pesquisas acadêmicas pioneiras sobre mestras de capoeira foi a de Eliane Reis, conhecida como mestra Francesinha, na dissertação *Capoeira Regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro* em 2011. Alguns anos depois, a autora publicou a tese *As mestras de capoeira: empoderamento e visibilidade*, em 2018, na qual analisou 10 trajetórias de mestras e formandas.

Importa sublinhar que, através do Projeto ‘Saberes dos mestres e das mestras na capital: a salvaguarda da Capoeira Viva’, coordenado pelo mestre Thiago Baldez e Jaqueline de Moraes e Silva, foi possível ter acesso a algumas biografias¹⁸⁸ de mestras do Distrito Federal. Em 2022, será lançado o resultado da pesquisa, intitulada *As mestras do Distrito Federal*. No mesmo ano,

¹⁶⁹ O livro disponibiliza as biografias das seguintes mestras: Colette, Janja, Ritinha, Paulinha, Cristina, Elma, Tizza, Samme, Gegê, Di, Jararaca, Alcione, Cris e Nani.

¹⁷⁰ A obra narra a história de vida de várias mestras, como: Ana Dourada, Cigana, Criança, Francesinha, Gegê, Iúna, Janja, Jô, Lu Pimenta, Mara, Nani de João Pequeno, Nega Uara, Noa, Preguiça, Renatinha, Rosita, Sara, Suelly, Tida, Tizza, Úrsula, etc.

¹⁷¹ A obra apresenta as mestras: Bya, Claudia, Dandara, Esperança, Fafá, Janja, Jararaca, Lene, Nani de João Pequeno, Nena, Patrícia, Paulinha, Pequena Rasta, Preguiça, Raquel, Soninha, Taísa, Tekka e Tizza.

¹⁷² A revista apresenta registros biográficos sobre a mestra Sandrinha (*in memoriam*).

¹⁷³ A obra revelou vestígios sobre a mestra Tonha Rolo do Mar (*in memoriam*).

¹⁷⁴ O livro socializou biografias das mestras Valdira e Valéria, consagradas em 2021.

¹⁷⁵ Os autores apresentam informações sobre a mestra Deusa.

¹⁷⁶ A autora apresentou registros sobre as mestras Cigana, Janja e Edna Lima.

¹⁷⁷ O estudo tratou sobre a biografia da mestra Maria Pandeiro.

¹⁷⁸ A dissertação tratou sobre Ana Maria, que foi reconhecida mestra em 2021.

¹⁷⁹ O autor trouxe algumas informações sobre a mestra Sylvia.

¹⁸⁰ A pesquisa discorreu sobre a história de vida da mestra Elma.

¹⁸¹ A produção acadêmica versou sobre a mestra Pé de Anjo (*in memoriam*).

¹⁸² O estudo abordou as trajetórias das mestras Janja e Paulinha.

¹⁸³ A dissertação apresentou as biografias das mestras Janja, Gegê, Cigana e Jararaca.

¹⁸⁴ O estudo tratou sobre a biografia da mestra Catita.

¹⁸⁵ A produção acadêmica discorreu sobre a mestra Furinha.

¹⁸⁶ A dissertação escrita pela mestra Tati tratou sobre sua trajetória na capoeira.

¹⁸⁷ A pesquisa tratou sobre as histórias de vida das mestras Elma e Cristina.

¹⁸⁸ Foram disponibilizadas as entrevistas das mestras Alaíde, Baianinha, Meo, Mirinha, Quequel e Zanga.

será lançado pelas autoras, Ananda Bermudes Coutinho e Chaila Jacobsen Leopoldino, o livreto “Mulheres de ginga: Um registro de capoeiristas do Espírito Santo”.

Após a sistematização inicial dos registros biográficos, construídos a partir das respostas dos questionários e do levantamento documental, contactei 198 mestras de capoeira, para atualizar as informações e solicitar autorização para apresentar os seus registros biográficos na minha pesquisa.

A pesquisa buscou resgatar memórias subterrâneas sobre as mestras de capoeira, que, durante muitos anos, foram invisibilizadas e silenciadas (POLLACK, 1989) no decorrer da história. Contudo, esse catálogo também pode funcionar como um instrumento de diagnóstico que possibilite a reflexão sobre as diversas histórias e os caminhos percorridos na pequena e na grande roda, nos distintos territórios.

Para fazer tessituras sobre o território, fundamento-me no pensamento de Milton Santos (2003), que aponta ser o chão e a população uma identidade, o sentimento de pertença. Diante disso, penso que é fundamental situar, no tempo e no espaço, o sujeito que pertence ou ocupa um determinado espaço geográfico.

Dito de outra forma, Santos (2004) assevera que o território é sinônimo de espaço humano, espaço habitado, no qual as pessoas transitam para trabalhar, desfrutar do lazer, vivenciar as rodas de capoeira, interagir socialmente, dentre inúmeras possibilidades de pertencimento.

Não aprofundarei as singularidades de cada região, mas é importante apontar que as questões políticas, econômicas, culturais e sociais de cada lugar interferem na trajetória e na formação das(os) praticantes de capoeira. É nesse sentido que pretendo apresentar os registros de mestras de capoeira das cinco Grandes Regiões do território brasileiro, a saber: Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-oeste e Norte.

Esse levantamento é inclusivo, portanto aberto a novas pesquisas científicas, a fim de atualizá-lo e, se possível, divulgar as informações no universo da capoeira como forma de salvaguardar memórias e histórias de guardiãs da cultura popular, evocando o passado e fazendo apelo às lembranças (HALBWACHS, 1968). Ao total, o catálogo contém 257 biografias de mestras de capoeira pertencentes a distintos territórios, dentro e fora do Brasil.

O funcionamento da memória individual não é imaginável sem estes instrumentos, as ideias e as palavras, acrescidas ainda das fotografias das mestras de capoeira, que, juntas, qualificam a escrita, ilustrando e retratando o que se escreve (BRANDÃO, 2005). Elas podem trazer constatações compreensíveis ao apresentar um texto de outra alocação que dialoga paralelamente com a escrita.

São imagens [...] que nos permitiram compreender e interrogar, de certo modo, a sociedade em que vivemos, criando ‘conhecimentos significações’ e memórias, fazendo, assim, ressurgir sentimentos e pensamentos cada vez que as ‘vemosouvimos’. Isto nos permite afirmar que essas imagens [...] nos formam, desde sempre, como pessoa, cidadão e profissional. (ALVES *et al.*, 2020, p. 225).

As distintas histórias de vida de mestras e mestres considerados(as) baluartes da capoeira ainda não estão sob a proteção de instrumentos legais nem de políticas públicas que garantam o reconhecimento e a melhoria de suas condições de vida (BUSSOLETT; VARGAS; PINHEIRO; 2014). Portanto, a produção do conhecimento, enquanto ato político, pode colaborar para denunciar e evidenciar essa realidade, em que muitos mestres e mestras de capoeira, independentemente do estilo, ainda se encontram desemparados(as) pelo poder público.

Contudo, há mestras(es) de capoeira que se articulam por meio de entidades públicas e coletivos para pautar medidas que garantam a salvaguarda da capoeira em seus estados. Importa dizer que, nesses espaços representativos, a presença das mulheres ainda acontece de forma tímida. Na Figura 25, apresento o panorama das mestras de capoeira dentro e fora do Brasil.

Figura 25 – Panorama das mestras de capoeira



Fonte: elaborado pela autora.

No catálogo exposto (biografias completas no Apêndice K), é possível ver o panorama geral com os nomes das mestras de capoeira. A separação não obedeceu a critérios de estilo e linhagem de capoeira, apesar de ser importante compreender que cada vertente tem seu *habitus* capoeirístico, havendo diferenças nos processos formativos, nos fundamentos e nos rituais ensinados, assim como no tempo necessário à titulação das mestras.

A Região Sudeste é composta pelos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais e do Espírito Santo. O estado de São Paulo conta com 45 mestras, seguido do Rio de Janeiro, com 41 mestras; e em menor proporção, de Minas Gerais, com 14 mestras, e do Espírito Santo, com 6 mestras, totalizando 106 mestras.

A Região Nordeste é composta por nove estados, qual sejam: Bahia, Sergipe, Alagoas, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e Paraíba. O estado com o maior quantitativo de mestras é a Bahia, com 46 mestras, seguida do Ceará, com 14. Em terceiro lugar está o estado de Pernambuco, com 10 mestras; e em menor proporção, o Rio Grande do Norte, com 4, o Maranhão, com 3, e a Paraíba, com 2. Os demais estados contam com apenas uma mestra cada, como Sergipe e Piauí, ou não têm nenhuma mestra, como Alagoas. No total, a região conta com 81 mestras.

A Região Centro-Oeste é formada por Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal. O Distrito Federal conta com 17 mestras, seguido de Goiás, com 6 mestras, e do Mato Grosso do Sul, com apenas uma mestra. Ao total, há 24 mestras na região. Vale salientar que não foi encontrada nenhuma mestra no estado do Mato Grosso.

A Região Sul é formada pelos estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. O estado do Rio Grande do Sul conta com 6 mestras, enquanto o Paraná e Santa Catarina contam com 3 mestras cada. Ao total, a região contabiliza 12 mestras.

A Região Norte é composta pelos seguintes estados: Acre, Amapá, Amazonas, Roraima, Rondônia e Tocantins. Os estados em que há mestras de capoeira são o Amazonas, com 3 mestras, o Pará, com 3 mestras, e o Tocantins, com 1, totalizando 7 mestras na referida região.

Já no exterior, foi possível catalogar 27 mestras, espalhadas pelos seguintes países: Estados Unidos (10), França (5), Reino Unido (3), Israel (2), México (1), Canadá (1), Alemanha (1), Suécia (1), Áustria (1), Austrália (1) e Moçambique (1).

A partir do quantitativo de 257 mestras em território nacional e internacional, foi possível perceber a distribuição desse grupo em distintos espaços geográficos. Cumpre esclarecer, porém, que não há relação direta entre o tamanho do espaço e o quantitativo de mestras de capoeira.

Apesar desse avanço quantitativo e qualitativo, é constante a luta das mulheres pela conquista de espaços, na capoeira e na sociedade. Paulatinamente, elas vão sendo reconhecidas por seus grupos, pelo trabalho desenvolvido em suas comunidades e cidades, recebendo moção de congratulações e até título de *doutora honoris causa*, no caso de uma mestra.

O catálogo de mestras apresentado acima identificou mulheres de distintas gerações, etnias, orientações sexuais, territórios geográficos, grupos e linhagens de capoeira. As mestras, em sua maioria, desenvolvem trabalhos (corporais, artesanais, acadêmicos, cinematográficos, literários, etc.) com a capoeira em distintos espaços sociais e educativos, mas há mestras que não pertencem mais ao universo da capoeira. É importante apontar que as mestras de capoeira estão conquistando seus espaços e protagonizando suas histórias dentro e fora da capoeira.

Na roda do mundo, com a mestra eu vou
 Jogar capoeira, tocar berimbau,
 contar sua história. Isso é fenomenal.
 Se no passado não se falava em mestra,
 Agora eu vou te falar
 São mais de 250 mestras, camará,
 Em tantos espaços, elas vão te ensinar.
 Existem muitas mulheres que sempre foram referências
 Desenvolveram um trabalho com amor e persistência.
 São exemplos de luta, educadora popular.
 Não constam nessa lista agora, mas nas outras elas vão estar, camará!
 Tem mestras à frente de grupo
 Tem mestras fora do Brasil
 Tem mestras se formando agora,
 Pra outras mestras se multiplicarem, camará!
 Iê, viva nossas mestras, elas têm muito valor,
 Suas memórias e histórias
 com valentia o mundo ganhou.

4.3 MESTRAS NO JOGO DA RESISTÊNCIA: COLETIVOS E MOVIMENTOS DE MULHERES NA CAPOEIRA

Que os coletivos sejam espaços de luta
 e transformação, e não de alienação.
 Que sejam diversos na forma de pensar,
 E inclusivos na hora de executar.
 No coletivo podemos avançar,
 Aprender com o outro e a outra
 Assim vamos revolucionar, camará!

Nesta subseção, trato de forma embrionária os surgimentos, as pautas e as intervenções dos coletivos e dos movimentos de mulheres na capoeira, dos quais muitas mestras estão na liderança ou colaborando (in)diretamente. Inicialmente, recuperei algumas ações sinalizadas

nas análises dos dispositivos da pesquisa e, posteriormente, articulei as leituras e as vivências aos avanços e retrocessos em torno da luta contra o machismo e o racismo na capoeira.

A falsa democracia¹⁸⁹ nos espaços da capoeira tem levado as mulheres a adotarem estratégias e realizarem intervenções para combater a discriminação e a exclusão nesse universo. Uma das formas de compartilhar as experiências, organizar estratégias e realizar ações de distintos tipos é organizar coletivos e movimentos; neste caso específico, de mulheres.

Pinheiro (2018) assinala que existem divergências nas nomenclaturas e nos formatos dos eventos de capoeira, principalmente da parte de quem os idealiza e organiza. Portanto, há diferenças entre as perspectivas feminista e feminina. Os eventos femininos, geralmente, recebem essa nomenclatura para que possam ser concretizados com o aval do mestre, e neles há limitação no planejamento e na condução. Já a lógica dos eventos feministas visa colocar a mulher como protagonista no processo, desconstruindo falas e atitudes machistas, dando voz e visibilidade às mulheres e reconhecendo e valorizando a presença da mulher na capoeira. Esses eventos tornam visíveis as mulheres que, até então, eram prestadoras de serviços e assessoras; bem como estabelecem regras para que sempre haja uma mulher no jogo, na cantoria e no berimbau (SILVA, E., 2018), o que favorece a liberdade e a autonomia para as mulheres jogarem, tocarem, cantarem e interagirem com outras(os) capoeiristas.

É importante dizer que a luta feminista tem ganhado notoriedade também na capoeira, e assim ampliado a adesão de capoeiristas e a visibilidade das produções científicas, o que possibilita um amplo debate acerca do machismo, do sexismo e do racismo na capoeira. Dessa forma, as ações, sejam pontuais ou não, demonstram a competência e a responsabilidade das mulheres, que transformam esses espaços em lugares sociais e democráticos (SANTOS, S., 2011).

Dantas (2020) afirma que as primeiras experiências coletivas de mulheres capoeiristas no contexto alemão foram protagonizadas por Katarina Doring, Yvone, Trude, Anja e Cris Kerz; bem como pelas angoleiras Suzy e Andrea Angolina. Nos Estados Unidos, as principais articuladoras foram a mestra Suelly e Anne Pollack; e no Brasil, Janja e Paulinha (hoje mestras), alunas do mestre Moraes na época em que organizavam o grupo de estudo.

Bonates e Cruz (2020) catalogaram os diversos eventos e movimentos conduzidos por mulheres, desde 1992, na região do Amazonas, dentre os quais se destacam: I Grande Roda Feminina de Capoeira (1992), VIII Encontro Feminino de Capoeira (2000), I Roda de Capoeira do Movimento Feminino (2014), I Encontro 'Menina que Ginga' (2016), I Roda Feminina do

¹⁸⁹ A capoeira, ao mesmo tempo em que é uma prática inclusiva e democrática, também pode reproduzir a exclusão, o machismo e o sistema patriarcal (SILVA, E., 2018).

Movimento ‘Simbora, Nega de Capoeira Angola’ (2016), Roda Feminina de Capoeira: ‘Menina, vem Jogar’ (2018) e I Vadeia com as Amazonas (2019).

Em 1995, a mestra Janja, juntamente com a mestra Paulinha e o mestre Poloca, fundou o Grupo Nzinga de Capoeira Angola,¹⁹⁰ que tem como finalidade a luta contra o racismo e o sexismo, dentro e fora da capoeira, abarcando a pluralidade no aporte do feminismo e considerando as negociações, as tensões e os acordos étnico-raciais (NAVARRO, 2018;¹⁹¹ SILVA, 2014; PINHEIRO, 2018; DANTAS, 2020; TAVARES, 2019).

Essas mobilizações que ocorrem na sociedade reverberam no universo capoeira, que vai ganhando terreno fértil nas discussões, reivindicações e conscientizações. É preciso romper com o racismo estrutural, repensar os valores civilizatórios, promover narrativas contra práticas hegemônicas que privilegiam determinada classe social e raça. Talvez assim, seja possível diminuir as diversas opressões e violências que estão arraigadas pelo racismo e machismo.

Retomando a discussão dos eventos conduzido por mulheres na capoeira, no estudo de Reis *et al.* (2016), foi apontada a realização do Encontro Feminino Nacional, em 1993, pelas capoeiristas Baixinha e Francesinha, do Grupo Capoeira Brasil, atualmente mestras de capoeira, que, na época, reuniu 300 mulheres na cidade de Niterói.

No final da década 1990, Sônia e Cristina Nascimento, que, na época, ainda não era mestra, organizaram três encontros de mulheres capoeiristas, que deram origem às Angoleiras do Rio. Cristina Nascimento se inspirou em uma roda em homenagem às mulheres que ocorrera na Fica, em Salvador (DANTAS, 2020).

Já fora do Brasil, especificamente em Madri, em 1994, ocorreu o Encontro Internacional da Associação de Capoeira ‘Descendentes de Pantera’, cujo tema contemplava “O progresso da mulher na capoeira” (ZONZON, 2020). Esse tema me levou a vários questionamentos, principalmente pela palavra ‘progresso’ no tocante às mulheres na capoeira.

Será que as mulheres tinham as mesmas oportunidades de aprender? Será que elas eram valorizadas e reconhecidas nos grupos? Por que se deu ênfase apenas à mulher e ao seu progresso num evento internacional? É evidente que não conseguirei aprofundar essas questões, pois não participei do evento, nem dialoguei com a equipe organizadora, o que poderia me fornecer informações mais detalhadas a respeito do objetivo e da condução do encontro.

Nos Estados Unidos, a partir de 1997, ocorreu uma série de conferências sobre essa temática, por iniciativa da Fica, que contaram com a colaboração de Gegê (hoje mestra) no

¹⁹⁰ A tese de Dantas (2020) aprofundou o debate sobre a criação e as ações do referido grupo.

processo organizativo. Fizeram-se presentes, em solo estadunidense, em Washington, as mestras Janja e Paulinha (DANTAS, 2018, 2020).

Retornando para o Brasil, no Maranhão, no final da década de 90, a Samme Sraya (hoje mestra), juntamente com outras mulheres da Escola do Laboarte, criou o Movimento Mulheres Capoeiras (MMC), que tinha por objetivo dar visibilidade ao saber-fazer e firmar a inserção das mulheres na atividade capoeirística de forma plena. Posteriormente, foi criado o Coletivo ‘Angoleiras do Upaon Açú’ (ZONZON, 2020).

No sul do Brasil, em 1999, ocorreu o I Encontro Feminino de Capoeira do Rio Grande do Sul, idealizado pela professora Coelha e por Carla Ribeiro, o qual contou com debates, treinos e palestras. Anos depois, em 2001, num evento público, aconteceu a mesa ‘Capoeira e Gênero’; ao total foram oito participações em Fóruns Gaúchos, além de oficinas na Secretaria de Cultura (FIGUERÔA, 2021).

Ainda em 1999, na cidade do Paranoá, DF, no dia 2 de maio, aconteceu o I Encontro Nacional Feminino de Capoeira Mandinga Brasil, organizado pela instrutora Bad, hoje mestra Bad. A programação do evento contou com o debate sobre a história da capoeira, o papel social da capoeira e a mulher na capoeira, tendo como palestrantes: mestres Squisito, Amador e Gilvan; contramestras Mara (atualmente mestra) e Zangada (hoje mestra) e contramestre Catitu.

Os movimentos e coletivos protagonizados pelas mulheres possibilitam que elas organizem a programação dos eventos; conduzam treinos, palestras, rodas; e desenvolvam as habilidades do canto, do toque e do jogo de capoeira. Diante disso, Conrado (2006) considera essa atitude política, pois as mulheres vão experimentando o protagonismo, já que não se trata de mera separação entre homens e mulheres.

Em alguns casos descritos acima, os encontros eram ações pontuais em distintos contextos geográficos. Entretanto, em outros lugares, o evento de mulheres foi o início para a criação de um coletivo de mulheres atuantes, como ocorreu em Belém, PA, no dia 10 de março de 2002. Em homenagem ao dia internacional da mulher, que é celebrado no dia 8 de março, foi realizada uma Roda das Mulheres Capoeiristas. O encontro contou com uma orquestra de berimbaus conduzida só por mulheres, além de várias rodas comandadas por mulheres. Logo depois, o evento se transformou no MCM¹⁹² (SILVIA, 2018).

¹⁹² Tinham como integrantes Pé de Anjo, Sininho, Karen, Cristina, Margarida, Catita, Suely, Tsunami e muitas outras paraoaras (SILVIA, M., 2018).

Em 2004, foi criada a Rede Angoleira de Mulheres (RAM),¹⁹³ sob a liderança da mestra Janja, cuja finalidade é construir diálogos e ações de resistência, aproximando mulheres de diferentes locais, dentro e fora Brasil, fortalecendo ações, conversas e eventos, bem como realizando manifestações públicas, como cartas de repúdio, por exemplo (CAMÕES, 2019).

Em 2006, na Alemanha, as angoleiras do Grupo Chamada de Mandinga (GCM) organizaram o evento ‘Angoleiras em Colônia/Angoleiras sem Colônia’, para debater as desigualdades sociais e políticas e as relações de gênero, com a participação das mestras Janja, Paulinha, Cristina e Gegê e das contramestras Susy e Chris Colônia, dentre outras. Além desse evento, a contramestra Susy realizou o *Women Capoeira Angola Easter-Meeting* (BRITO, 2015).

Em 2009, ocorreram várias articulações e eventos protagonizados por mulheres, como: o evento ‘Menina, quem foi sua mestra?’, organizado pelo Instituto Professor Carlos Augusto Bittencourt (Incab) e o Coletivo Mandinga de Mulher, em colaboração com a Fundação Pierre Verger. Em seguida, ocorreram as edições do Chamada de Mulher, que vem ampliando os debates e fortalecendo a luta antissexista e antirracista (DANTAS, 2020).

No mesmo ano, foi fundado o Coletivo ‘Dona Maria, Como Vai Você?’ em Porto Alegre pelas seguintes capoeiristas: mestra Didi, professora Priscila, professora Maitê, instrutora Foca, Dibarro e a historiadora Gaudéria. Os objetivos do coletivo são: participação efetiva e representatividade feminina, estudo e pesquisa, prática e difusão da capoeira, defesa dos interesses relacionados às mulheres e suas necessidades (FIGUERÔA, 2021).

Em Pernambuco, ainda em 2009, as mestras Bel e Dani criaram o projeto ‘É cor-de-rosa choque’, formado por mulheres do Centro de Capoeira São Salomão (BEZERRA, 2013), cujo objetivo principal é servir como um espaço de empoderamento da mulher capoeirista. O projeto surgiu da necessidade de algumas mães capoeiristas que não conseguiam treinar durante a semana: “[...] resolvemos inicialmente nos reunir nas manhãs de sábado para treinar, tocar, cantar e conversar sobre nossas necessidades e sonhos, dentro e fora da capoeira” declara a mestra Bel.¹⁹⁴

O projeto foi se expandindo e oportunizou o compartilhamento de experiências entre mulheres de outros estados, por meio do I Encontro Feminino de Capoeira: A mulher entrou na roda, que ocorreu em 2010, inspirado no livro organizado pela mestra Bel, o qual reúne

¹⁹³ “Atualmente, a RAM possui cerca de 250 mulheres angoleiras, representantes de 17 países: Brasil, Argentina, México, Colômbia, Chile, Estados Unidos, Japão, Espanha, Alemanha, França, Portugal, Suíça, Reino Unido, Finlândia, Guiné, Kosovo, Vaticano” (DANTAS, 2020, p. 214).

¹⁹⁴ Depoimento da mestra Bel no dia 13 de julho de 2021.

depoimentos de mulheres antigas de Pernambuco. O projeto conta com 2 mestras e 3 formadas do Brasil, e 6 mestras e 2 formadas da Itália. Além disso, em 2016, o projeto produziu um CD com músicas só de mulheres, em todas as faixas.¹⁹⁵

Em 2010, foi criado o evento ‘Chamada de Mulher’, idealizado pelas mestras Janja e Paulinha, do Instituto Nzinga de Capoeira Angola, na cidade de São Paulo. Uma de suas edições, que ocorrem anualmente, foi em Salvador e contou com três dias de programação do ‘Chamada de Mulher III: Capoeiristas pelo fim da violência contra as mulheres’, com cortejo de berimbaus, carta pública, mesa redonda e roda de capoeira (DANTAS, 2020; MACHADO, S., 2016).

Em Goiás, em 2012, na Faculdade de Educação Física, ocorreu o primeiro encontro do Coletivo Ginga Menina, intitulado ‘Capoeira é pra homem, menino e mulher’, uma atividade do Programa Corpopular: Intersecções Culturais, da Universidade Federal de Goiás, que contou com a participação da mestra Janja em sua realização (SILVA, A., 2014).

No mesmo estado, há o Movimento Angoleiras de Goiânia, que já realizou o evento ‘Menina é boa, bate palma para ela!’, que contou com a participação das mestras Mônica e Di (ZONZON, 2020).

Em um dos eventos organizados pelo MCM em Belém, PA, em 2016, ocorreu um fato inusitado: alguns integrantes do coletivo conversaram com a mestra Janja sobre a importância de Silvia Leão, conhecida como Pé de Anjo (*in memoriam*), e a necessidade de reconhecer sua história. A mestra Janja, depois de ter escutado as integrantes do coletivo, sensibilizada com o pedido, perguntou a todos(as) que estavam presentes no ‘I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais’ se a consideravam Pé de Anjo uma mestra, obtendo a concordância positiva de quase todos(as) os(as) presentes. A mestra Pé de Anjo (*in memoriam*) foi a primeira mestra reconhecida no estado do Pará (SILVA, M., 2018).

Um ano depois, em Olinda, PE, a mestra Di realizou o evento ‘Vai dizer a dendê, tem homem, menino e mulher’, com a seguinte programação: oficinas de maculelê, aulas de musicalização, rodas de conversas e confraternização. Uma das mesas debateu sobre “ser mulher, ser negra, no país da exclusão” (PINHEIRO, 2018).

Em março de 2017, foi criado o Coletivo de Mulheres Capoeiristas ‘Canto de Aidê’, em Curitiba, PR, com a finalidade de reunir mulheres da cidade e da região metropolitana para trocarem experiências entre grupos de capoeira. “Movimentos de vida implicando, encorajando,

¹⁹⁵ Depoimento da mestra Bel no dia 13 de julho de 2021.

provocando um corpo-atitude. O Canto de Aidê produz pistas e me ajuda a olhar para a prática da capoeira como uma constante reinvenção de si” (FERREIRA, S., 2019, p. 65).

Em solo carioca, em 2018, foi fundado o Coletivo Angoleiras Pretas, que buscava mapear as mulheres negras na Capoeira Angola e convocava outros saberes para a roda dos conhecimentos que se fundamentam na ancestralidade africana (DANTAS, 2020). A partir dos debates e da identificação das capoeiristas negras, é possível dar visibilidades a essas mulheres, além de tensionar debates acerca do racismo, pois o número de mestras negras angoleiras que alcançam esse lugar de prestígio dentro da capoeira ainda é pequeno.

Essa pauta também foi apontada no surgimento do Movimento Dandara, Viva Capoeira, que “[...] nasceu após o evento feminino da mestra Magali, que ocorreu há alguns anos atrás, onde sentimos a necessidade de realizarmos um evento reivindicando a visibilidade das mulheres negras e capoeiras veladas na nossa história”. O coletivo realiza uma série de encontros, palestras, debates, trocas de experiência, documentário e encontros de musicalidade, para refletir sobre as questões de gênero, as identidades, os feminismos plurais, a diversidade e a inclusão de todos(as)¹⁹⁶.

No estado da Bahia há vários coletivos atuantes, compostos por várias mulheres, de diversas graduações dentro da capoeira, como: Dona Maria, Como Vai Você?;¹⁹⁷ Marias Felipas;¹⁹⁸ Vadeia, Sinhá e Sinhô;¹⁹⁹ Movimento de Mulheres da Capoeira Angola;²⁰⁰ Ginga Feminina;²⁰¹ Mulher de Fibra;²⁰² Coletivo de Mulheres do Portal do Sertão;²⁰³ Coletivo Feminino ‘Mulheres de Resistência’;²⁰⁴ Mulher na capoeira tem axé; Berimbau Rosa; Mulheres que gingam; Tons, sons, mulheres capoeiras;²⁰⁵ e Mulher que tem dendê.²⁰⁶

¹⁹⁶ Depoimento da mestra Francesinha no dia 14 de julho de 2021.

¹⁹⁷ Na condução da professora, Índia e outras integrantes realizam diversas ações, inclusive a Roda de Integração Feminina, há mais de 10 anos.

¹⁹⁸ Integrantes: Adriana Albert Dias, Christine Zonzon e Joana Maçal. Eu e a mestra Lilu Pimenta já fomos integrantes do grupo, inclusive. Para aprofundar o conhecimento sobre o coletivo, consulte a pesquisa de A. Dias (2018).

¹⁹⁹ Fundado pelas capoeiristas: professora Paulinha; formada Virgínia; instrutoras Mayne, Milena, Josélia e Sinha.

²⁰⁰ Fundado pela contramestra Brisa do Mar e a professora Ale Matt, na Barra Grande, em Ilha de Itaparica, BA.

²⁰¹ Fundado pela mestra Geisa, de Salvador.

²⁰² Foi criado pela mestra Geisa.

²⁰³ Duas fundadoras atuantes são: mestra Nzinga e professora Negona, ao lado de outras capoeiristas.

²⁰⁴ Fundado pela mestra Andrea em Vitória da Conquista.

²⁰⁵ Mulheres da Bahia que registraram suas músicas e biografias: mestras Nani, Bya, Pequena Rasta, Nani e Jararaca; contramestras Tartaruga, Nzinga, Princesa, Brisa do Mar e Catalina.

²⁰⁶ Integrantes: Mary, Mulhehome, Andorinha, Boneca (formadas); monitora Africa, instrutora Andresa e Adriele.

No Ceará, foi possível identificar os seguintes coletivos: Mestras do Ceará,²⁰⁷ que dá apoio às causas da capoeira; Mulheres Ascezuca;²⁰⁸ Tambores de Dandara;²⁰⁹ Integração Feminina de Capoeira do Ceará; e Ginga Iracema.

Na Região Sul do Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul, há o coletivo Dona Maria, Como Vai Você?;²¹⁰ e em Porto Alegre, o coletivo Tereza de Benguela.

Em Minas Gerais, há o Movimento Feminino Mineiro, de Belo Horizonte; Encontro Feminino Cais da Bahia, de Betim; Movimento Viva Mulher, de São Joaquim de Bicas; As Camaradas e Deixa a Menina Jogar, ambos de Montes Claros; Encontro Feminino de Capoeira, de Nazareno; Encontro Feminino Axé, Dendê, Capoeira, de Paracatu; Encontro Feminino, de Presidente Bernardes; A roda também é dela, de Ubá; e Encontro Feminino, de Uberaba (RIBEIRO, 2016)

Em outras Unidades Federativas brasileiras, também existem coletivos, como: Mulheres da Goroa;²¹¹ Loucas pela Capoeira;²¹² Mestras e Contramestras Unidas do Rio de Janeiro;²¹³ Coletivo de Dandara às Marias;²¹⁴ Mulheres de Ouro CDO;²¹⁵ Loucas pela Capoeira;²¹⁶ Bando da Brava;²¹⁷ Mulheres Zacimba Gaba;²¹⁸ Mestras e Contramestras pelo Mundo;²¹⁹ Elas Gingam;²²⁰ Feminino Raízes Delas; Movimento Feminino Itinerante; Mulheres na Capoeira; Mulheres Capoeiristas; Gingando por elas; Movimento Angoleiras de Gyn; Dandara de Bremem; Mulher Raça, Mulheres SDB Milano; Mulheres de Mandinga; Movimento de Mulheres Iê; Nosso legado é Coletivo, entre outros, que estão espalhados pelo mundo, realizando rodas, oficinas, reuniões e debates sobre as mulheres na capoeira.

²⁰⁷ Composto pelas mestras Roberta, Carla, Claudinha, Felina, Flanela, Paulinha, Nega, Janaina, Vanda, Doralice, Darlyane e Bruxinha.

²⁰⁸ Sob a liderança da mestra Jana.

²⁰⁹ Foi criado em 2012 e pauta a temática de conscientização política, corporal, ritmo e dança (SILVA, S., 2017).

²¹⁰ Sob a liderança da mestra Didi

²¹¹ Capoeiristas de São Paulo.

²¹² Fundado pela mestra Júlia, da cidade de Manaus.

²¹³ Tem como fundadora a mestra Kodak e como cofundadoras as mestras Darlene e Foguinho, entre outras contramestras e mestras, que buscam integrar as capoeiristas em prol da capoeira, dando visibilidade às ações das contramestras e mestras do Rio de Janeiro.

²¹⁴ Coletivo de mulheres capoeiristas de Juiz de Fora e região.

²¹⁵ Rio Grande do Norte.

²¹⁶ Fundado pela mestra Júlia da cidade de Manaus.

²¹⁷ Camões (2020) destaca que o coletivo luta pela desconstrução de estereótipos de gênero, valoriza mulheres e homens (cis ou trans) dentro da capoeira.

²¹⁸ Formada por 10 grupos de Capoeira do Espírito Santo, de norte a sul do estado, tem professoras, instrutoras, mestranda, contramestra e mestras.

²¹⁹ Foi criado pela mestra Brisa em 2018, porém, atualmente, não conta com a participação dela, mas é um coletivo com 162 mestras e contramestras (atuantes: contramestras Tartaruga, Princesa, Boca, Natália e Carlinha; mestras Patrícia, Renatinha, Lu Baobá, Nagô e Rosa).

²²⁰ Movimento direcionado ao empoderamento das mulheres, sob a liderança da mestra Fru. Conta com o auxílio da mestranda Di na condução das atividades.

Esse panorama evidencia, em sua maioria, a mobilização e a luta das mulheres capoeiristas, de alunas a mestras, contra o machismo, o sexismo e o racismo, em distintos contextos geográficos (trans)nacionais. Portanto, não há uma homogeneidade das intenções e ações realizadas pelas(os) integrantes, pois, no interior dos movimentos feministas, existem forças opostas, que tendem à oposição e à unidade, e assim permitem a transformação das coisas (GADOTTI, 1997).

Com isso, aponto a urgência do surgimento de novas investigações acadêmicas que se debrucem sobre questões contemporâneas atinentes ao universo da capoeira, como as criações, intervenções, reflexões e repercussões das ações dos coletivos de capoeira formado por mulheres.

5 IÊ DÁ VOLTA AO MUNDO

Iê, viva nossas mestras, camará!!
 Iê, são resistência!!
 Iê, na pequena e grande roda!!
 Iê, estão lutando!!
 Iê, marcando nossa história!!
 Iê, viva as mulheres!!

Ao findar esta escrita, surgiram mais dúvidas, lacunas, necessidade de aprofundamento e divulgação do conhecimento. Este jogo, que inspira muitas(os) pesquisadoras(es) e/ou capoeiristas não tem fim; é repleto de descobertas, imersões, reflexões e ressignificações.

Iniciei o jogo da escrita com limitações teóricas e metodológicas, fragilidades e dificuldades no percurso acadêmico, como pesquisadora, capoeirista e mãe. Foram vários anos de dedicação, alegria e cansaço. A minha escrita me levou a refletir o quanto é desafiador e cansativo para uma mãe solo cuidar de sua cria, trabalhar, estudar e jogar capoeira.

Sem dúvidas, enfrentamos um desafio maior, uma crise de ordem política, sanitária e econômica no contexto brasileiro, que já ceifou mais de 606.293 vidas, aumentando as desigualdades sociais, colocado o Brasil de volta no mapa da fome e ameaçado a democracia brasileira; portanto, precisamos esperar, para frear o aumento do obscurantismo, do fascismo, da misoginia, do racismo e do machismo, que têm impactado a vida do povo brasileiro.

No que tange aos resultados da pesquisa, apresento algumas sínteses. Dada a complexidade e a provisoriedade da produção do conhecimento, fazem-se necessários novos estudos que possam abarcar e aprofundar outras narrativas, histórias e trajetórias de mulheres na capoeira.

Na fundamentação teórica, foram apresentadas as nuances do processo histórico da capoeira, os vestígios das inúmeras mulheres que estiveram presentes nesse universo, porém de forma invisibilizada, desde o século XIX, em distintos contextos geográficos, como: Bahia, Maranhão, Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Pará, Amazonas, Paraná e Santa Catarina.

Entre o século XIX e XX, as mulheres capoeiras eram conhecidas como desordeiras, arruaceiras, arrelentas, perigosas, atrevidas, raparigas, mulheres cabelo na venta, mulheres-homens, desasnadas, azedadas, mulheres valentes, mulheres turunas, brabas, turbulentas e mulheres da pá virada, por não aceitarem os padrões impostos de feminilidades na sociedade e estarem envolvidas na capoeiragem, portando ou não armas, como navalhas e/ou facas, causando terror e até mortes.

Entre a ordem e a desordem, a opressão e a resistência, a prática da capoeiragem, criminalizada pelo Código Penal nas distintas regiões do Brasil, passou a ser símbolo de nacionalidade a partir da década de 1930. A partir desse período, há um controle e exclusão das mulheres desse universo, mas essa condição de subalternização será modificada depois da década de 1980, devido a diversas transformações sociais, culturais, políticas, etc.

Apesar das barreiras nas trajetórias das mulheres na pequena e grande roda, ficou evidente que a figura da mestra de capoeira antecede a década de 1980, num outro contexto de vivenciar a capoeiragem, a arte de ensinar o jogo da navalha, protagonizada pela mestra Tonha Rolo do Mar (*in memoriam*).

A pouca visibilidade das mulheres na capoeira também foi percebida nas produções cinematográficas. De um total de 99 películas de curta e longa metragem produzidas entre 1908 a 2021, 60 exibem algumas cenas de capoeira e 39 são específicas de capoeira. Dos 38 filmes exclusivos de capoeira, em apenas 7 as mulheres foram protagonistas e tiveram papéis de destaque e lugar de fala, pois, na maior parte das produções, ou estavam ausentes, ou desempenhavam papéis subalternizados. Essas mudanças significativas refletem a luta e a conquista das mulheres na sociedade.

No levantamento documental (dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos e trabalhos acadêmicos) sobre a capoeira e as relações de gênero nas áreas de Educação, Educação Física e Gênero, pôde-se constatar uma escassez e até a ausência de produções científicas que tratem sobre a temática. Em contraponto, pôde-se notar que, paulatinamente, as pesquisas acadêmicas têm revelado alguns nomes de mestras de capoeira, embora ainda careçam de um maior aprofundamento sobre suas histórias e biografias.

A partir da análise dos 109 questionários preenchidos pelas mestras de capoeira, foram recorrentemente citados nos relatos: a condição de ser mulher dentro de uma cultura patriarcal como um dos maiores desafios nas trajetórias formativas das colaboradoras; a necessidade de lutar para se inserir, permanecer e se tornar mestra de capoeira; além do domínio do *habitus* capoeirístico.

Ser mestra de capoeira é ser referência de vida para os(as) discípulos, ser exemplo, ser aprendiz e ser guardiã da cultura popular. Na condição de mulher e mestra de capoeira, terá sempre que disputar seus espaços, lutar contra as opressões, preconceitos e violências, que perpassam pelas relações de gênero, raça e classe social.

Para apresentar os 257 registros biográficos das mestras de capoeira, tive que montar um quebra-cabeça, procurando por peças escondidas e espalhadas em documentos, pesquisas científicas e nas memórias ‘vivas’ das mestras de capoeira, depois ir encaixando e

desencaixando as partes, que, uma vez conectadas, transformaram-se neste todo complexo. Essa foi uma das etapas mais desafiadoras, porque requereu um trabalho minucioso, de muita leitura e diálogo com os(as) mais antigos(as) capoeiristas, visto que não almejava deixar de fora nenhum nome de mestra.

Se, no passado, a forma de registrar os documentos invisibilizava as narrativas das mulheres, na contemporaneidade, elas têm narrado suas histórias em *lives*, documentários, livros, pesquisas científicas, dissertações de mestrado, teses de doutorado, etc. A rápida expansão das TICs tem facilitado o acesso às informações sobre a capoeira, inclusive o ensino das aulas e o compartilhamento de experiências, principalmente em tempos de pandemia.

As mestras de capoeira, em sua maioria, passaram por um processo formativo dentro dos grupos de capoeira, cada qual com suas próprias normas, códigos e ensinamentos, mas há também aquelas que receberam o título de mestra da comunidade popular, em vida ou *post mortem*, por suas histórias de vida e pelos saberes que acumularam e transmitiram para os(as) outros(as) capoeiristas.

A pesquisa indica a necessidade de ampliar os estudos históricos sobre as mulheres na capoeira, nas distintas regiões do Brasil; de criar espaços alternativos para bebês e crianças nos grupos de capoeira; de montar ludotecas de capoeira nas escolas; de elaborar materiais pedagógicos que tematizem a capoeira e as relações de gênero; de construir um Centro de Estudo Internacional sobre a Capoeira; de atualizar o banco de história de mestras de capoeira e de construir um acervo iconográfico sobre elas.

Como forma de dar continuidade aos resultados da pesquisa, proponho a criação do Observatório da Mulher na Capoeira, inspirada na tese de meu orientador, Dr. Augusto Cesar Rios Leiro, instituição direcionada para os diálogos entre a capoeira e a produção do conhecimento, o cinema e as relações de gênero.

Foram feitas tessituras entre os gingados das trajetórias formativas e os registros biográficos, a fim de dar visibilidade às histórias das mestras, na pequena e na grande roda. Que essa produção científica possa inspirar outros(as) capoeiristas, valorizar cada narrativa e salvaguardar cada memória. Essa roda não tem fim, esse catálogo será infinito, berimbau já confirmou, camará. Em breve teremos mais reconhecimentos e formaturas de mestras de capoeira, camará!

5.1 SOU MULHER, SOU CAPOEIRA

Ao concluir a tese, reconheço que alcancei os objetivos propostos. Pude constatar, assim como outras pesquisas acadêmicas sobre a temática, que as mulheres necessitaram (necessitam) lutar para se inserirem, permanecerem e se tornarem mestras de capoeira.

O término da escrita é também o fechamento de um ciclo formativo que se iniciou no curso de Licenciatura em Educação Física da UFBA, em 2009, bem como na especialização em Prescrição do Exercício Físico para Grupos Especiais e Reabilitação Cardíaca da Estácio de Sá, em 2015, seguida do ingresso no mestrado no PPGE/UFBA, em 2016, e do doutoramento no PPGEDUC/Uneb, em 2019.

Foi ainda no decorrer da pesquisa científica que pude refletir sobre o que é ser mulher, mãe, capoeirista e pesquisadora numa sociedade patriarcal. Com isso, compreendo a responsabilidade de escrever sobre a história das mulheres, em específico das mestras de capoeira, bem como o compromisso de lutar pela igualdade e a emancipação de nós mulheres.

A minha história na capoeira teve início em 2006, no Grupo Porto da Bahia, e ao longo de 15 anos, passei por distintas escolas de capoeira em Salvador. Em 2021, fui acolhida na Associação Cultural Arte Baiana,²²¹ conduzida pelo contramestre Veru²²², o qual tem uma prática pedagógica diferenciada e inclusiva, criando condições para que seus(suas) discípulos(as) possam se desenvolver, avançar em cada etapa formativa e compartilhar experiências e conhecimentos.

Para finalizar, compartilho um poema de Cora Coralina, que diz: “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta”, ensinou a ser questionadora, e não mais recatada, a seguir em frente gingando diante dos obstáculos e a esperar por transformações na pequena e na grande roda.

²²¹ Foi criada em 1989, pelo mestre Malícia, na cidade de Belmonte, em Salvador, e iniciada em 2014, pelo contramestre Veru Filho, nas comunidades de Vila Brandão e Dois de Julho.

²²² Everaldo Figueiredo dos Anjos Filho tem 40 anos. Nasceu em Camacan, iniciou na capoeira em 1992, na cidade de Belmonte. Em seguida, se mudou para Salvador, onde deu continuidade ao trabalho com o mestre Alabama, que o formou como contramestre de capoeira. Ele é Bacharel em Educação Física pela Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC). Depois de 15 anos de muita luta e trabalho com a capoeira, fundou o Espaço Veru Filho Cultura e Movimento, que sedia o grupo.

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2017.
- ABIB, P. R. J. **Mestres e Capoeiras famosos da Bahia**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2013.
- ABIB, P. R. J. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3nYGfLF>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3lePUvF>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- ACORDI, L. O. **Memórias periféricas... As narrativas de Mestre Nô**: Capoeira Angola, educação e formação humana. 2019. 377 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3lbjnX9>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**: feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALBERTTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE, E. T. Identidade, resistência e subjetividade: As mulheres capoeiristas do Maciço de Baturité no Ceará. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 5; REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 14. 2015, Maceió. **Anais eletrônicos [...]** Maceió: UFal, 2015. p. 1-10. Disponível em: <https://bit.ly/3IfNhnP>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- ALBURQUERQUE, M. do S. C de; RIBEIRO, R. M; FERREIRA, V. M. dos S. Instituições e agentes de capoeira de Rio Branco (AC). **Silo.tipos**, [S. l.], 30 set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3103ADv>. Acesso em: 10 set. 2021.
- ALMEIDA, J.; TAVARES, O.; SOARES, A. J. G. Discursos identitários da Capoeira na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 171-185, set. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3nYGHtl>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- ALVES, N. A.; CALDAS, A. N.; CHAGAS, C. C.; MENDONÇA, R. Imagens, sons e narrativas: criar conhecimentos e formar docentes. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 223-246, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22195/2447-524620202530438>. Disponível em: <https://bit.ly/3E1ZbhV>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- AMARAL, C. de S.; SILVA, T. T.; SILVA, R. da. Capoeira a cidade do Rio Grande/RS: alguns apontamentos. In: CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5. 2020, Itajaí. **Anais [...]**. Itajaí: Univalle, 2010, p. 1-8. Disponível em: <https://bit.ly/3HZGy0p>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- AMORIM, S. S.; MACHADO, T. T. “O berimbau me deu o compasso”: a capoeira e suas manifestações em Sergipe, no século XIX. **Revista Brasileira de História da Educação**,

Maringá, v. 18, n. 27, p. 2-21, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3nVRrsj>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ANDRADE, J. C. B. “**Por cima do mar, eu vim; por cima do mar, eu vou voltar**”: cenas transnacionais da Capoeira Baiana. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3cZSEIA>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ARAS, L. M. B. de; OLIVEIRA, J. P. de. Sob a pena da lei: mulheres pobres e marginais. **Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista**, v. 3, n. 1, p. 163-174, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3xylx8y>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ARAÚJO, G. P. C.; BESSA, I. S. F.; MONTEIRO, G. S. Além dos monstros e capoeiristas: a representação brasileira. *In: SBGAMES*, 18. 2019, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: SBGames, 2019. p. 28-31. Disponível em: <https://bit.ly/3p5E2gL>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ARAÚJO, R. C. Elas gingam. *In: PIRES, A. L. C. S. et al. (org.). Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 113-129.

ARAÚJO, R. C. Ginga: uma epistemologia feminista. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 11; *WOMEN’S WORLDS CONGRESS*, 13. 2017, Florianópolis, **Anais [...]**. Florianópolis: [s. n.], 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3E3qLLY>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ARAÚJO, R. C. **Iê, viva meu mestre**: a capoeira angola da ‘escola pastiniana’ como *práxis* educativa. 2004. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3rglFbq>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ARTEIRO, I. L. **A mulher e a maternidade**: um exercício de reinvenção. 2017. 264 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Católica de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3rcPERx>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ASSUNÇÃO, M. R. Engolo e capoeira. Jogos de combate étnicos e diaspóricos no Atlântico Sul. **Tempo**, Niterói, v. 26, n. 3, p. 522-556, set./dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3p5EmvZ>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, a. 3, n. 2, p. 458-463, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/3E6ZwAc>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BARBOSA, M. J. S. A mulher na Capoeira. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, Tucson, v. 9, p. 9-28, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3rewGdn>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BARBOSA, M. J. S. A Representação da mulher nas cantigas da capoeira. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, University of Massachusetts Dartmouth, n. 19/20, p. 463-477, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3nU5QFj>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BARBOSA, V. M. **Mulher na roda**: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3FR2Nnw>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BARCELLINI, M. L. F. **Narrativas de Capoeiras por capoeiristas na moenda viva da territorialização do Estado Brasileiro**. 2018. 249 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3DZzRsR>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BELTRÃO, M. **A capoeiragem no Recife Antigo: os valentes de outrora**. Olinda: Editora Nova Presença, 2020.

BELTRÃO, M. **Das mulheres desordeiras, valentes e capoeiras**. 1ª Ed. Campina Grande: Plural, 2021.

BEZERRA, P. N. R. “**Sai sai, Catarina/ Saia do mar, venha ver Idalina**”: gênero e feminilidade(s) na capoeira. 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3lfvXF0>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BEZERRA, P. N. R. Tem mulher na roda? Perspectivas feministas sobre relações de gênero e feminilidade na capoeira. *In: FAZENDO GÊNERO*, 10. 2013, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-13. Disponível em: <https://bit.ly/3xuXFCy>. Acesso em: 21 mar. 2020.

BIANCHETTI, M.; ROCHA, L. O. A mulher na capoeira: narrativas de preconceito. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 21; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 8. 2019, Natal. **Anais [...]**. Natal, RN: Conbrace, 2019. Não paginado. Disponível em: <https://bit.ly/3p6v2rx>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BONATES, L. C. de M.; CRUZ, T. S. **Capoeira, o patrimônio gingado do Amazonas e sua salvaguarda**. Manaus: IPHAN, 2020. 148 p.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz, 1979.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (org.). Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 183-191.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, C. R. **Minha casa, o mundo**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2008.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Dossiê: inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília: Iphan, 2007.

BRITO, C. de. **O processo de transnacionalização da capoeira angola: uma etnografia sobre geoeconomia política nativa**. 2015. 316 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2ZvAF9X>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BUSSOLETTI, D. M.; VARGAS, V. D. S.; PINHEIRO, C. G. Narrativas populares: o Ghriô e a arte de contar histórias. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 21, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3D3ATmq>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CACIATORI, E. G. **A Capoeira entre os fundamentos e movimentos de criação**: um estudo sobre cultura, gênero e sexualidades. 2021. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3leAaZL>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CAMÕES, L. de S. **Elas jogam, tocam e cantam**: práticas e discursos sobre a experiência histórica de mulheres. 2019. 208 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3FUcOAs>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CAMÕES, L. de S. “Que Mulher Capoeira!”: trajetórias de resistência feminina na capoeira no Pará do século XXI. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 16-18, p. 409-424, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3lbyosk>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CAMPOS, H. J. B. C. de. **Capoeira regional**: a escola de Mestre Bimba. Salvador: EDUFBA, 2009. 306 p.

CANJIQUINHA, M. **Canjiquinha**: alegria da capoeira. Salvador: A Rasteira, 1989.

CARDOSO, C. P. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set./dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3rjGtPk>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, set. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3nYIpLh>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CARVALHO, E. T. **O efeito tradicional**: histórias, memórias e trajetórias na capoeira angola de Porto Alegre/RS. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal da Bahia, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3cWCUq4>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **A pedagogia da capoeira**: olhares (ou toques?) cruzados de velhos mestres e de professores de Educação Física. 2003. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Senhor do Bom Fim, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3nXoPic>. Acesso em: 26 nov. 2003.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **Campos de visibilidade da capoeira baiana**: As festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1995-1985). Brasília: Ministério do Esporte, 2010. (Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 1).

CASTRO, M. B. de. **Na roda do mundo**: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York. 2007. 277 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3E1Lhfl>. Acesso em: 26 nov. 2021.

COLLINS, P. H. O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso. **Cadernos Pagu**, Florianópolis, n. 51, e175118, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3xv6TP5>. Acesso em: 26 nov. 2021.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. São Paulo, SP: Boitempo, 2019.

CONRADO, A. V. de S. **Capoeira angola e dança afro**: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia. 2006. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3rgp3Da>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CONRADO, A. V. de S. Capoeira Angola e seus princípios educativos. *In*: FREITAS, J. M. (org.). **Uma coleção biográfica**: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 213-223.

CONRADO, A. V. de S.; FRANÇA, Á. L. de. Capoeira no currículo do curso de Educação Física da UFBA. *In*: FREITAS, J. M. (org.). **Uma coleção biográfica**: os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 225-236.

CORDEIRO, I. C. A. **“Roda de capoeira é campo de mandinga...”**: experiência dos capoeiristas do Recife para afirmação do jogo da capoeira na cidade nos anos de 1980. 2016. 184 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3rezIyh>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, N. L. **Capoeira, políticas culturais e educação**. 2013. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3DZSg9d>. Acesso em: 26 nov. 2021.

COSTA, N. L. **Capoeira, trabalho e educação**. 2007. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/31bOxqA>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, a. 10, sem. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3I2wxzB>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CRESSONI, F. E. de G. **Capoeira contemporânea**: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados. 135 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Biociências) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3108RLj>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CRUZ, J. L. O. **Capoeira angola**: do iniciante ao mestre. Salvador: Pallas, 2003.

CUNHA, P. F. A. da. **Capoeiras e valentões na história de São Paulo (1830-1930)**. 2011. 341 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3leEx78>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DALTIO, L. B.; FERREIRA, M. V.; LOUREIRO, F. L. Possíveis fatores que influenciam a mulher ao abandono da prática da capoeira. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5. 2013, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: 2-07, 2013. p. 1-3. Disponível em: <https://bit.ly/3FXI6aD>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DANTAS, R. G. A pesquisa científica e o feminismo angoleiro: diálogo de conceitos pela transformação social da mulher na capoeira. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 11; *WOMEN'S WORLDS CONGRESS*, 13. 2017, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis, 2017. p. 1-12. ISSN 2179-510X. Disponível em: <https://bit.ly/3EcKCII>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DANTAS, R. G. **Corpo-comunicação: um estudo sobre a ginga feminista angoleira**. 2020. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3rauGD0>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DAVIS, A. **Mulheres, cultura e classe**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DIAS, A. A. **A malandragem da mandinga: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925)**. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3cTI2ei>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DIAS, A. A. Marias Felipas: história, experiências e estratégias de enfrentamento ao sexismo e à violência contra as mulheres na capoeira. *In: ENCONTRO DA REDOR*, 20. 2018, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: UFBA, 2018, p. 1-10. Disponível em: <https://bit.ly/3p6kecZ>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DIAS, L. V. R. **Se é de paz pode chegar, entrar na roda e jogar: formação de educadores da Associação Zumbi Capoeira em cultura de paz**. 2016. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3lepMBa>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DOMINGUES, L. E. S.; SILVA JÚNIOR, A. F. da. O tema “capoeira” nas produções científicas acadêmicas no Brasil (2000-2011). *In: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAM*, 2. 2013, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: UFU, 2013. p. 1-14. 1 CD-ROM.

DÓRIA, S. F. **Ele não joga capoeira, ele faz cafuné: histórias da academia do Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2011.

ESTEVES, A. **A capoeira da indústria do entretenimento: corpo, acrobacia e espetáculo para turista ver**. Salvador: A. P. Esteves, 2003.

FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 394 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/311ocMd>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FALCÃO, J. L. C. Fluxos e refluxos da capoeira: Brasil e Portugal gingando na roda. *Análise Social*, Lisboa, v. 40, n. 174, p. 111-133, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3xyjCk0>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FALCÃO, J. L. C. *et al.* A capoeira na “roda” científica brasileira (1980 a 2006): pluralidade e/ou fragmentação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 16;

CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3. 2019, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: CBCE, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://bit.ly/3CV85fS>. Acesso em: 2 maio 2021.

FERNANDES, C. C.; SILVA, P. C. da C. Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas. **Educação em Revista**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2ZxCCmr>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FERNANDES, F. A. **Capoeiragem In Between**: um estudo etnográfico sobre a prática da capoeira na Alemanha. 2014. 238 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3rdPhX7>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FERREIRA, B. S. Corpo, capoeira e games: traduções de materialidades e tecnologias. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, ed. 18, v. 9, n. 2, p. 99-112, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3D3xBzD>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FERREIRA, B. S. Imagens da capoeira do século XIX. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9. 2013, Ouro Preto. **Anais** [...]. Ouro Preto: UFop, 2013. p. 1-10. Disponível em: <https://bit.ly/3HYy0Hl>. Acesso em: 18 ago. 2019.

FERREIRA, D. G. da S. Adaptação em Movimento: o processo de transnacionalização da Capoeira na França. **Antropolítica**, Niterói, n. 24, p. 63-85, 1º sem. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/311oJhb>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FERREIRA, S. A. de S. **Capoeira e processos formativos**: cartografias afetivas. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3xDNpYL>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FERREIRA, T. J. **A capoeira sob a ótica de gênero**: o papel das mulheres nos grupos de capoeira. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3cY07bk>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FERREIRA FILHO, A. H. **Salvador das mulheres**: condição feminina e cultura popular na belle époque imperfeita. 1994. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994. Disponível em: <https://bit.ly/312tneP>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FIALHO, P. J. F. **Mulheres incorrigíveis**: capoeiragem, desordem e valentia nas ladeiras da Bahia (1900-1920). 2019. 301 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3nZsOuE>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FIGUERÔA, K. M. **Mulher na capoeira**: produção de saberes, identidade e representatividade. Curitiba: Dialética e Realidade, 2021. v. 1.

FIGUERÔA, K. M.; SILVA, M. M. Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 16-31, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2ZxJoIJ>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FIRMINO, C. R. A participação das mulheres na capoeira: uma análise das relações de gênero. *In*: FAZENDO GÊNERO - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8. 2008, Florianópolis.

Anais [...]. Florianópolis: EdUfsc, 2008. p. 1-8 Disponível em: <https://bit.ly/3p1qaUE>. Acesso em: 23 ago. 2019.

FIRMINO, C. R. **Capoeiras**: gênero e hierarquias em jogo. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3cTu1xs>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOLTRAN, P. J. “Capoeira é pra homem, menino e mulher”: angoleiras entre a colonialidade e a descolonização. **Sankofa**: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, a. 10, n. 19, p. 83-106, ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3lj8zqh>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FONSECA, V. L. **Capoeira sou eu**: memória, identidade, tradição e conflito. 2009. 255 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, RJ, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3I38WPu>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FRANÇA, Á. L. de; GUEDES, J. dos S. A (in)visibilidade da mulher em jogo: mapeamento de mestras de capoeira. *In*: SEMINÁRIO GRIÔ, 2. 2017, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Faced/UFBA, 2017. (Comunicação oral). Mimeo.

FRANÇA, Á. L. **Capoeira & Educação**: produção do conhecimento em jogo. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a. Disponível em: <https://bit.ly/3rip8qa>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FRANÇA, Á. L. O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática. **Revista Ibamò**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 90-103, nov. 2018b. Disponível em: <https://bit.ly/3rfiOQb>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FRANÇA, Á. L. de. Mapeamento de mestras de capoeira que atuam no Brasil e Exterior em jogo. *In*: SIMPÓSIO SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 1. 2019, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Faced/UFBA, 2019. (Banner). Mimeo.

FRANÇA, Á. L.; LEIRO, A. C. R. Saber popular no espaço acadêmico: capoeiragem na roda. *In*: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 64. 2012, São Luís. **Anais** [...]. São Luís: UFMA, 2012. Não paginado. Disponível em: <https://bit.ly/3E6EUb6>. Acesso em: 9 abr. 2020.

FRANÇA, Á. L.; LEIRO, A. C. R. Produção do conhecimento em capoeira: CONBRACE em jogo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 28. 2016, Natal. **Anais** [...]. Natal: IFRN, 2016. p. 1-10. Disponível em: <https://bit.ly/315F4Rq>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FRANÇA, Á. L.; LEIRO, A. C. R. Produção do conhecimento em capoeira nas dissertações e teses da UFBA e UNEB. *In*: CONBRACE, 20; CONICE, 7, 2017, Goiânia. **Anais** [...]. Goiás: UFG, 2017a, p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/315F4Rq>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FRANÇA, Á. L.; LEIRO, A. C. R. **Os sentidos e os significados da capoeira para os jovens de Salvador**. *In*: FÓRUM BAIANO DE PESQUISA EM JUVENTUDES:

CONHECIMENTO EM REDE E PERSPECTIVAS COLABORATIVAS, 1. 2017b, Cachoeira. (Comunicação oral).

FRANÇA, A. L. de; SANTOS, E. S. dos. **Mulher, mãe e capoeira**: interseccionalidades em jogo na Bahia. 2020. No prelo.

FRANÇA, Á. L. de; SILVA, P. O ator-rede na roda de capoeira. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4, 2017. João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Centro de Convenções de João Pessoa, 2017, p. 1-12. Disponível em: <https://bit.ly/3o09jCp>. Acesso: 23 ago. 2020.

FREIRE, P. **Comunicação ou extensão**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, R. S. “**Orgulhosamente feministas, necessariamente Inconvenientes**”: os discursos político-poéticos-musicais recentes das feministas jovens em Salvador. 2017. 245 f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Gênero, Mulheres e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3rdFXm1>. Acesso em: 26 nov. 2021.

GADOTTI, M. A questão da educação e formação do educador: aprendendo com minha própria história. **Em Aberto**, Brasília, n. 34, abr./jun. 1987.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GAMBOA, S. S. **Epistemologia da pesquisa em educação**. Campinas: Praxis, 1998.

GASPAR, R. A. *et al.* Pesquisa e produção do conhecimento sobre capoeira no Brasil: Abordagens e tendências. *In*: CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4, 2008, Faxinal do Céu. **Anais** [...]. Faxinal do Céu: CBCE, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3nZYJLB>. Acesso em: 2 maio 2021.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. *In*: WELLER, W.; PFAFF, N. (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENEZ, F. A. P. A presença da mulher na produção do cinema contemporâneo. *In*: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 6, 2020, online. **Anais** [...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2020. p. 1496-1522. Disponível em: <https://bit.ly/31dUdjS>. Acesso em: 26 nov. 2021.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas Educacionais, Rio de Janeiro,

v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3rfq1zw>. Acesso em: 26 nov. 2021.

GOULART, L. M. **Discípulo que aprende, mestre que dá lição**: uma análise sobre o processo formativo da capoeira, na perspectiva do Grupo Semente do Jogo de Angola. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3p1spY4>. Acesso em: 26 nov. 2021.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRANADA, D. La fabrication de la Capoeira de Londres: Mestre Sylvia et le Lsc. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 65-101, jan./jul., 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3nZ0rN7>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GRANADA, D. Tornar-se mestre de capoeira em Londres: Mestre Fantasma e a realocização da capoeira na Europa. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 38, p. 271-297, jan. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3xuWoLU>. Acesso em: 26 nov. 2021.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1968.

HOOKS, B. **Eu não sou uma mulher**: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1981.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JATI, S. R. **Efeitos da prática de capoeira adaptada sobre a densidade mineral óssea, autonomia funcional e qualidade de vida de mulheres idosas**. 2018. 160 f. Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3CY1OA1>. Acesso em: 26 nov. 2021.

JESUS, D. S. de. **Quando mulheres se tornam capoeiristas**: um estudo sobre a trajetória e protagonismo de mulheres na capoeira. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/32Glo7z>. Acesso em: 26 nov. 2021.

KARVAT, E. C. **Discursos e práticas de controle**: falas e olhares sobre a mendicância e a vadiagem. 1996. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/3I02VD8>. Acesso em: 26 nov. 2021.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KI-ZERBO, J. **Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010.

KNIGHT, J. Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, [S. l.], v. 33, n. 6, p. 1-28, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3rpxJai>. Acesso em: 20 mar. 2020.

KOHL, H. G. **Educação e capoeira**: figurações emocionais na cidade do Recife-PE-Brasil. 2012. 390 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3E4kUWr>. Acesso em: 26 nov. 2021.

KONDER, L. **O que é dialética**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Trad. Marcus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

LACERDA, A. P. de. **Políticas públicas de cultura para a capoeira em uma perspectiva intercultural**: o que pensam os mestres de capoeira. 2016. 380 f. Tese (Doutorado Humanidades, Artes e Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3D2IrpF>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3FW464M>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LEAL, L. A. P. **A política da capoeiragem**: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906). Salvador: Edufba, 2008.

LEAL, L. A. P. Gladiadoras de saias: mulheres capoeiras no norte do Brasil (1876 a 1912). **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 13, p. 154-168, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3E5BeGK>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LEIRO, A. C. R. Educação, lazer e relações de gênero: talhes e doxas. **Motrivência**, Florianópolis, a. 12, n. 19, p. 1-16, dez. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3riwp9w>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LEIRO, A. C. R.; ROSÁRIO, A. O. S. Acordos de Cooperação Internacional da Uneb: diagnóstico, desenvolvimento científico e desafios estratégicos. In: CONFERÊNCIA FORGES, 7. 2017, Maputo. **Anais [...]**. Maputo, Moçambique: Universidade Eduardo Mondlane, 2017. Não paginado. Disponível em: <https://bit.ly/2ZxPBEx>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LEIRO, A. C. R.; TORRES, H. C.; FERNANDES, V. C. M. Internacionalização e pós-graduação: entrecruzamentos e implicações na Universidade do Estado da Bahia. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE (EPEN), 24. 2018, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2018. p. 19-22. Disponível em: <https://bit.ly/3D2k5Ms>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LEITÃO, L. A. F. **Análise dos discursos femininos no contexto da capoeira na Revista 'Praticando Capoeira'**. 2004. 83 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3o02HUv>. Acesso em: 26 nov. 2021.

LIBÂNIO, A. *et al.* **Mapeamento social da capoeira em Florianópolis**. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2019.

LIMA, L. C. **Mandinga em Manhattan**: internacionalização da capoeira. Rio de Janeiro: MCEG, 2016. 207p.

- LIMA, S. R. de; CASTRO JUNIOR, L. V. A (in) visibilidade das mulheres nos filmes sobre capoeira. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS, 23; SEMANA NACIONAL DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 1. 2019, Feira de Santana. Anais [...].* Feira de Santana: UEFS, 2019. p. 1-6. Disponível em: <https://bit.ly/3xvmK06>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- LOUREIRO, F. L.; MARTINS, R. L. D. R.; MELLO, A. da S. La internacionalización de la capoeira: el consumo productivo por practicantes argentinos. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3cTImdj>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- LUSSAC, R. M. P. Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 267-78, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/319Y4hv>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- LUZ, M. A. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MACHADO, J. do N. Mulheres e homens no campo da capoeira: desigualdade de gênero na Revista *Praticando Capoeira*. **Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 11, n. 2, p. 113-121, 2019. ISSN 2176-3070. Disponível em: <https://bit.ly/3d28HWk>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- MACHADO, J. do N.; SCHUALTZ, J. L. História a contrapelo: vanguarda feminina na capoeira paranaense. **Revista África e Africanidades**, [S. l.], a. 13, n. 36, p. 1-5, nov. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3d3xMAd>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- MACHADO, S. A. da M. **Baobá na encruzilhada: ancestralidade, Capoeira Angola e permacultura**. 2016. 300 f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3lbS7rN>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- MAGALHÃES FILHO, P. A. **Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MAGALHÃES FILHO, P. A. **Tudo que a boca come: a capoeira e suas gingas na modernidade**. 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/318q5pK>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARQUES, C. B. L. **‘Brinquedo, luta, arruaça’**: o cotidiano da capoeira no Recife de 1880 a 1911. 2012. 202 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3I3enxS>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MARTIELO, R. G. de A. Voltar a vir a ser, a busca da ancestralidade esquecida: a capoeira e a ética da organização dos grupos. **Revista Hydra**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 67-88, ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3I3PtxW>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MARTINS, R. Zumzumzum, hoje tem capoeira, eu vou: processos de identidade e representações no intercâmbio transnacional da capoeira fora do Brasil. **ALAIC – Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 5, n. 20, p. 42-53, maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3xx91pI>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MARTINS, S. E. et al. Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na Capoeira da Grande Florianópolis. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 385-407, mar. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3I4wZ0c>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MAXWELL, M. **Tributo aos Mestres**. Londres: Arts Book, 2019.

MENEZES, L. de O. Pode uma subalterna gingar? A epistemologia das mulheres pretas capoeiristas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, Eduem, a. 20, n. 225, p. 67-71, nov./dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3xuYX0u>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MESTRA Sandrinha: a mulher na roda de capoeira. **Revista Dô de Artes Marciais**, [S. l.], n. 10, p. 22-25, 1979.

MINAYO, M. C. de S. Introdução à metodologia de pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. de S. (org.). **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 1999, p. 19-88.

MONTEIRO, A. D. A Emergência de um (novo) cinema negro brasileiro: representação, identidades e negritudes. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39. 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2016. p. 5-9. Disponível: <https://bit.ly/3lgr5zD>. Acesso: 16 jul. 2021.

MORAES, V. C. Violência de gênero na capoeira. *In*: ENCONTRO DA REDOR, 20. 2018, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2018, p. 1-19. Disponível em: <https://bit.ly/314b1JU>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MUNANGA, K. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 62, p. 20-31, dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3lht8Ds>. Acesso em: 20 mar. 2020.

NASCIMENTO, R. C. C. **Mandinga for export**: a globalização da capoeira. 2015. 337 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3IcSBb9>. Acesso em: 26 nov. 2021.

NAVARRO, V. D. Marcas étnicas e de gênero nas rodas de capoeira angola. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13. 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2017. p. 1-12. ISSN 2179-510X.

NAVARRO, V. D. **N'outras corpos**: desconstruções e múltiplas possibilidades corporais na capoeira angola do grupo Nzinga. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3D2n87m>. Acesso em: 26 nov. 2021.

- NENEL, M. **Bimba**: um século da capoeira regional. Salvador: EDUFBA, 2018.
- NUNES, I. M. de A.; PEREIRA, R. A. A. **A capoeira do Maranhão**: entre as décadas de 1870 e 1930. São Luís: Iphan-MA, 2019.
- OLIVEIRA, C.; FAGUNDES, A. P. Quem são e onde estão as contramestras de Capoeira Angola? **Portal Capoeira**, [S. l.], out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ldsO8Q>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- OLIVEIRA, E. R. de. **Viva a capoeira, camará**: apropriação do espaço pela capoeira em Vitória (ES) consolidando a identidade cultural e ampliando a cidadania. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3nX4bim>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- OLIVEIRA, J. P. de. **Pelas ruas da Bahia**: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937). 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3lhkUel>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeiragem no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.
- ORTIZ, R. Globalização: notas sobre um debate. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3p1xMqc>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- PAIVA, I. P. de. **A capoeira e os mestres**. 2007. 166 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/315N9FK>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- PEREIRA, T. de A.; MARCHI JÚNIOR, W. Capoeiras: a representação da mulher nessa arte-luta brasileira. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, n. 53601, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3o07eGv>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- PERROT, M. Práticas da memória feminina. In: BRESCIANI, M. S. M. (org.). **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, ago./set. 1989. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, p. 9-18.
- PICCIN, G. F. O.; FINARD, K. R. A internacionalização a partir de diferentes loci de enunciação: as concepções de sujeitos praticantes do currículo profissional. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 1, p. 313-340, jan./apr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3rguUsd>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- PINHEIRO, C. M. G. **Eu vou falar pra dendê tem homem e tem mulher**: o feminismo angoleiro e as mudanças nas tradições. 2018. 123 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/311iNol>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- PIRES, A. L. C. S. **A capoeira na Bahia de Todos os Santos**. Palmas: Neab, 2004.
- PIRES, A. L. C. S. **A Capoeira no jogo das cores**: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937). 1996. 261 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/313XB10>. Acesso em: 26 nov. 2021.

POGLIA, M. A. S.; SALOM, J. S.; CHURRASCO, M. Jogo de dentro, jogo de fora: o encontro dos saberes da UFRGS e a capoeira de Mestre Churrasco. **Revista Mundaú**, [S. l.], n. 9, p. 146-167, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3riWGo8>. Acesso em: 26 nov. 2021.

QUADROS, R. de C.; NORONHA, A. E. “Quem toca pandeiro é homem, quem bate boca é mulher: a capoeira como espaço de produção de sujeitos generificados. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11. WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 13. 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017, p. 1-9. Disponível em: <https://bit.ly/3E6UpQj>. Acesso em: 20 mar. 2020.

REGO, W. **Capoeira Angola**: ensaio etnográfico. 2. ed. Rio de Janeiro: MCeG, 2015. 431p. (Coleção Capoeira Viva, nº 5).

REIS, E. G.; ASSIS, M. R.; PIRES, A. G. M. G.; DEVIDE, F. P. A luta das formandas de capoeira: A roda também é delas. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, ENCONTRO INTERNACIONAL DE GÊNERO. 2016, Vitória. **Anais** [...]. Vitória: UFes, 2016. Não paginado. Disponível em: <https://bit.ly/3CZDRbK>. Acesso em: 5 set. 2019.

REIS, L. V. de S. **O mundo de pernas para o ar**: a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

REIS, L. V. de S. O jogo de identidades na Roda de Capoeira Paulistana, **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 13, p. 1-13, dez. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3p7ba7M>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RIBEIRO, Â. M. **Agora já e ainda não**: um corpo na encruzilhada entre o teatro e a capoeira Angola. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ROCHA, D. D. da; ZAGONEL, A.; BONORINO, S. L. Fatores de aderência e permanência de mulheres nas lutas em Chapecó – SC. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 2, p. 29-37, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3lgAeYI>. Acesso em: 26 nov. 2021.

RODRIGUES, F. B. Capoeira e cinema: memória e imagens de arquivo. 2016. 69 f. Monografia (Bacharelado em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3cX2rzu>. Acesso em: 26 nov. 2021.

RODRIGUES, J. M. N. O corpo feminino no jogo da Capoeira Angola. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11; WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 13. 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: EdUfsc, 2017, p. 1-11. ISSN 2179-510X. Disponível em: <https://bit.ly/3risfy3>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Florianópolis, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/315DW07>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SALAZAR, C. **Configurações da Capoeira contemporânea: a cena do grupo 'Ginga Mundo'**. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3rpD0i6>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SALVADORI, M. A. B. **Capoeiras e malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890-1950)**. 1990. 352 f. 1990. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990. Disponível em: <https://bit.ly/3cYxWZK>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SALVATICI, S. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral** - ABHO, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3nYZJ2u>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SANTOS, B. S. **Construindo as epistemologias do sul: antologia essencial**. Para um pensamento alternativo de alternativas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2018. v. 1.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, F. M. da C. O feminismo que ginga: mulheres capoeiristas angoleiras em Salvador dos anos 80. *In: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES*, 11. 2015, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2015, p. 1-12. Disponível em: <https://bit.ly/3o2S7fi>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SANTOS, F. M. da C. **Direitos humanos e a prática educativa tradicional da Capoeira Angola**. 2017. 282 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3o1Hyt4>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SANTOS, F. S. dos. **Dos arrebalde ao miolo: Iyalodê Zeferinas Anunciação em sua Dança de Guerra**. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3o1zKaN>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SANTOS, L. B. dos; OLIVEIRA, M. F. de. **Resgate da Memória**, Salvador, n. 2, p. 30-33, jul. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3xAGOOW>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SANTOS, L. G.; ARAÚJO, R. C. “Eu sou artista e este é o meu corpo”: um exercício de identificação sobre representações de mulheres capoeiristas. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 11; *WOMEN’S WORLDS CONGRESS*, 13. 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: EdUfsc, 2017, p. 1-12. ISSN 2179-510X.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2003. 174p.

SANTOS, M. O retorno do território. *In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de.; SILVEIRA, M. L. (org.). Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 15-20.

SANTOS, M. dos. **Capoeira e mandingas: Cobrinha Verde**. Salvador: A Rasteira, 1991.

SANTOS, S. M. dos A. Mulher e capoeira: reflexões da convivência, lugar social e participação na diversidade. *In*: PRASERES, J. de O. (org.). **Diversidade e convivência: construindo saberes**. Salvador: Edufba, 2011.

SCHONHORST, L. A. **Percursos artetnográficos de uma mulher branca na capoeira angola**. 2020. 168 p. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SENA, A. B. D. **Capoeiragem e tecnologias: possibilidades culturais**. Rio Claro, 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Universidade Estadual Paulista, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3cYQWYg>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SENA, I. T. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola**. 2016. 151 f. Dissertação – (Mestrado em Crítica e Cultura) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3CVnk8E>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, A. B. da. **Eu sou angoleiro, angoleiro eu sei que sou: identificações e trajetórias na capoeira angola em Goiânia**. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/32HHfLS>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, A. B. M. **Mulheres na capoeira: resistência dentro e fora da roda**. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3pqMU0H>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, A. de F. **Revista praticando capoeira: materialidade e representações**. 2012. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3D15yRe>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, D. C. dos S. **O mundo cabe na roda: a apropriação do espaço público do sítio histórico de Olinda - PE pelas rodas de capoeira à luz do direito à cidade**. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3I3LCRJ>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, D. J. da. **O olhar sobre a capoeira: um estudo dos filmes nacionais e internacionais**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3I3iRoc>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, E. G. dos R. **As mestras de capoeira: empoderamento e visibilidade**. 2018. 117 f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3xvvcwz>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, F. O. da; RIOS, J. A. V. P.; NUÑEZ, J. M. L. Diversidade na formação inicial de professores: experiências do cotidiano escolar no Pibid. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 3-22, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3E1Wdu1>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, G. de O. **Capoeira: do engenho à universidade**. 3. ed. São Paulo: Cepeusp, 2002.

SILVA, J. A. B. da. **A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual**: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica. 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3lhucGC>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, M. A. S. da. **A prática da capoeira como espaço de formação**. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3p20xTu>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, M. S. da; FERNANDES, C. Capoeira em Alagoas: discussão sobre o pioneiro no estado. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 16. 2014, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UEPB, 2014, p. 858-865. Disponível em: <https://bit.ly/3o103hq>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, M. Z. G. da. **Movimento capoeira mulher**: saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará. 2016. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3I3K8qi>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, M. Z. G. da. Identidade de Gênero: mandingas, malícias e o jogo de poder nas rodas de capoeira paraense. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 7-12, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3D12jcA>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, M. Z. G. da. Movimento capoeira mulher: mandingas, malícias, saberes ancestrais e feminismo na roda. *In*: ENCONTRO DA REDOR, 20. 2018, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2018, p. 1-14. Disponível em: <https://bit.ly/3rcqBhE>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, N. N. da. **Associação Brasileira de Capoeira Angola**. 2. ed. Salvador: Vento Leste, 2017.

SILVA, R. C.; CALAND, T. da C. S. A inserção, atuação e permanência da mulher nos grupos de Capoeira de Teresina: notas etnográficas. **Revista FSA**, Faculdade Santo Agostinho, Teresina, v. 6, p. 93-104, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/32HHZAE>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, R. F. da. A mulher na capoeira e a participação no movimento de resistência ao sistema racista e patriarcal. *In*: SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 4. 2015, Vitória. **Anais [...]** Vitória: Plataforma Espaço Digital, 2015. v 1, p. 1-14. Disponível em: <https://bit.ly/32Aybbv>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, R. M. da. **Entrando no jogo**: reflexões sobre os docentes, acadêmicos e da tradição para pensar o ensino da capoeira na escola. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3o103hq>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, S. C. **Campo de saberes da capoeira cearense**: um estudo sobre o Centro Cultural Capoeira Água de Beber (2002-2016). 2017. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3D16lSc>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SIMÕES, R. M. A. Capuêra: Mulheres na luta. **Educação em Revista**, Marília, v. 3, n. 3, p. 97-106, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3pbKP8D>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SIMÕES, R. M. A. **Da inversão à re-invenção do olhar: ritual e performance na capoeira angola**. 2006. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3FRS8cc>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SOARES, C. E. L. A era do ouro da capoeira. **Revista Nossa História**, São Paulo, a. 1, n. 5, mar. 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3rne1fH>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOARES, C. E. L. **Valongo, Cais dos Escravos: memória da diáspora e modernização portuária na cidade do Rio de Janeiro, 1668-1911**. 2013. 113 f. Relatório (Pós-Doutoramento em Arqueologia do Museu Nacional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/318eqHA>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SOUZA, E. G. R. S. Capoeira: sua história e as relações de gênero. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA NO RIO DE JANEIRO, 16. 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2010, p. 1-10. Disponível em: <https://bit.ly/3I5sR0i>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SOUZA, E. G. R. da S. **Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3p5Kjc5>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUZA, E. G. R. da S.; DEVIDE, F. P. Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. 2011, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-14. Disponível em: <https://bit.ly/315K5JJ>. Acesso em: 26 nov. 2021.

SOUZA, T. V. **Capoeira angola: saberes, valores e atitudes na formação do mestre**. 2010. 251 f. Dissertação (Mestrado Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/316Ws8y>. Acesso em: 26 nov. 2021.

TAVARES, J. B. Pisada de cabocla: capoeira como veículo de ancestralidade, memória e resgate feminista da história. **Feminismos**, Salvador, UFBA, v. 7, n. 3, p. 112-124, set./dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3I3PEcP>. Acesso em: 26 nov. 2021.

TONINHA, C. **Viva nossas mestras**. AIÊ (pseudônimo); FANTIN, Denise, (org.). **Viva nossas mestras!** [S. l.]: Grupo Candeia de Capoeira Angola, 2019. p. 5-9.

TUCUNDUVA, T. **Mestre Sabú: memória social e práticas culturais da capoeira em Góias**. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3FYnjmq>. Acesso em: 26 nov. 2021.

VIANNA, A. Quintal de Nagô e outras crônicas. **Centro de Estudos Baianos**, Salvador, n. 84, 1979. 47p. Disponível em: <https://bit.ly/3FZy0oJ>. Acesso em: 26 nov. 2021.

VIDOR, E.; REIS, L. V. de S. **Capoeira: uma herança cultural afro-brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2013. 112p.

VIEIRA, L. R. **O Jogo da Capoeira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Srint, 1998.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 81-121, dez. 1998.

VIEIRA, L. R.; SILVA, P. H. M. da. Capoeira, confinamento e salvaguarda. *In*: TEIXEIRA, J. P. A. **Pensar a pandemia**: perspectivas críticas para o enfrentamento da crise. São Paulo: Tirantlo Blanch, 2020.

WALSH C. Lo pedagógico y ló decolonial: entretejiendo caminos. *In*: WALSH, C. (org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Abya Yala, 2013. p. 23-68.

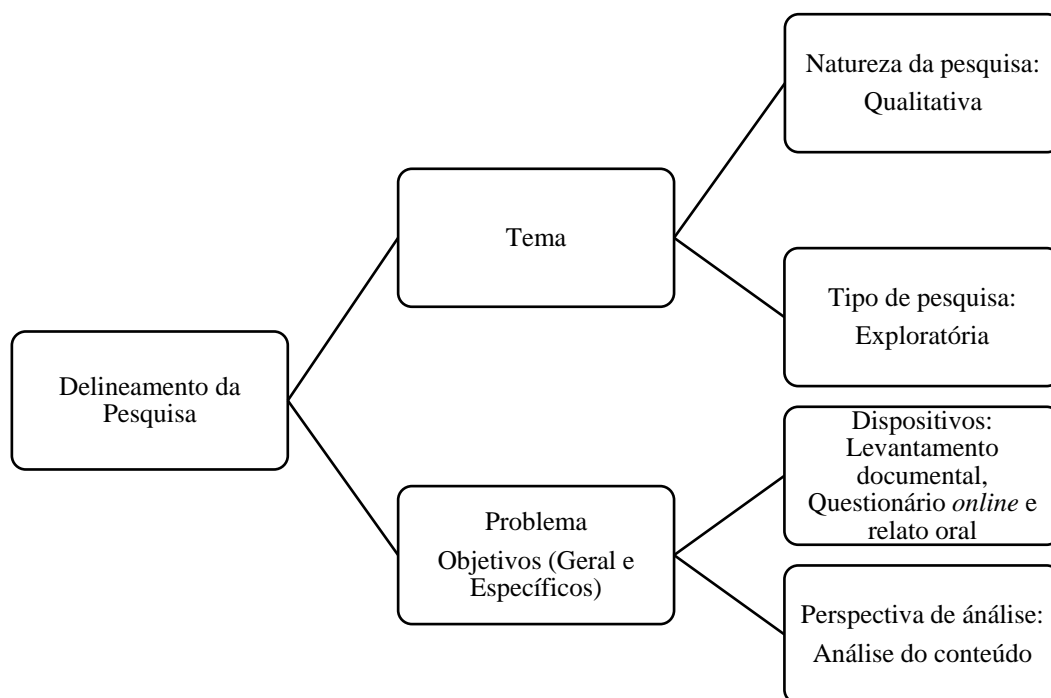
WALSH, C. Pedagogías decoloniales caminando y preguntando. Notas a Paulo Freire desde Abya Yala. **Revista Entramados** – Educación y Sociedad, Mar del Plata, a. 1, n. 1, p. 17-31, out. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3xvPiqp>. Acesso em: 26 nov. 2021.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimento de Mulheres Negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *In*: WERNECK, J. (org.). **Mulheres Negras**: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Gênova: Unesco, 2017, p. 151-163.

ZONZON, C. N. **Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida**: corpo, experiência e tradição. 2014. 258 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/318Bi9O>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ZONZON, C. N. Conhecer, ser, transformar: reflexão sobre uma pesquisa intervenção com mulheres capoeiristas. **Íbamò**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1, p. 105-117, nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3D6fpVT>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ZONZON, C. N. **O legado de Ritinha**: mulheres no jogo da resistência. Salvador: Edufba, 2021. 319p.

APÊNDICE A – DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____, conhecida na capoeira como _____, natural de _____, nascida em _____, estado civil _____, ocupação _____, residente no endereço _____, RG _____ fui convidada para colaborar com a pesquisa de doutorado intitulada *Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira*, realizada pela doutoranda Ábia Lima de França, orientanda do Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia. O estudo tem por finalidade analisar as trajetórias formativas e os registros biográficos de mestras de capoeira. Para isso, a colaboração com a pesquisa se dará por meio do compartilhamento de imagens e biografias. As colaboradoras poderão se recusar a participar, ou desistir da concessão das entrevistas no decorrer do estudo, sem sofrer nenhum dano. Durante todo o desenvolvimento do estudo, ser-me-ão assegurados o acesso às informações, as retiradas de dúvidas, bem como a socialização da pesquisa na sua versão final. Para maiores informações, entrarei em contato no telefone (71) 99357-2807 ou pelo e-mail abialimadefranca@gmail.com.

Enfim, fui informada como se dará a minha colaboração na referida pesquisa, estou ciente de todo o procedimento do estudo e, dessa forma, manifesto meu **livre consentimento** em colaborar com todas as informações necessárias para o projeto de pesquisa.

Salvador, _____ de _____ de 2021.

Nome e assinatura da participante

Nome e assinatura da pesquisadora responsável

**APÊNDICE D – ATUALIZAÇÃO DO CONJUNTO DE FILMES DE CURTA E
LONGA-METRAGEM QUE RETRATAM SOBRE A CAPOEIRA**

Nº	Filme	Direção	Ano
1	Os capadócios da cidade nova	Antônio Leal	1908
2	Capoeira Angola	Alceu Maynard Araújo	1952
3	Vadiação	Alexandre Robato	1954
4	A Capoeiragem na Bahia	A. Robatto Filho	1954
5	Um dia na rampa	Luíz Paulino dos Santos	1955
6	Orfeu do Carnaval	Marcel Camus	1957
7	Massagista de Madame	Victor Lima	1959
8	Os bandeirantes	Marcel Camus	1960
9	Barravento	Glauber Rocha	1961
10	O pagador de promessas	Anselmo Duarte	1961
11	A grande feira	Roberto Pires	1961
12	Tocaia no Asfalto	Roberto Pires	1962
13	Senhor dos navegantes	Aloísio T. de Carvalho	1964
14	Briga de Galos	Lázaro Tôrres	1965
15	O pulo do gato	Jair Moura	1968
16	Dança da Guerra	Jair Moura	1968
17	Festas na Bahia de Oxalá	Ronaldo Duarte	1969
18	Bahia por exemplo	Rex Schindler	1970
19	Se meu dólar falasse	Carlos Coimbra	1970
20	A marcha	Oswaldo Sampaio	1972
21	Kung Fu contra as bonecas	Adriano Stuart	1975
22	Tenda dos milagres	Nelson Pereira da Costa	1976
23	O cortiço	Francisco Ramalho Jr.	1977
24	Cordão de Ouro	Antônio Carlos da Fontoura	1977
25	Capoeira em cena	Márcio Queiroz e Ricardo Ottoni	1982
26	Quilombo	Carlos Diegues	1984
27	Ópera do Malandro	Ruy Guerra	1985
28	Jubiabá	Nelson Pereira da Costa	1985

Nº	Filme	Direção	Ano
29	Em cena capoeira	M. Queiroz & R. Ottoni	1986
30	<i>Lethal Weapon</i> (Máquina Mortífera)	Richard Donner	1987
31	<i>Rooftops</i> (Nos telhados de Nova Iorque)	Robert Wise	1989
32	<i>The forbidden dance is lambada</i> (Lambada: a dança proibida)	Greydon Clark	1990
33	Brenda Starr	Robert Ellis Miller	1992
34	<i>Kickboxer 3: The Art Of War</i> (Arte da Guerra)	Rick King	1992
35	Vagas para moças de fino trato	Paulo Thiago	1992
36	<i>Only the Strong</i> (Esporte Sangrento)	Sheldon Lettich	1993
37	<i>Kickboxer 4: The aggressor</i> (O agressor)	Albert Pyun	1994
38	<i>Red Sun Rising</i> (Alvorada vermelha)	Francis Megahy	1994
39	<i>Kickboxer 5: The Redemption</i> (A Redenção)	Kristine Peterson	1995
40	Crying Freeman	Christophe Gans	1995
41	<i>Bloodsport 2</i> (O grande Dragão Branco 2)	Alan Mehrez	1996
42	<i>The quest</i> (Desafio Mortal)	Jean-Claude Van Damme	1996
43	Como ser solteiro	Rosane Svartman	1998
44	Pastinha: Uma Vida pela Capoeira	Antônio Carlos Muricy	1998
45	O velho capoeirista: mestre João Pequeno de Pastinha	Pedro Rodolpho Jungers Abib	1999
46	<i>Hyôryû-gai</i> (City of lost souls)	Takashi Miike	2000
47	Madame Satã	Karim Ainouz	2002
48	<i>The Rundown</i> (Bem-vindo à selva)	Peter Berg	2003
49	<i>Ocean's Twelve</i> (Doze homens e um novo segredo)	Steven Soderbergh	2004
50	<i>Catwoman</i> (Mulher Gato)	Pitof	2004
51	Iê, viva meu mestre	Manoela Zaggiatti, Selma Perez e Valesca Dios	2004
52	Elektra	Rob Bowman	2004
53	<i>Resident Evil</i>	Alexander Witt	2004
54	<i>Meet the Fockers</i> (Entrando numa fria maior ainda)	Jay Roach	2004
55	<i>Death Trance</i>	Yuji Shimomura	2005

Nº	Filme	Direção	Ano
56	Mestre Bimba: A capoeira Iluminada	Luiz Fernando Goulart	2005
57	Tom Yum Goong (<i>Ong Back 2</i>)	Tony Jaa	2005
58	Aeon Flux	Karyn Kusama	2005
59	Maré Capoeira	Paola Barreto	2005
60	<i>Harry Potter and the Goblet of Fire</i> (Harry Potter e o cálice de fogo)	Mike Newell	2005
61	<i>Date Movie</i> (Uma Comédia Nada Romântica)	Aaron Seltzer, Jason Friedberg	2006
62	Mandinga em Manhattan	Lázaro Faria	2006
63	Quem vem lá?	Christine Zonzon e Umeru Bahia	2006
64	Capoeira da maranhenseidade na reinada de momo	Ivan Madeira, Zaida Costa, Ricardo Veloso, Luciano Serra, Went Silva e Fernanda Sombra	2007
65	Mestre Leopodina: a fina flor da malandragem	Rose La Creta	2007
66	Ó pai, ó	Monique Gardenberg	2007
67	<i>Are wedoneyet?</i> (Uma casa de pernas para o ar 2)	Steve Carr	2007
68	Hellboy 2	Guillermo del Toro	2008
69	Memórias do Recôncavo: Besouro e Outros Capoeiras	Pedro Rodolpho JungersAbib	2008
70	O zelador	Adam Shankman	2008
71	<i>Never back down</i> (Quebrando as regras)	Michael Jai White	2008
72	Roda Mundo Capoeira	Mestre Ramos	2008
73	Besouro	João Daniel Tikhomiroff	2009
74	A capoeiragem de um mestre e seu bando anunciador	Gabriela Barreto	2009
75	Never Surrender	Héctor Echavarría	2009
76	Mestre Felipe e a faca de ticum	Gabriela Barreto	2010
77	Tekken	Dwight H. Little	2010
78	The Karate Kid	Harald Zwart	2010
79	<i>Undisputed III: Redemption</i> (O lutador 3)	Isaac Florentine	2010
80	Capitães de Areia	Cecília Amado	2011
81	Desenrola	Rosane Svartman	2011
82	<i>Never back down 2</i> (Quebrando as regras 2)	Michael Jai White	2011

Nº	Filme	Direção	Ano
83	O Último Bom Malandro	Nestor Capoeira e Vitor Lins	2011
84	João Grande: mestre de Capoeira Angola	Mari Travassos	2011
85	Capoeira Angola – Mito ou Magia	Eduardo Joly	2011
86	Jogo de corpo: capoeira e ancestralidade	Richard Pakleppa, Matthias Rohrig Assunção e mestre Cobra Mansa	2013
87	Paz no Mundo Camará: a Capoeira Angola e a Volta que o Mundo deu	Carem Abreu	2013
88	Capoeira: Auetu! A Capoeira Angola No Fio Da Navalha	André Silvério	2014
89	Nego Bom de Pulo – mestre Nô e a Capoeira da Ilha	Kiko Knabben	2015
90	João Pequeno de Pastinha	Guimes Rodrigues Filho, Pedro Braga e Beto Silva	2015
91	Mestre Moa do Katendê: a primeira vítima	Paulo Magalhães	2018
92	Divino Pato	Alberto Greciano	2018
93	Mestre Pastinha, Rei da Capoeira	Carolina Canguçu	2019
94	Mulheres da Pá Virada	Grupo de Intervenção Marias Filipas	2019
95	Capoeira: a saúde está ginga!	Coletivo Catarse	2020
96	Mestra Di: eu canto a minha história	Fecomércio PE	2020
97	A roda também é dela	Lavínia Luisa	2021
98	Roda de Capoeira: As felinas gingam	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap)	2021
99	Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira	Ábia Lima de França	2021

Fonte: acervo pessoal.

APÊNDICE E – DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE CAPOEIRA E RELAÇÕES DE GÊNERO NO BANCO DA CAPES

Título	Autoria e ano	Produção e IES
Capoeira: um convite ao jogo feminino	Simões (1999)	Dissertação (Unesp)
Capoeira Regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro	E. Souza (2011)	Dissertação (Universo)
Capoeira: gênero e hierarquias em jogo	Firmino (2011)	Dissertação (UFSCAR)
“Eu sou angoleiro, angoleiro eu sei que eu sou”: identificações e trajetórias na Capoeira Angola em Goiânia	A. Silva (2014)	Dissertação (UFG)
Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição	Zonzon (2014)	Tese (UFBA)
“Sai sai, Catarina/ Saia do mar, venha ver Idalina”: gênero e feminilidade(s) na capoeira	Bezerra (2014)	Dissertação (UFPE)
No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da Capoeira Angola	Sena (2015)	Dissertação (Uneb)
A capoeira sob a ótica de gênero: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira	Ferreira (2015)	Dissertação (PUC-GO)
Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre	V. Barbosa (2017)	Dissertação (UFGRS)
Movimento capoeira mulher: saberes ancestrais e a <i>práxis</i> feminista no século XXI em Belém do Pará	M. Silva (2017)	Dissertação (UFPA)
Quando mulheres se tornam capoeiristas. Um estudo sobre a trajetória e o protagonismo de mulheres na capoeira	Jesus (2017)	Dissertação (UFBA)
Direitos humanos e a prática educativa tradicional da capoeira angola	F. Santos (2017)	Dissertação (UFRPE)
Orgulhosamente feministas, necessariamente inconvenientes: uma ‘música feminista’ ou o que cantam as feministas	Freire (2017)	Tese (UFBA)
N’outras corpos desconstruções e múltiplas possibilidades corporais na Capoeira Angola do grupo Nzinga	Navarro (2018)	Dissertação (UFBA)
Efeitos da prática de capoeira adaptada sobre a densidade mineral óssea, autonomia funcional e qualidade de vida de mulheres idosas	Jati (2018)	Tese (UFRJ)
As mestras de capoeira: empoderamento e visibilidade	Reis (2018)	Tese (UERJ)

Título	Autoria e ano	Produção e IES
Eu vou falar pra dendê tem homem e tem mulher: o feminismo angoleiro e as mudanças na tradição	Gomes (2018)	Tese (UFRN)
“Elas jogam, tocam e cantam”: práticas e discursos sobre a experiência históricade mulheres capoeiristas no Pará	Camões (2019)	Dissertação (UFPA)
Mulheres incorrigíveis: capoeiragem, desordem e valentia nas ladeiras da Bahia (1900-1920)	Fialho (2019)	Tese (UnB)
Mulheres na capoeira: resistência dentro e fora da roda	A. Silva (2019)	Dissertação (UFSCar)
Percursos artetnográficos de uma mulher branca na Capoeira Angola	Schonhorst (2020)	Dissertação (Udesc)
Corpo-comunicação: um estudo sobre a ginga feminista angoleira	Gonçalves (2020)	Tese (Uerj)
Educação na roda de capoeira e o enfrentamento da colonialidade do corpo da mulher: não somos sem o nosso corpo	Pereira (2020)	Dissertação (UFPE)
A capoeira entre os fundamentos e movimentos de criação: um estudo sobre cultura, gênero e sexualidades	Caciatori (2021)	Dissertação (UFSCar)

Fonte: Elaborado pela autora.

**APÊNDICE F – DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E TESES DE DOUTORADO
DEFENDIDAS EM DISTINTOS PROGRAMAS DE PÓS-
GRADUAÇÃO PELAS MESTRAS DE CAPOEIRA**

Mestra	Referência
Bel	CODEIRO, Izabel Cristina Araújo. Capoeira do Recife entre o novo e o antigo : estudo comparativo entre os grupos da Abadá Capoeira e do Centro de Capoeira São Salomão. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 1999.
	CORDEIRO, Izabel Cristina Araújo. “Roda de capoeira é campo de mandinga...” : experiência dos capoeiristas do Recife para afirmação do jogo da capoeira na cidade nos anos de 1980. 2016. 184 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
Brisa	MAGALHÃES, Carolina Gusmão. Iê, capoeira na gestão, camará! : um estudo sobre as práticas organizacionais de uma associação em expansão internacional. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
	MAGALHÃES, Carolina Gusmão. Limites e possibilidades da Educação Permanente de profissionais de saúde no contexto do fenômeno da obesidade . Tese (Doutorado em Alimentos, Nutrição e Saúde) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. (em andamento).
Dandara Baldez	BALDEZ, Aurionelia Reis. Baiei na Bahia : a resistência cultural do tambor de crioula em processos de desterritorialização Maranhão Bahia. 2018. 118 f. (Mestrado - Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
Dedê	SIQUEIRA, Andressa Marques. Quem são os extrativistas? Perfil dos pesquisadores e da atividade pesqueira na Reserva Extrativista Marinha de Corumbau – BA. 2006. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
	SIQUEIRA, Andressa Marques. A conservação do Patrimônio Cultural Imaterial em sua relação com os usos dos bens naturais : uma análise a partir das experiências de Salvaguarda da roda de capoeira e do samba de roda. 274 f. 2019. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental do Instituto de Energia e Ambiente) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
Francesinha	SOUZA, Eliane Glória Reis. Capoeira Regional : representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. 2011. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2011.
	REIS, Eliane Glória dos. As mestras de capoeira : empoderamento e visibilidade. 2018. 117 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
Janja	ARAÚJO, Rosângela Costa. Sou discípulo que aprende, meu mestre me deu lição : tradição e educação entre os angoleiros baianos (anos 80 e 90). 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Mestra	Referência
Janja	ARAÚJO, Rosângela Costa. Iê, viva meu mestre: a Capoeira Angola da ‘escola pastiniana’ como <i>práxis</i> educativa. 272 f. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
Lara	MACHADO, Lara Rodrigues. Capoeira e dança na educação de adolescentes. 2001. 164 p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
	MACHADO, Lara Rodrigues. A capoeira: a dança como proposta de Arte Educação aos alunos da Associação Arteiros da Dança. 2008. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
Malu	LIMA, Maria de Lourdes Farias. A <i>práxis</i> educativa do grupo Capoeira Angola ‘Palmares’. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.
Marcha Lenta	OLIVEIRA, Tahise Magalhães de. Caracterização molecular de membros das famílias de fatores de transcrição NAC e WRKY envolvidos na resposta a estresses em citros. 2010. 98 f. Dissertação (Mestrado em Genética e Biologia Molecular) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2010.
	OLIVEIRA, Tahise Magalhães de. Caracterização fisiológica, bioquímica e molecular em porta-enxertos de citros submetidos ao estresse por déficit hídrico. 2014. 147 f. Tese (Doutorado em Genética e Biologia Molecular) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2014.
Paulinha	BARRETO, Paula Cristina da Silva. Negros à luz dos fornos: representações do trabalho e da cor entre metalúrgicos baianos. 1994. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.
	BARRETO, Paula Cristina da Silva. Racismo e anti-racismo na perspectiva de estudantes universitários de São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
Puma	CASSIANO, Núbia Nogueira. O ser capoeirista e as possibilidades educativas: uma análise à luz da corporeidade. 2014. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2014.
Roberta	ALEIXO, Roberta Eliane Gadelha. A defasagem de aprendizagem em Matemática em uma Escola de Educação Física do Ceará. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
Rosinha	SIMÕES, Rosa Maria Araújo. Capoeira: um convite ao jogo feminino. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 1999.
	SIMÕES, Rosa Maria Araújo. Da inversão à re-inversão do olhar: ritual e performance na capoeira angola. 2006. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
Tati	TOMÉ, Tatiana Cândida São Pedro. Proposta de ensino da capoeira nas aulas de Educação Física escolar com ênfase em jogos pedagógicos. 2020. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
Vanda	DIAS, Lucia Vanda Rodrigues. Juventude Espírita Irmão Bosco e a produção de saberes na experiência de evangelização infanto juvenil no Grande Bom Jardim. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

Mestra	Referência
Vanda	DIAS, Lúcia Vanda Rodrigues. Se é de paz pode chegar, entrar na roda e jogar: formação de educadores da Associação Zumbi Capoeira em cultura de paz. 2016. 226 f. – Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

**APÊNDICE G – REVISTAS DE EDUCAÇÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS
ESTADUAIS DO BRASIL**

Nº	Revista de Educação	Universidade
1	Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais	UEG
2	Revista Plurais	
3	Revista de Estudos em Educação	
4	Revista Temporis[ação]	
5	Revista de Educação, Linguagem e Literatura	
6	Revista da Faculdade de Educação	Unemat
7	Revista Linguagem, Educação e Memória	Uems
8	Interfaces da Educação	
9	Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem	
10	Revista interseção: identidades e gerações	Unear
11	Revista da FAEEDBA	Uneb
12	Cenas Educacionais	
13	Aprender	Uesb
14	Revista Práxis Educacional	
15	Revista de Estudos em Educação e Diversidade	
16	Revista de Iniciação à Docência	
17	Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional	Uece
18	Educação & Formação	
19	Práticas Educativas, Memórias e Oralidades	
20	TICs & EaD em Foco	Uema
21	Revista de Educação Inclusiva	UEPB
22	Revista Formação	
23	Revista Eletrônica Formação	UPE
24	Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar	EURN
25	Revista Expressão	
26	Revista de saberes e práticas	UEA
27	Revista Cocar	Uepa
28	Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu	
29	Revista Marupiíra	
30	Revista Humanidades e Inovação	Unitis
31	Educação em Foco	UEMG
32	Educação, Comunicação e Tecnologia	

Nº	Revista de Educação	Universidade
33	Direitos Humanos e Educação	UEMG
34	Caderno de Educação	
35	Educação, Escola & Sociedade	Unimontes
37	Pensares em Revista	Uerj
38	Revista Periferia	
39	Revista Docência e Ciberultura	
40	Revista Interinstitucional Artes de Educar	
41	Revista Sustinere	
42	Revista Teias	
43	Educação e Pesquisa	USP
44	Comunicação & Educação	
45	Revista da Faculdade de Educação	
46	Conexões	Unicamp
47	Educação Temática Digital	
48	Revista Filosofia e Educação	
49	Revista HISTEDBR On-line	
50	Revista Internacional de Educação Superior	
51	Terræ Didatica	
52	Camine: Caminhos da Educação	Unesp
53	DOXA – Revista Brasileira de Psicologia da Educação	
54	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	
55	Temas em Educação e Saúde	
56	Revista de Educação, Ciência e Tecnologia	Fatec
57	Revista Renote – Novas Tecnologias na Educação	
58	Perspectiva em Educação, Gestão & Tecnologia	
59	Acta Scientiarum Education	UEM
60	Revista Imagens da Educação	
61	Journal of Physical Education	
62	Revista Brasileira de História da Educação	
63	Teoria e Prática da Educação	
64	Olhar de Professor	UEPG
65	Práxis Educativa	
66	Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa	
67	Educação em Análise	UEL
68	Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática	Unioeste

Nº	Revista de Educação	Universidade
69	Educere et Educare	Unioeste
70	Ideação	
71	Revista Aproximação	Unicentro
72	Analecta	
73	Ensino & Pesquisa	Unespar
74	Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em ensino	Uenp
75	Revista Eletrônica Científica da UERGS	Uergs
76	A Luz em Cena: Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas	Udesc
77	Revista Educação, Artes e Inclusão	
78	Revista Linhas	
79	Revista NUPEART	
80	Educação em Rede	
81	Anais do Colóquio Luso-Brasileiro de Educação	

APÊNDICE H – REVISTAS DE EDUCAÇÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO BRASIL

Nº	Revista de Educação	Universidade
1	Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação	UnB
2	Revista Educação e Fronteiras (UFGD)	UFGD
3	Horizontes: Revista de Educação	
4	Revista Inter Ação	UFG
5	Revista de Educação Pública	UFMT
6	Revista Educação	UFMS
7	Revista Poísis Pedagógica	UFCat
8	Itinerarius Reflections	UFJ
9	Educar em Revista	UFPR
10	Revista entreideias: educação, cultura e sociedade	UFBA
11	Revista Temas em Educação	UFPB
12	Revista Entre Ações: diálogos em extensão	UFCA
13	Revista Debates em Educação	Ufal
14	Educação, Ciência e Saúde	UFCG
15	Tópicos Educacionais	UFPE
16	Revista Tempos e Espaços em Educação	UFS
17	Revista Educação em Debate	UFC
18	Revista Educação e Emancipação	UFMA
19	Pesquisa e Ensino	Ufob
20	Linguagens, Educação e Sociedade	UFPI
21	Revista Educação em Questão	UFRN
22	Revista de Educação	Univasf
23	Revista Educação e (Trans)formação	UFRPE
24	Revista Multidisciplinar em Educação	Unir
25	Revista Praxis Pedagógica	
26	Revista Educação, Pesquisa e Inclusão	UFRR
27	Anthesis	Ufac
28	Revista Amazônida	Ufam
29	Revista Exitus	Ufopa
30	Revista Ver a Educação	UFPA
31	Revista Brasileira de Educação do Campo	UFT
32	Revista Diálogos e Perspectivas em Educação	Unifesspa

Nº	Revista de Educação	Universidade
33	Indagações em Educação	Unifal
34	Revista Educação em Foco	UFJF
35	Devir Educação	Ufla
36	Educação em Revista	UFMG
37	Revista Eletrônica de Educação	UFSCar
38	Revista de Educação a Distância	UFSJ
39	Olhares	Unifesp
40	Revista de Educação Popular	UFU
41	Educação em Perspectiva	UFV
42	Cadernos de Pesquisa em Educação (UFES)	Ufes
43	Revista Contemporânea de Educação (UFRJ)	UFRJ
44	Revista Iniciação & Formação Docente (UFMT)	UFTM
45	Revista EducEaD	UFVJM
46	Movimento Revista de Educação	UFF
47	Revista Ensaio e Pesquisas em Educação e Cultura	UFRRJ
48	Revista Educação & Tecnologia	UTFPR
49	Revista Insignare Scientia	UFFS
50	Revista Docência do Ensino Superior	UFCSPA
51	Cadernos de Educação	UFPeI
52	Revista Perspectiva	UFSC
53	Revista Educação	UFSM
54	Revista Educar Mais	Unipampa
55	Educar em Revista (UFPR)	UFPR
56	Revista Momento - Diálogos em Educação	Furg
57	Diversidade e Educação	
58	Revista Educação & Realidade	UFRGS
59	Tópicos Educacionais	Ufape
60	Pedagogia	UFNT

**APÊNDICE I – REVISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS UNIVERSIDADES
PÚBLICAS DO BRASIL**

Nº	Revista de Educação Física	Universidade
1	Praxia	UEG
2	Revista Saúde.Com	Uesb
3	Revista Redfoco	EURN
4	Revista Eletrônica Nacional de Educação Física	Unimontes
5	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	USP
6	Revista Paulista de Educação Física	
7	Acta Scientiarum. Health Sciences	UEM
8	Caderno de Educação Física e Esporte	Unioeste
9	Praxia	UEG
10	Revista Saúde.Com	Uesb
11	Revista Redfoco	Eurn
12	Revista Eletrônica Nacional de Educação Física	Unimontes
13	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	USP
14	Revista Paulista de Educação Física	
15	Acta Scientiarum. Health Sciences	UEM
16	Caderno de Educação Física e Esporte	Unioeste
17	Praxia	UEG
18	Pensar a Prática	UFG
19	Revista Corpoconsciência	UFMT
20	Revista Nefce	UFPE
21	Motricidades	UFSCar
22	Revista Especial de Educação Física	UFU
23	Revista Mineira de Educação Física	UFV
24	Arquivos em Movimento	UFRJ
25	Revista Fluminense de Educação Física	UFF
26	Formação em movimento	UFRRJ
27	Cadernos Brasileiros de Educação Física, Esporte e Lazer	UFPel
28	Motrivivência	UFSC
29	Revista Kinesis	UFSM
30	Didática Sistêmica	FURG
31	Movimento	UFRGS

**APÊNDICE J – REVISTAS DE GÊNERO/FEMINISMO DAS UNIVERSIDADES
PÚBLICAS DO BRASIL**

Nº	Revista de Gênero/Feminismo	Universidade
1	Revista Feminismos	UFBA
2	Cadernos de Gênero e Diversidade	
3	Gênero e Direito	UFPB
4	Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidades	
5	Revista Bagoas	UFRN
6	Revista Gênero na Amazônia	UFPA
7	Revista Espaço Caderno Feminino	UFU
8	Revista Gênero	UFF
9	Revista Cadernos de Gênero e Tecnologia	UTFPR
10	Revista Estudos Feministas	UFSC
11	Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero	UFRGS
12	Cadernos Pagu	Unicamp
13	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	UEPG

REGIÃO NORDESTE



46 Mestras da Bahia

Amazonas
Aruanda
Bya
Brisa
Carol
Celebridade
Claudia
Coruja
Cris
Dandara
Dandara Baldez
Dila
Esperança
Fafá/Capeta
Geisa
Gegê
Guerreira
Janja
Jararaca
Jô
Lene
Lilu
Lucia Cigana
Marcha Lenta
Mada
Marly Malvadeza
Nani
Nzinga
Nena
Omara/Piolho
Patrícia
Risadinha
Vanessa

14 Mestras do Ceará

Paulinha
Pequena Rasta
Preguiça
Raquel
Ritinha
(in memoria)
Rute
Soninha
Taísa
Tate
Tekka
Tisza
Tonha Rolo do Mar
(in memoria)
Trança
Bruxinha
Carla
Claudinha
Cleide
Darlyane
Doralice
Felina
Flanela
Jana
Manô
Nega
Paulinha Zumba
Roberta
Vanda

3 Mestras do Maranhão

Pudiapen
Samme
Valdira

2 Mestras da Paraíba

Jane
Malu

10 Mestras de Pernambuco

Aninha
Bel
Dani Gouveia
Dani Ferraz
Deivinha
Di
Isa
Mônica
Selva
Shirley Guerreira

1 Mestra do Piauí

Mazé

1 Mestra do Sergipe

Felina

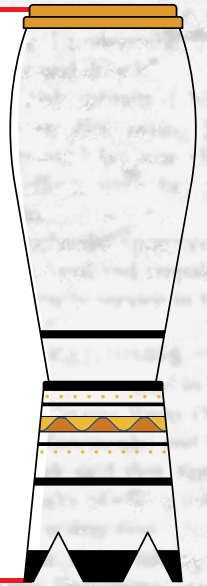
4 Mestras da R.G. do Norte

Manhosa
Paulette
Sherra
Sorvetinho



Mestra Amazonas

Cristiane da Silva dos Santos nasceu em Senhor do Bonfim, BA, em 02/01/1980. Iniciou na capoeira em 1983, foi consagrada mestra pelo Mestre Marinaldo em 2011 no Grupo de Capoeira Flecha Dourada. Há 20 anos, ela desenvolve um trabalho com a capoeira no município de Jaguarari, BA. Foi homenageada no evento Berimbau de Ouro em 2017.
Fonte: Acervo da Mestra Amazonas.



Mestra Aruanda

Taluana Castello Branco Pinheiro Sousa nasceu em Salvador, BA, em 03/07/1979. Foi consagrada mestra em 2015 pelo Mestre Daiola na Associação Jequitibá Capoeira.
Fonte: Acervo da Mestra Aruanda.



Mestra Bya

Noêmia Evangelista da Penha nasceu em Salvador, BA, no dia 03/11/1967. Iniciou na capoeira em 1980, foi formada professora em 1998, e se tornou mestra em 2008, no bairro do Nordeste de Amaralina, em Salvador. Em sua trajetória, recebeu a contribuição dos Mestres Bozó Branco, Ninha, The Flash e Crush. Ela é fundadora da Associação Afro Bahia Escola de Capoeira (AABEC).

Fonte: Figueiredo (2021).





Mestra Brisa

Carolina Gusmão Magalhães nasceu em Salvador-BA em 19/09/1977. Iniciou capoeira em 1992 com o Mestre Bozó Preto (in memoriam) no Nordeste de Amaralina, depois se formou mestra em 2009 pelo Mestre Jean Pangolim, integrante do Grupo G.U.E.T.O. É bacharel em Nutrição, possui Mestrado em Gestão Social pela UFBA, doutoranda em Nutrição pela UFBA. Professora no Centro de Ciências da Saúde da UFRB. Faz parte do Conselho de Mestres de Capoeira na Federação Mundial da Capoeira (World Capoeira Federation). Participou do CD "Eu também canto Bahia" em 2019, publicou o livro "Lendas de um Capoeirê" em 2001 pela UdUNEB.

Foto: Acervo da Mestre Brisa



Mestra Carol

Caroline Figueiredo nasceu em Salvador-BA em 02/06/1976. Iniciou na capoeira em 1993 e tornou-se mestra em 2020 pelo Mestre Balão do CTE Capoeiragem. Ela fundou o Capoeira Orgânica Brasil. Ela é formada em Educação Física (UCSAL) e já divulgou a capoeira a nível nacional e internacional. Homenageada em 2020 no "Capoeiristas inspiradoras" pelo @CapoeiraMulher.

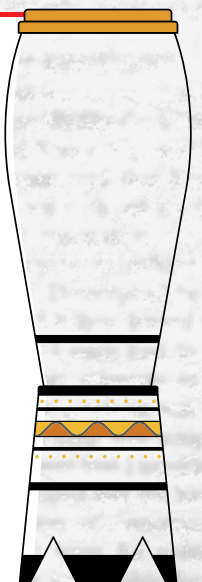
Fonte: Acervo da Mestre Carol.



Mestra Celebridade

Karen Lucy Póvoas Ramos nasceu em Itabuna, BA, em 01/12/1980. Iniciou na capoeira em 1996 e se formou mestra em 2016 pelo Mestre Ninja no grupo Celeiro de Bamba. A mestra é graduada em Comunicação Social, especialista em Gestão Cultural pela UESC. Ela já foi repórter na TV Santa Cruz. Ela já foi voluntária em projetos sociais como "Capoeira para Todos", já deu aulas de capoeira, participou de palestras, contemplada em editais com projetos culturais, membro da comissão organizadora de eventos femininos como "Mandinga de Sinhá". Ela, atualmente, é assessora em Comunicação.

Fonte: Acervo da Mestre Celebridade.





Mestra Cláudia

Cláudia Viana Avila D Andrade nasceu em São José da Vitória, BA, em 17/05/1967. Começou a frequentar a capoeira, em 1987, acompanhando o marido, porém só começou a treinar em 1992 recebendo seu primeiro cordão no ano seguinte. A primeira graduação de mestra foi em 2017, e em 2019 recebeu a terceira corda de mestra (azul e branco) pelo Mestre Suassuna no Raiz Cordão de Ouro. Ela é graduada em História e especialista em História Regional pela UESC. Ela também é autora do livro “Capoeira de luta de negro a exercício de branco”, também é professora de História da rede pública desde 2002.

Fonte: Figueiredo (2021).



Mestra Coruja

Vânia Patrícia Santos Peixoto nasceu na Ilhéus, BA, em 25/03/1980. Iniciou com 11 anos no Grupo Berimbau da Bahia com o Mestre Lázaro, em seguida passando a fundar o Grupo Nação Zumbi juntamente com o Mestre Zumbi. Foi consagrada mestra em 2019 tendo recebido a contribuição dos Mestres Zé Pequeno, Antônio Manhoso e Lázaro. Ela é licenciada em Educação Física pela Universidade Norte do Paraná. Atualmente, está cursando a especialização em Psicomotricidade, e há 15 anos desenvolve o Projeto Brincar Capoeira que fortalece a pedagogia da capoeira entre as crianças.

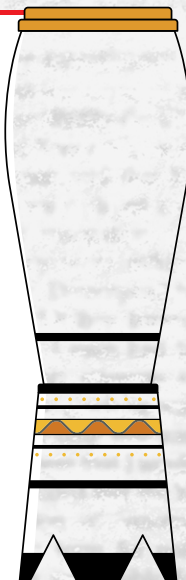
Fonte: Acervo da Mestra Coruja.



Mestra Cris

Bárbara Cristina Bittencourt nasceu em Salvador, BA, em 01/09/1982. Iniciou na capoeira em 1987 e foi consagrada mestra em 2019 pela comunidade da capoeira e na Associação de Capoeira Angola Navio pelo Mestre Renê Bittencourt, que é seu pai e sua grande referência. Em sua caminhada teve referências de mulheres como Mestra Ritinha (in memoriam), Mestra Jararaca, Verônica de Paula, dentre outras mulheres aguerridas. Para a Mestra Cris, a capoeira é cura.

Fonte: (OLIVEIRA, FAGUNDES; 2020).





Mestra Dandara

Aurelice dos Santos Bispo, nasceu em Salvador, BA, em 25/05/1974. Iniciou na capoeira em 1987 e foi consagrada mestra em 2016 pelo Mestre Angola na Associação de Capoeira Angola Corpo e Movimento. Participou do CD “Eu também canto Bahia” em 2019.
Fonte: Figueiredo (2021).



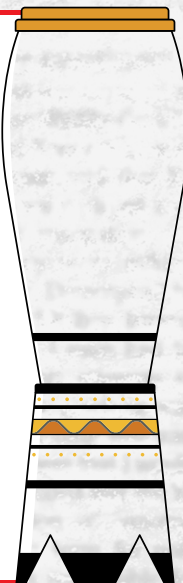
Mestra Dandara Baldez

Conhecida também como Preta Kalunga, Dandara Reis Baldez, nasceu em São Luís, MA, em 07/02/1981. Iniciou na capoeira aos 5 anos, e foi consagrada mestra em 2017 pelo Mestre Euzamor no Grupo Cazuá de Capoeira Angola. Possui graduação em Dança pela UFBA, mestra em Dança e professora na Escola de Dança na UFBA. Participou do documentário “Maculelê: entre paus, grimas e cacetes”.
Fonte: Acervo da Mestre Dandara Baldez.



Mestra Dila

Edilene dos Santos Neves nasceu em 08/04/1976 em Santo Amaro, BA. Começou na capoeira em 1992, no grupo ACARBO, com o Mestre Macaco. Foi consagrada mestra no grupo em 11/9/2021. Já teve um trabalho de capoeira para mulheres, no seu bairro, trabalhou em lojas, ministrou oficinas no ponto de cultura. Também já viajou para fazer apresentações, participar de eventos e excursões com sambas de roda, maculelê e capoeira, na expansão do grupo, na Bahia e em outros estados. É Licenciada em Pedagogia, está cursando a Pós-graduação em História e Cultura Afro. É chefe de cozinha, tem um restaurante em Terra Nova, desenvolve um trabalho pedagógico com a capoeira numa escola em Santa Marcelina, Terra Nova, uma das filiais do Grupo ACARBO. Já foi casada com o Mestre Macaco e tiveram juntos dois filhos, professor Railan e Emanuele que também são capoeiristas.
Fonte: Acervo da Mestre Dila.





Mestra Esperança

Adriana de Araújo Soares da Silva nasceu em Barreiras, BA, em 23/11/1983. Iniciou na capoeira em 1990 e foi consagrada mestra em 2016 pelo Mestre Dino na Associação de Capoeira Cultura Brasil.
Fonte: Acervo da Mestra Esperança.



Mestra Fafá/Capeta

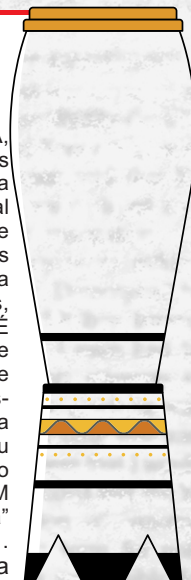
Maria de Fátima Evangelista Bomfim nasceu em Lauro de Freitas, BA, em 18/10/1981. Começou a treinar capoeira em 1992, quando tinha 11 anos de idade, com o Mestre Regi no Grupo Capoeira Filhos de Oxóssi Guerreiro. Foi consagrada mestra em 2012 pelo Mestre Regi.
Fonte: Figueiredo (2021).



Mestra Geisa

Geisa Maria Barbosa Ribeiro de Sousa Torres, nasceu em Salvador, BA, em 12/09/1981. Ela também é mãe de quatro filhos, sendo dois sanguíneos e dois adotivos. Iniciou na capoeira em 1988 e foi consagrada mestra em 2015 pelo mestre Gabriel. É fundadora da Associação Cultural Bahia Ginga, em 2009, trabalhando com a capoeira como corrente de transformação social de forma pedagógica e desportiva, com projetos como Ginga Feminina e Transformaê Capoeira. Ela ensina na comunidade, desde 1996, no bairro do São Caetano e adjacências, também atua em escolas particulares, como Centro Educacional RBM. É bacharelanda em Educação Física pela Unicesumar, Webdesign, vice presidente da Torres Editorial & Marketing Digital- Comunicação e produção editorial e presidente fundadora da Ginga Sublimações- Personalizações Gráficas. Ela também é autora dos livros "Capoeira nossa cultura", "Ginga feminina São Elas" e "A Construção". Ela recebeu o prêmio Berimbau de Ouro em 2013, recebeu a homenagem Amigos do Proerd por trabalhos socioculturais ao lado da Base Comunitária da PM de São Caetano em 2017, e participou do filme "A roda também é dela" em 2021.

Fonte: Acervo da Mestra Geisa





Mestra Gegê

Maria Eugênia Poggi nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28/11/1972. Ela é sagitariana e mãe de Anna Gabriela e Marcos Antônio. Iniciou na capoeira, em 1995, quando foi residir em Washington DC, Estados Unidos e conheceu o Mestre Cobra Mansa. Desde então, a capoeira tem um papel fundamental não apenas de transformação em seu caminho de autoconhecimento e em sua formação humana, mas também em suas escolhas e percursos de vida. Após 14 anos nos EUA, retorna ao Brasil, passando 4 anos estudando e praticando a capoeira angola em Salvador e há quase 8 anos reside em Valença onde vem desenvolvendo inúmeros trabalhos de Capoeira Angola em espaços formais e não formais de ensino.

Em 2018, completou o curso de licenciatura em Educação Física pela Faculdade Zacarias de Góes, em Valença, e atualmente faz pós-graduação em Estudos Étnicos e Raciais e Cultura Afro-brasileira na Educação pelo Instituto Federal Baiano de Valença.

Fonte: Acervo da Mestre Gegê.



Mestra Guerreira

Alessandra Rodrigues da Silva nasceu em Bom Jesus da Lapa, BA. Seu primeiro contato com a capoeira foi em novembro de 1986. Já ministrou aulas em vários projetos sociais, academias etc. Foi consagrada mestra pelo mestre Fazinho. Há 19 anos fundou seu Grupo de Capoeira Alessandra Guerreira em Caculé, BA.

Fonte: Acervo da Mestre Guerreira.

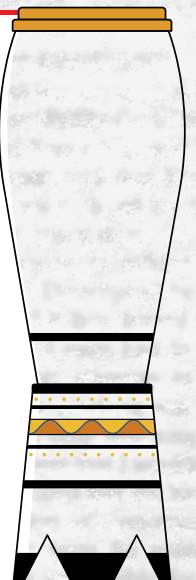


Mestra Janja

Rosângela Costa Araújo, nasceu em Feira de Santana, BA em 4/10/1959. Iniciou capoeira em 1981 e foi consagrada mestra em 1995, tendo recebido contribuições dos mestres João Grande, Moraes e Cobra Mansa. "A mestra consolidou sua carreira intelectual em São Paulo, onde criou uma Orquestra de Berimbaus, recebeu o título de cidadã da cidade levando a capoeira para jovens e idosos de uma comunidade carente", uma das lideranças da Rede Angoleira de Mulheres (RAM) (LIMA, 2016, p.53). Posteriormente, retorna para a Bahia e funda, em 1995, junto com Mestre Poloca e a Mestre Paulinha o Grupo Nzinga de Capoeira Angola.

A Mestre Janja também é graduada em História, mestra e doutorada em Educação pela USP, pós-doutora em Ciências Sociais pela PUC, professora na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais na UFBA, líder do Grupo de pesquisa de Gênero, Arte e Cultura do NEIM.

Fonte: Figueiredo (2021).





Mestra Jararaca

Valdelice Santos de Jesus nasceu em Salvador, BA, em 4/8/1974. Iniciou na capoeira entre 1983 e 1984 na academia do Mestre João Pequeno. Frequentava a roda de Mestre João Pequeno com sua irmã, Ritinha, também mestra de Capoeira Angola. Foi formada professora na academia do Mestre João Pequeno. Foi consagrada contramestra e recebeu o título de mestra pelo Mestre Curió no Grupo de Capoeira Angola Irmão Gêmeos em 2001.

Fonte: Figueiredo (2021).



Mestra Jô

Joselita Pereira de Oliveira nasceu em Juazeiro, BA, em 4/06/1975. Iniciou na capoeira em 1982 com o professor Bartola. Treinou com diversos capoeiristas, até que, em 1994 se mudou para o Rio de Janeiro, e passou a ser integrante do Grupo Capoeira Brasil, e foi consagrada mestra em 2011 pelo Mestre Boneco. Divulgou a capoeira em vários países, desenvolveu trabalhos nos Estados Unidos, China, Austrália, França, Espanha, Israel e Polônia. A mestra já se apresentou pelo Dance Brasil no Lincoln Center, e participou de shows em Nova Iorque, inclusive morou e desenvolveu muitos trabalhos na cidade durante 6 anos. Também já realizou trabalhos com marcas famosas como Nike, GAP e Sony. Recebeu da cidade de Juazeiro, BA, uma homenagem de reconhecimento no dia do Capoeirista, também recebeu uma carta de agradecimento pelo trabalho feito com a capoeira pelo Consul da Austrália e de Hong Kong.

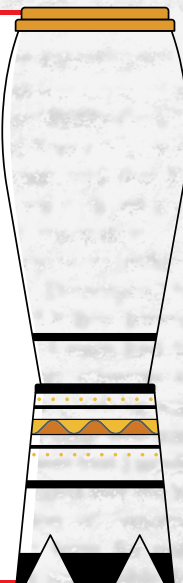
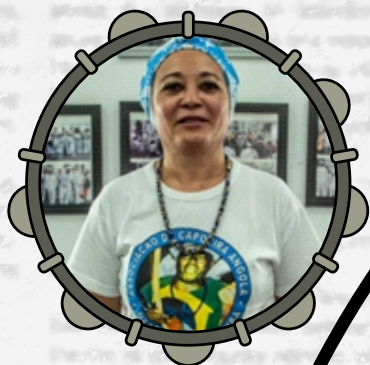
Fonte: Acervo da Mestre Jô.



Mestra Lene

Lucilene Lopes da Silva nasceu em Icoaraci, PA, em 27/5/1965. Recebeu o título de mestra pelo Mestre Pelé da Bomba na Associação Capoeira Angola em 2014, em Salvador; e em 2017, reconhecida mestra no estado do Pará pelo Mestre Walcir. Já recebeu os prêmios: Capoeira Premium, Valorização e reconhecimento pela Federação da Bahia, em 16/11/2015; Berimbau de Ouro-Valorização e Reconhecimento, em 19/2/2016, pelo Mestre Máximo. Em 3/4/2016, inaugurou sua academia em Valéria com a presença de vários capoeiristas. Atualmente é vice-presidente da Associação Brasileira de Capoeira Angola em Salvador.

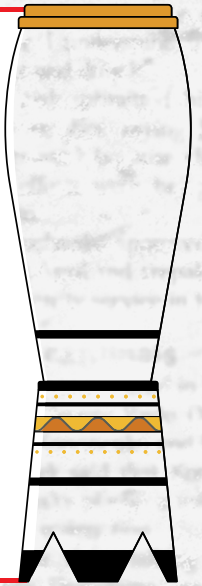
Fonte: Figueiredo (2021).





Mestra Lila

Maria Luísa Pimenta nasceu em São Paulo, SP, em 03/05/1973. Iniciou na capoeira em 1992 em Belo Horizonte, e em 2000 mudou-se para Bahia. É cofundadora do grupo cultural Capoeira Malta da Serra, em Lauro de Freitas, BA. É também integrante do Bando Anunciador da Capoeira Angola de Rua desde 2000. Em 26/11/2021, foi reconhecida mestra de capoeira por Luciano Guimarães (Lauro de Freitas), o mestre Luciano, e Paulo Ferreira, o mestre Paulão (Suíça), ambos mineiros que rodaram o mundo e se estabeleceram na capoeira e representam: Luciano, seu companheiro e mestre e Paulão, o mestre que lhe ensinou a gingar, e além de ser uma grande referência para Luciano como mestre.



Mestra Lúcia Cigana

Lúcia de Fátima Monteiro nasceu no Rio Grande do Norte em 03/11/1959. Foi integrante da Capoeira Angola Palmares, discípula durante 20 anos do Mestre Nô. Hoje, faz parte do Grupo de Capoeira Guerreiro de Palmares sob comando do Mestre Lázaro. Foi homenageada como "Guardiã dos saberes e memórias da cultura africana e afro-brasileira no estado da Bahia" pela Frente Parlamentar em defesa da Capoeira em 2019. Foi candidata a vereadora em 2020 em Salvador.
Fonte: Acervo da Mestre Lúcia Cigana.



Mestra Marcha Lenta

Tahise Magalhães de Oliveira nasceu em Itabuna, BA, no dia 13/7/1983. Iniciou na capoeira em 1996 e se tornou mestra em 2015 pelo Mestre Ninja do Celeiro de Bamba em Itabuna, BA. Ela é formada em Ciências Biológicas, mestra em Genética e doutora em Biologia Molecular pela UESC. Atua como docente na UniFTC e Uninassau no campus de Vitória da Conquista.

Fonte: Acervo da Mestre Marcha Lenta.





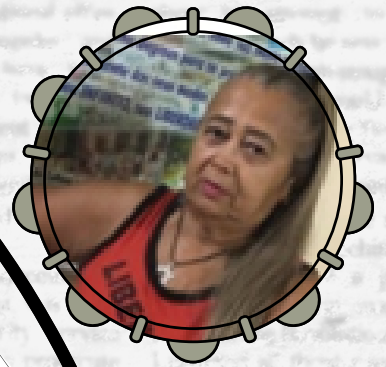
Mestra Mada

Maria Madalena dos Prazeres dos Santos nasceu em Salvador, BA, em 22/07/1962. Iniciou na capoeira no Circo Picolino quando foi levar o filho e acabou entrando também. Depois de 4 anos, vou treinar com o Mestre Denilson, na Massaranduba, onde teve a sua trajetória formativa no grupo. Ela treinava diariamente com o mestre, depois que o mestre falou que iria parar o trabalho em Alto de Coutos, ela assumiu e foi reconhecida como professora pela comunidade. Paralelamente, começou a dar aulas de capoeira em escolas em Salvador, depois que seu filho foi para Itália. Ela já desenvolveu trabalhos com a capoeira em Creche, Criarte, Sonho infantil, Colégio Objetivo, Escola Francisca de Sande. Ela foi consagrada mestra, em 2005, pelo Mestre Denilson na Associação de capoeira grupo girassol. Em 2021, recebeu o título de Doutora em Honoris Causa pela Faculdade de Formação Brasileira e Internacional de Capelães em Salvador.
Fonte: Acervo da Mestre Mada.



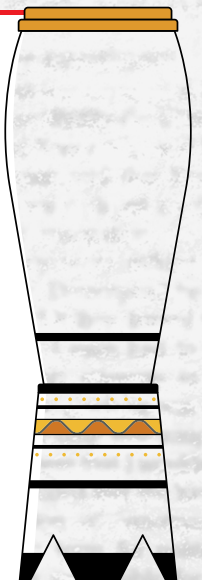
Mestra Marly

Marli Barbosa Vieira nasceu em 23/7/1953, em Bom Sucesso, RJ. Iniciou na capoeira há 38 anos, no Rio de Janeiro, com o Mestre 22, tendo recebido a contribuição do Mestre Puma no mesmo período e, logo depois, a do Mestre Gary, durante muitos anos. Em 1985, mudam-se para São Francisco do Conde, BA, onde fundaram a Associação Cultural Capoeira Liberdade (antigo Capoeira Guerreiros). A Mestre Marly foi consagrada mestra no dia 09/09/2012, pelo Mestre Gary, que também era seu esposo (in memoriam) com quem teve três filhos. Atualmente, ela é presidenta da referida associação e é a única mulher integrante do Conselho da Cultura de São Francisco.
Fonte: Acervo da Mestre Marly.



Mestra Nani

Cristiane Santos Miranda nasceu em Salvador, BA, em 02/06/1983. Iniciou na capoeira, em 1995, na Fazenda Coutos, no espaço onde seu avô, Mestre João Pequeno (in memoriam) construiu sua casa. Depois de muitos anos de dedicação, foi consagrada mestra em 2018 pelo Mestre Ciro. Ela conduz o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), Academia João Pequeno de Pastinha, matriz em Salvador. Idealizadora do Projeto Pequenos de João na Fazenda Coutos, hoje Mestre Orientadora dos Jovens do Centro Cultural Casa Mestre João Pequeno de Pastinha. A mestra fez parte do filme "Mestre Pastinha, Rei da Capoeira" de Carolina Canguçu em 2019. Participou do CD "Eu também canto Bahia" em 2019. Ela também é formada em Educação Física.
Fonte: Figueiredo (2021).





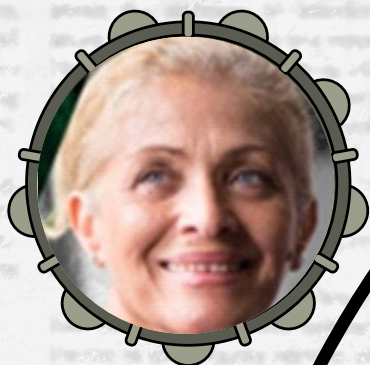
Mestra Nzinga

Maria Cristina dos Santos Ramos nasceu em Conceição de Feira, BA, em 1/1/1971. Filha de Antônio Lopes dos Anjos (in memoriam) e Albertina Ramos dos Anjos (in memoriam). Ela é casada e tem quatro filhos. Iniciou na capoeira em 1984, assistia muitas rodas de rua quando ia fazer feira com sua mãe aos sábados em Conceição de Feira. Ao fazer um trabalho na casa de amigas, começou a treinar no fundo do quintal com um rapaz que ensinava a luta. Depois que se casou e precisou se mudar para Salvador, teve que parar a capoeira. Quando retorna para Conceição de Feira volta aos treinos com o professor Admilton (atualmente mestre) e não parou mais. Em 28/8/2021 recebeu das mãos do Mestre Macaco, mestre do seu mestre, a graduação de mestra no Grupo ACARBO. Em sua formatura estavam presentes 15 mestres e mestras, dentre elas as Mestras Geisa e Amazonas. Ela desenvolve um trabalho com a capoeira em seu espaço que se localiza na Av. Antônio Carlos Magalhães s/n em Conceição de Feira. É também formada em Educação Física.
Fonte: Acervo da Mestra Nzinga.



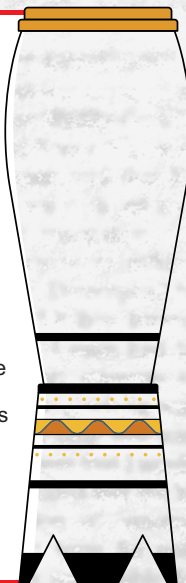
Mestra Nena

Luciene Maria de Lima da Silva nasceu em Feira de Santana, BA, em 10/12/1976. Iniciou na capoeira em 1982 e foi consagrada mestra em 2011 pelo Mestre Raimundo Nonato na Associação Cultural de Capoeira São Francisco.
Fonte: Figueiredo (2021).



Mestra Omara/Piolho

Omara Silvia da Conceição Santos nasceu em Salvador, BA, em 27/2/1959. Iniciou na capoeira aos 15 anos no Colégio Estadual Severino Vieira, com o professor Régis. Em seguida, iniciou no Grupo de Capoeira Meninos de Itaparica com o professor Pássaro Preto, depois se associou ao Grupo União de seu irmão, onde foi consagrada mestra no ano de 2012, e posteriormente, criou o Grupo Ama Capoeira. Durante o período no qual esteve ligada ao grupo União, teve vários alunos levados por seu irmão para a Suíça e lá alguns permanecem até os dias atuais, onde criaram famílias, estudaram e se formaram e estão trabalhando, além de continuarem a dar aula de capoeira no grupo União. Participou de alguns eventos na Europa, onde foi entrevistada por emissoras locais, cujas entrevistas estão nas redes sociais. Tem 3 filhos, dois rapazes e uma moça, além de uma neta com 6 anos de idade.
Fonte: Acervo da Mestra Omara.

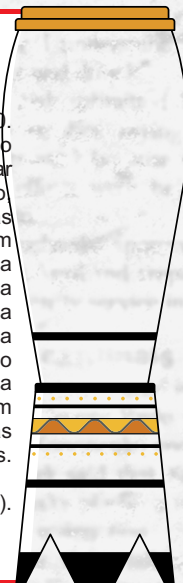




Mestra Patrícia

Patrícia Mascarenhas Fernandes nasceu em Salvador, BA, em 23/9/1970. Iniciou na capoeira em 1986, recebeu o título de Mestra em 2015 pelo Mestre Ferreira do Grupo Urucungo. Com 15 anos, passa a frequentar rodas tradicionais onde não haviam muitas mulheres nessa época, portanto não havia uma reflexão sobre o papel da mulher na Capoeira. Ela percebia que as oportunidades eram diferentes entre homens e mulheres, mesmo assim enfrentava barreiras sem dar-se conta do que essa posição significava. Após sua formatura de "aluna formada" em 1992, passa a dar aula para crianças e adultos. Faz uma turnê pela Inglaterra através da Bahiatursa, em seguida, passa um período em Barcelona dando aula para crianças e adultos. Também teve a oportunidade de apresentar sua trajetória de Capoeira na embaixada do Brasil em Buenos Aires. Ela é a idealizadora do Projeto 'A criança na capoeira', que desde 2014 tem promovido formação para quem trabalha dando aula de capoeira para as crianças. Em 2020, diante de uma preocupação antiga com os efeitos do machismo na Capoeira, passa a organizar um grupo de homens capoeiristas para discutirem sobre masculinidades.

Fonte: Figueiredo (2021).



Mestra Paulinha

Paula Cristina da Silva Barreto nasceu em Vitória da Conquista, BA, em 30/6/1963. Iniciou na capoeira em 1982, foi consagrada mestra em 2000 pela comunidade da capoeira e recebeu o título em 2007 pelo Mestre Cobra Mansa. Fundou, em 1995, o Grupo Nzinga juntamente com a Mestra Janja e o Mestre Poloca. Viajou para cidades e países para participar de eventos de capoeira, a sua primeira viagem internacional foi em 1995, e desse período não parou mais. É mestra em Sociologia pela UFBA, doutora em Sociologia pela USP, professora no Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

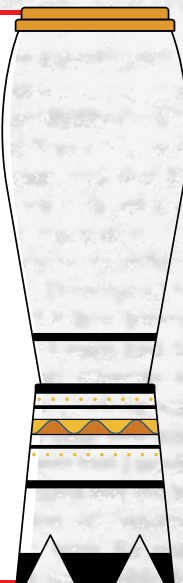
Fonte: Figueiredo (2021).



Mestra Pequena Raísta

Sueli Merice dos Santos nasceu em Santo Antônio de Jesus, BA, em 27/1/1976. Começou a praticar a capoeira regional, aos 12 anos, com o Mestre Gabriel, sendo consagrada mestra, em 2010, pelo Mestre Gabriel no Grupo de Capoeira Africana.

Fonte: Figueiredo (2021).





Mestra Preguiça

Cleonice Silva nasceu em Salvador, BA, em 28/3/1976. Iniciou na capoeira em 1987 e foi consagrada mestra charangueira, em 2010, pelo Mestre Nene na Filhos de Bimba Escola de Capoeira. Ela leciona no núcleo do Nordeste de Amaralina e tem projeto com a capoeira para as meninas na Ilha de Itaparica. A mestra foi protagonista no filme “Mulheres da Pá Virada” produzido pelo Grupo de Intervenção Marias Felipas.

Fonte: Acervo da Mestra Preguiça..



Mestra Risadinha

Jane Cruz dos Reis nasceu em 18/07/1982, em Mata de São João, BA. Iniciou na capoeira em 2003, em Camaçari, BA, com o Mestre Ismael, criador da Associação Cultural e Desportiva de Inclusão Social, conhecida como Grupo de Capoeira Inclusiva. Foi consagrada mestra no dia 08/01/2022, pelo Mestre Ismael. Ela desenvolve um trabalho de recreação, ludicidade e inclusão social na capoeira para pessoas com deficiências na APAE de Camaçari. Ela também é graduada em Educação Física pela UNIRB, já trabalhou em projetos sociais pela Petrobrás, em escolas e associações de bairros do referido município. Há mais de 15 anos, o seu grupo desenvolve um trabalho diferenciado com a pessoa com deficiência intelectual e múltipla em Camaçari, tendo realizado 21 eventos de Capoeira e Inclusão Social.

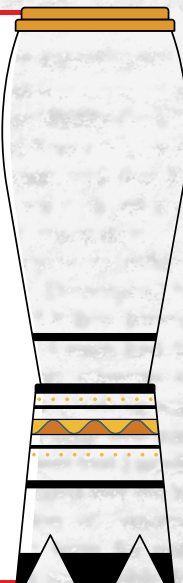
Fonte: Acervo da Mestra Risadinha.



Mestra Ritinha (in memoriam)

Rita de Cássia Santos de Jesus nasceu em Salvador, BA, em 21/11/1962 e faleceu em 21/01/2019. Iniciou na capoeira, em 1983, na Academia do Mestre João Pequeno, participou de eventos e cursos no Brasil e Exterior. A mestra foi homenageada (in memoriam) no documentário “Mulheres da pá virada”, livro “O legado de Ritinha da Bahia: mulheres no jogo da resistência” e no projeto “Tons e sons das mulheres na capoeira”.

Fonte: Josenice Guedes.

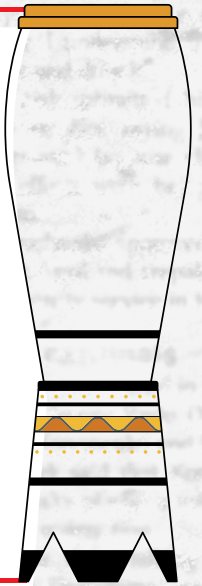




Mestra Raquel

Raquel Cordeiro Leite nasceu em Bom Jesus da Lapa-Bahia em 01/01/1968. Iniciou na capoeira na década de 80 e se tornou mestra em 2015 na Associação Lapense de Capoeira Ginga Bahia pelo Mestre Fazinho. Ela possui graduação em Serviço Social pela Universidade de Santo Amaro

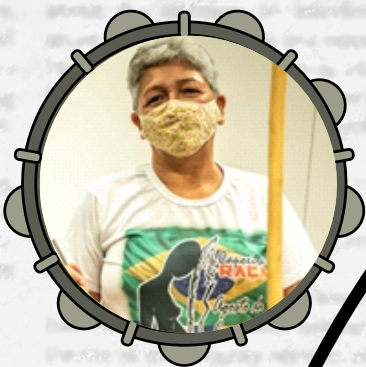
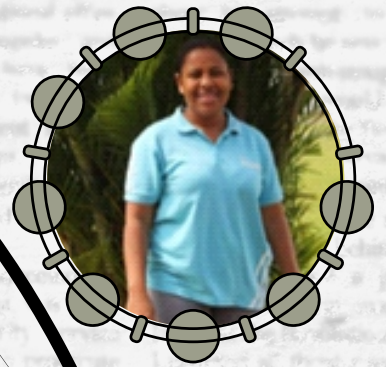
Fonte: Figueiredo (2021)



Mestra Rute

Rute Oliveira Sena, nasceu em Camaçari-BA em 13/05/1979. Iniciou na capoeira em sua infância e tornou-se mestra em 2014 pelo Mestre Petróleo no Grupo Discípulos do mestre Petróleo.

Fonte: Acervo da Mestre Rute.



Mestra Soninha

Sônia Borges nasceu em Muritiba, BA, em 9/5/1969. Iniciou na capoeira em 1987 e foi consagrada mestra, em 2010, pelo Mestre Medicina no Grupo de Capoeira Raça. Ela também é professora de Educação Física.

Fonte: Figueiredo (2021).

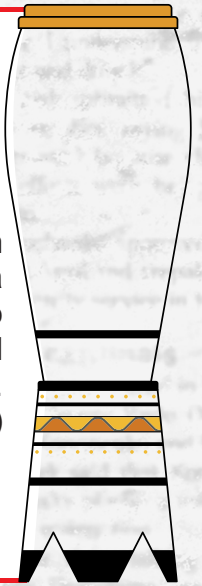




Mestra Tãte

Tatiane Santana dos Santos, nasceu em Salvador, BA, em 03/08/1980. Iniciou na capoeira aos 7 anos, consagrada mestra em 2015 pelo Mestre Lazinho na Associação Cultural de Capoeira Raça Negra.

Fonte: <https://clipsacademiaeu.com/page/3>

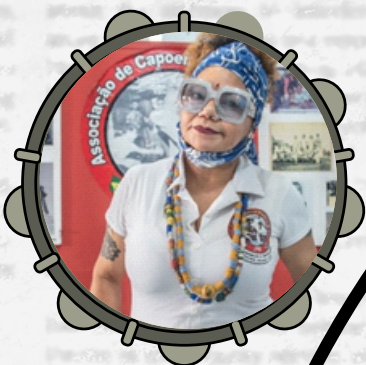


Mestra Taísa

Taísa da Silva nasceu em Santo Amaro da Purificação, BA, em 6/2/1978. Inicia na capoeira aos 15 anos, consagrada mestra, em 2019, pelo Mestre Bendengó. Ela foi aluna do Mestre Macaco realizou trabalho social com crianças e jovens em comunidades vulneráveis (BESSA, 2020).

Ela conduz junto com o Mestre Bendengó a Associação Cultural Sementes de Santo Amaro.

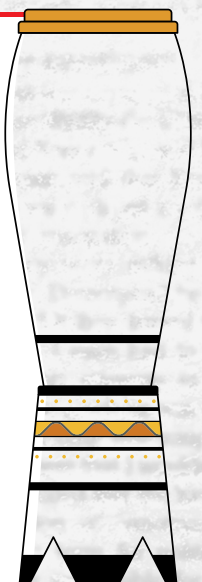
Fonte: Figueiredo (2021).



Mestra Tekka Foguete

Tereza das Candeias dos Santos nasceu em Nazaré das Farinhas, BA. Iniciou na capoeira em 1988 na Associação de Capoeira Mestre Bimba em Salvador. A sua formatura de mestra foi em 2020 pelo Mestre Bamba na Associação de Capoeira Mestre Bimba.

Fonte: Figueiredo (2021).





Mestra Tisza

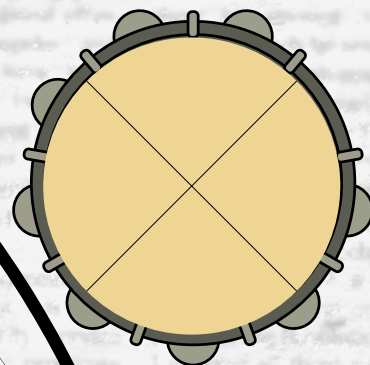
Tisza Coelho, nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1966. Iniciou na capoeira em 1981, foi reconhecida mestra pela comunidade e pelo mestre João Grande. Ela conduz o Centro de Capoeira Angola Ouro Verde fundado em 2003, trabalho realizado na Vila da Serra Grande e na área rural do município de Uruçuca. A mestra possui trabalhos contínuos com a capoeira, a dança e a percussão em cidades da Bahia, de Goiás, do México e dos Estados Unidos.
Foto: Acervo da Mestre Tisza.



Mestra Tonha Rolo do Mar (in memoriam)

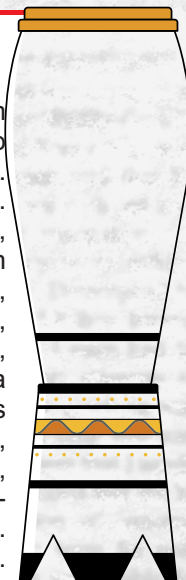
Segundo Mestre Cobrinha Verde “O meu mestre de jogar navalha no cordão, nas mãos e nos pés foi Tonha, apelidada de Tonha Rolo do Mar. É uma mulher. Ainda é viva e anda de facão na mão. Mora em Feira de Santana, no Tomba” (SANTOS, 1991, p.12).

Fonte: SANTOS, Marcelino dos. Capoeira e mandingas: Cobrinha Verde. Salvador: A rasteira, 1991.



Mestra Trança

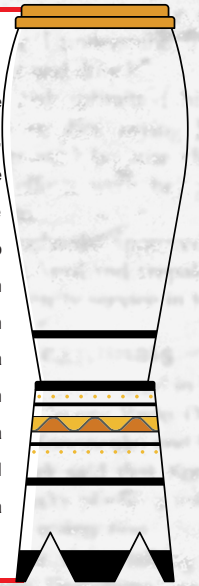
Vanessa Rebouças D'Oliveira nasceu em Salvador, BA, em 08/10/1980. No início de 1996, iniciou a prática da capoeira no Grupo de Capoeira Regional Porto da Barra, com o Mestre Cabeludo. Em 2001, ela concluiu o ensino superior, formando-se em Turismo. Em 2002 foi cursar um Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, em Sydney, na Austrália, onde também trabalhou com turismo, além de treinar e ensinar capoeira nos espaços de seu amigo Cachaça, hoje mestre. Em 2003, Trança foi residir em Barcelona, na Espanha, ensinando capoeira em uma cidade vizinha, Terrassa. Em 2004, retornou ao Brasil, onde continuou a treinar duro e ensinar capoeira na matriz de seu grupo, como substituta de seu mestre e em seus próprios espaços, que incluíram a Escola Bahiana de Medicina, condomínios e academias no bairro do Rio Vermelho. Em 2018, recebeu de seu mestre, em Salvador, ao título de Mestre, tornando-se a primeira mulher a alcançar esta graduação dentro de seu grupo.
Fonte: Acervo da Mestre Trança.





Mestra Vanessa

Vanessa Vieira Midlej Silva nasceu em Porto Alegre, RS, em 9/1/1978. Ela é filha de mãe gaúcha e pai baiano. Iniciou na capoeira em 1990, por intermédio dos amigos Kinho e Nenem, que lhe ensinaram a ginga. Em 1992, foi morar em Minas Gerais com sua mãe, onde continuou treinando a capoeira. Ao retornar para Itabuna, em 1994, foi treinar com o Mestre Valdeci. Começou a ensinar a capoeira em 1996. Em sua trajetória na arte, teve a contribuição do mestre Miguel Machado, em especial no ano de 1997. Morou e trabalhou com capoeira em Viçosa, MG, Petrópolis, RJ, e Natal, RN. Foi consagrada mestra de capoeira em 2010 em Natal. Ao retornar para o grupo Raça, voltou a utilizar a corda de contramestra de capoeira. Ela também é mãe, formada em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (2003), em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e mestra em Educação pela UFRN. Retornou pra Itabuna em 2013 e, desde então, ensina capoeira no Espaço Cultural Josué Brandão em Itabuna, BA, e além de atuar como fisioterapeuta e acupunturista. Sua maior referência na capoeira é seu mestre, o Mestre Medicina,





Mestra Bruxinha

Cristiane Marreiros dos Santos nasceu no Ceará em 13/10/1978. Tornou-se mestra em 2016 no Grupo União capoeira pelo Mestre Marron. Ela nunca parou a capoeira e tem um trabalho sólido há mais de 28 anos.

Fonte: Acervo da Mestra Bruxinha.



Mestra Carla

Carla Mara Henrique Silva nasceu em Fortaleza, CE, em 5/5/1967. Começou na capoeira, em 1984, com os professores Junior e Jean, ambos alunos do Mestre Everaldo Ema, por sua vez alunos do mestre Zé Renato e integrantes do Grupo Zumbi, um dos primeiros grupos de capoeira a surgir no estado do Ceará. A partir de 1987 passou a treinar com o Mestre Soldado no bairro do Nova Metrópole. O seu primeiro trabalho, ensinando, ocorreu em 1989, quando se ocupava dos alunos iniciantes que chegavam para treinar. Entre as funções e cargos que ocupa, a mestra representa o conselho de mestres e mestras do estado do Ceará, é presidenta da Associação Zumbi de Capoeira (AZC), em 2018 elege toda diretoria feminina da AZC. Para além de coordenar o núcleo de Mulheres da AZC, o fórum de mulheres capoeiristas, participa do GT salvaguarda IPHAN, faz parte do Grupo de Integração Feminina da Capoeira, e é membro da Rede nacional da capoeira (movimento de mestres e mestras do Brasil) participa da equipe do documentário do registro da capoeira do Ceará. Foi consagrada mestra em 2009.

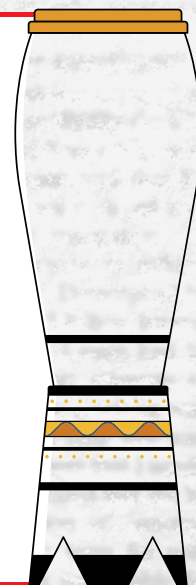
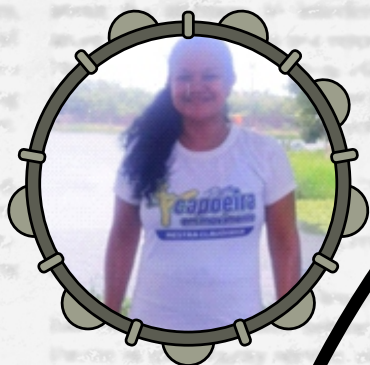
Fonte: Acervo da Mestra Carla.



Mestra Claudinha

Ana Claudia Rodrigues de Mendonça Pinheiro nasceu no Ceará em 12/06/1976. Iniciou na capoeira, em 1989, tornou-se mestra em 2019 no Centro Esportivo e Cultural Pura Capoeira em Movimento pelo Mestre Auricélio. Ela é formada em Pedagogia, especialista em Educação Especial pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, especialista em Secretariado Executivo e Assessoria Gerencial pela UNIATENEU; graduanda em Ciências Contábeis pela Universidade Norte do Paraná. Especialização em Controladoria e Finanças pela Uniateneu. Especialização em Controladoria e Finanças pela Uniateneu.

Fonte: Acervo da Mestra Claudinha.





Mestra Cleide

Maria Cleide Tomaz Duarte nasceu no Ceará em 28/08/1968. Ela iniciou na capoeira em 1992 e se tornou mestra em dezembro de 2010, primeiro grau, pelo Mestre Mentirinha na Associação de Capoeira Grupo Terra. Atualmente mora no Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo da Mestre Cleide.



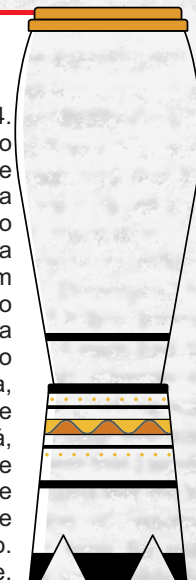
Mestra Darlyane

Darlyane Cardoso Bezerra nasceu no Ceará em 30/04/1974. Iniciou na capoeira em 1989 e se tornou mestra em 2018 pelo Mestre Dery no Grupo de Capoeira Axé Zumbi. Ela é formada em Educação Física. “É casada com Mestre Dery. Leciona Educação Física na escola citada, além do ensino da capoeira. Em sua visão, “ser um bom capoeirista é ser um bom cidadão” (DIAS, 2016).
Fonte: Acervo da Mestre Darlyane.



Mestra Doralice

Doralice das Graças Beserra nasceu em Umarizal, RN, em 6/7/1984. Começou na capoeira em 1996 em Fortaleza-CE no Grupo Raiz a Terra do Mestre Costela (Mestre Assis), logo depois foi treinar na Universidade Federal do Ceará com o Mestre Samuray (in memoriam). Ela é fundadora da Associação Cultural Amigos da Capoeira. Em 2008, filiou-se ao Grupo Filhos de Jô tendo como padrinho o Mestre Josivan Alves, Jô, o qual a consagrou mestra em 2012. Ela é bacharel em Serviço Social, também secretária da Federação de Capoeira do Ceará, coordenadora do Congresso Unitário da Capoeira (CNUC), representante no Ceará pela União da Capoeira Desporto das Américas (UCDA), representante do Fórum da Capoeira-CE, representante do Fórum da Capoeira de Caucaia, CE, fundadora do Coletivo de Mulheres Origens, integrante do Coletivo de Mestras do Ceará, integrante do Coletivo de Mestres e Mestras do Ceará, representante da capoeira pelo Fórum no Comitê gestor de matrizes africanas-CE, representante do Coletivo Acolher (Grupo de acolhimento e encorajamento às vítimas de violência dentro da Capoeira) e representante do Grupo de Mestras e Contramestras do Mundo.
Fonte: Acervo da Mestre Doralice.





Mestra Felina

Adriana Florenço de Sena, filha de Josenir Florêncio de Holanda, e Aluizio Serafim de Sena, nasceu na cidade de Fortim, CE, mas aos cinco anos foi morar com a família em Fortaleza. Iniciou na capoeira em 1988 na cidade de Maracanaú, CE, aos 15 anos treinou na Associação Memórias de Pastinha com o Mestre Jorge, Jorge Luiz Pessoa Siqueira (in memoriam). Ela tem três filhos, todos eles treinaram com o esposo Mestre Serrinha (in memoriam). Em 2000, integrou a Associação Zumbi Capoeira, sob liderança de Mestre Lula e Mestra Carla durante quatro anos. Em 2005, retorna para a Associação Memórias de Pastinha e, posteriormente, em 2007 criou o Grupo de Capoeira Boa Semente, juntamente com seu esposo, sendo apadrinhado pelo Mestre Serrinha. Recebeu a graduação de mestra em 9/11/2015 pelo Mestre Jorge Ceará (in memoriam) na cidade de Maracanaú.

Fonte: Acervo da Mestra Felina.



Mestra Flanela

Lilian Pereira Botelho nasceu em Fortaleza, CE, em 25/8/1975. Iniciou na capoeira em 1991 e foi consagrada mestra em 2015 pelo Mestre Pano do Grupo Nova Geração.

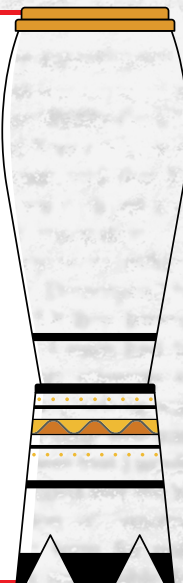
Fonte: Acervo da Mestra Flanela



Mestra Jana

Maria Janaina Rodrigues da Silva nasceu em Fortaleza, CE, em 13/8/1975. Iniciou na capoeira em 1988, com o Mestre Ema. Em 1989, o Grupo Zumbi foi repassado para o Mestre Wlisses, um de seus primeiros alunos. A Mestra Jana foi consagrada mestra em 2010, na Associação Cearense Zumbi da Capoeira. Ela é criadora do Coletivo de Mulheres ASCZUCA, produziu e participou de eventos de capoeira e manifestações culturais afro-brasileira. Já participou de jogos escolares brasileiros em Brasília, em 1989, tendo conquistado o segundo lugar geral na modalidade feminina.

Fonte: Acervo da Mestra Jana.





Mestra Manô

Manoela Moraes Ziggatti nasceu em São Paulo em 21/10/1975. Começou a treinar a Capoeira em 1996 e foi reconhecida mestra em 2020 por Mestre Janja, Mestre Paulinha e Mestre Poloca no Grupo Nzinga e atualmente mora em Fortaleza-CE. Ela é graduada em Comunicação Social pela USP, especialista em Documentário pela Escola Internacional de Cinema e TV de San Antonio de Los Baños em Cuba. Em 2004, dirigiu o documentário de capoeira "lê viva meu Mestre" que foi desdobramento da dissertação da Mestre Janja (2004).

Fonte: Acervo da Mestre Manô.



Mestra Nega

Patrícia Mayra Ferreira Lima nasceu no Ceará em 24/06/1977. Além de ser mãe de três mulheres, dedicou 30 anos de sua vida a arte da capoeira. Iniciou na capoeira em 1990 e foi consagrada mestra em 17/12/2016 pelo Mestre Cesar Simpatia da Associação Cultural e Arte Simpatia-ACAS. Foi por duas gestões consecutivas Secretária da Federação de Capoeira do Ceará, também fez parte da equipe técnica de educadores da ACAS, sendo a única mulher na equipe. Há cinco anos, desenvolve um trabalho com a capoeira intitulado "Capoeira, Brincadeira de Criança" voltada para crianças na faixa etária de 1 a 14 anos.

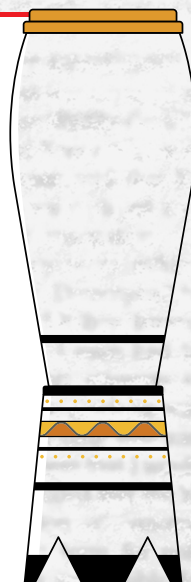
Fonte: Acervo da Mestre Nega.



Mestra Paulinha Zumba

Paula Andrea Zumba Fideles nasceu em Fortaleza, CE, em 23/10/1972. Iniciou em 1989 na capoeira e foi consagrada mestra em 2010 no Grupo Cordão de Ouro. Ela é formada em Letras e Pedagogia e especialista em Psicopedagogia, professora de Português e Inglês na rede pública de ensino.

Fonte: Acervo da Mestre Paulinha Zumba.





Mestra Roberta

Roberta Eliane Gadelha Aleixo nasceu no Ceará em 24/04/1977. Tornou-se mestra em 2017 pelo Mestre Pedro na Fundação Arte Brasil de Capoeira (FABRAC).

Ela possui graduação em Ciências, habilitação plena em Matemática; especialização em Administração Escolar, Ensino da Matemática, e em Gestão da Educação Pública; mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, professora efetiva na Secretaria de Educação Básica do Ceará e da SME de Fortaleza. Integrante dos Coletivos Flores de Dandara e Mestras de Capoeira do Ceará; além disso, ela tem dois filhos.

Foto: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/36942/>



Mestra Vanda

Lúcia Vanda Rodrigues Dias nasceu em Miraima, CE, em 18/4/1964. Foi consagrada mestra pelo Mestre Ema, em 2003, na Associação Zumbi Capoeira – AZC, onde permanece até hoje. É uma das coordenadoras do Laboratório da Paz – LABPAZ, núcleo da AZC responsável pela formação continuada de seus educadores e Formadora e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Docência, Juventude, Cultura de Paz e Espiritualidade (FACED – Faculdade de Educação/UFC) com ênfase em capoeira e educação para a paz. Terapeuta Holística, idealizadora e coordenadora da Omnia Florescimento Humano. Artesã em várias modalidades de artesanato, a sua trajetória é entrecortada de militâncias em outras áreas, prestando também colaborações junto a instituições voltadas para o tratamento da dependência química e de cunho espiritualista, atuando sempre na formação humana. Trajetória simples, que não pede aplausos ou visibilidade; silenciosa, mais ativa sempre. Trajetória de mulher, mãe, educadora, capoeirista, trajetória de aprendiz sempre!

Foto: Acervo da Mestra Vanda.



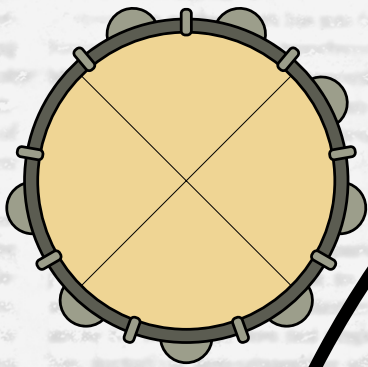


Mestra Felina

Maria Silvânia da Silva nasceu em Aracaju, SE, em 11/12/1967. Filha de Augusta Santos da Silva e Alfredo Manoel da Silva. Iniciou na capoeira em 1980, aos 13 anos. A mestra recebeu a corda branca ponta verde, primeiro grau de mestra em 2018 pelo Mestre Madera de Ogum. Recebeu título de mestra aspirante, pelo Conselho de Mestres de Capoeira do Estado de Sergipe, em 2019, recebeu o mérito universitário especial, na categoria mestre em artes e cultura popular, pela Universidade Federal de Sergipe em 2020. Ela fundou a Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Mestra Felina. Foi protagonista no documentário «As Felinas».

Fonte: Acervo Marcelo Soares.

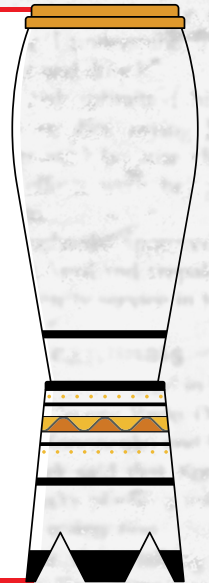




Mestra Jane

Edjane Alves Barbosa nasceu na Paraíba, tornou-se mestra em 2015.

Fonte: <https://capoeira.iphan.gov.br/formado/leição/281>



Mestra Malu

Maria de Lourdes Farias de Lima nasceu em João Pessoa, PB. Iniciou na capoeira em 1993 e em 2019, foi consagrada mestra pelo Mestre Nô no Grupo Capoeira Angola Palmares. Ela é uma das primeiras mestras do referido grupo, ministra aulas de capoeira desde 1998 em sua cidade. Possui graduação em Comunicação Social e mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. É casada com o Mestre Dário, juntos tem quatro filhos que são capoeiristas também. Em 1998, iniciam juntos o Grupo Capoeira Angola Palmares no Roger, em João Pessoa.

Fonte: Acervo da Mestra Malu.





Mestra Aninha Armada

Ana Paula Albuquerque de Melo nasceu em 11/5/1968 em Recife, PE. Iniciou na capoeira em 1986 na Universidade Católica de Pernambuco e foi consagrada mestra em 2015 pelo Mestre Corisco no Grupo Chapéu de Couro. Ela também é advogada, trabalha no Estado de Pernambuco na Secretaria de Desenvolvimento Agrário e na Universidade Católica de Pernambuco. Tem uma filha de 22 anos chamada Manuela Albuquerque de Melo. Além da sua nobre missão de cuidar de Manu, ama a capoeira e é defensora dos animais, tem três gatos e os considera como filhos.



Mestra Bel

Izabel Cristina de Araújo Cordeiro nasceu em Olinda, PE, em 24/2/1966. Iniciou na capoeira em 1989 e se tornou mestra em 2016 no Centro de Capoeira São Salomão pelo Mestre Mago. Ela é especialista em Recreação e Lazer pela UNICAMP, mestra em Antropologia e doutora em História pela UFPE. Também é professora da UPE. Lidera, junto com Mestre Dani, o Coletivo É Cor de Rosa Choque. Publicou o livro "A mulher entrou na roda".

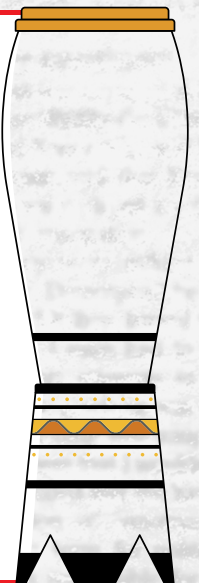
Fonte: Acervo da Mestre Bel.



Mestra Dani

Maria Daniela Carneiro Gouveia de Melo nasceu em 23/11/1972 em Recife, PE. Iniciou na capoeira em 1985, aos 12 anos, a consagração de mestra foi em 2016 pelo Mestre Mago do Centro de Capoeira São Salomão. Vice-presidenta do Centro de Capoeira São Salomão, mestra em administração, gestora cultural e professora da escola técnica do estado de Pernambuco. Participou do livro "A mulher entrou na roda".

Fonte: Acervo da Mestre Dani..





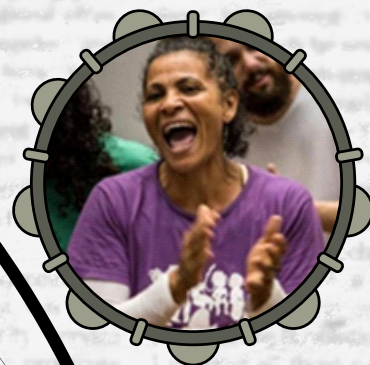
Mestra Dani Ferraz

Daniela Jardim Ferraz nasceu em Floresta, PE, em 13/08/69. Iniciou a capoeira em 1987 no Grupo Chapéu de Couro que tem sede na Unicamp, grupo e local onde treina até hoje. Recebeu do Mestre Corisco a graduação de mestra em 2012. Atualmente ministra aulas para crianças de 2 à 5 anos no Espaço Cata-Vento e desde 1997 ministra aulas no Instituto Capibaribe para alunos de 3 à 11 anos da educação infantil e ensino fundamental.
Fonte: Acervo da Mestre Dani Ferraz.



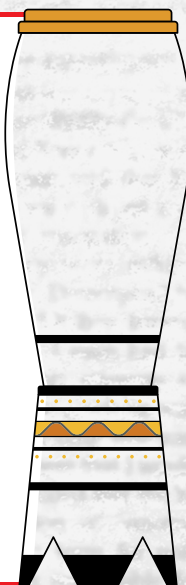
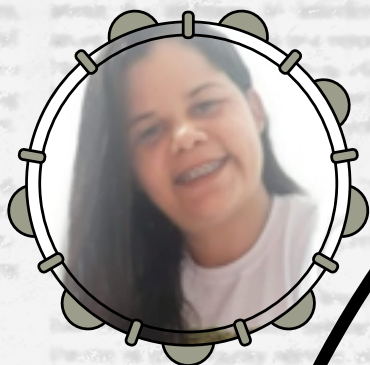
Mestra Di

Adriana Luz Nascimento nasceu em Olinda, PE, em 23/12/73. Iniciou na capoeira em 1985, recebeu título de mestra em 2017 pelo Mestre Ulisses da Capoeira Regional de Olinda e em 2019, pela comunidade de Capoeira Angola em Olinda, alunos do Mestre Sapo. Em 2016, fundou o Grupo Luz Di Angola. Sua história de vida foi contada no mini-documentário "Mestra Di: eu canto a minha história" pelo Fecomércio PE.
Fonte: Oliveira e Fagundes (2020).



Mestra Deivinha

Devoide Cristina Pereira da Silva nasceu em Cabo de Santo Agostinho, PE, em 13/7/1984. Iniciou na capoeira em 1996, com o Mestre Virgulino no antigo Grupo Cordão de Ouro que hoje é o Grupo Cangaço. Foi consagrada mestra em 5/6/2021 em Natal, RN.





Mestra Isa

Isa da Rocha Mulatinho nasceu em Recife, PE, em 17/8/1957. Iniciou na capoeira em 1980 e se tornou mestra em 2008 pela Bancada de Mestres da Federação Pernambucana de Capoeira, em torno de 25 Mestres. Ela junto com seu esposo, o Mestre Mulatinho, desenvolvem trabalho com a capoeira na Associação Malê de Capoeira.
Fonte: Acervo da Mestra Isa.



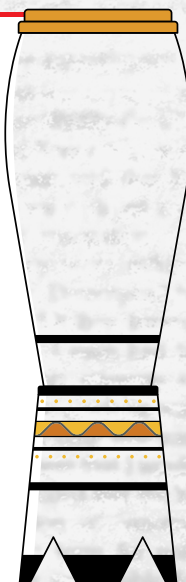
Mestra Mônica

Mônica Maria Santana da Silva nasceu em Olinda, PE, em 4/11/70. Formando-se em saxofone, tocou seu primeiro carnaval aos 13 anos de idade e não parou mais. Com isso, se torna então a primeira mulher a tocar em orquestra de frevo em Olinda. Estudou Ciências Sociais na UFPE, está cursando Pedagogia também na mesma instituição, onde manteve aulas semanais de capoeira Angola no centro de arte e comunicação, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação. Em 2017, passou a fazer parte do grupo Ngolo Nguzu que tem como mestre, o seu irmão, o mestre Marcelo Baia, que lhe deu o título de contramestra, em março do mesmo ano a Mestra Janja a reconhece como mestra. Em 2019, também recebeu o título de mestra pelo Mestre Marcelo Baia.
Fonte: Acervo da Mestra Mônica.



Mestra Selva

Josélia rocha nasceu no Piauí em 19/11/1977. Iniciou na capoeira em 20/10/1990 e tornou-se mestra em 2018 na Legião Brasileira de Capoeira pelo Mestre Zebrinha. Atualmente mora no estado de Pernambuco.
Fonte: Acervo da Mestra Selva.



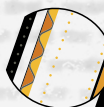


Mestra Shirley

Shirley Souza Braz nasceu em Recife, PE, em 11/2/1981. Ela foi consagrada mestra em 22/11/2010 no Grupo de Capoeira Mãe Arte pelo Mestre Jordan (LACERDA, 2016). Foi homenageada no “Berimbau de Ouro” de 2020.

Fonte: Acervo da Mestra Shirley.



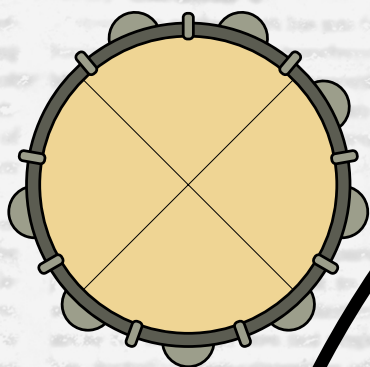


Mestra Mazé

Maria José nasceu no Jaicós, PI, em 9/3/1975. Iniciou na capoeira em 2000 e consagrada mestra em 2018 pelo Mestre Cezar Escravo no grupo Cordão de Ouro. Ela trabalha na Assistência Social há 15 anos em sua cidade. Já tem vários alunos e professores, e formou dois contramestres, Bruno e Jairo em 2021. Ela desenvolve a Capoterapia para idosos e capoeira para crianças etc.

Fonte: Acervo da Mestre Mazé.





Mestra Pudiapen

Izabel Cristina R. de Miranda nasceu em Santo Antonio dos Lopes, MA, em 1/12/1956. Iniciou na capoeira em um curso de extensão na Universidade Federal do Maranhão, em 1989, e num salão na Praia Grande, no mesmo período com alguns alunos do Mestre Patinho. Em 1993, começou os estudos de capoeira com o Mestre Acinho (Assuero Costa da Silva) que dava aulas no Laboarte substituindo o Mestre Patinho, quando ele estava ausente. Participou da capoeira de vários eventos de capoeira em São Luís como o Iê Câmara, Festival de Cânticos de Capoeira, Seminários, etc. Em 2000 ajudou o Mestre Patinho na formação de sua academia, o Centro Cultural Mestre Patinho. Em 2004, auxiliou nas oficinas de capoeira na Associação de Tambor de Crioula Manto de São Benedito. Em 2004, foi graduada aluna formada e em 2005 foi graduada mestra, nível branco terceiro grau, pelo Mestre Acinho. Fonte: (VAZ, 2017).



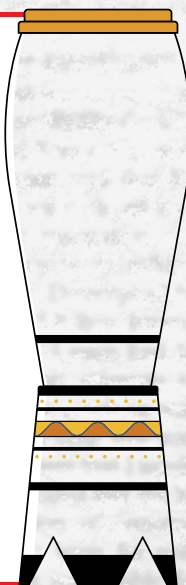
Mestra Samme

Samme Soraya Oliveira Santos nasceu em São Luís, MA, em 10/06/1968. Iniciou na capoeira em 1992 e recebeu grande contribuição do Mestre Patinho da Escola de Capoeira Laboarte. No final década de 1990, deu início ao Movimento Mulheres Capoeiras que tinha objetivo de dar visibilidade ao saber-fazer, e ao mesmo tempo, firmar a inserção dessas mulheres na atividade de forma plena, completa. Em 2017, criou o Coletivo Angoleiras do Upaon Açú (ZONZON, 2020). Foi consagrada mestra em 2017 pelo Mestre Marco Aurélio. Fonte: Acervo da Mestra Samme.



Mestra Valdira

Valdira Barros nasceu em Santo Antônio dos Lopes, MA, em 5/7/1976. Iniciou na capoeira em 1996 na Escola de Capoeira Angola do Laboarte, coordenada pelo Mestre Patinho. Em 1997, foi batizada no evento Iê Camará pelo Mestre Paulo dos Anjos, que pertencia a mesma linhagem do Mestre Patinho e tinham como ancestral comum o Mestre Canjiquinha. Nesse mesmo ano, Mestre Bamba funda o Grupo de Capoeira Angola Mandingueiros do Amanhã. Em 2010, recebe o título de conramestra e em 2021 o de mestra. Registra que seu início de jogo de formação foi com o Mestre Euzamor. Fonte: Oliveira e Fagundes (2020)



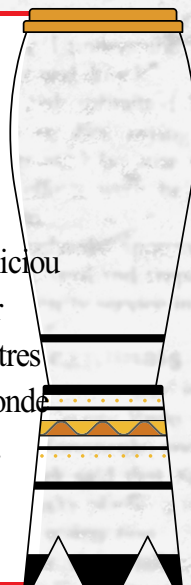
RIO GRANDE DO NORTE 4 MESTRAS



Mestra Manhosa

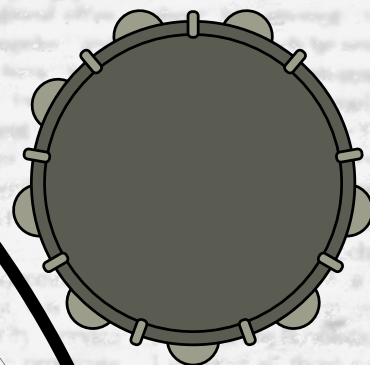
Janiere Silva de Freitas nasceu em Natal, RN, em 10/1/1985. Iniciou na capoeira em 1997, no Grupo Cordão de Ouro, com o monitor Nildo. Tornou-se mestra no dia 5/6/2021 consagrada pelos Mestres Nildo e Virgulino. Atualmente, reside na cidade de Parnamirim, onde desenvolve um projeto de capoeira com crianças e adolescentes.

Fonte: Acervo da Mesra Manhosa



Mestra Paulette

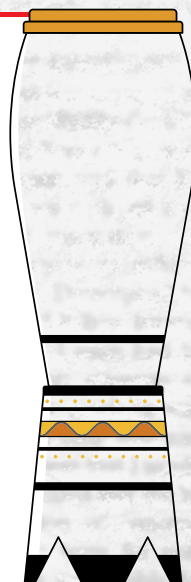
Ana Paula Felipe nasceu no Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo Cordão de Ouro.



Mestra Sherra

Edsangela dos Santos Cirilo nasceu em Jordão, Jaboatão dos Guararapes, PE, em 7/12/1976. Iniciou na capoeira em 1994, recebeu o título de mestra, em 2017, em Recife-PE e em Natal-Rio Grande do Norte. Ela também conduz a Escola de Capoeira Batucaxé.

Fonte: Acervo da Mestra Sherra.



RIO GRANDE DO NORTE 4 MESTRAS



Mestra Sorvetinho

Sandra Maria Gomes da Silva Dantas nasceu em Natal, RN, em 13/3/1970. Iniciou na capoeira em 1985 e se tornou mestra em 2016 no Grupo Cordão de Ouro pelos Mestres Irani e Suassuna.

Fonte: Acervo da Mestre Sorvetinho.



REGIÃO SUDESTE



6 Mestras do Espírito Santo

Baixinha
Furinha
Kêu
Pitú
Sabrinha/Sassa
Zangada

14 Mestras de Minas Gerais

Alcione/Cici
Chaveirinho
Folgadinha
Índia
Kelly
Lena
Miúda
Puma
Raio de Sol
Raposa
Sereia
Tida
Zebrinha
Yaçana

41 Mestras do R. de Janeiro

Adriana
Ana Sábina
Arara
Baiana
Baixinha
Beija Flor
Borboleta
Cantora
Cigana
China
Claudinha
Coral
Cris
Cristina
Darlene
Dirce (in memoria)
Flávia Pupila
Foguinho
Francesinha
Kodak
Lilla Angonal
Magali
Márcia
Márciana
Marla
Molequinha
Mucama
Patrícia
Portuguesa
Renatinha
Ruffato
Sheila
Simone
Siomara
Sandrinha
(in memoria)
Serena
Sueli Cota
Tânia
Tempestade
Thiara
Zazá

45 Mestras de São Paulo

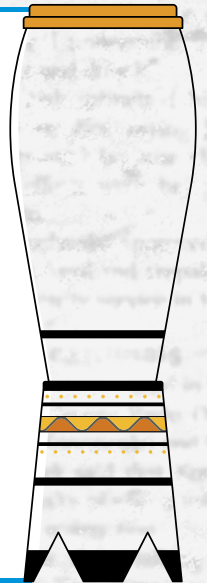
Andrea
Bonequinha
Borrachinha
Camila
Çiça
Diane
Dani/Raposa
Dedê
Dirleia
Engraçadinha
Grazi
Kátia
Lara
Leda
Lua Branca
Sereia
Lu Baobá
Lu Pimenta
Luana
Mara
Mara (Feiticeira)
Maria Mara
Maria Patrimônio
Meire
Meire
Michelli
Mirian
Monise
Moranguinho
Morena
Nagô
Potira
Preta
Renata
Rita
Rosinha
Samila
Sara
Saruê
Selma
Vânia Alves
Vânia Borges
Vanuza



Mestra Adriana

Carla Adriana Fernandes dos Santos nasceu no Rio de Janeiro em 27/07/1973. Iniciou na capoeira em 1989, integrante da Associação e Capoeira Gingado Brasileiro consagrada mestra pelo Mestríssimo Chita (in memoriam).

Fonte: Acervo Mestre Adriana.



Mestra Ana Sábá

Ana Cristina de Oliveira nasceu no Rio de Janeiro em 14/08/1972. Começou na capoeira em 1988 no Grupo Senzala, em 2016 foi consagrada mestra pelo Mestre Ramos, sendo a segunda mulher formada mestra pelo grupo. Ela é formada em Administração, especialista em eventos e recursos humanos. Também é liderança no movimento Dandara Capoeira Viva, participou do filme "A roda também é dela". Atualmente, está cursando Pedagogia e desenvolve trabalho voluntário de capoeira em escolas e comunidades do Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo Mestre Ana Sábá.



Mestra Arara

Gláucia Durões nasceu no Rio de Janeiro em 16/02/1977. Foi consagrada mestra em 2011 pela Mestre Cigana e faz parte da Associação de Capoeira Filhos de Mestre Cigana.

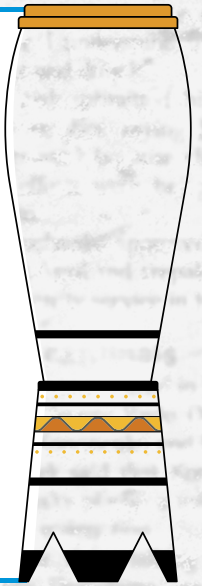
Fonte: Acervo da Mestre Arara.





Mestra Baiana

Claudia Rodrigues nasceu em Salvador-BA em 10/02/1972. Seu primeiro contato com a capoeira, foi na escola Rui Barbosa na Baixa do Sapateiros, nas festas de Folclore, todos os anos tinha roda de capoeira, ela sempre jogava e se apaixonou pela arte. Ao se mudar para o Rio de Janeiro em 1987, ela e os irmãos começaram a treinar capoeira com o primo Reinaldo, posteriormente foi treinar na Capoeira Martins em 1988. Ela passou por todas as graduações até se tornar mestra, o primeiro grau de mestra foi no dia 08/12/2002 pelo Mestre Martins.
Fonte: Acervo da Mestre Baiana.



Mestra Baixinha

Andréa Fernandes Machado da Silva nasceu em Petrópolis-RJ. Iniciou na capoeira com o Mestre Paulinho Sabiá em 1981, na época ele era aluno do Mestre Camisa, Grupo Senzala. Em 1989, seu mestre junto com Mestre Paulão do Ceará e Mestre Boneco saem do Grupo Senzala e fundaram o Grupo Capoeira Brasil há 32 anos atrás. Ela é a aluna mais antiga do Grupo Capoeira Brasil, integrante do movimento Dandara Capoeira Viva. Ela participou do filme "A roda também é dela", lançado em 2021. Ela também é formada em Psicologia.
Fonte: Acervo da Mestre Baixinha



Mestra Beija Flor

Luana Mello da Silva Xavier nasceu no Rio de Janeiro em 24/02/1987. Iniciou na capoeira em 1991 e foi consagrada mestra em 2019 pelo Mestre Sorriso na Associação Grupo de Capoeira Regiangola. Ela também é graduada em Fisioterapia (UNIFESO), especialista em Terapia Intensiva (SOBRATI) e mestra em Fisiologia (UFRJ).
Fonte: Acervo da Mestre Beija Flor.





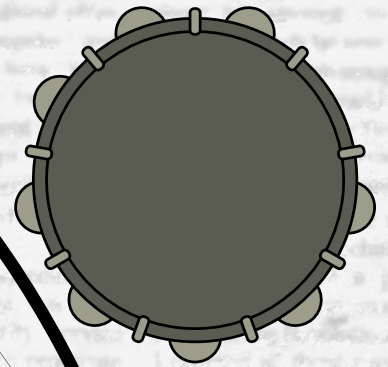
Mestra Borboleta

Francis Lady Quintes de Mendonça. Iniciou na capoeira em 12/8/1981, em Santa Luzia, São Gonçalo, Rio de Janeiro. Foi aluna do Mestre José Cesar da Silva, Mestre Cesar, que na época era do Grupo Modelo Cultural Kikongo, conduzido pelo Mestre Machado. Recebeu sua primeira graduação de mestra em 18/9/1994, no Sesc de Niterói, na presença de grandes mestres como Curió e Leopoldina. Em 2004, recebeu o segundo grau de mestra e em 2014 o terceiro grau. Em 2024, irá receber o grau mais elevado de mestra. É presidenta e fundadora do Grupo de Capoeira Maltas do Rio de Janeiro que tem 20 anos de fundação. Fonte: Acervo da Mestra Borboleta.



Mestra Cantora

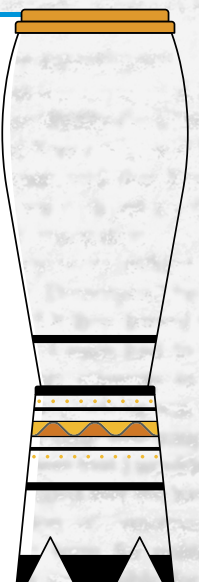
Dioneia Azevedo nasceu em Niterói-RJ.



Mestra Cigana

Fafá de Canjiquinha, Fátima Colombiano nasceu em Volta Redonda, RJ, em 23/6/1956. Iniciou na capoeira em 1970, no estado do Pará, com o Mestre Bezerra; em 1975, conheceu Mestre Canjiquinha, em São Paulo, e foi para Salvador treinar com ele. “Quando voltou ao Rio de Janeiro, em 1980 abriu a Associação de Mestre Canjiquinha em Volta Redonda”. Foi consagrada mestra em 1980, sendo uma das primeiras mestras na capoeira. A mestra é formada em Educação Física, Pedagogia, Filosofia, Artes, Sociologia, Antropologia, Teologia e História. Ela é especialista em História da África, Religiões da América Latina e Helénicas, Neurociências, Neuroeducação, Neuropsicopedagogia, Ensino Religioso, Xamanismo, Artes, Psicopedagogia e Música.

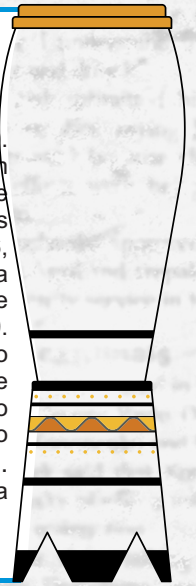
Fonte: Maxwell (2019).





Mestra China

Rita de Cassia Santos nasceu no Rio de Janeiro em 2/11/1969. Iniciou na capoeira em 1987, recebeu o primeiro cordel de mestra em 2003, o segundo em 2013 pelo Mestre Baiano na Associação de Capoeira Engenho. Ela dá aulas de “Corpo e Movimento” para pessoas acima de 60 anos na Casa de Convivência de Santíssimo desde 2016, também dá aulas de Capoeira para pessoas acima de 60 anos na Convivência Carmém Miranda e Dercy Gonçalves desde 2017; também leciona capoeira e danças folclóricas na Casa de Jacira, instituição de auxílio a infância, desde 2010. Ela já recebeu Moção de Congratulações de autoria do Vereador Valmir Garcia pelo trabalho com a capoeira, como diretora do Departamento Feminino da Federação de Capoeira Desportiva do Estado do Rio de Janeiro. Ela foi homenageada na ação “Mestre e roda de capoeira- Patrimônios Culturais” pelo Conselho de Mestres no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo da Mestra China



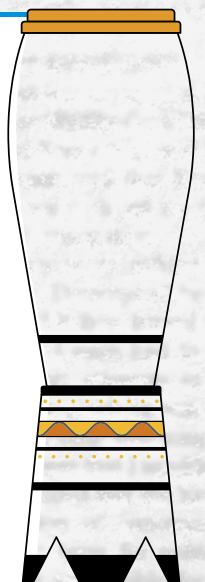
Mestra Claudinha

Claudia Kastrup Ferreira nasceu no Rio de Janeiro em 11/11/1966. Iniciou em 1983 e se tornou mestra em 2016 pelo Mestre Leo Pivete no Grupo Capoeira Brasil. Homenageada em 2020 no “Capoeiristas inspiradoras” pelo @CapoeiraMulher.
Fonte: Acervo da Mestra Claudinha



Mestra Coral

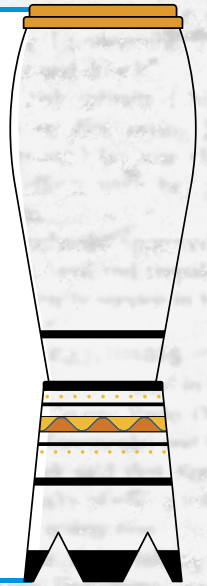
Laíce de Jesus Mesquita nasceu no Rio de Janeiro em 09/02/1979. Foi consagrada mestra em 2013 pelo Mestre Engenho na Associação Cultural de Capoeira Coral. Ela é formada em Educação Física pela Associação Brasileira de Ensino Universitário.
Fonte: Acervo da Mestra Coral.





Mestra Cristina

Cristina Nascimento Dias do Santos nasceu no Rio de Janeiro em 05/01/1965. Iniciou na capoeira em 1993 no GCAP, discípula do Mestre Manoel, com quem treinou por 15 anos. Foi intitulada mestra pelo Grupo Nzinga, em especial a Mestra Janja, em 2014 e logo depois pelo Mestre Manoel. Fundou e é coordenadora do Grupo Mocambo de Aruanda desde 2010, ela também é professora de ioga e educadora. Fonte: Acervo da Mestra Cristina.



Mestra Cris

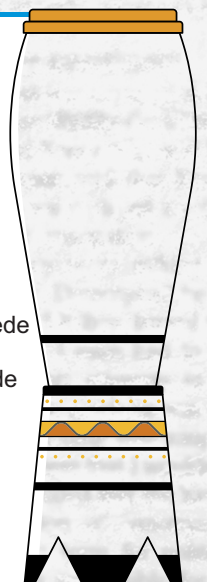
Cristiane Magalhães nasceu no Rio de Janeiro em 3/6/1979. Iniciou na capoeira em 1992 e se tornou mestra em 2017 pelo Mestre Toni Vargas no Grupo Senzala.

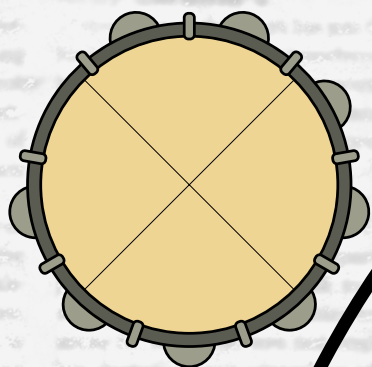
Fonte: Acervo da Mestra Cris.



Mestra Darlene

Darlene de Lima Costa nasceu no dia 5/9/1984 no Rio de Janeiro, RJ. Iniciou na capoeira aos 4 anos com o Mestre Derli Ariri e foi reconhecida mestra em 2014 no Grupo Aliança Ariri. Foi homenageada na categoria voz potente "Prêmio Luísa Mahin" pelo Coletivo Nosso Legado é Coletivo. Diretora Técnica do Grupo Aliança Ariri Capoeira, professora de Educação Física da Rede Força Máxima, mãe preta, precursora e executora do I Seminário Interestadual Tem Mulher na Roda, criadora e organizadora da Roda de Empoderamento Feminino Eleko, ativista, criadora do Projeto Digital Educação Física em Movimento e do Projeto Capoeira para Todos.





Mestra Dirce (in memoria)

Dirce Marques nasceu no Rio de Janeiro, foi integrante da Capoeira Mestre Raimundo.



Mestra Flávia Pupila

Flávia Ribeiro Lutz nasceu em 18/7/1970 em Botafogo, RJ. Iniciou na capoeira em 1992 na UERJ em uma atividade de extensão do curso de Educação Física. A sua única mestra foi Sheila durante 25 anos de trajetória na capoeira. Ela desenvolve trabalho com a capoeira para crianças há muitos anos, inclusive a sua formatura foi entre a criançada e a presença de sua mestra e alguns mestres de capoeira.

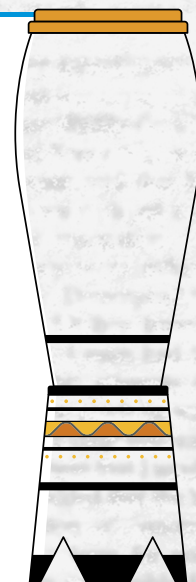


Mestra F



Mestra Foguinho

Mara Lúcia Mendonça Martins nasceu no Rio de Janeiro em 13/4/1977. Tornou-se mestra em 2018 pelo Mestre Vulcão na Associação Cultural União e Arte – ACUA. Ela é graduada em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta, especialista em Capoeira pela Universidade Estácio de Sá. Recebeu troféu Excelência Feminina pela Câmara Municipal de Salvador. Coordena o Departamento Feminino da Federação de Capoeira do Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo da Mestra Foguinho.





Mestra Francesinha

Eliane Gloria dos Reis nasceu no Rio de Janeiro em 8/6/1969. Faz capoeira há de 30 anos, tornou-se mestra em 2011 consagrada pelo Mestre Paulinho Sabiá do Grupo Capoeira Brasil. Fundou o Centro Cultural Capoeira Urucungo junto com dois amigos. Liderança no movimento Dandara Capoeira Viva. Ela é formada em Direito, Educação Física, Método Pilates e Capoeira. Especialista em História e Cultura Popular pela Universidade Gama Filho, especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela Unyleva. Mestra em Ciências da Atividade Física pela Universidade Salgado de Oliveira. Doutora em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do grupo de pesquisa em Relações de Gênero na Educação Física pela Universidade Federal Fluminense. Participou do filme "A roda também é dela".
Fonte: Maxwell (2019).



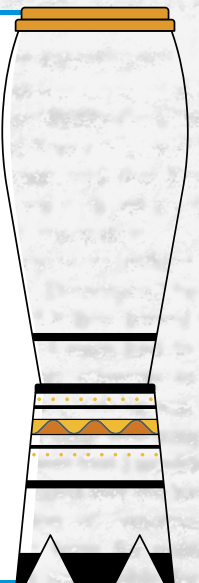
Mestra Kodak

Rosane da Silva Caldeira nasceu em São Gonçalo, RJ, em 30/4/1969. Iniciou em 1992 e se tornou mestra em 2018 pelo mestre Pingo. Fundou o Centro integrado de capoeira N'Golo Brasil. Ela é licenciada em Educação Física, filiada a Liga Gonçalense de Capoeira. Atualmente, integra os coletivos: Mestras e Contramestras Unidas do Rio de Janeiro, Mestras e Contramestras pelo Mundo e Nosso Legado é Coletivo.
Fonte: Acervo da Mestra Kodak.



Mestra Lilla Angonal

Lilian Cristina da Silva nasceu em São Gonçalo, RJ em 04/6/1969. Iniciou na capoeira em 1984 e se tornou mestra em 2013 pelo Mestre Bocka.
Fonte: Acervo da Mestra Lilla.





Mestra Magali

Mariluci da Silva Souza nasceu no Rio de Janeiro em 11/8/1974. Iniciou na capoeira em 1988 e se tornou mestra em 2010 no Grupo Capoeira Brasil pelo Mestre Boneco. Integrante no movimento Dandara Capoeira Viva. Participou do filme “A roda também é dela”, lançado em 2021.

Fonte: Acervo da Mestre Magali.



Mestra Márcia

Márcia José Vieira nasceu no Rio de Janeiro em 18/6/1962. Iniciou na capoeira em 1979 no Grupo Modelo Cultural Kikongo, tornou-se mestra em 1991 na Associação de Capoeira Sangue Negro pelo Mestre Chita.

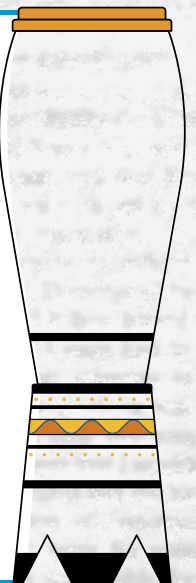
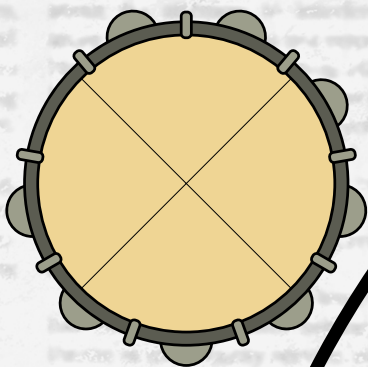
Fonte: Acervo da Mestre Márcia.



Mestra Marciana

Márcia Regina dos Santos nasceu em 24/12/1960 em Volta Redonda, RJ. Conduz, atualmente, o Grupo Angola-Nagô fundado pelo Mestre Boa Viagem, que era seu esposo (in memoriam). Ela dá aula de capoeira na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Volta Redonda. Também foi candidata a vereadora em 2020 em Volta Redonda.

Fonte: <https://avozdacidade.com/wp/esporte-nacional-e-patrimonio-imaterial-do-brasileiro-e-desenvolvido-na-cidade->

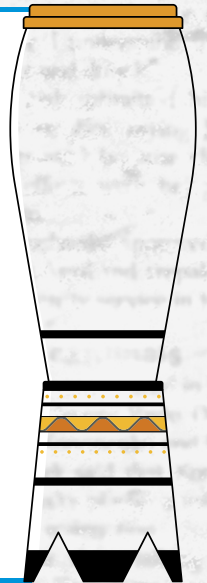




Mestra Marla

Marla Silva de Farias, nasceu no Rio de Janeiro em 7/10/1974. Iniciou na capoeira em 1993, e se tornou mestra em 2017 no Grupo Senzala pelo Mestre Ramos/Pulmão.

Fonte: Acervo da Mestre Marla.



Mestra Molequinha

Patrícia Pereira nasceu em 23/12/1970 no Rio de Janeiro, RJ. Iniciou na capoeira em 1995 e foi consagrada mestra em 2014 pelo Mestre Mentirinha. Participou de vários campeonatos pelo Grupo Terra, sendo a primeira colocada no campeonato solo estadual no Rio de Janeiro. É também engenheira civil e o tempo que sobre é para treinar e dar aulas de capoeira na academia.

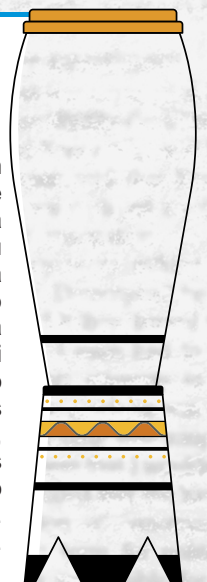
Fonte: Acervo da Mestre Molequinha.



Mestra Mucama

Edinalda nasceu no Rio de Janeiro em 11/9/1968. Iniciou na capoeira em 1986, aos 8 anos de idade, nas dependências da Academia Steady State com o Mestre João Batista no Grupo Quilombo Nagô. Em 1992, após a permissão e bênção do Mestre João Batista começou a treinar com seu irmão de capoeira, Mestre Hulk, que nesse momento era responsável pela Associação de Capoeira Raízes filiada a Federação de Capoeira do Rio Janeiro (FCDRJ). Em 16/9/1993, o Mestre Hulk fundou a então conhecida Associação de Capoeira Terra Firme (ACTF). No mesmo ano, Mucama foi designada a ministrar aulas recreativas junto com o Mestre Hulk no Oratório Festivo Dom Bosco, em Rocha Miranda, onde permanece até os dias atuais continuando a expandir a filosofia e os valores da capoeira. Em 11/10/2008, teve a honra e orgulho de receber o cordel branco e verde da ACTF pelas mãos de Mestre Hulk. Em 17/1/2017, foi fundado o próprio grupo Centro Cultural Unir Capoeira.

Fonte: Acervo da Mestre Mucama.





Mestra Patrícia

Patrícia Meilman nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18/9/1981. Iniciou na capoeira em 1981, teve sua trajetória formativa no grupo Regiangola do Mestre Sorriso, seu professor na época era o Tunico (atual Mestre Tunico). Foi consagrada mestra em 2019 pelo Mestre Pingo em Cabo Frio na Associação de Capoeira Vozes D'África. É também professora de Educação Física (licenciatura e bacharelado) e desenvolve um trabalho com a capoeira infantil.
Fonte: Acervo da Mestra Patrícia.



Mestra Portuguesa

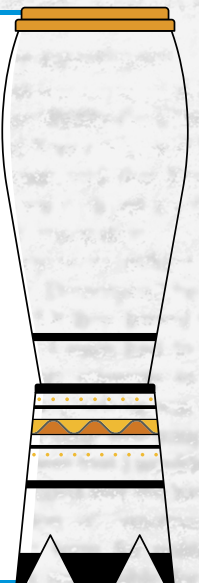
Andrea Bienenstein de Farias Soares nasceu no Rio de Janeiro em 13/12/1968. Iniciou na capoeira em 1983 com Mestre Bocka no grupo Angonal. Em 1988, começou a ministrar aulas para crianças, criou um método de ensino lúdico para criança, a partir do berçário. Em 2000, fundou o Grupo Jogar Capoeira. É também professora de Educação Física.
Fonte: Acervo da Mestra Portuguesa.



Mestra Renatinha

Renata Giovana de Almeida Martiello nasceu no Rio de Janeiro em 31/8/1969. Iniciou em 1985 e se tornou mestra em 2017 no Grupo Senzala pelo Mestre Peixinho e Mestre Pulmão. Ela também é licenciada em Educação Física pela UFRJ, bacharel em Ciências Sociais pela UFRJ, especialista em História da África e do negro no Brasil pela Universidade Cândido Mendes. Mestranda em Filosofia Africana pela UFRJ.

Fonte: Maxwell (2019).





Mestra Ruffato

Rosângela Ruffato Pereira, nasceu no Rio de Janeiro. Fez parte de grupos ligados à Federação de Capoeira do Estado do Rio de Janeiro e, ao final dos anos 1980, passou a integrar o Grupo ABADÁ-Capoeira, se desligando apenas em 2004. Foi reconhecida mestra pelo Mestres Vilmar, Mendonça, King, Martins etc. e pela Federação de Capoeira. Ela é formada em Educação Física pela Universidade Castelo Branco, especializada no ensino de capoeira para pessoas com necessidades especiais.

Fonte: Acervo da Mestre Ruffato.



Mestra Sandrinha (in memoriam)

Sandra Eugênia Feitosa nasceu em 1959 no Rio de Janeiro. Começou a treinar capoeira aos 10 anos e em 1970 dava aulas no Grupo Bantus de Capoeira do Mestre Roque, no morro do Pavãozinho. Nesse período fez shows no Rio, começou com o grupo Sabata, na rua Riachuelo, como "Uma noite na Bahia". Também participou de shows em Salvador, BA, com o grupo Filhos de Obá, no espaço Maré Cheia. Segundo a revista Dô, ela teria se formado mestra pelo Mestre Caiçara.

Fonte: Mestre Sandrinha. A mulher na roda de capoeira. Dô. Revista de Artes Marciais, n. 10 (1979), p. 22-25.

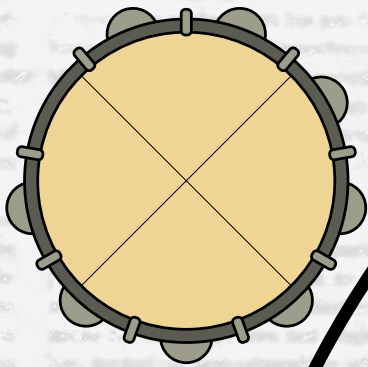


Mestra Sheila

Sheila Franco Martins nasceu no Rio de Janeiro. Iniciou na capoeira em 1981 no Grupo Aidê com o Mestre Vieira. Fundou a Cia Cultural Sheila Capoeira em 20/11/1999. Também é idealizadora do Projeto Capoeira Arte de Educar Gingando, produziu um CD autoral com músicas de capoeira. Recebeu o título de mestra em 2013 pelo Mestre Xangô. Participou do Grupo de trabalho sobre a salvaguarda da capoeira do Rio de Janeiro de 2013 a 2015. Realizou mais de 20 eventos de capoeira através da sua companhia Sheila Capoeira, anualmente sem interrupção.

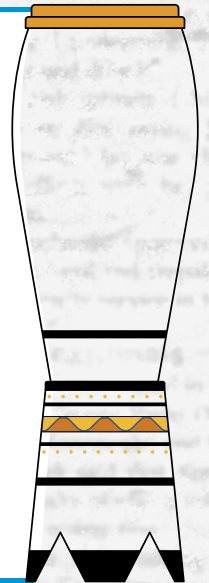
Fonte: Acervo da Mestre Sheila.





Mestra Simone

Simone Montenegro nasceu no Rio de Janeiro. Foi reconhecida mestra na Associação de Capoeira Raízes pelo Mestre Carlinhos.



Mestra Siomara

Siomara Silva de Souza nasceu no Rio de Janeiro em 10/6/1970. Iniciou na capoeira em 1987, foi consagrada mestra em 2000 pelo Mestre Martins no Grupo Capoeira Martins. Pratica capoeira há 23 anos, campeã brasileira e internacional. Atualmente, ela conduz o seu grupo Capoeira Estrela de Luna. Ela também é formada em Pedagogia e Educação Física, tem pós-graduação em Psicopedagogia.

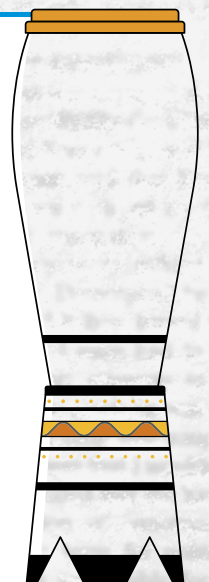
Fonte: Acervo da Mestra Siomara.



Mestra Serena

Serena recebeu em 2004 o cordel verde, em 2014 foi graduada como professora, tendo registro na federação 0714. Em 2015, começou a dar aulas para bebês a partir de 1 ano e meio, crianças e adolescentes. Desde o cordel amarelo, Mestra Serena ajuda diretamente na organização, ao lado do Mestre Camurça, de todos os batizados realizados pelo Associação de Capoeira Grupo Igualdade.

Fonte: igualdadecapoeira.com.br/mestreseprofessores





Mestra Sueli Cota

Sueli da Silva Alvarenga nasceu no Rio de Janeiro em 15/9/1961. Iniciou na capoeira em 1977 e se tornou mestra em 1990, primeiro grau, na Associação de Capoeira Cruzeiro do Sul pelo Mestre Martins e foi reconhecida pela Federação de Capoeira também. Em agosto de 2021 fez 44 anos de capoeira sem interrupção.

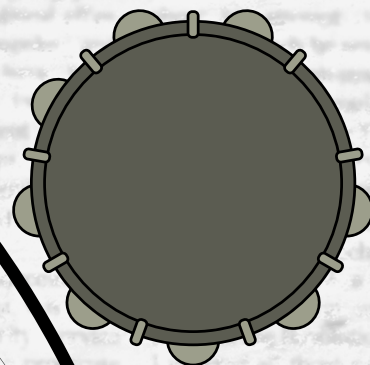
Fonte: Acervo da Mestre Sueli Cota.



Mestra Tânia/Destemida

Tânia Rubens nasceu em Padre Miguel, RJ em 5/10/1960. Iniciou na capoeira em 1978 e foi consagrada mestra em 2014 pelo Mestre Renato na Associação Congo de Capoeira.

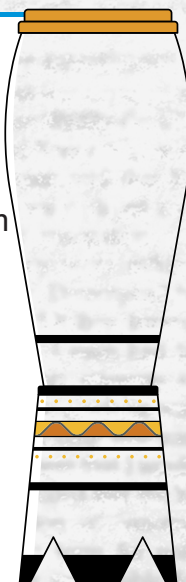
Fonte: Acervo da Mestre Tânia.



Mestra Tempestade

Evelyn Sena de Oliveira nasceu no Rio de Janeiro em 4/9/1987. Iniciou na capoeira em 1991 e tornou-se mestra em 2013 pelo Mestre Raimundo na Associação de Capoeira Grupo Vermelho. Ela é formada em Educação Física e UNESA.

Fonte: Acervo da Mestre Tempestade.





Mestra Thiara

Fabrcia Pina nasceu em São Gonçalo, RJ, em 11/9/1976. Iniciou na capoeira em 1990, tornou-se mestra em 2009 pelo Mestre Capa na Associação lê Capoeira no Rio de Janeiro. Ela é formada em Educação Física e especialista em Psicomotricidade, membro do Conselho de Mestres do IPHAN.

Fonte: Acervo da Mestra Thiara.



Mestra Zazá

Maria José Tristão Cunha nasceu no Rio de Janeiro em 23/11/1958. Ela iniciou na capoeira em 1996 e se tornou mestra em 2014 no Grupo Capoeira da Senzala pelo Mestre Pipoca.

Fonte: Acervo da Mestra Zazá.





Mestra Alcione/Cici

Alcione Alves de Oliveira nasceu em Belo Horizonte, MG, em 21/1/1977. Iniciou capoeira em 1992, tornou-se mestra em 2017 pelos Mestre Rogério e Índio na Associação de Capoeira Angola Dobrada. Fundou, em 2018, o Grupo Candeia de Capoeira Angola juntamente com Mestre Índio e Mestre Alexandre.

Fonte: Acervo da Mestre Alcione.



Mestra Chaveirinho

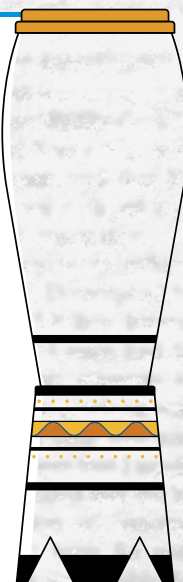
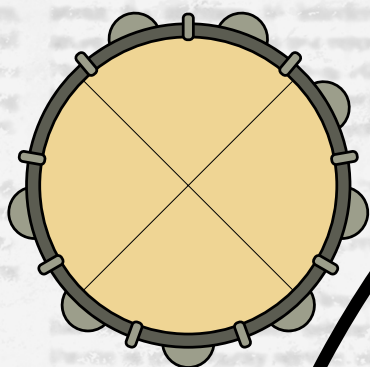
Valdete da Rocha Secco nasceu em Muriaé, MG, em 21/10/1971. Iniciou na capoeira em 1992 e foi consagrada mestra em 2018 pelo Mestre Tiriba do Grupo Capoeira D'Tomé. Participou do filme "A roda também é dela". Ela também é formada em Educação Física, especialista em Treinamento Desportivo, e, atualmente, cursa um mestrado.

Fonte: Acervo da Mestre Chaveirinho.



Mestra Folgadinha

Lucimar da Silva nasceu em Belo Horizonte, MG, em 4/10/1981. Iniciou na capoeira em 1997 e foi consagrada mestra em 2016 pelo Mestre Suassuna no Grupo Cordão de Ouro.

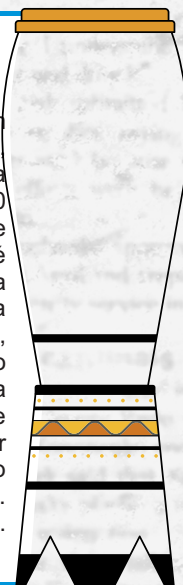




Mestra Índia Itatiaia

Tania Maria dos Santos Borges nasceu em Minas Gerais em 9/11/1978. Sambista, filha de pai baiano e de mãe paulista, ambos sambistas da velha guarda de tradicionais escolas de samba em SP. Iniciou na capoeira em 1993 e tornou-se a primeira mestra em 2020 no Grupo Capoeira Gerais pelo Mestre Mão Branca. Atualmente, desenvolve o Projeto Vivenciando a capoeira na matriz do grupo Capoeira Gerais, desde 2009, é arte educadora no Instituto Primeiros passos, MG, Coreógrafa de samba de roda do grupo Capoeira Gerais, Coreógrafa de Maculelê da matriz do grupo Capoeira Gerais, Vice-presidente da Associação de Capoeira Negrinhos de Sinhá (ACNS), 2ª Secretária da International Capoeira Association (ICA), membro do departamento Cultural da ICA, membro do MNU e da equipe da Embaixada da Paz pela Maria Paula. Já participou dos documentários “Um grito de liberdade” e “Ghana-Continente africano” em 2012. Em 2021, participou dos filmes “A roda também é dela” e “mulher na capoeira, força, resistência e resiliência”. Ela foi destaque feminino na ação Prêmio Dandara Zumbi em 2021, homenageada na Capoeira Legado Negro.

Fonte: Acervo da Mestra Índia.



Mestra Kelly

Kelly Soraia Campos nasceu no dia 30/09/1979 em Cristina, MG. Iniciou na capoeira em 1986 e foi consagrada mestra em 2021 pelo Mestre Batateiro na Rede Anca Capoeira. Ela é idealizadora do evento Anauê Mineiro, desde 2013, supervisora dos eventos “Mandinga na Rede Maria da Fé” e “Semeando Capoeira de Olímpio Noronha” desde 2016. Desenvolve trabalho com a capoeira há mais de 20 anos e supervisiona filiais do grupo na cidade de Maria da Fé e Olímpio Noronha, MG.

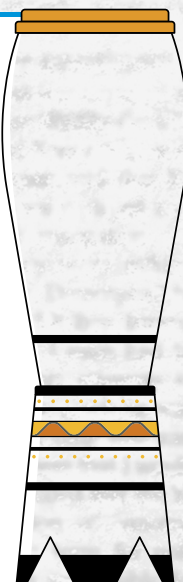
Fonte: Acervo da Mestra Kelly.



Mestra Lena

Marilene dos nasceu em Belo-Horizonte, BH em 21/10/1959. Começou na capoeira no final dos anos 80, foi reconhecida mestra pela comunidade da capoeira e pelos alunos da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (ACESA). Ela é escritora, cantora e mestra da sabedoria popular.

Fonte: (OLIVEIRA, FAGUNDES; 2020).





Mestra Miúda

Rute Pereira dos Santos nasceu em Martinésia, MG, em 25/10/1968. Iniciou na capoeira em 1986 com seu primeiro marido grão-Mestre Corisco (in memoriam). Formou-se mestra em 15/12/2001 pelo Mestre Corisco da Associação da capoeira de Uberlândia (ASCAU). Após a morte de seu marido se tornou presidenta interina da ASCAU, coordena núcleos em diversas cidades de Minas Gerais, vice-presidenta do Conselho de Capoeira do Triângulo e Alto Paranaíba. Realizadora do Encontro Feminino e da Comenda Grão Mestre Corisco que acontece anualmente na cidade de Uberlândia. Formou cinco mestres em sua trajetória, dentre eles seu filho mais velho e sua filha contramestra.

Fonte: Acervo da Mestre Miúda.



Mestra Puma

Núbia Nogueira Cassiano nasceu em Uberaba, MG, em 4/9/1982. Iniciou na capoeira em 1996, participou da fundação em 1997 do Centro Cultural de Capoeira Águia Branca, junto com o Mestre Café. Desde então, desenvolve aulas, projetos como Escola Aberta. Em 2000 recebeu o cordel verde e amarelo que equivale à graduação de estagiária. Começou a ensinar na Academia Vida Ativa e no Centro Educacional Pequenos e Brilhantes. Em 2006, realizou seu primeiro evento, o Festival Feminino de Capoeira em Uberaba. Recebeu o título de mestra em 2014 pelo Mestre Café no Centro Cultural de Capoeira Águia Branca. Ela é formada em Educação Física pela Universidade de Uberaba, especialista em Docência na Educação Superior e mestra em Educação Física pela UFMT. Ela é militante e atuante na área da Cultura Popular.

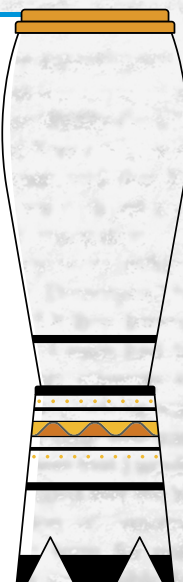
Fonte: Acervo da Mestre Puma.



Mestra Raio de Sol

Fernanda Paes nasceu em Belo Horizonte, MG, em 28/11/1982. Começou a treinar capoeira em 1994, foi consagrada mestra em 2013 no Centro Cultural e Social Cais da Bahia pelo Mestre Chocolate. É licenciada e bacharela em Educação Física (2005), especialista em Educação Especial e Inclusiva (2021). Já desenvolveu trabalho na região oeste de BH de 2005 a 2018. Ela se mudou para Igarapé, MG, e atualmente é servidora pública, ministrando aulas no município de Itatiaçu desde 2018 e no estado de MG.

Fonte: Acervo da Mestre Raio de Sol.





Mestra Raposa

Jaqueline Maria Amaral dos Santos nasceu em Betim, MG, em 18/7/1972. Iniciou na capoeira em 1997 e se tornou mestra em 2018 consagrada pelo Mestre Chocolate no Cais da Bahia Capoeira. Ela é Capoeirista, Protética, Analista de perfil comportamental e Coaching Integral Sistêmica.

Fonte: Acervo da Mestre Raposa.



Mestra Sereia

Luciane Moreira de Assis nasceu em Belo Horizonte, MG, em 22/7/1980. Iniciou na capoeira em 1996 e se tornou mestra em 2019 consagrada pelo Mestre China na Associação de Capoeira Filhos de Quilombola. Ela também é formada em Educação Física, mora e desenvolve trabalho com a capoeira na cidade de Ibirité, na região Metropolitana de Belo Horizonte.

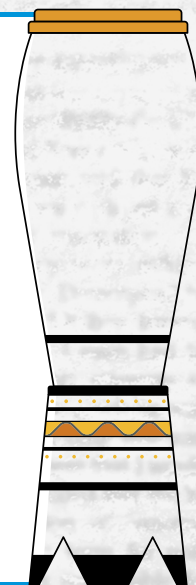
Fonte: Acervo da Mestre Sereia.

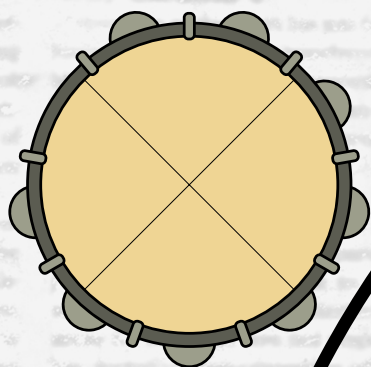


Mestra Tida

Maria Aparecida Ribeiro nasceu em Ubá, MG, em 30/7/1970. Iniciou na capoeira em 1983, tornou-se mestra em 2012 consagrada pelo Mestre Ramos no Grupo Senzala. Ela é formada em Educação Física, desenvolve projetos sociais com a capoeira, liderança no movimento Dandara Capoeira Viva. Lançou em 2019, um CD com músicas autorais de capoeira cujo título é "Eu sou capoeira". Em 2021, produziu o documentário 'A roda também é dela'.

Fonte: Acervo da Mestre Tida.





Mestra Zebrinha

Adriana do Vale Sales, fez parte do Instituto de Capoeira Brasileira, consagrada mestra pelo Mestre Marcelinho no estado de Minas Gerais..



Mestra Yaçana

Elainy Sibely Oliveira nasceu em Minas Gerais em 14/1/1969. Tornou-se mestra em 2007 consagrada pelo Mestre Boca no grupo de Capoeira de Angola Luanda.

Fonte: Acervo da Mestra Yaçana.





Mestra Andrea

Andrea Prudente Tenório nasceu em Guaratinguetá, SP, em 3/9/75. Iniciou na capoeira em 1984 e foi consagrada mestra, em 2019, pelo mestre José Antônio de Almeida no grupo Barracão da Capoeira. É professora de Educação física, especialista em História e Cultura Afro Brasileira. Atualmente, mora em Guaratinguetá, também é personal com seu próprio empreendimento e desenvolve um trabalho especificamente com mulheres no condicionamento físico usando a capoeira como ginástica natural.
Fonte: Acervo pela Mestra Andrea.



Mestra Bonequinha

Elizangela Celestino nasceu em Lençóis Paulista, SP, em 12/5/1984. Iniciou na capoeira em 1986 e foi formada mestra em 2018, em Guarujá, consagrada pelo Mestre Asa Branca no Grupo Cultural de Capoeira Águia Branca.

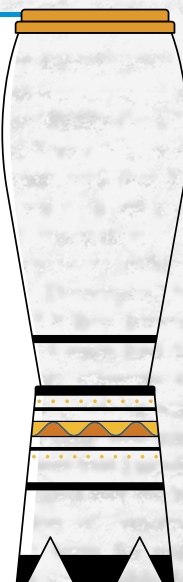
Fonte: Acervo da Mestra Bonequinha.



Mestra Borrachinha

Ana Paula Borges nasceu em São Paulo. Iniciou na capoeira em 1983 na Escola de Capoeira Senzala de Zumbi. Hoje tem mais de 32 anos de Capoeira.

Fonte: Acervo da Mestra Borrachinha.





Mestra Camila

Camila Cristiane Garcia em Itapeva, SP, em 23/10/1985. Iniciou na capoeira em 1998 e se tornou mestra em 2018 no Grupo Cordão de Ouro consagrada pelo Mestre José Carlos. Ela é graduada em Educação Física pela UNOPAR. É a única mestra de sua cidade, desenvolve trabalho voluntário com a capoeira na APAE em Itapeva, tem seu próprio espaço e desenvolve um trabalho com crianças, jovens e até idosos.

Fonte: Acervo da Mestre Camila.



Mestra Ciça

Ciça Fulaz nasceu em São Paulo, ela conduz a Escola de Capoeira Filhos da Coral, iniciou na capoeira em 1996 e foi consagrada mestra em 2018.

Fonte: Acervo da Mestre Ciça.



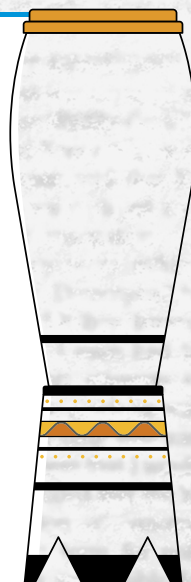
Mestra Diane

Diane Oliveira nasceu em São Paulo em 26/11/1981.

Iniciou na capoeira em 7/9/1996 com o professor Gato Negro (Atleta de Cristo) treinou até se formar professora em 2000. Em 2003, fundou o Grupo de Capoeira Pau Pereira e Projeto Anjos da Roda, onde passou a desenvolver um trabalho com a capoeira. Em 2006, o seu mestre a reconheceu como contramestra, sendo consagrada mestra 13/10/2014.

Em sua trajetória, sempre teve o apoio de sua irmã, a Mestre Leda, e elas inspiram as irmãs mais novas que também são capoeiristas. Ela nunca parou de treinar capoeira, casada, tem um filho de 18 anos, estagiário na capoeira. O seu esposo também é capoeirista conhecido como contramestre Negão de Bauru.

Fonte: Acervo da Mestre Diane.





Mestra Dani/ Raposa

Daniela Pinto da Cunha, nascida na cidade de São José dos Campos, SP, em 8/4/1976. Mestra de Capoeira, Advogada, Especialista em Criminologia e Segurança Pública. Iniciou na capoeira, em 1994, com o Mestre Tinta Forte, José Carlos Alberto, na Escola de Capoeira Besouro Negro/Cordão de Ouro em São José dos Campos. Recebeu o título de mestra, primeiro grau, em 2016 na cidade de Ilhéus, BA. Em 2007, foi contemplada com o edital Capoeira Viva, Ministério da Cultura, com o Projeto denominado: 'A Capoeira do Vale do Paraíba'. Participou dos documentários 'Mestre e Griôs do Vale do Paraíba' e 'A fina Flor da Malandragem'. Também participou do evento "Dia de Ouro 2019" em São Paulo nos dias 19 e 20 de abril. Foi homenageada, em 2019, pela Câmara Municipal de São José dos Campos, pela atuação no desenvolvimento da capoeira na cidade.

Fonte: Acervo da Mestra Dani.



Mestra Dedê

Andressa Marques Siqueira nasceu em São Paulo em 15/5/1979. Começou na capoeira em 1995, foi consagrada mestra em Salvador pelo Mestre Pé de Chumbo na Academia João Pequeno de Pastinha – AJPP/SP em 2019. Ela é responsável pelo núcleo de capoeira em São Paulo. Ela é licenciada e bacharel em Ciências Biológicas pela UFSCar, mestra em Ecologia e Recursos Naturais e doutora em Ciências Ambientais pela USP.

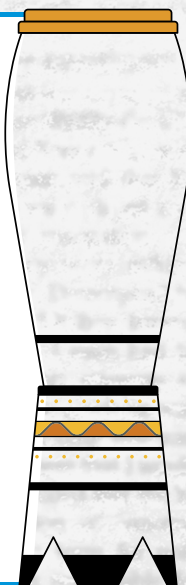
Foto: (OLIVEIRA; FAGUNDES, 2020).



Mestra Dirlea

Dirlea Rodrigues Mattos nasceu em Botucatu, SP, em 31/8/1968. Iniciou na capoeira em 5/1/1977 na Associação de Capoeira Senhor do Bonfim no Moinho Velho, Ipiranga. Em 23/6/1984, tornou-se professora. No ano seguinte, mudou-se para o grupo Amukenguê, e em 1990 recebeu a graduação de contramestra. Em 1996, tornou-se mestra na Associação de Capoeira Amukenguê consagrada pelo Mestre Marcial, tendo o reconhecimento de mestra pela Federação Paulista de Capoeira.

Fonte: Acervo da Mestra Dirlea.





Mestra Engraçadinha

Valquiria Souza da Silva nasceu no estado da Bahia. Iniciou na capoeira em 1994, quando tinha 15 anos, com o Mestre Martelo. Já passou pelos estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Paraná levando a sua nobre arte Capoeira Contemporânea. Tornou-se mestra em 21/12/2014 no estado do Rio de Janeiro formada mestra pelo Mestre Martelo do Centro de Treinamento Raízes da Arte.

Fonte: Acervo da Mestra Engraçadinha.



Mestra Grazi

Graziela Andrade Santos nasceu em São Paulo em 3/2/1987. Ela tem 20 anos de capoeira. Tornou-se mestra em 2019 consagrada pelo Mestre Coruja no grupo Cordão de Ouro. Começou a ministrar aulas de capoeira, em 2009, quando já era instrutora em escolas da rede privada e projetos sociais. Em 2010, foi convidada a ir aos EUA e permaneceu por seis meses frequentando alguns eventos de capoeira nas cidades. Em 2011, foi para o México, ficou durante 1 mês e esteve em três cidades. Em 2015, retornou ao México por mais 15 dias. Em 2017, em parceria com o Contramestre Edi tiveram o próprio espaço de capoeira. Em 2021, adquiriram um novo espaço, ambos na região do centro de São Paulo, o qual atende adultos e crianças. Ela também é formada em Educação Física.

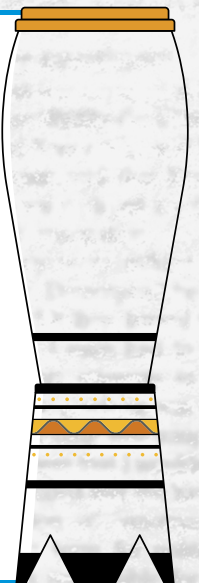
Fonte: Acervo da Mestra Grazi.

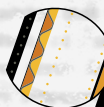


Mestra Kátia

Kátia Simone Gomes Farias de Abreu nasceu em Santos, SP, em 1/4/1972. Iniciou na capoeira, em 1992, na fundação do Grupo Equilíbrio em São Paulo desde então nunca parou de se dedicar a capoeira. Participou de muitos cursos com Mestres renomados da Baixada e também de outras regiões, muitos desses através das Clínicas da Usp organizados pelo Mestre Gladson. Começou a dar aula em 1995, já realizou alguns eventos e festivais de capoeira. Foi técnica da seleção de capoeira por 9 anos, primeiro por São Vicente e depois por Santos. Já ministrou alguns cursos e participou de eventos na França, Alemanha, Espanha e Portugal. Recebeu todas as graduações pelo Mestre Eduardo Storti, foi consagrada mestra em 2011. "Pela capoeira faço o que posso, como posso... mas sempre com respeito e amor" (MESTRA KÁTIA).

Fonte: Acervo da Mestra Kátia.

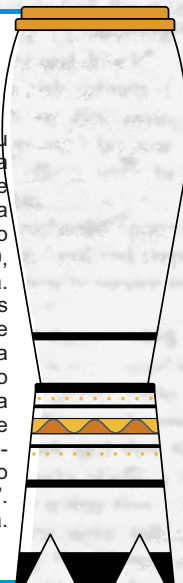




Mestra Lara

Lara Rodrigues Machado nasceu em Campinas-SP em 12/03/1969. O seu início na capoeira teve a presença do Mestre Ivís e Ciriema, em sua trajetória na capoeira teve experiências formativas em alguns grupos como: Cordão de Ouro, no Senzala e Abadá Capoeira. Posteriormente, aproximou-se da Escola Brasileira de Capoeira em Brasília-DF que depois de 10 anos se dedicando e aprendendo foi reconhecida mestra pelo Mestre Oscar, em 2005. Em 2009, tornou-se mãe e desenvolveu trabalhos com a capoeira na Associação Arteiros da Dança. É graduada em Dança (1994), mestra (2001) e doutora (2008) em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (SP). Mestra pela Escola Brasileira de Capoeira e Presidente da Associação Arteiros na Dança (Ponto de Cultura do Ministério da Cultura/Brasil). Recebeu prêmios de mérito profissional e acadêmico como o Diploma Mérito Zumbi dos Palmares pela Câmara Municipal de Campinas (2000), o Prêmio Moinho Santista Juventude na área de Dança da Fundação Bunge (2003) e Diploma concedido ao Ponto de Cultura Arteiros na Dança pela Rede Inovaciones Educativas para América Y el Caribe-Escritório de Educação da Unesco (2004). Autora do livro "Danças no jogo da construção poética".

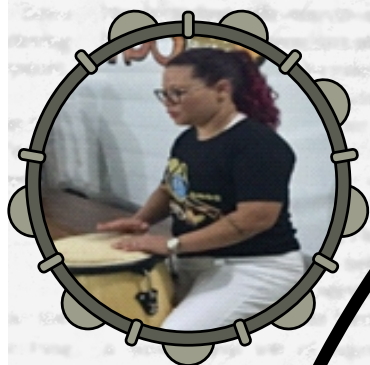
Fonte: Acervo da Mestre Lara.



Mestra Leda

Leda Maria Pereira Vasconcelos nasceu em Duartina-SP em 17/10/1980. Iniciou na capoeira em 31 de agosto de 1996 com o professor Daniel (Gato Negro). Já conduziu oficinas de capoeira em uma escola municipal em Bauru no Programa Mais Educação, sempre trabalhou em outras áreas e com a capoeira foi voluntária. Foi formada a mestra em outubro de 2015 pelo Mestre Daniel. Ela apoia muito o trabalho com a capoeira da irmã, Mestre Diane, no Grupo de Capoeira Pau Pereira.

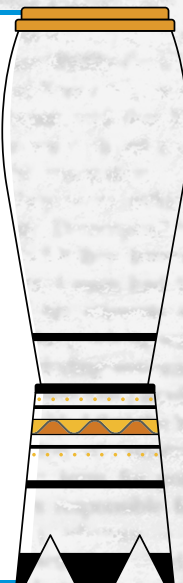
Fonte: Acervo da Mestre Leda



Mestra Lua Branca

Hevelynn Borges nasceu no Guarujá-SP em 25/10/1982. Ela é filha e formada pelo Mestre Asa Branca, sobrinha dos mestres(as) Vânia, Camarão e Carneirinho. Trabalha com a Capoeira junto com seu Mestre desde os 10 anos, organizando eventos e ajudando nos treinos. Ela foi consagrada mestra em 2006, também é Técnica de Enfermagem e Socorrista. Em 2016 abriu sua própria academia de capoeira e atualmente mora em Bertiooga.

Fonte: Acervo da Mestre Lua Branca





Mestra Lu Baobá

Luciana Galiza Borges nasceu em Suzano, SP, em 22/1/1978. Iniciou na capoeira em 1984 e se tornou mestra em 2016 tendo recebido contribuição dos Mestres Careca e Zezão no Grupo Amaê Berimbarte. Ela é técnica em Instrumentação cirúrgica, bacharel em Educação Física, Mobilizadora social e militante das causas da mulher.

Foi candidata a vereadora em 2020.

Fonte: Acervo da Mestre Lu Baobá.



Mestra Lu Pimenta

Luciana Mara Pimenta Rocha nasceu em Minas Gerais em 1/2/1977. Iniciou na capoeira em 1990, e se tornou mestra no Grupo Cordão de Ouro consagrada pelo Mestre Suassuna em 2010. Ela é formada em Educação Física, criadora do projeto “Capokids” e “Capofitness”. Atualmente, ela reside em São Paulo.

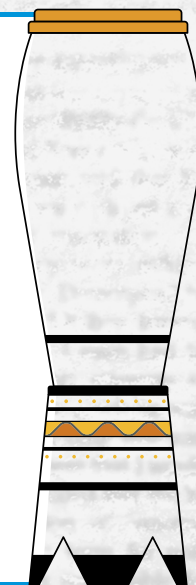
Fonte: Acervo da Mestre Lu Pimenta.



Mestra Luana

Eloana Bernardes nasceu em São Paulo em 21/11/1970. Iniciou na capoeira em 1980 com o Mestre Aberrê (in memoria) do Filhos da Bahia. Posteriormente, ela se tornou formada em 1993 pelo Mestre Valdenor do Grupo Nova Luanda. Em 2003, a mestra Cigana a consagrou mestra. Ela fundou o seu próprio Grupo Capoeira Luana.

Ela é formada em Educação Física e Pedagogia.
Fonte: Acervo da Mestre Luana.

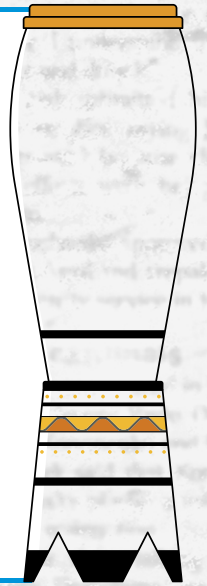




Mestra Mara

Siomara Sousa Santos, nasceu em Santa Cruz da Vitória em 12/4/1970. Iniciou na capoeira em 1982 e se tornou mestra em 2007 consagrada pelo Mestre Catitu no Grupo Herança Cultural, atualmente mora em Guarulhos/SP.

Fonte: Maxwell (2019).



Mestra Mara (Feiticeira)

Luci Mara Eufrazio Floriano Ismael nasceu em São Paulo em 3/4/1973. Tornou-se mestra em 2011 consagrada pelo Mestre Renato da Associação Esportiva e Cultural Praia do Rio Grande. Ela é formada em Educação Física, Psicologia e Teologia; Pós-graduanda em Violência Doméstica.

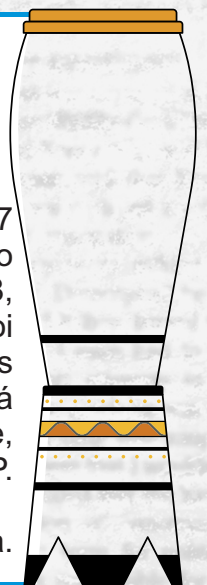
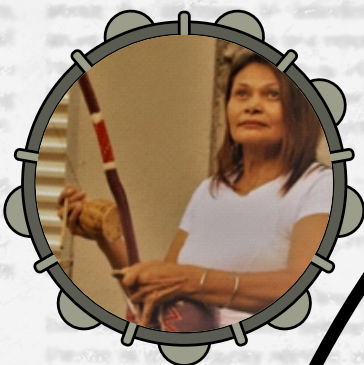
Fonte: Acervo da Mestra Mara.

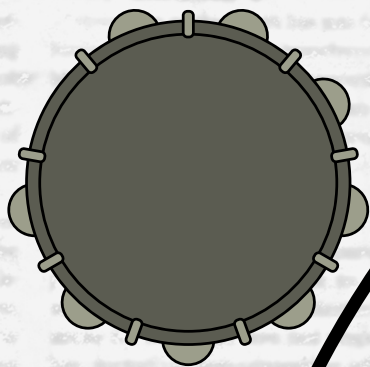


Mestra Maria Mara

Maria Martins de Oliveira nasceu em 17/11/1967 no estado do Pará. Iniciou na capoeira em 11/1/1982 com o Mestre Camarão. Foi formada a professora em 1988, logo em seguida, começou a dar aula de capoeira. Foi consagrada mestra em 2018 pelo Mestre Camarão, tendo mais de 37 anos de capoeira. É também professora de Teatro, já morou na Itália e teve de passagem por Londres. Atualmente, mora no Guarujá, SP.

Fonte: Acervo da Mestra Mara.





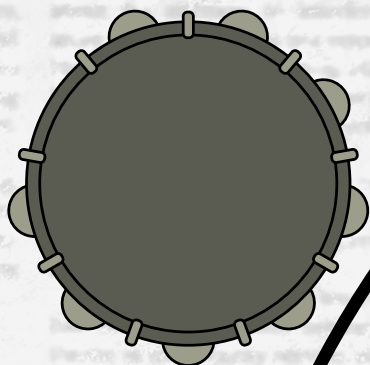
Mestra Maria Patrimônio

Mestra Maria Patrimônio iniciou na capoeira em 1983 e foi reconhecida mestra em 2011 pelo Grupo Cordão de Ouro.



Mestra Meire

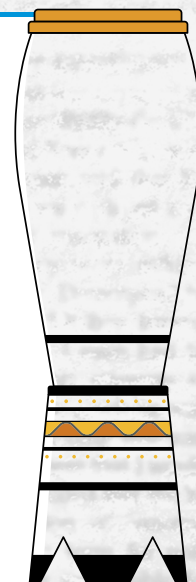
Rosemeire Caires Cardoso nasceu em São Paulo em 17/3/1971. Tornou-se mestra em 2015 consagrada pelo Mestre Dinho no grupo 13 de maio.
Fonte: Acervo da Mestra Meire



Mestra Meire

Meire Barbosa de Almeida nasceu em São Paulo em 18/12/1975. Iniciou na capoeira em 1986, tornou-se mestra em 2017 consagrada pelo Mestre Valtinho da Senzala do Kilombo de Angola.

Fonte: [Portal da Capoeira \(iphan.gov.br\)](http://portal.da.capoeira.gov.br)

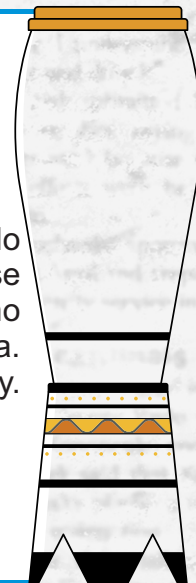




MestRa Meiry

Rosemeiry da Silva Carmo nasceu em São Paulo em 3/4/1973. Iniciou na capoeira em 1990 e se formou mestra em 2017 consagrada pelo Mestre Badanai no grupo Capoeira Benguela.

Fonte: Acervo da Mestreira Meiry.



MestRa Michelli

Michelli Marcandalli Felix nasceu em São Paulo em 7/6/1985. Iniciou na capoeira em agosto de 1998 e tornou-se mestra em 2018 consagrada pelo Mestre Suassuna no Cordão de Ouro.

Fonte: Acervo da Mestreira Michelli



MestRa Mirian

Mirian Cristina Paixão nasceu em Osasco, SP, em 23/7/1971. Ela foi apresentada a modalidade artística e cultural brasileira denominada como dança, luta, esporte e expressão cultural no ano de 1975 por intermédio do Mestre Marinheiro, que é seu irmão. O Mestre Marinheiro, formado pelo Mestre Paulo dos Santos / Mestre Limão de Caiçara, que foi formado pelo Mestre Pastinha, que foi formado pelo africano Betinho. Durante toda a sua vida difundiu a capoeira através de projetos assistenciais e voluntariado. Para ela, a capoeira é disciplina, também rasteira nas drogas. Foi consagrada mestra em 6/12/1992 no Centro cultural e social Arte capoeira Brasileira.

Fonte: Acervo da Mestreira Mirian.





Mestra Monise

Monise Cassano Fernandes nasceu em São Paulo, SP, em 26/6/1973. Iniciou na capoeira em 1990 e se tornou mestra em 2016 consagrada pelo Mestre Wellington no Capoeira Berim Brasil.

Fonte: Acervo da Mestre Monise.



Mestra Moranguinho

Vera Lucia Marcondes nasceu em Pindamonhangaba, SP, em 21/5/1980. Iniciou na capoeira aos 11 anos de idade, teve experiência em vários grupos de capoeira, sendo mais marcante no Cultuarte em Taubaté. Foi consagrada mestra em 2005 consagrada pelo Mestre Reinaldo do Grupo Paulo dos Anjos. Ela é fundadora do Grupo Capoeira Vida há 26 anos. Ela é formada em Educação Física e especialista em Educação Física Escolar. Madrinha do Projeto Capoeirando da professora Maria do Carmo desde 2012. Foi destaque no território da Educação e do Esporte pelo seu empenho em levar a arte da capoeira para o maior número de alunos em 2021 em sua cidade.

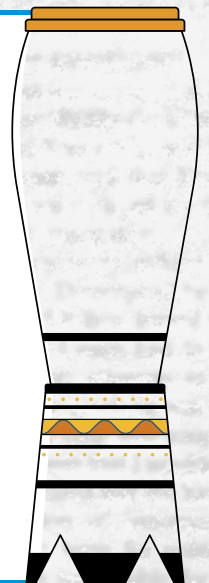
Fonte: Acervo da Mestre Moranguinho.



Mestra Morena

Maria Cristina Bahia nasceu em São Paulo em 17/04/1965. Inicia na capoeira em 1980 e se torna mestra em 2003 consagrada pelos mestres Reinaldo Ramos Suassuna e Ponciano do Grupo Cordão de Ouro.

Fonte: Acervo da Mestre Morena.





Mestra Nagô

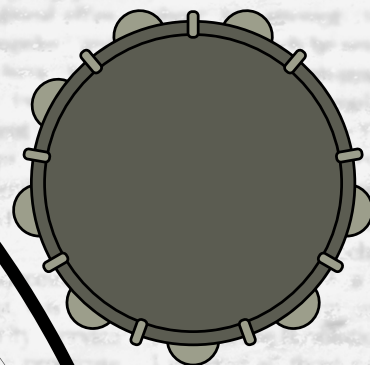
Wiara Santos da Silva nasceu em São Paulo em 17/11/1982. Iniciou na capoeira em 1997 e se tornou mestra em 2021 pelo mestre Julio Cesar na Capoeira Batuquegê em São Paulo. Atualmente, está no continente africano desenvolvendo trabalho com a capoeira no Gingando pela Paz.

Fonte: Acervo da Mestre Nagô



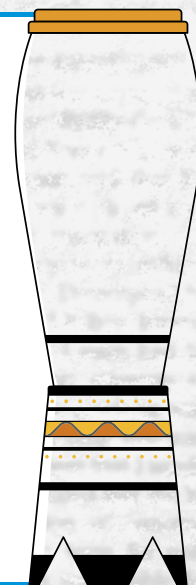
Mestra Potira

Lilian dos Santos iniciou na capoeira na década de 1990. Em 2008, fundou o Grupo Capo-arte em São Paulo.



Mestra Preta

Leiciane Durães de Almeida nasceu em Luziana, GO, em 17/3/1980. Começou a praticar capoeira muito nova na sua cidade, mas não tem muitas recordações. Em 1992, ela se muda com sua família para São Paulo. Em 1994, voltou a treinar capoeira, a qual foi treinando e se dedicando cada vez mais. Em 2000, surgiu a grande oportunidade tão esperada que é de trabalhar com a capoeira na Fundação Crescer Criança, onde pode ensinar e aprender muito. Em 2002, outra oportunidade de trabalhar com a capoeira na escola, Arte na Escola, onde permaneceu há 14 anos. Em 12/10/2019, recebeu o cordão de Mestre, primeiro grau, pelo Mestre Suassuna no Grupo Cordão de Ouro. Hoje, continua trabalhando com a capoeira, juntamente com seu esposo, Mestre Marquinhos, juntos fundaram a Escola Capoeira Ativa. Fonte: Acervo da Mestre Preta.





Mestra Renata

Renata Xavier Magalhães nasceu em São Paulo em 30/1/1967. Tornou-se mestra em 2014 consagrada pelo Mestre Kenura na Escola de Capoeira Cambapé.
Fonte: Acervo da Mestre Renata.



Mestra Rita

Rita de Cássia C. Lago nasceu em São Paulo em 27/12/1971. Tornou-se mestra em 2005 no Grupo de Capoeira Gingart consagrada pelos mestres Julião e Delicado.

Fonte: Acervo da Mestre Rita.



Mestra Rosinha

Rosa Maria Araújo Simões nasceu em São Paulo em 1/12/1970. Iniciou na capoeira em 1990, tornou-se mestra em 2019 consagrada pelo Mestre Pé de Chumbo na Associação Brasileira de Capoeira Angola. Ela é bacharel em Educação Física e mestra em Ciências da Motricidade pela UNESP, doutora em Ciências Sociais pela UFCar. Ela é chefe de Departamento de Artes e Representação gráfica da UNESP. Ela também participou de cursos de extensão universitária, encontros em vários estados e ministrou aulas na Academia Power Gym e na Bonsai em Rio Claro; já ministrou aulas na disciplina capoeira no curso de Licenciatura em Educação Física na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo.

Foto: Acervo da Mestre Rosinha.





Mestra Samila

Samila Zambetti dos Santos nasceu em São Bernardo dos Campos, SP, em 17/12/1984. Iniciou na capoeira em 1989 e se tornou mestra em 2016 consagrada pelo Mestre Gêra na Associação de Desportiva e Cultural de Capoeira Santa Izabel. Ela é licenciada em Educação Física pela UMESP, especialista em Educação Física Escolar pela FMU, especialista em Psicomotricidade pela FAPSS, mestra em Educação pela USCS. Atuou como atleta nos Jogos Abertos do Interior, ministrou cursos para professores da rede de São Caetano do Sul e para estagiários do Programa Mais Educação.

Fonte: Acervo da Mestre Samila.



Mestra Sara

Sara Rocha nasceu em Adamantina, SP, em 12/11/1964. Iniciou na capoeira em março de 1987, formada a instrutora em 1990. Em 1995, tornou-se professora e mestra em 1999 consagrada pelo Mestre Aldo (Aldo Francisco Baco Rubino) na Academia União da Barra. Posteriormente, ela fundou a Capoeira Estrela da Barra. Foi homenageada na Câmara de Curitiba recebeu 'Votos de Congratulações e Aplausos' em Curitiba.

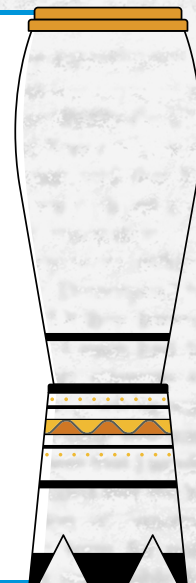
Fonte: Acervo da Mestre Sara.



Mestra Saruê

Ana Lúcia Graciano Lopes nasceu em Ribeirão Preto, SP, em 25/5/1964. Iniciou na capoeira em 1974 com o Mestre Gato, logo depois começou a treinar com o Mestre Miguel Machado de Ilhéus/Itabuna. Em sua formação, recebeu contribuição do Mestre Suassuna durante alguns anos, e foi ele quem concedeu o título de mestra, em 2014, no Grupo Cordão de Ouro. Ela já desenvolveu trabalho no Ribeirão Criança, deu aula na Creche Modelo, no Instituto Plural Cidadania Vila Bela com crianças e adolescentes. Desenvolveu o projeto 'Capoeira X Futebol' em Ribeirão Preto, onde tinha meninos africanos e japoneses aprendia capoeira e compartilhava sua experiência com o futebol (Botafogo Futebol Clube). Trabalhou também no Centro Cultural Palace durante muitos anos. Foi homenageada 'Gesto de Liberdade' pelo Memorial da América Latina, por ser a mulher mais velha na cidade de São Paulo.

Fonte: Acervo da Mestre Saruê.





Mestra Selma

Selma Fermi nasceu em São Paulo em 16/9/1963. Iniciou na capoeira em 1981, foi aluna do Mestre Biriba e Mestre Tucano, recebeu a graduação de Contramestra em 2001 e de mestra em 2017 pelo Mestre Suassuna no Cordão de Ouro.

Fonte: Acervo da Mestre Selma.



Mestra Sereia

Helena Rodrigues da Silva mora em Jundiaí, SP. Treina capoeira há 28 anos, recebeu o título de mestra pelo Mestre Kauê na Associação de Capoeira Nosso Senhor do Bonfim.

Fonte: Acervo da Mestre Sereia

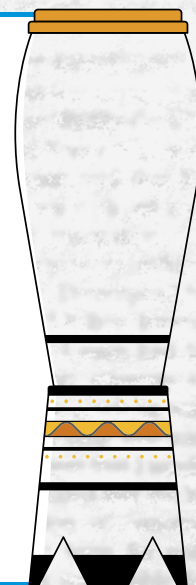


Mestra Vânia Alves

Vânia Maria Moraes Alves nasceu em Ourinhos, SP, em 18/1/1979. Iniciou na capoeira em 1990 e foi consagrada mestra em 2013 pelo Mestre Valter no grupo Ritmo Brasileiro.

Ela morou durante sete anos em Portugal, onde treinou e lecionou capoeira. Atualmente, dá aula de capoeira em projetos sociais e confecciona cordões de capoeira.

Fonte: <https://www.tucumabrazil.com.br/2012/02/o-que-e-valorizacao-parte-01.html>

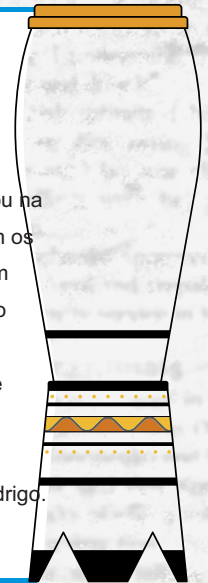




MestTra Vânia Borges

Vânia Borges nasceu em Uberaba, MG, tem 54 anos e reside no Guarujá, SP. Iniciou na capoeira em 1977, em Bertioga, na Associação de Capoeira Ilha de Itapanhau, com os mestres Camarão, Carneirinho e Asa Branca, seus irmãos. Ela se tornou mestra em 1994, consagrada pelo Mestre Camarão, do Grupo Caravela Negra Bertioga, sendo uma das pioneiras do litoral paulista. Além de mestra de capoeira, é professora de teatro do ensino fundamental, diretora de ensino geral, examinadora e instrutora de autoescola. É também presidenta da Liga Bertioguense de Capoeira desde 1993 e presidenta do Grupo de Capoeira Cais Santista. Ela já formou vários capoeiristas, dentre os quais Mestre Bruno, seu filho, Mestre Cipó, seu sobrinho e Professor Rodrigo.

Fonte: Acervo da Mestretra Vânia Borges.



MestTra Vanuza

Vanuza Alves Santos Carvalho, na arte Mestretra Vanuza, nasceu em Itamaraju, BA, em 18/11/1971. Aos 2 anos de idade se mudou com sua família para São Paulo, iniciou na capoeira em 1987 com seu irmão, ue na época era Professor Pequeno, e hoje conhecido e reconhecido como Mestre Pequeno. Em 1993, começou a namorar o seu parceiro de treino, que hoje é o seu marido (Mestre Paulo), juntos tem dois filhos, Leonardo e Vitória, que literalmente podem dizer a famosa frase "Eu nasci na capoeira". Em 1995 se tornou a primeira professora do Grupo de Capoeira Mar de Itapuã pelo Mestre Pequeno, e em 2007 se tornou mestra. É vice presidente da Associação Desportiva e Cultural Capoeira-Arte em Capoeira, dirigiu a gravação do CD "O Canto da Capoeira", junto com Mestre Paulo lançou o primeiro DVD de Capoeira do Brasil, fez parte da direção de 4 DVDs denominados "Acrobacias de Capoeira", trabalhou como entrevistadora nas revistas Capoeira e Praticando Capoeira que tinha circulação em todo o Brasil. Está escrevendo um livro sobre a biografia do Mestre Paulo, e produzindo o filme "O menino que queria voar e na capoeira encontrou suas asas" inspirado no formado Professor Piquininho. Mestretra Vanuza tem vários outros projetos em prol a capoeira e os capoeiristas, como ela mesmo diz, ela não nasceu na capoeira, mas nasceu para capoeira.

Fonte: Acervo da Mestretra Vanuza.





Mestra Baixinha

Alessandra dos Santos nasceu em Vila Velha, ES, em 3/07/1981. Iniciou na capoeira em 1995 no Centro Educacional Joaquim Carvalho em Campo Grande, Cariacica, ES. Com a ida do professor Baianinho para a Europa, passou a treinar diretamente com o Mestre Capixaba, que fundou a Associação Cultural Artística Popular Orientada ao Esporte e de Incentivo as Raízes Afro-brasileira (A.C.A.P.O.E.I.R.A.). A sua formatura de mestra será em agosto de 2022. Ela é formada em Educação Física e Pedagogia, especialista em Psicopedagogia, Educação Física Escolar e Psicomotricidade e em Educação Física Escolar e Recreação. Já recebeu várias homenagens pelo trabalho realizado na cidade de Cariacica, dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, dia da Consciência Negra, dia do Capoeirista e pelo trabalho desenvolvido com a Capoeira com crianças e adolescentes em risco social. Também recebeu prêmios como: Trajetória da Lei Aldir Blanc em 2020, Capoeirista Inspiradora em 2020 pelo @capoeiramulher, Mulheres do Amanhã em 2018, Melhor Projeto Social de Cariacica em 2015 e Bolsa Atleta pela Prefeitura de Vitória em 2012.

Fonte: Acervo da Mestra Baixinha.



Mestra Furinha

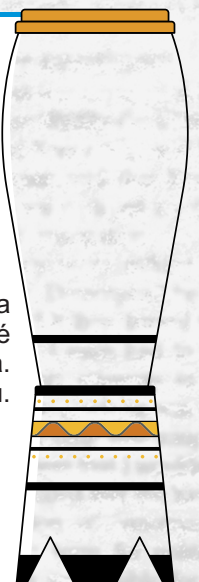
Mariele Candida nasceu em Vitória, ES, em 2/1/1980. Iniciou na capoeira em 1993, aos 13 anos de idade na Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Barravento, localizada no município de Vitória, onde sempre praticou sendo guiada pelo Mestre Torpedo. A sua consagração de mestra no referido grupo foi em 2012. Ela criou um núcleo da Associação Barravento no bairro Maruípe em Vitória. Mestra Furinha trabalha com a capoeira desde 1998, atuando no projeto 'Comunidade Itararé', na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Otto Ewaldo Junior, com crianças e adolescentes entre 1998 a 2001; de 2000 a 2002 no Projeto Caminhando Juntos (CAJUN) em Itararé; em 2002 no projeto "Escola Aberta" na EMEF Orlandia, em São Cristóvão (Vitória); em 2018 no núcleo da Associação de Capoeira Barravento na EMEF Rodrigues São Pedro; de 2017 a 2019 no Movimento das Mulheres Capoeiristas do Espírito Santo. Enquanto mulher e capoeirista, Mestra Furinha destaca que não é fácil chegar à graduação de professora, e menos ainda a de 'estra, havendo vários desafios e dificuldades pelo caminho. Observa que geralmente muitas mulheres param pelo caminho por motivo de casamento, preconceitos e saúde. A mesma passou por diversas lesões, mas apesar disso, conseguiu continuar na capoeira. "Capoeira pra mim é minha alegria, meu bem-estar, minha inspiração e vida. É nela que eu me encontro e me sinto bem. pra mim é um tudo" (MESTRA FURINHA).

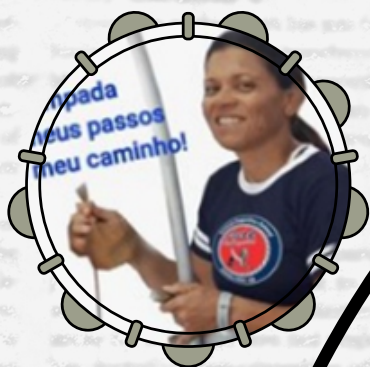


Mestra Kêu

Cleuza Honorato de Lima nasceu em Mutum, MG, em 8/7/1963. Iniciou na capoeira em 1978, foi formada mestra em 2016, pelo Mestre Beto, e hoje é responsável pela Capoeira Raiz da Arte em Cariacica.

Fonte: Acervo da Mestra Kêu.





Mestra Pitú

Iris Lopes nasceu no Espírito Santo em 4/5/1975. Iniciou na capoeira em 1987 e foi consagrada mestra em 2004 no Grupo Arte da Capoeira.



Mestra Sabrina

Sabrina Marinho Abade nasceu em Vitória, ES, em 15/2/1978. Iniciou na capoeira em 1992 e se tornou mestra em 2018 consagrada pelo Mestre Fábio no Grupo Beribazu. Ela é licenciada em Educação Física pela Universidade Vila Velha, especialista em Docência pela Faculdade Estácio de Sá, especialista em Educação Física pela CESAP, especialista em Psicopedagogia. Integrante no movimento Dandara Capoeira Viva e do Coletivo Zacimba Gaba desde 2019. Participou do filme 'A roda também é dela'.
Fonte: Acervo da Mestra Sabrina.



Mestra Zangada

Carla Cristina de Oliveira Noronha nasceu em Vitória, ES, em 8/5/1972. Iniciou na capoeira em 1982, tornou-se mestra em 1997, a primeira mestra do Espírito Santo pelo Mestríssimo Chita em São Gonçalo, após passar pela banca de mestres da FCERJ. Ela é integrante do Grupo Ginga de Corpo.

Fonte: Acervo da Mestra Zangada



REGIÃO CENTRO-OESTE



17 Mestras do D. Federal

- Alaide
- Ana
- Bad
- Baianinha
- Clarice
- Jerusa
- Ju Trajano (in memoriam)
- Karlinha
- Marreca
- Meo
- Michelinha
- Mirinha
- Noélia
- Quequel
- Suely
- Valdirene
- Zanga

6 Mestras do Goiás

- Amazonas
- Ana Maria
- lúna
- Tati
- Valéria
- Vivian

1 Mestra do M.G. do Sul

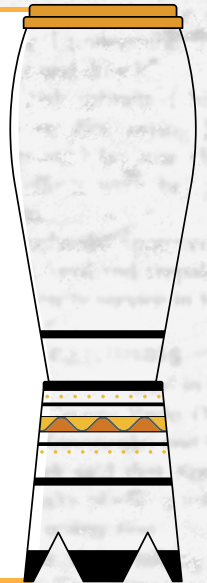
- Pantaneira



Mestra Alaide

Alaide de Amorim Lima nasceu na cidade do Gama, DF, em 27/8/1979. Nos meados de 1991, aos 12 anos de idade, na escola SESI teve seu primeiro contato com a capoeira. Em 1994, teve a iniciou sua trajetória na capoeira com o Mestre Robertão, no CAIC de Santa Maria Norte, Grupo Evolução. Em agosto de 2015, aconteceu o batizado e troca de cordas do Grupo de capoeira Ouro Negro/ Capoeira Robertão e a sua formatura de mestra .

Fonte: Acervo da Mestre Alaide



Mestra Ana

Ana Maria Domingos nasceu em Patos de Minas, MG, em 2/10/1964. Começou a treinar a capoeira na década de 1980, com o Grupo Ave Branca, do Mestre Kall e foi consagrada mestra em 2016. Em sua trajetória, participou das grandes rodas com o mestre Zulu e de campeonatos femininos internos no grupo. Nunca esteve em outro grupo e tem o maior orgulho de ser formada pelo Mestre Kall.

Fonte: Entrevista para o Projeto 'Saberes dos mestres e das mestras da capital'.



Mestra Bad

Eliane Ferreira da Silva nasceu em Itaporanga, PB, em 3/3/1970. Com um mês de vida, mudou com sua família para Brasília. Foi consagrada mestra em 2018 pelo Mestre Squisito no Terreiro capoeira. Ela é formada em Educação Física, participou de um curso de Pós-Graduação em Capoeira na Universidade de Brasília. Atualmente, tem uma academia e leciona aulas de Capoeira, Hidroginástica, Natação, Treino Funcional, Cross Trainer e Musculação. Em 2021, realizou uma cirurgia na coluna lombar e fez transplante de medula e está em recuperação em casa.

Fonte: Acervo da Mestre Bad.





Mestra Baianinha

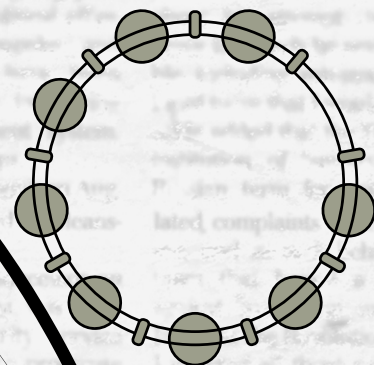
Ana Maria Melo Duarte Guimarães nasceu em São Paulo, SP, em 1976. Ela é filha de pais baianos, cresceu na Bahia, e se mudou para Brasília em 1992, quando iniciou na Capoeira no Grupo Adilson de Capoeira com o Mestre Oscar. Treinou Capoeira na Escola Brasileira de Capoeira com o Mestre Oscar e Mestre Chumbinho, até 2004, quando, liderados pelo Mestre Chumbinho, fundou a Equipe Capoeira Brasileira, na qual treina até hoje. Foi consagrada mestra pelo Mestre Chumbinho, em 21/10/2016. Iniciou na capoeira por influência de seu pai, Rogério Duarte Guimarães, artista baiano, uma das referências do tropicalismo, que havia treinado com o Mestre Bimba, na sua juventude em Salvador, juntamente com Fred Abreu, Jair Moura, que eram seus amigos. Organizou muitos encontros femininos em Brasília e participou de muitos outros, inclusive em Montréal, onde pude vivenciar a capoeira como profissão, por alguns meses, onde fez apresentações, ministrou aulas e montou um show, coordenados pelos Mestres Peninha, Chumbinho e Ayanã, quando foi fundado a Equipe Capoeira Brasileira. Seguiu carreira no Serviço Público, mas permanece como capoeirista e difusora dos seus imensos benefícios e riqueza cultural. "A Capoeira me fez ganhar o mundo e me propiciou um processo de individualização empoderada e orgulhosa de ser mulher, brasileira e de sangue e alma nordestinos! Sinto-me eu mesma, porque sou capoeirista!" (Mestra Baianinha). Fonte: Acervo da Mestra Baianinha



Mestra Clarice

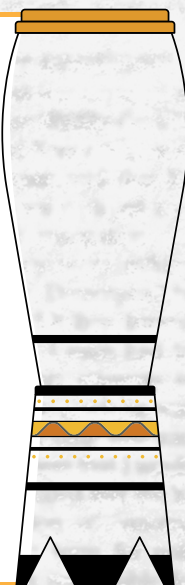
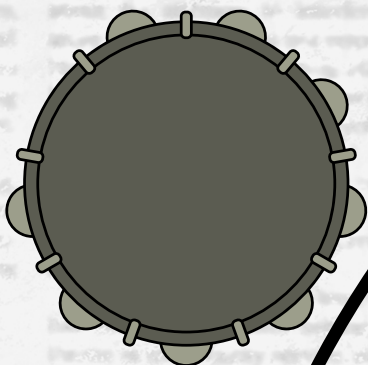
Clarice Rodrigues de Oliveira nasceu em Sobradinho, DF, em 28/1/1973. Iniciou na capoeira em 1984, com o mestre Zulu, no grupo de capoeira Beribazu. Participou como representante da Federação Brasileira de Pugilismo do 1º Campeonato Brasileiro em Duplas de Capoeira infantil, realizado em outubro em 1988, no ginásio poliesportivo do Ibirapuera, SP. Participou do XVII Jogos Escolares Brasileiros (JEBS) em 1988, em São Luís do Maranhão, e do III Festival Folclórico de Capoeira em Embu-SP em 1988, do Campeonato de Jogos Escolares Brasileiros de 1989. No ano seguinte, começou a dar aulas de capoeira no Colégio Agrícola de Planaltina, onde permaneceu até 1993. Em 1994, passou a treinar com o Mestre Edivaldo em Planaltina, anos depois teve a contribuição do Mestre Divino em sua caminhada na capoeira, o qual formou a contramestra em 2002. Em 2004, participou do 1º Campeonato Planaltinense de Capoeira, organizado pelo grupo Corpo e Mente, o qual fariar parte anos depois. Foi consagrada mestra no dia 11/07/2015 pelo Mestre Sérgio, que também é seu irmão.

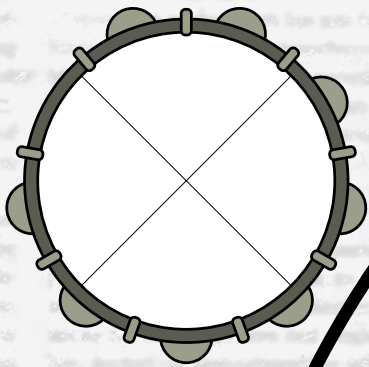
Fonte: Entrevista para o Projeto 'saberes dos mestres e das mestras da capital'.



Mestra Jerusa

Jerusa Pimentel nasceu no Distrito Federal. Ela é integrante do grupo União Capoeira.





Mestra Jú Trajano (in memoriam)

Jucineide Pimentel Trajano nasceu no Distrito Federal, integrante do Capoeiragem Movimento Cultural

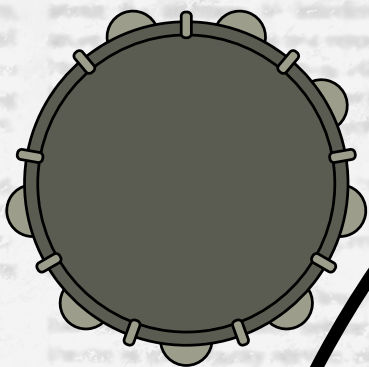


Mestra Karlinha

Karla Rodrigues dos Reis nasceu em Brasília, DF em 11/11/1975. Iniciou a prática da capoeira em 1989 em Brasília-DF. Fundou o Centro Beribazu de Culturas em 2007, coordenou esse Centro até 2016, com a supervisão do Mestre Luiz Renato Vieira e Mestre Igor Márcio, ambos responsáveis pelo Centro de Capoeira da Universidade de Brasília. Foi a primeira mulher a receber o título de Contramestra de Capoeira em Joinville, no ano de 2012 foi a primeira mestra a ser consagrada em 2021..

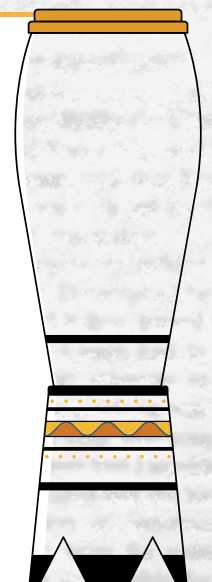
Em 2016, recebeu homenagem na Câmara de Vereadores como Mulher Negra que se destaca em sua área, pela Casa da Vó Joaquina.

Fonte: Acervo da Mestra Karlinha.



Mestra Marreca

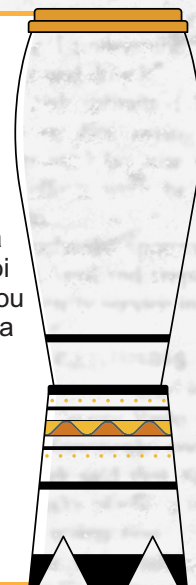
Monika Godinho de Oluveira nasceu em Brasília, DF. Ela faz parte da Equipe de Capoeira Brasileira.





Mestra Meo

Maria Edileuza de Oliveira nasceu em Acaraú, CE. Iniciou na capoeira em 1999 com o Mestre Bené no Grupo Lenço Branco de Capoeira. Foi atleta de Campeonato Brasileiro de Capoeira em São Paulo, conquistou o primeiro lugar. Foi diretora administradora na Federação de Capoeira do Distrito Federal. Foi integrante da Comissão Organizadora do Campeonato Brasileiro de Capoeira que ocorreu em Sobradinho. Fonte: Entrevista para o Projeto 'Saberes dos mestres e das mestras da capital' (2020).



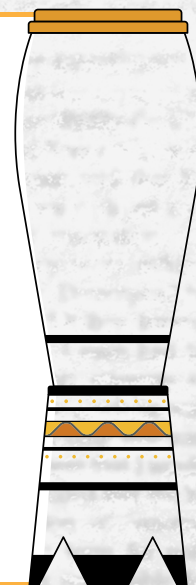
Mestra Michelinha

Michelle Santos Lima nasceu em 14/8/1982 em São Luís, MA. Com cinco meses de vida, mudou-se com a família para Brasília. Iniciou na capoeira em 1993 com o Mestre Dionísio, logo depois passou a treinar com o Mestre Igor, recebeu a graduação de mestra no dia 6/9/2019 no Grupo Aruanda Capoeira- DF. Ela também é formada em Educação Física e Jornalismo. Fonte: Acervo da Mestre Michelinha.



Mestra Mirinha

Valmiria José da Silva nasceu em 1978 em Formosa, GO; filha de Avelino José da Silva e Sebastiana R. da Silva. Começou na capoeira em 5/2/1990, com seu pai M. Falcão (in memoriam) fundador do Grupo de capoeira Canguru. No decorrer dos anos seu pai (parou com a capoeira e ela deu continuidade com seu irmão Ismar que na época era contramestre. Foi consagrada mestra pelo Mestre Alcides no ano de 2000. Ela foi formada pelo Mestre Ismar em 12 de março 2016. Já participou de grandes eventos em Brasília, na Bahia, em Minas Gerais, em Tocantins e em São Paulo. Atualmente tem um projeto intitulado Capoeira Canguru em Ação que iniciou no ano de 2019. Fonte: Entrevista para o Projeto 'Saberes dos mestres e das mestras da capital'.





Mestra Noélia

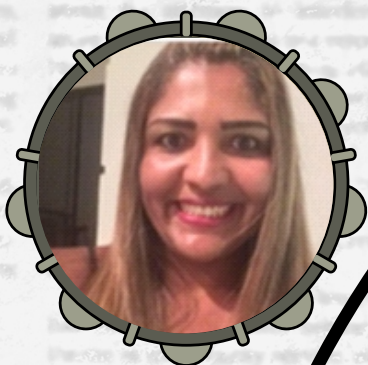
Maria Noélia Bezerra Moreira Duarte nasceu em Crateús- CE em 22/10/1968. Em 1991, mudou-se para Brasília. Em 2001, fez o curso CREF de Educação Física na Universidade Católica de Taguatinga. Também é formada em Pedagogia na Faculdade Fortium no Gama, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Iniciou na capoeira em 1991 com o Mestre Robertão no Sesi do Gama. Participou do Campeonato Brasileiro de Capoeira em São Paulo levando o primeiro lugar na categoria em 2000. Desenvolveu vários eventos femininos levando educação e palestrantes para elevar a mulher na capoeira. Em 16 de dezembro de 2001, recebeu a graduação de contramestra, e em 2013 recebe o título de Mestra pelo Mestre Cavalão, hoje Presidente do grupo de capoeira ONG Evolução.
Fonte: Entrevista para o Projeto "Saberes dos mestres e das mestras da capital".



Mestra Quequel

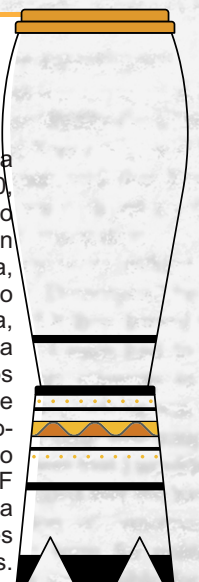
Raquel Ribeiro Caetano teve contato com a capoeira através do Mestre Adilson, em seguida, em 1990, insere-se no grupo conduzido pelo Mestre Jomar sendo consagrada mestra em 2010 em Brasília, DF.

Fonte: [Raquel Caetano \(Quequel\) \(capoeira.ws\)](#)



Mestra Suely

Suely Borges nasceu em Belém, PA, em 7/6/1975. A Capoeira surgiu em sua vida na infância. Posteriormente, no final dos anos 80, na escola que ela estudava, ingressou nos treinos sob a supervisão do Mestre Marquinhos Pastel (in memoriam). Em meados de 1993, o Mestre Adilson encerrou as atividades do grupo, então juntamente com seu marido Mestre Foca, resolveram montar um trabalho para que pudessem por em prática todo o ensinamento aprendido nos anos anteriores, aliado a filosofia de vida, potencializando as nossas ações. Com isso, em 1995, surge a UCDF Capoeira (União de Capoeira do DF) com sede em Brasília, e atualmente filiais nos estados do GO, RJ, SP, BA, PB e nos Estados Unidos, Miami e Nova Iorque. Paralelamente ao trabalho com a capoeira, ingressou na Faculdade de Educação Física, formando-se em 2012. Seu reconhecimento como mestra aconteceu em 2009, pelas mãos do Mestre Foca, com quem é casada há 26 anos. Além de presidente do Instituto UCDF Capoeira, é coreógrafa da Cia de Dança União Lundu, Técnica do Time de Ginástica Rítmica União e proprietária da Foca Esportes empresa especializada em atividades esportivas e culturais.

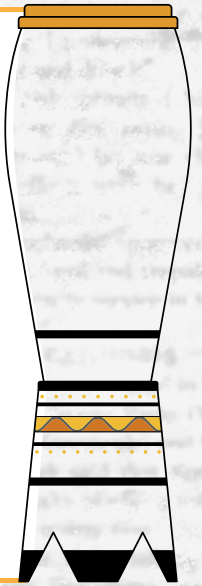




Mestra Valdirene

Valdirene Aprígio formada mestra em 2019 pelo Mestre Zulu.

Fonte: <https://www.metropoles.com/colunas/claudia-meireles/luiz-renato-vieira-e-capoeiristas-lancam-livro-sobre-o-tema-no-sebinho>



Mestra Zanga

Irene Miranda Alves nasceu no Maranhão em 18/6/1980. Recebeu o título de mestra, em 2018, no Grupo Beribazu pelo Mestre Bill. Idealizadora do Encontro Feminino de Capoeira em seu grupo e do Projeto Social 'Educar através do Movimento da Capoeira' em Planaltin, no Distrito Federal. Foi agraciada com Moção de Louvor em Homenagem aos mestres e contramestres de Capoeira na Câmara Legislativa do Distrito Federal. Recebeu premiação como Agente Cultural no segmento como Patrimônio Histórico e Artístico, Material e Imaterial pela Lei Aldir Blanc (FIGUERÔA, 2021).
Fonte: Acervo da Mestra Zanga.





Mestra Ana Maria

Ana Maria Silva nasceu em Goiás.
Tornou-se mestra em 2021 no Grupo Só Angola pelo Mestre Boca Rica.

Fonte: A. Silva (2014).



Mestra Amazonas

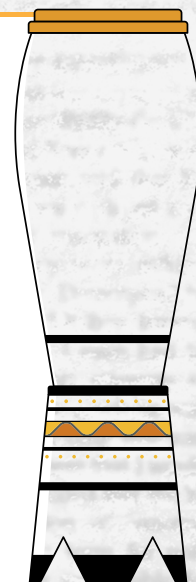
Sandra Regina Prudêncio nasceu em Goiás em 17/8/1969. Tornou-se mestra em 2019 no Grupo Candeias consagrada pelo Mestre Suíno.
Fonte: Acervo da Mestra Amazonas.



Mestra Iúna

Valdise Angela de Abreu nasceu em Goiás em 28/6/1973.
Foi consagrada mestra em 2015 no Grupo Candeias pelo Mestre Suíno.

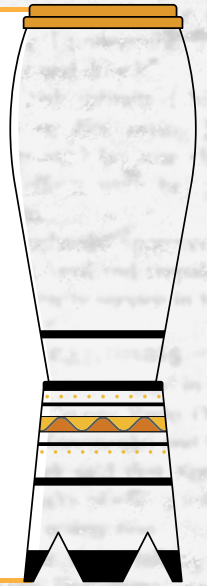
Fonte: Maxwell (2019).





MeSTra Tati

Tatiana Cândida São Pedro Tomé, nasceu Goiás, GO, tem 28 anos de trajetória na capoeira. Em 1999, casou-se com o professor Guerreiro e teve duas filhas. Em 2003, se formou em Educação Física. Em 2014, formou-se em contramestra pelos mestres Jelon e Guerreiro. “Tive a oportunidade de conhecer e transmitir um pouco do meu conhecimento em outros países, como Colômbia, Peru, Estados Unidos, Espanha, França e Indonésia; e também em alguns estados brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Salvador” (TOMÉ, 2020, p.20). Anunciou no documentário “A roda também é dela” que em julho de 2022 será consagrada mestra.
Fonte: Tomé (2020)



MeSTra Valéria

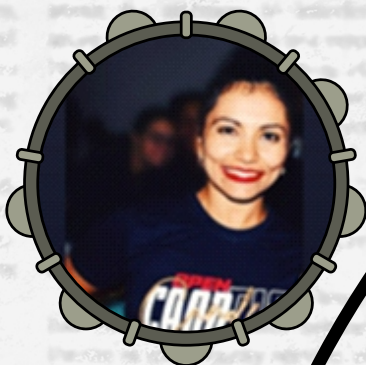
Valéria Costa nasceu em Goiânia, GO. Iniciou na capoeira em 1982 com o Mestre Zumbi, depois conheceu a Capoeira Angola na Bahia, passou a se dedicar exclusivamente à prática da Angola. Foi fundadora do Grupo Só Angola junto ao Mestre Caçador e Mestre Vermelho em Goiás. Foi consagrada mestra em 2021 pelo Mestre Boca Rica, uma das fundadoras do Grupo Só Angola.

Fonte: Oliveira e Fagundes (2020).



MeSTra Vivian

Vivian Alexandra de Abreu nasceu em Goiânia, GO, em 19/4/1982. Iniciou na capoeira, aos seis anos de idade, com um aluno do Mestre Suíno, depois de alguns meses passou a treinar com o referido mestre na Associação Candeias de Capoeira. Em dezembro de 2021 foi consagrada mestra pelo mestre Suíno, tornando-se assim a terceira mestra do Grupo Candeias. Ela já participou e ministrou cursos em vários eventos no Brasil e Exterior. Também já participou dos Jogos Estudantis Brasileiros em 1994 e 1995, foi vice campeã do Mundial em Baku -Azerbaijão em 2018. Hoje é responsável pelo trabalho de seus alunos: instrutores Kalango e Canario em Palmas, TO. Ela também é fonoaudióloga, servidora pública, em uma Maternidade que atende recém-nascidos em uma unidade Neonatal.
Fonte: Acervo da Mestra Vivian.





Mestra Pantaneira

Léa Vieira de Oliveira Machado nasceu em Campo Grande, MS, em 22/2/1977. Iniciou na capoeira em 1990 e se tornou mestra em 2018 no Cordão de Ouro consagrada pelos Mestres Pernambuco e Irani. Ela é formada em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco. Ela se candidatou a vereadora em 2020 em Campo Grande. Atualmente, é presidenta dos núcleos “Mulheres de luta” e “Capoeira” em Campo Grande- MS; presidenta estadual do Movimento Negro PDTMS vice presidenta do seu bairro e vice presidenta da UNEGRO de Campo Grande-MS.

Fonte: Acervo da Mestreira Pantaneira.



REGIÃO NORTE



3 Mestras do D. Federal

Deusa
Mainha
Pokahontas

3 Mestras do Pará

Catita
Pé de Anjo (in memoriam)
Nega

1 Mestra do Tocantins

Diamante



Mestra Deusa

Deusa da Silva Belém iniciou na capoeira em 1977 e foi consagrada mestra em 2006 no Grupo Marabaiano no estado da Amazonas (BONATES, CRUZ; 2020).

Fonte: Imagem retirada do Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=hl3JnMT4OKQ>)



Mestra Mainha

Leonita Oliveira de Souza nasceu em Petropolis, AM, em 21/6/1967. Iniciou na capoeira em 1980, conquistou sua primeira graduação em 1982, e se tornou mestra em 2012 pelo Mestre Paulo Camarão na Associação Cultural Brasileira de Capoeira. Ela foi candidata a vereadora. Recentemente, recebeu o prêmio “Berimbau de Ouro” em 2020.

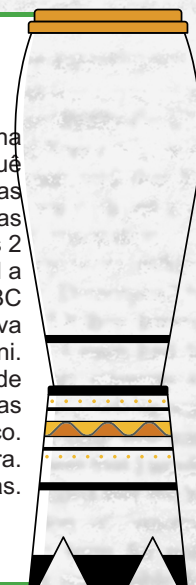
Fonte: Acervo da Mestra Mainha.



Mestra Pokahontas

Júlia Vargas nasceu em Manaus, AM. Ela é manaura, indígena legítima (saterê mawé), casada com Mestre Lambão, mãe do Cauê (Maçaranduba) de 9 anos. Ela é filha e aluna do Mestre Ronaldo Vargas da Escola de Capoeira Bomani, filha de Téia Vargas, irmã de Ronald Vargas e Karol Vargas, que são seus maiores incentivadores. Iniciou na capoeira aos 2 anos, já tem mais de 32 anos praticando a capoeira com o mesmo mestre, o qual a consagrou mestra em novembro de 2021. Diretora Técnica Da CBC (Confederação Brasileira de Capoeira), Diretora Técnica (Federação Desportiva de Capoeira em Brasília, Presidente e Fundadora da Escola de Capoeira Bomani. Ela é filiada a ABPC (Associação Brasileira dos Professores de Capoeira) desde 2011. Geralmente, ministra oficinas pelo Brasil e fora, como na Alemanha nas cidades de Frankfurt, Berlim, também na França, Suíça e em Puebla no México. Fundadora do Coletivo Loucas pela Capoeira.

Fonte: Acervo da Mestra Pokahontas.

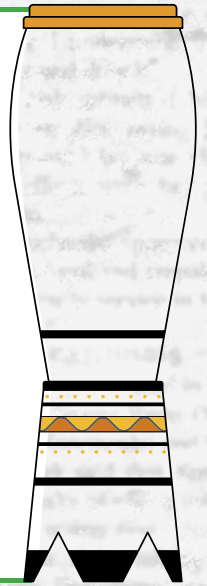




Mestra Catita

Érica Cristina Melo Cabral nasceu no Belém, PA, em 25/7/1976. Ela é filha de sapateiro e de costureira, tem três irmãos. Iniciou na capoeira em 1987 com o professor Osvaldo, o Vavá, que é discípulo do Mestre Walcir e do Mestre Tabosa do Grupo Raiz da Senzala e se tornou mestra em 2017 no Grupo Senzala.

Fonte: Camões (2019).



Mestra Nega

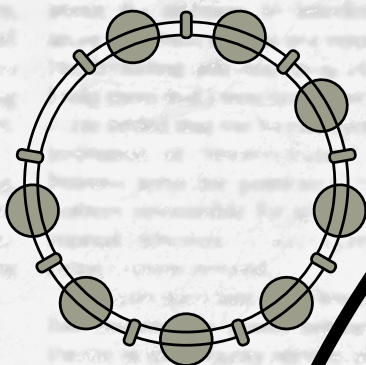
Claudinete Silva de Melo nasceu em Santarém, PA, em 27/4/1982. Em 1991, mudou-se para Castanhal onde reside até hoje. Nesse mesmo ano, começou a jogar capoeira incentivada pelo seu irmão, mestre Joel, no Grupo Libertação. Em 1996, participou do grupo Muzenza, lá permanecendo por 12 anos. Em 2008, passou a fazer parte do grupo Fundação Arte Brasil, onde passou 11 anos e saiu do grupo porque sofreu preconceito. Em janeiro de 2020, fundou seu grupo chamado Associação Cultural Nega Guerreira, onde desenvolve um trabalho com projeto social que envolve Capoeira, Jiu Jitsu, Boxe e Muay Thai, atendendo jovens, crianças e adultos de ambos os sexos. A sua formatura de mestra será no mês de novembro de 2022.

Fonte: Acervo da Mestra Nega



Mestra Pé de Anjo (in memoriam)

Maria Silvia Santana Leão nasceu no Pará, fez parte do Grupo Dandara Bambula. Obteve o reconhecimento popular in memoriam no I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais em 2016..





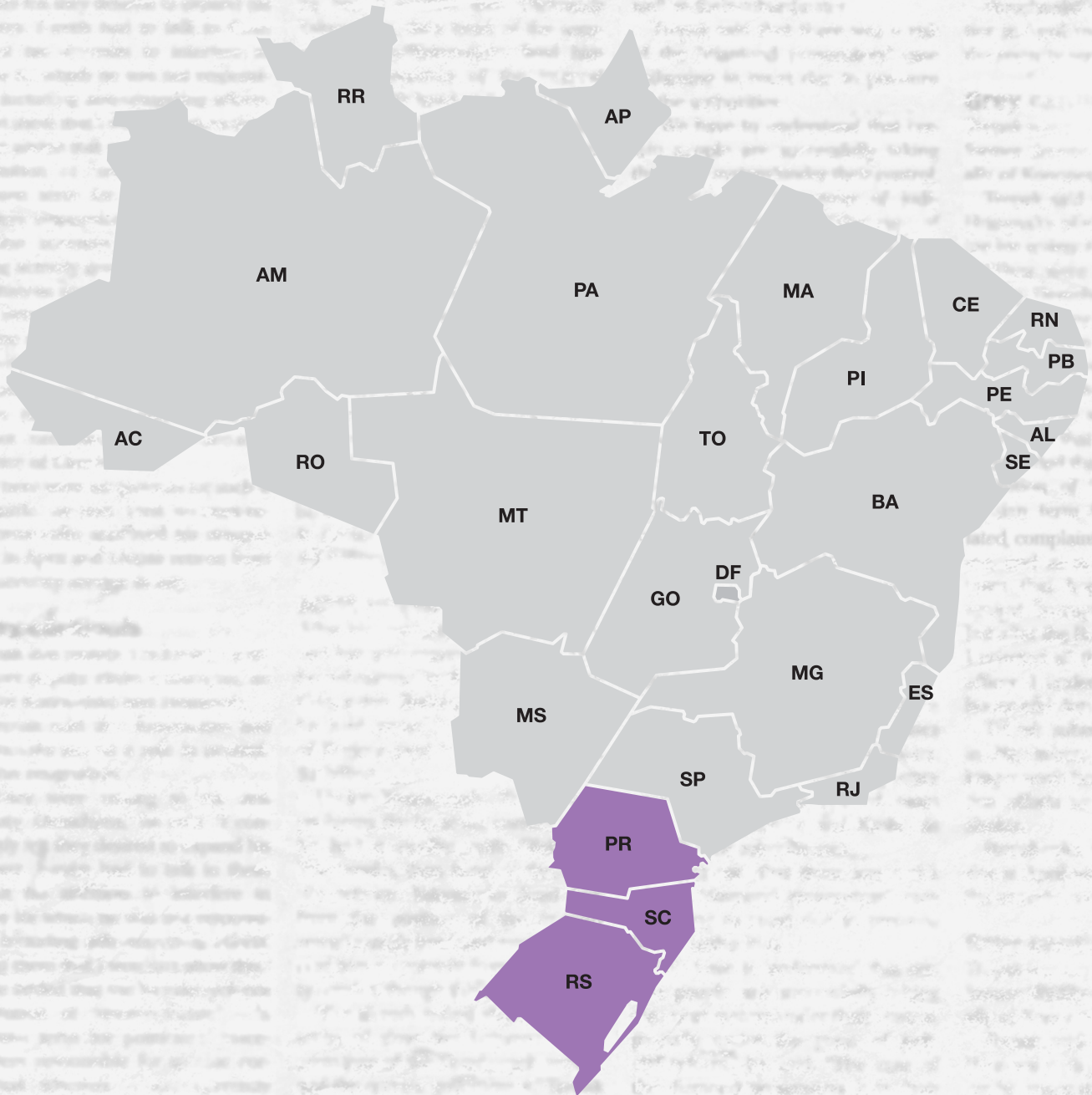
Mestra Diamante

Joelma Assunção de Sá nasceu em Palmas, TO, em 18/12/1984. Iniciou na capoeira em 1993, com 9 anos de idade, junto com seu irmão, na academia do Mestre Cabeleira que ministrava as aulas. Anos depois, começou a treinar com seu irmão. Aos 16 anos, auxiliava nas aulas. Em 2004, ela já dava aula de capoeira para crianças, nessa época começou a trabalhar no Grupo Muzenza. Em 5/10/ 2005 foi dá aula de capoeira na Itália. Ela é integrante da Capoeira Mandara arteluta, ensina desde 2015 em Barcelona. A sua formatura de mestra foi em 2019 na França pelo Mestre Luiz Júnior.

Fonte: Acervo da Mestra Diamante.



REGIÃO SUL



3 Mestras do Paraná

Aurea
Criança
Shaolin

6 Mestras do R.G. do Sul

Didi
Idalina
Jô Ligeirinha
Karruina
Machadinha
Morena

3 Mestras de Santa Catarina

Elma
Fru
Rosa Costa



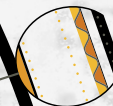
Mestra Aurea

Aurea Farias nasceu em Recife, PE. Iniciou na capoeira em 1987 no Grupo Chapéu de Couro, também fez parte do Balé Popular nesse período. A capoeira e o frevo ajudaram muito na sua formação. Em 1990, mudou-se para Curitiba, e em 1994 fundou o grupo Força da Capoeira junto com seu esposo, o Mestre Kinkas. Foi consagrada mestra em 2015. Ela também é formada em dança e canto pelo Conservatório de Música Popular de Curitiba- PR (CMP).
Fonte: Acervo da Mestre Aurea.



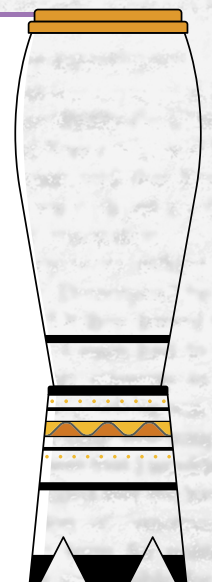
Mestra Criança

Lilia Menezes nasceu em Niterói, RJ, em 23/6/1975. Iniciou na capoeira em 1988 e se formou mestra em 2017 pelo Mestre Burguês do Grupo Muzenza. Ela é autora do livro "Os benefícios psicofisiológicos da capoeira", graduada de Educação Física e especialista em Psicopedagogia. Foi bi-campeã mundial de capoeira pela Superliga Brasileira de Capoeira, vice campeã na Sulamericana em 2001, conquistou o terceiro lugar no campeonato Ginga sem Limites na Bahia. Recebeu Votos de Congratulações e Aplausos por sua atuação como Mestre de Capoeira pelo vereador e Mestre Pop Lyne no município de Curitiba em 2019. Foi homenageada em 2020 no "Capoeiristas inspiradoras" pelo @CapoeiraMulher. Ela tem vários artigos publicados, idealizadora do Encontro Feminino Somente Elas na Europa e Brasil; participou de vários CDs e DVDs do grupo Muzenza; idealizadora do Projeto Gingando contra Fome e do Dançando com bastões. Diretora do Departamento de Marketing a ICA Internacional Capoeira.
Fonte: Acervo da Mestre Criança.



Mestra Shaolin

Cleiser Regina nasceu em Curitiba, PR, em 28/10/1973. Iniciou na capoeira em 1993 no Centro Paranaense de Capoeira com o Mestre Sergipe, em 1995 recebeu a primeira corda de capoeira. Já participou de vários eventos, campeonatos, dando aulas de capoeira. Foi campeã paranaense, brasileira, conquistando o segundo lugar no Sul Americano na Argentina. Em 9/10/2017 recebeu o título de mestra pelo Mestre Sergipe. Ela também dá aula de capoeira na Associação de Moradores, e está na supervisão do Mestre Borracha no Grupo de Capoeira Marília Brasil. Ela também tem um laboratório de prótese dentária.
Fonte: Acervo da Mestre Shaolin.



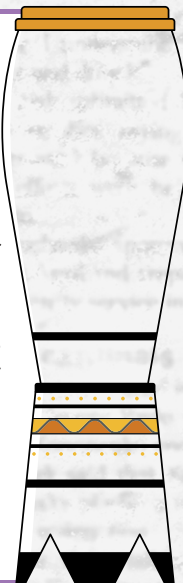
SANTA CATARINA 3 MESTRAS



Mestra Elma

Elma Silva Weba nasceu em Queimadas, MA, em 24/9/1966. Foi iniciada na Capoeira Angola em 1986, em São Luís, na Escola de Capoeira Angola Laborarte coordenado por Mestre Patinho. Tem em sua formação artística outras manifestações culturais maranhenses, foi integrante do tradicional grupo do Cacuriá de Dona Teté. Em 1995, mudou-se para Porto Alegre, RS, e em 1996 fundou o Grupo de Capoeira Angola Solta Mandinga, que tem início como coletivo de resistência em uma ocupação cultural na cidade e mais tarde passa a se chamar nZambi, Grupo de Capoeira Angola. Em 2006, Elma foi reconhecida mestra de Capoeira Angola pela comunidade da capoeira maranhense e por seu mestre, ofício que vem realizando há 25 anos ininterruptamente. Coordena o trabalho de três núcleos do Grupo nZambi em Florianópolis, Brasília e Porto Alegre e ministra oficinas em diversos estados brasileiros. Em 2014, recebeu o Prêmio de Ações e Salvaguarda de Patrimônio Imaterial – IPHAN pela ação 'Sob o Olhar dos Ancestrais' realizada há 16 anos no DF. Em 2007, recebeu Honra ao mérito Anselmo Barnabé Rodrigues Mestre Sapo em São Luís do Maranhão. Em 2018, foi uma das mestras premiadas em um dos maiores prêmios de cultura brasileira, Prêmio Culturas Populares Selma do Coco, do Ministério da Cultura, em reconhecimento à sua atuação com Mestra da Cultura Popular.

Fonte: Acervo da Mestra Elma.



Mestra Fru

Cristiane Weise, de origem alemã, nasceu em 5/7/1976. Iniciou na capoeira em 1998 e tornou-se mestra em 2016 pelo Mestre Trovão no Grupo Magia da Bahia em Blumenau, SC. Liderança no Coletivo “Elas que Gingam” há 12 anos, também dá aulas de capoeira há 20 anos. Ela recebeu duas moções da prefeitura de Blumenau: uma como detentora da roda de rua mais antiga direcionada para as Mulheres, desde 2009.

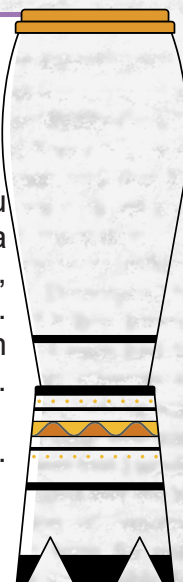
Fonte: Acervo da Mestra Fru.



Mestra Rosa Costa

Rosa Costa nasceu em Florianópolis, SC. Iniciou na capoeira em 1983 com o mestre Fernando Pop, na academia Berimbau de Ouro. Foi consagrada mestra, em 2016, pela comunidade da capoeira, alunxs e sociedade. É fundadora do Instituto de Capoeira Baobá. É Formada em Pedagogia, Educação Física e Faixa Preta de JiuJitsu 3º grau.

Fonte: Acervo da Mestra Rosa Costa.





Mestra Didi

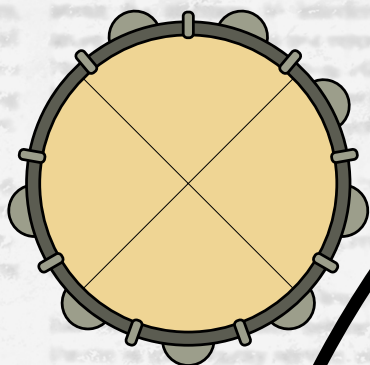
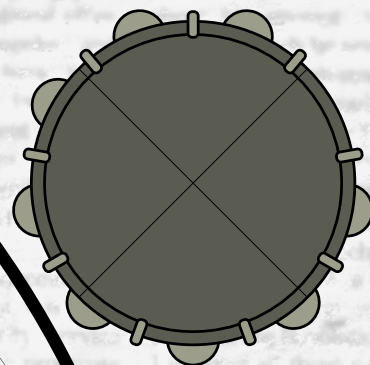
Adélia Kervalt Costa Atti nasceu em agosto de 1972 em Porto Alegre, RS. Iniciou na capoeira em 1990 na Associação Herança Cultural Capoeira com o Mestre Catitu, sua formatura de mestra foi em outubro de 2021. Coordena o trabalho do grupo de capoeira em Porto Alegre e Santa Catarina. Ela é formada em Nutrição e Educação Física, também membro do Comitê do Conselho Gestor da Salvaguarda da Capoeira do RS, fundadora do Coletivo de mulheres Capoeiristas: Dona Maria Como Vai Você? Ela já recebeu os prêmios de Honra ao Mérito pela Federação de Capoeira, Tributo aos Mestras e Mestras/RS e em 2020 na Assembléia Legislativa do RS. Participou do documentário "Capoeira: a saúde está ginga!" e produziu o documentário "Capoeira: tem mulher na roda!".

Fonte: Acervo da Mestre Didi.



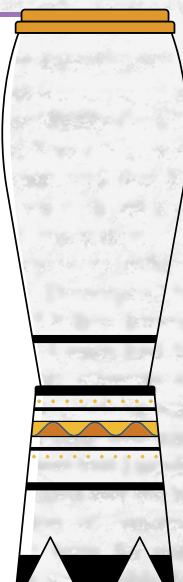
Mestra Idalina

Kely Cristina é do Rio Grande Sul, integrante da Associação de Capoeira Angola Zumbi do Palmares.



Mestra Jô Ligeirinha

Jocelaine Rigon nasceu em Porto Alegre, RS. Integrante do Grupo Oxóssi, foi consagrada mestra pelo Mestre Índio em 2006.





MestTra Karruira

Patrícia Lemos Gomes nasceu em Caxias do Sul, RS, em 30/5/1972. Iniciou na capoeira em 1982 em sua cidade, foi consagrada mestra, em 2015, pelo Mestre Índio do Mercado Modelo de Salvador, Bahia. É a única mulher formada mestra na cidade de Caxias do sul. Em 2016, fundou o Grupo Pernada Gaúcha.

Fonte: Acervo da Mestretra Karruira.



MestTra Machadinha

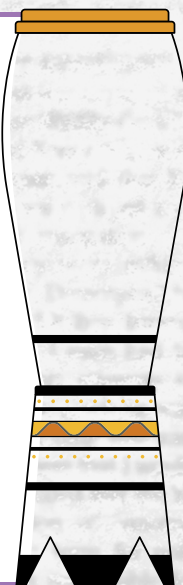
Patrícia Pimentel dos Santos Oliveira nasceu em 19/12/1971 em Porto Alegre, RS. Iniciou na capoeira em 1996 com o Mestre Kunta Kinte (Julio Marques de Souza) que na época era aluno de Mestre Índio (Manoel Olimpio de Souza). Nessa época, conheceu também o seu esposo, que era colega de capoeira, e hoje é o Mestre Bonito (Andre Peres de Castro Oliveira), juntos fundaram o grupo Ilê de Oxossi em 1999 e se revezavam nos trabalhos. É formada em História pela Universidade Cruzeiro do Sul, está cursando Ciências Sociais e uma especialização em Educação Infantil. Sempre acreditou que a capoeira era muito mais do que simplesmente um jogo, pois ela envolve aspectos culturais, artísticos e históricos que podem ser explorados em sua totalidade. Ela já participou de cursos, workshops, tem vasta experiência profissional ensinando a capoeira.

Fonte: Acervo da Mestretra Machadinha.



MestTra Morena

Solange Neris Silva consagrada mestra em 1993 no Rio Grande do Sul pelo Mestre Índio.
Fonte: Imagem retirada do Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=hl3JnMT4OKQ>)



MESTRAS FORA DO BRASIL

Austria (1)
:: Ana Dourada

Austrália (1)
:: Meirelou

Reino Unido (3)
:: Andrea
:: Rilene
:: Sylvia

Estados Unidos (10)
:: Cigarra
:: Colibri
:: Edna Lima
:: Sara/Soberada
:: Lagosta
:: Luar do Sertão
:: Marisa
:: Rafaela
:: Sorriso
:: Suelly

Canadá (1)
:: Colette

França (5)
:: Cristina
:: Nega Uara
:: Novinha
:: Sapecá
:: Úrsula

Israel (2)
:: Dini
:: Noa

Alemanha (1)
:: Maria Pandeiro

Suécia (1)
:: Pintada

México (1)
:: Rosita

Moçambique (1)
:: Marina



Mestra Ana Dourada

Luciana Tenorio Schwendinger nasceu em Guaratinguetá, SP, em 17/11/1973. Iniciou na capoeira em 1984 e foi consagrada mestra, em 2015, pelo Mestre José Antônio no Barracão da capoeira. Atualmente reside na Áustria, onde trabalha ensinando capoeira.

Fonte: Acervo Mestre Ana Dourada..





Mestra Meirelou

Meire Marchiori nasceu em Moji Guaçu, SP, em 23/1/1964. Iniciou na capoeira, em 1992, foi consagrada mestra, em 2012, pelos Mestres Peixe e Boneco no Grupo Capoeira Brasil. Atualmente, ela mora na Austrália. Ela também é formada em Educação Física desde 1985, especialista em biomecânica do movimento "It Blow My Mind"

Fonte: Acervo da Mestre Meirelou.





Mestra Andrea

Andrea Pelosini nasceu em Santo André- SP em 30/06/1977. Iniciou na capoeira em 1993 na Bahia e se tornou mestra em 2017 na Associação de Capoeira Viva Conquista pelo Mestre Acordeom. É também graduada em Pedagogia, educadora popular e socioeducadora, com experiência em medidas socioeducativas e protetivas. É uma das idealizadoras do Coletivo feminino “Mulheres de Resistência” em Vitória da Conquista. Ativista na luta por espaços e valorização de nossa cultura, faz parte do GT da salvaguarda do sudoeste bahiano e de mestres de Vitória da Conquista. Atualmente reside em Londres.
Fonte: Acervo da Mestre Andrea



Mestra Rilene

Rilene Sousa nasceu em Fortaleza-CE em 12/11/1969. Iniciou na capoeira em 1985, o seu reconhecimento de mestra foi pela comunidade da capoeira em Londres, onde iniciou a jornada em 1993. Ela e sua irmã, contra mestra Brisa, fundaram a própria escola de capoeira chamada Amazonas Capoeira. Chegaram em Londres em 1990, promoveram eventos anuais, trabalhos em escolas, universidades, comercial de tvs, revistas, vídeos de curta metragem mostrando a presença da mulher no mundo artístico dentro e fora de capoeira. Fizeram trabalhos humanitário na Uganda em 2008 utilizando a capoeira como forma de integração social. Depois de 18 anos de trabalho com o grupo Amazonas encontraram a capoeira Angola em Londres. Sua fascinação pela capoeira Angola a levou pra mais de 20 anos para finalmente encontrar uma família de capoeira onde eu hoje ela faz parte “os angoleiros do interior” com o Mestre Xandão.
Fonte: Acervo da Mestre Rilene.

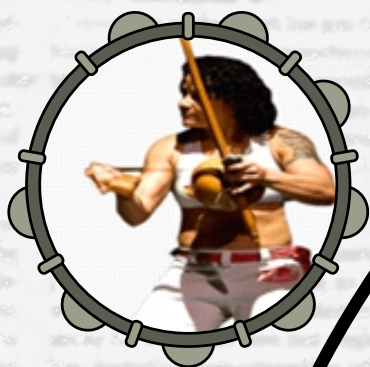


Mestra Sylvia

Sylvia Bazzarelli nasceu em São Paulo, faz parte do Grupo Senzala foi formada pelo Mestre Sombra. Há muitos anos desenvolve atividades com a capoeira em Londres

Fonte: (GRANADA, 2017)





Mestra Cigarra

Marcia Treidler nasceu no Rio de Janeiro. Iniciou na capoeira em 1982 e foi consagrada mestra, em 2013, pelo Mestre Camisa no Grupo Abadá capoeira. Ela começou a dar aula para crianças em 1987. Atualmente, mora nos Estados Unidos.

Fonte: Acervo da Mestre Cigarra



Mestra Colibri

Katia Barbosa Conceição nasceu no Rio de Janeiro. Iniciou na capoeira em 1990, tendo mais de 30 anos de prática. Em 2016, foi consagrada mestra pelo Mestre Paulinho Sabiá no Grupo Capoeira Brasil. Atualmente, mora em Chicago.

Fonte: Acervo da Mestre Colibri.

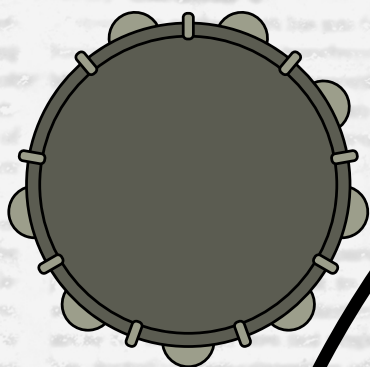


Mestra Edna Lima

Edna Regina Lima nasceu em Brasília, DF, em 11/12/1961. Foi consagrada mestra, em 1981, pelo Mestre Tabosa do Grupo Abadá, quando tinha apenas 20 anos de idade. Ela é graduada em Educação e tem especialização em Ciência Desportiva, já desenvolveu um programa nacional de ensino de Capoeira para escolas superiores no Brasil. A mestra participou do filme "A Capoeiragem na Bahia" de A. Robatto Filho, e "Rooftops" (Lima, 2016).

Fonte: [Abadá-capoeira DC conselho \(abadadc.org\)](http://Abadá-capoeira DC conselho (abadadc.org)).





Mestra Lagosta

Ela nasceu nos Estados Unidos, tornou-se mestra em 1995 no Grupo Capoeira Mandinga pelo Mestre Marcelo..



Mestra Luar do Sertão

Anne Polack começou a treinar capoeira na Baía de São Francisco, em 1986, com o fundador da Capoeira Mandinga, Mestre Marcelo Caveirinha, sendo consagrada mestra em 2015. Ela viajou por todo o Brasil, Europa e Estados Unidos para treinar capoeira. Em 1996, fundou o Capoeira Mandinga Tucson, ela possui mais de 20 anos de experiência. Ela é PhD em Anatomia e Biologia celular na University of California, San Francisco. Ela é diretora do Instituto Capoeira Sudoeste. Recebeu em 2019 o Prêmio Artista Mestre-Aprendiz da SFA.

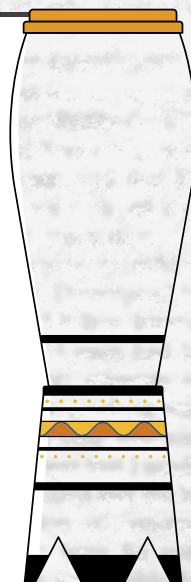
Fonte: <https://www.capoeiratucson.com/instructors/>



Mestra Marisa

Marisa de Campos Cordeiro nasceu em Belo Horizonte, MG, em 15/3/1964. Tornou-se mestra em 2011 no Grupo Cordão de Ouro pelo Mestre Suassuna. Fundou o Grupo Gingart Capoeira nos Estados Unidos, e mora lá desde 1989. Fez parte do filme Mandinga em Mahattan.

Disponível: <http://www.gingartecapoeiravt.org/about>





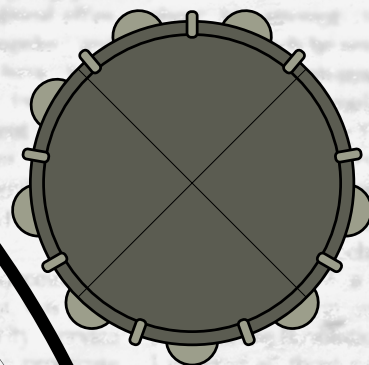
Mestra Sara/Soberana

Sara Rosemeire Janneni nasceu em Londrina, PR. Começou capoeira no dia 27/3/1987 com o Mestre Fran do Grupo Maculelê em Londrina. Em sua trajetória, já trabalhou com projetos sociais e ministrou aulas para mulheres, promoveu grandes eventos femininos. Em 2002, ela se mudou para Atlanta, e continuou o trabalho com crianças refugiadas, ajudando a alimentar os moradores de rua. Recebeu o título de mestra em 2015 em Londrina pelo Mestre Fran e ganhou o título Mestra Sara Day em Atlanta pelos trabalhos sociais realizados durante esse tempo. Fonte: Maxwell (2019).



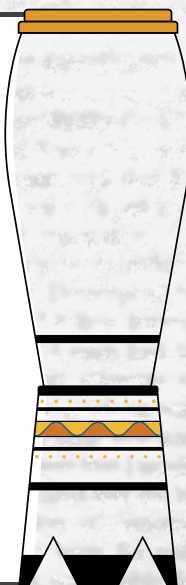
Mestra Sorriso

Treina capoeira desde 1984, e foi uma das fundadoras da Capoeira Mandinga. Tornou-se mestra em 2006.



Mestra Suelly

Suellen Einarsen, norte-americana. Iniciou na capoeira em 1983 e tornou mestra em 2000 pelo Mestre Acordeom no Grupo Cordão de Ouro.

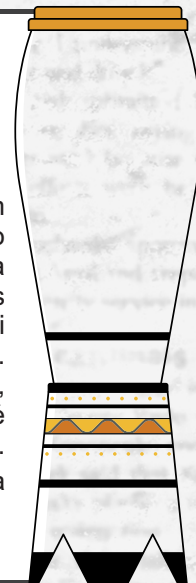




Mestra Rafaela

Rafaela Machado de Gusmão nasceu em Goiânia, GO, em 17/3/1976. Começou a treinar a capoeira aos 14 anos, com o Mestre Suíno, no Grupo Candeias. Alguns anos depois, passou a treinar com o Mestre Piquenês, que fundou o Grupo Nagô. Após muitos anos de dedicação à capoeira, em 10/12/2021 foi consagrada mestra pelo Mestre André, que também é seu irmão. Além de André, Rafaela tem outro irmão mestre de capoeira, Torrachinha. Atualmente, mora em Miami, e também é fisioterapeuta.

Fonte: Acervo da Mestra Rafaela





Mestra Cristina

Tânia Cristina Oliveira da Silva nasceu em 17/2/1972. Iniciou na capoeira em 1986 e se tornou mestra em 2019 pelo Mestre Torneiro no Grupo Senzala. Atualmente reside na França.
Fonte: Acervo da Mestra Cristina.



Mestra Nega Uara

Alessandra da Silva nasceu na cidade de São Paulo em 9/7/1981. Iniciou na capoeira em 1988 tendo influência de seus pais que eram capoeiristas. Na sua trajetória, teve contribuição do Mestre Flávio nas aulas na casa de capoeira Malungos. Devido a distância e horário, passou a treinar com o Mestre Ulisses, depois de alguns anos, começou a ministrar aulas junto com ele. Em 1996, deu início aos projetos sociais nas favelas, escola, universidades e academia. Em 2008, ela se instalou na Vila de Sete e criou a Associação Nega Capoeira Sete na França. Ela foi consagrada mestra, em 2017, no Grupo Senzala pelo Mestre Guaiamum. Atualmente, reside e desenvolve um trabalho de capoeira na França.

Fonte: Maxwell (2019).



Mestra Novinha

Maria de Fátima da Silva Filha nasceu em 1978 em Fortaleza-CE. Começou a praticar capoeira com o irmão mais velho Marcelo, também aluno do Rato, na época era corda azul do Mestre Rato, aluno do Paulão. Ela praticou capoeira com o irmão até obter a corda vermelho-azul, graças a Rato obtém diretamente a corda azul em 1997. Desde 2005, ela trabalha há vários anos no desenvolvimento de trabalhos de classe com crianças em Paris. No dia 30 de julho de 2016, foi reconhecida mestra de capoeira em Niterói – RJ.

Fonte: Acervo da Mestra Novinha





Mestra Sapeca

Vlãdia Silva dos Santos chegou à Europa, em 1998, em uma turnê internacional de dança e capoeira. Seu início na capoeira foi em 1988, em Fortaleza, CE, onde ela deu aulas na cidade e adjacências. É também dançarina de samba e outras danças brasileiras, atua no cinema e nas turnês de grupos musicais. Chegou à Europa em 1998, deu cursos na Holanda (com a recepção em Eindhoven do Mestre Paulão, de Fortaleza, CE). No ano seguinte, mudou-se para Lyon. Recebeu o título de mestra em 2016 pelo Mestre Zebrinha no Grupo Tucum Brasil, o qual colaborou também para a fundação. Fonte: <https://capoeiratucumbrasil.wordpress.com/contre-maitre-sapeca/>



Mestra Úrsula

Úrsula Canto nasceu no Rio de Janeiro em 21/6/1962. Antes de iniciar na capoeira, em 1977, já era bailarina clássica e atriz. Ela tinha entre 14 a 15 anos quando iniciou no Grupo Senzala e foi integrante durante 30 anos. Ela participou de vários eventos, comerciais, peças como: "Mil e um encarnações de Pompeu Loureiro", "Galvez Imperador do Acre", "Percevejo"; filmes "Faca de dois gumes". Passou na UERJ no curso de Letras, porém não concluiu porque se mudou para a França, onde se formou no curso de Teatro. A consagração de mestra ocorreu em 2012 pelos Mestres Sorriso e Gato. Criou o grupo Capoeira Guaiamuns na França, produziu e participou do filme "Roda Mundo Capoeira", participou do filme «A roda também é dela». Está há 30 anos se dedicando a capoeira na França, sendo a primeira mestra a dar aula na Europa. Ela é mãe de dois filhos que também são capoeiristas. Fonte: Maxwell (2019).





Mestra Dini

Yael Rahamim nasceu na cidade de Tel Aviv, em Israel, em 9/3/1980. Começou na capoeira em 1996 e foi consagrada mestra em 2015 pelo Mestre Edan Harari no grupo Cordão de Ouro. Começou a dar aula de capoeira em 2000 e até hoje leciona a prática cultural.

Fonte: Acervo da Mestre Dini.



Mestra Noa

Noa Rosenblat Harari, israelense, foi consagrada mestra em 2012 pelo Mestre Edan no Grupo Cordão de Ouro.

Fonte: Maxwell (2019).

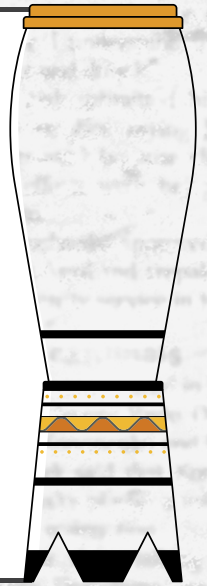




Mestra Maria Pandeiro

Roberta Maria Neves nasceu em São Paulo, SP. Iniciou na capoeira, em 1980, com o Mestre Paulo Gomes na Academia Ilha de Maré. Em 1985, ingressou na Associação de Capoeira Senzala de Santos com o Mestre Sombra. Em 1986, viaja para Salvador e Itaparica, onde conhece vários mestres de capoeira. “Saiu do Brasil em 1987 viajando de mochila nas costas, acabando sua turnê na Holanda quando arranhou emprego no ramo de negócio de flores trabalhando também como au pair. Na Holanda se reencontrou com a capoeira começando a dar aulas em Den Haag”. Fundadora do grupo Dandara Bremen em 1994.

Fonte: (FERNANDES, 2014, p.97).





Mestra Pintada Di Mola

Rosângela Urbano Batista nasceu no Rio de Janeiro. Iniciou na capoeira em 1991 e se tornou mestra em 2013 pelo mestre Di Mola no grupo Capoeira Guanabara. Atualmente, ela mora na Suécia.

Fonte: Acervo da Mestre Pintada.





Mestra Rosita

Rosalinda Pérez Falconi nasceu no México em 12/12/1974. Iniciou na capoeira em 1998 e se tornou mestra em 2017 tendo recebido contribuição do Mestre Acordeon e da Mestra Suelly, Atualmente, ela conduz o grupo Capoeira Longe do Mar.

Fonte: Maxwell (2019).

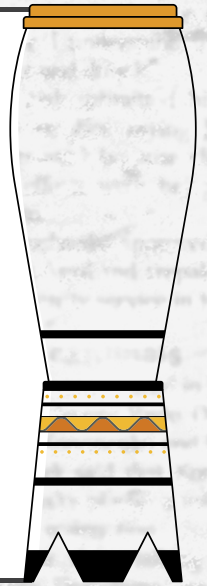




Mestra Marina

Célia Marina Matue nasceu em Maputo em 7/6/1967. Ela sempre teve paixão pela dança e artes, fundadora e impulsionadora da capoeira em Moçambique. Praticou capoeira, dança, ginástica na Dinamarca nos finais da década de 80 e boa parte da década de 90. Morou 10 anos na Dinamarca e em 1998 regressou a Moçambique, fundando oficialmente o grupo Ginga de Maputo em 1999.

Fonte:<http://gingademaputo.com/quem-somos/>



3 Mestras do Amazonas

Deusa
Mainha
Pokahontas

3 Mestras do Pará

Catita
Nega
Pé de Anjo
(in memoriam)

3 Mestras do Maranhão

Pudiapen
Samme
Valdira

14 Mestras do Ceará

Bruixinha
Carla
Claudinha
Cleide
Darlyane
Doralice
Felina
Flanella
Jana
Manô
Nega
Paulinha Zumba
Roberta
Vanda

1 Mestra do Piauí

Mazé

2 Mestras da Paraíba

Jane
Malu

3 Mestras da R.G. do Norte

Manhosa
Paulette
Sherra
Sorvetinho

10 Mestras de Pernambuco

Aninha
Bel
Dani Gouveia
Dani Ferraz
Deivinha
Di
Isa
Mônica
Selva
Shirley Guerreira

1 Mestra do Sergipe

Felina

46 Mestras da Bahia

Amazonas
Aruanda
Bya
Brisa
Carol
Celebridade
Claudia
Coruja
Cris
Dandara
Dandara Baldez
Dila
Esperança
Fafá/Capeta
Geisa
Gegê
Guerreira
Janja
Jararaca
Jô
Lilu
Lene
Lucia Cigana
Marcha Lenta
Mada
Marly Malvadeza
Nani
Nzinga
Nena
Omara/Piolho
Patrícia
Paulinha
Pequena Rasta
Preguiça
Raquel
Risadinha
Ritinha (in memoriam)
Rute
Soninha
Taísa
Tate
Tekka
Tisza
Tonha Rolo do Mar (in memoriam)
Trança
Vanessa

17 Mestras do D. Federal

Alaíde
Ana
Bad
Baianinha
Clarice
Jerusa
Ju Trajano (in memoriam)
Karlina
Marreca
Meo
Michelinha
Mirinha
Noélia
Quequel
Suely
Valdirene
Zanga

6 Mestras do Goiás

Amazonas
Ana Maria
Iúna
Tati
Valéria
Vivian

1 Mestra do M.G. do Sul

Pantaneira

3 Mestras do Paraná

Aurea
Criança
Shaolin

6 Mestras do R.G. do Sul

Didi
Idalina
Jô Ligeirinha
Karruina
Machadinha
Morena

3 Mestras de Santa Catarina

Elma
Fru
Rosa Costa

14 Mestras de Minas Gerais

Alcione/Cici
Chaveirinho
Folgadinha
Índia
Kelly
Lena
Miúda
Puma
Raio de Sol
Raposa
Sereia
Tida
Zebrinha
Yaçana

6 Mestras do Espírito Santo

Baixinha
Furinha
Kêu
Pitú
Sabrinha/Sassa
Zangada

41 Mestras do R. de Janeiro

Adriana
Ana Sábina
Arara
Baiana
Baixinha
Beija Flor
Borboleta
Cantora
Cigana
China
Claudinha
Coral
Cris
Cristina
Darlene
Destemida
Dirce (in memoria)
Flávia Pupila
Foguinho
Francesinha
Kodak
Lilla Angonal
Magali
Márcia
Marciana
Marla
Molequinha
Mucama
Patrícia
Portuguesa
Renatinha
Ruffato
Sheila
Simone
Siomara
Sandrinha (in memoria)
Serena
Suely Cota
Tempestade
Thiara
Zangada
Zazá

45 Mestras de São Paulo

Andrea
Bonequinha
Borrachinha
Camila
Çiça
Diane
Dani/Raposa
Dedê
Dirlea
Engraçadinha
Grazi
Kátia
Lara
Leda
Lua Branca
Sereia
Lu Baobá
Lu Pimenta
Luana
Mara
Mara (Feiticeira)
Maria Mara
Maria Patrimônio
Meire
Meire
Meiry
Michelli
Mirian
Monise
Moranguinho
Morena
Nagô
Potira
Preta
Renata
Rita
Rosinha
Samila
Sara
Saruê
Selma
Vânia Alves
Vânia Borges
Vanuza

MESTRAS FORA DO BRASIL

Austria (1)	Canadá (1)
:: Ana Dourada	:: Colette
Austrália (1)	França (5)
:: Meirelou	:: Cristina
Reino Unido (3)	:: Nega Uara
:: Andrea	:: Novinha
:: Rilene	:: Sapeca
:: Sylvia	:: Úrsula
Estados Unidos (10)	Israel (2)
:: Cigarra	:: Dini
:: Colibri	:: Noa
:: Edna Lima	Alemanha
:: Rafaela	:: Maria Pandeiro (1)
:: Sara/Soberada	Suécia (1)
:: Lagosta	:: Pintada
:: Luar do Sertão	México (1)
:: Marisa	:: Rosita
:: Sorriso	Moçambique (1)
:: Suelly	:: Marina